



GUY DE MAUPASSANT

**BOLA
DE SEBO**

E OUTROS CONTOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

BOLA DE SEBO E OUTROS CONTOS

GUY DE MAUPASSANT

Tradução: Mário Quintana, Casimiro Fernandes, Justino Martins.

EDITORA GLOBO

1987

Composição: Linoart Ltda.

Editora Globo S.A. Rua Itapiru, 1209, CEP 20251, Rio de Janeiro.

Tel.: (021) 273-5522, telex: (021) 23365, RJ.

Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo.

Tel.: (011) 262-3100, telex: (011) 54071, SP.

Brasil

BOLA DE SEBO

Durante dias e dias, haviam atravessado a cidade os destroços do exército batido. Não eram tropas, mas hordas em debandada. Os homens tinham a barba longa e suja, os uniformes em farrapos, e avançavam cansadamente, sem bandeira, sem ordem. Pareciam todos acabrunhados, curvados, incapazes de um pensamento ou de uma resolução, a marchar unicamente por hábito e a tombar de fadiga logo que paravam. Viam-se principalmente os mobilizados, gente pacífica, rendeiros tranqüilos, curvados sob o peso do fuzil; rapazolas espertos, fáceis de assustar e de entusiasmar, tão prontos para o ataque como para a fuga; depois, no meio deles, alguns culotes vermelhos, sobreviventes de uma divisão esfacelada numa grande batalha; artilheiros sombrios a ombrear com aquela milícia colorida; e, por vezes, o brilhante capacete de um dragão de passo arrastado que seguia penosamente a marcha mais rápida dos soldados de infantaria.

Legiões de franco-atiradores, de nomes heróicos—os "Vingadores da Derrota", os "Cidadãos do Sepulcro", os "Distribuidores da Morte"—passavam, por sua vez, com ares de bandidos. Seus chefes, antigos comerciantes de tecidos ou de cereais, ex-vendedores de sebo ou de sabão, guerreiros de emergência, nomeados oficiais devido a seus escudos ou ao comprimento de seus bigodes, cobertos de armas, de flanela e de galões, falavam alto, discutiam planos de campanha, e pretendiam sustentar sozinhos a França agonizante sobre os seus ombros de fanfarrões; mas não raro temiam a seus próprios soldados, sujeitos perigosos, muita vez bravos em demasia, gatunos e debochados.

Os prussianos iam entrar em Ruão, diziam.

A Guarda Nacional, que naqueles dois últimos meses andava fazendo cautelosos reconhecimentos pelos bosques vizinhos,

fuzilando às vezes suas próprias sentinelas, preparando-se para o combate quando algum coelhinho se agitava nas moitas, já havia se recolhido aos seus lares. Suas armas, seus uniformes, toda a mortífera aparelhagem com que ainda há pouco assustava os viajantes nas estradas, tinham subitamente desaparecido.

Os últimos soldados franceses acabavam enfim de atravessar o Sena para alcançar Pont-Audemar por Saint-Sever e Bourg-Achard; e marchando depois de todos, o general: desesperado, sem nada poder tentar com aqueles farrapos em desordem, aturdido em meio à ruína de um povo habituado a vencer e desastrosamente batido, apesar da sua bravura legendária, ele seguia a pé, entre dois ajudantes-de-ordens.

Depois, uma calma profunda, uma expectativa alarmada e silenciosa ficara pairando sobre a cidade. E muitos burgueses pançudos, desfibrados pelo comércio, esperavam com angústia os vencedores, temendo que estes considerassem como armas seus espetos de assar ou suas grandes facas de cozinha.

A vida parecia parada; as lojas estavam fechadas; as ruas desertas. Às vezes um habitante, intimidado com aquele silêncio, esgueirava-se rapidamente ao longo dos muros.

A angústia da espera fazia desejar a vinda do inimigo.

Na tarde do dia seguinte à partida das tropas francesas, alguns lanceiros, saídos não se sabia de onde, atravessaram às pressas a cidade. Depois, um pouco mais tarde, uma massa negra baixou a encosta de Santa Catarina, enquanto duas outras ondas invasoras surgiam pelas estradas de Darnetal e de Boisguillaume. As vanguardas dos três corpos, precisamente no mesmo instante, reuniram-se na praça da prefeitura; e por todas as ruas vizinhas chegava o exército alemão, desenrolando seus batalhões, que faziam ressoar o chão sob o seu passo duro e ritmado.

Vozes de comando, gritadas numa voz desconhecida e gutural, subiam ao longo das casas, que pareciam mortas e desertas, enquanto por detrás das venezianas cerradas havia olhos espiando aqueles homens vitoriosos, senhores, "por direito de guerra", da cidade, dos bens e das vidas. Os homens nos seus quartos escurecidos sentiam o desespero que produzem os cataclismas, as

grandes convulsões destrutoras da terra, contra os quais toda sabedoria e toda força são inúteis. Pois a mesma sensação reaparece a cada vez que se subverte a ordem estabelecida das coisas, quando a segurança não mais existe e tudo o que era protegido pelas leis dos homens ou da natureza se encontra à mercê de uma brutalidade inconsciente e feroz. O tremor de terra que esmaga uma população inteira sob as casas que desmoronam; o rio transbordante que carrega os campônios afogados, juntamente com os cadáveres dos bois e os caibros arrancados dos tetos; ou o exército glorioso que trucidava os que se defendem, aprisiona os restantes, saqueia em nome da Espada e rende graças ao seu Deus, ao troar dos canhões—são todos uns horrorosos flagelos que desconcertam qualquer crença na Justiça Eterna, qualquer confiança que nos ensinaram a ter na proteção do Céu e na razão do Homem.

Mas a cada porta batiam pequenos destacamentos, que depois desapareciam no interior das casas. Era a ocupação após a invasão. Cabia agora aos vencidos o dever de se mostrarem amáveis para com os vencedores.

Após algum tempo, passado o primeiro terror, estabeleceu-se nova calma. Em muitas famílias, o oficial prussiano comia à mesa. Era às vezes bem educado e, por polidez, lamentava pela França, externando a repugnância que tinha em tomar parte naquela guerra. E depois bem se podia, um dia ou outro, ter necessidade da sua proteção. Tratando-o bem, talvez se conseguisse ficar com alguns homens a menos para sustentar. E por que magoar uma pessoa de quem afinal a gente dependia? Seria menos bravura que temeridade. E a temeridade não é mais um defeito dos burgueses de Ruão, como nos tempos das heróicas defesas que glorificaram a cidade. Diziam enfim, razão suprema inspirada na urbanidade francesa, que não ficava mal serem polidos em casa, desde que não se mostrassem familiares em público com o soldado estrangeiro. Fora, a gente não se conhecia mais, mas em casa conversava-se de bom grado e, cada noite, o alemão se demorava mais tempo junto à lareira comum.

A própria cidade retomava pouco a pouco o aspecto ordinário. Os franceses ainda não saíam, mas os soldados prussianos

formigavam pelas ruas.

De resto, os oficiais de hussardos, que arrastavam com arrogância os seus grandes instrumentos de morte pelas calçadas, não pareciam dedicar aos simples cidadãos muito mais desprezo que os oficiais de caçadores, que no ano passado bebiam nos mesmos cafés.

Havia no entanto qualquer coisa no ar, qualquer coisa de sutil e de desconhecido, uma intolerável atmosfera estrangeira, como um cheiro expandido, o cheiro da invasão. Cheiro que enchia as casas e as praças públicas, mudava o gosto dos alimentos, dava a impressão de que se estava viajando, bem longe, em meio a tribos bárbaras e perigosas.

Os vencedores exigiam dinheiro, muito dinheiro. Os habitantes pagavam sempre; eram ricos, aliás. Mas quanto mais um negociante normando se torna opulento, mais lhe dói qualquer sacrifício, qualquer parcela da sua fortuna que veja passar às mãos de outrem.

No entanto, alguns quilômetros aquém da cidade, seguindo o curso do rio, na direção de Croisseti, Dieppedalle ou Biessart, os marinheiros e os pescadores traziam seguidamente do fundo da água algum cadáver de alemão, inchado no seu uniforme, morto a facada ou a pedrada, ou arremessado com um empurrão do alto de uma ponte. A lama do rio amortalhava essas vinganças obscuras, selvagens e legítimas, heroísmos desconhecidos, ataques mudos, mais perigosas que as batalhas em pleno dia, e sem a repercussão da glória.

Pois o ódio ao Estrangeiro arma sempre alguns Intrépidos, prontos a morrer por uma Idéia.

Enfim, como os invasores, embora sujeitando a cidade a inflexível disciplina, não tinham levado a efeito nenhum dos horrores que a fama os fizera cometer no percurso de sua marcha triunfal, o pessoal começou a criar coragem, e a necessidade dos negócios trabalhou de novo o coração dos comerciantes locais. Alguns tinham grandes interesses no Havre, ocupado pelo exército francês, e pretenderam alcançar esse porto, indo por terra a Dieppe, onde embarcariam.

Recorreram à influência dos oficiais alemães com quem haviam travado conhecimento, obtendo do general-comandante uma autorização para viajar.

Contratada uma grande diligência de quatro cavalos, e inscritas que foram dez pessoas, resolveram partir numa terça-feira, antes do raiar do dia, para evitar qualquer ajuntamento.

Já desde algum tempo, a geada endurecera a terra e, na segunda, pelas três horas, grossas nuvens negras vindas do norte trouxeram a neve, que tombou ininterruptamente durante a tarde e toda a noite.

Às quatro e meia da manhã, reuniram-se os viajantes no pátio do Hotel Normandia, onde deviam embarcar.

Estavam ainda cheios de sono e tiritavam de frio sob os seus abrigos. Enxergava-se mal na obscuridade; e a acumulação das pesadas vestes de inverno fazia assemelharem-se todos aqueles corpos a vigários obesos com suas longas batinas. Mas dois homens se reconheceram, um terceiro os abordou, conversaram: "Eu levo a minha mulher", disse um. "O mesmo faço eu". "E eu também". O primeiro acrescentou: "Não voltaremos a Ruão e, se os prussianos se aproximarem do Havre, ganharemos a Inglaterra". Tendo todos o mesmo temperamento, os seus projetos eram os mesmos.

Porém, nada de atrelarem os cavalos. Uma pequena lanterna carregada por um criado de cavaliça, saía de vez em quando de uma porta escura para desaparecer imediatamente. Coices de cavalos ressoavam na terra amortecidos pelo estrume das baias e ouvia-se ao fundo da construção uma voz de homem, falando aos animais e praguejando. Um leve murmúrio de gritos anunciou que manejavam os arreios; esse murmúrio se tornou em breve um frêmito claro e contínuo, cessando às vezes, depois recomeçando numa brusca sacudida, acompanhada do surdo baque de um casco ferrado contra o solo.

A porta fechou-se de súbito. Todo ruído cessou. Os burgueses enregelados haviam emudecido e permaneciam imóveis e hirtos.

Uma ininterrupta cortina de flocos brancos fulgurava sem cessar, descendo sobre a terra; suavizava as formas, polvilhava as coisas de uma espuma gelada e, no grande silêncio da cidade calma

e sepulta sob o inverno, só se ouvia aquele impalpável e vago perpassar da neve que tomba, mais sensação que ruído, confusão de átomos leves que pareciam encher o espaço, cobrir o mundo.

O homem reapareceu com sua lanterna puxando por uma corda um cavalo triste, que não vinha de bom grado. Colocou-o entre os varais, ligou os tirantes, volteou por muito tempo em redor para arranjar os arreios, pois só podia servir-se de uma mão, já que a outra segurava a luz. Quando ia buscar o segundo animal, notou todos aqueles viajantes imóveis, já brancos de neve, e lhes disse:

— Por que não sobem para o carro? Ao menos ficarão abrigados.

Decerto não haviam pensado nisso. Precipitaram-se. Os três homens instalaram suas mulheres ao fundo e subiram em seguida; depois os outros vultos indistintos e esfumados ocuparam por sua vez os lugares restantes, sem trocar palavra.

O soalho do veículo estava coberto de palha, onde os pés mergulhavam. As senhoras do fundo, tendo trazido pequenos aquecedores de cobre, munidos de carvão químico, acenderam os aparelhos e, durante algum tempo, em voz baixa, lhes enumeraram as vantagens, repetindo coisas que de há muito sabiam.

Afinal, já pronta a diligência, com seis cavalos em vez de quatro, devido à puxada mais penosa, uma voz, de fora, indagou: "Já subiram todos?" Outra voz, de dentro, respondeu: "Sim". E partiram.

O carro avançava lentamente. As rodas afundavam na neve. Toda a carroceria gemia, em surdos estalidos. Os animais escorregavam, resfolegavam, com as ventas fumegantes. E o gigantesco chicote do cocheiro estalava sem cessar, enrolando-se e desenrolando-se como uma fina serpente, açoitando de súbito esta ou aquela anca encurvada, que se retesava então num esforço mais violento.

Mas imperceptivelmente ia apontando o dia. Já não tombavam mais aqueles leves flocos que um dos viajantes, puro-sangue ruanense, comparava a uma chuva de algodão. Uma suja claridade filtrava-se através de grossas nuvens escuras e pesadas, que mais resplandecente tornavam a planície, onde aparecia ora uma carreira

de grandes árvores vestidas de geada, ora uma cabana encapuzada de neve.

No carro, os passageiros se entreolhavam curiosamente, à triste claridade daquela aurora. Ao fundo, nos melhores lugares, cochilavam, um defronte ao outro, M. e *Mme.* Loiseau, atacadistas de vinho na rua Grand-Pont.

Antigo vendedor de um patrão arruinado, Loiseau adquirira o patrimônio e fizera fortuna. Vendia péssimo vinho aos pequenos negociantes do campo e passava entre seus amigos e conhecidos por um espertalhão e tanto, um verdadeiro normando, cheio de manhas e jovialidade.

Tão bem assentada estava sua reputação que uma noite, na prefeitura, M. Tournel, autor de fábulas e canções, espírito mordaz e fino, e uma glória local, achando as damas pouco animadas lhes propôs como diversão uma partida de oiseau vole (1). A piada voou através dos salões do prefeito; depois, alcançando os da cidade, fizera rir durante um mês inteiro todas as mandíbulas da província.

Loiseau era, por outro lado, célebre por suas farsas de toda espécie, suas brincadeiras de bom ou mau gosto; e ninguém falava dele sem logo acrescentar: "Impagável, esse Loiseau".

De talhe exíguo, apresentava um ventre de balão, encimado por uma cara avermelhada entre duas suíças grisalhas.

Sua mulher, grande, robusta, voluntariosa, de voz forte e decisão rápida, era a ordem e a aritmética da casa de comércio, que ele animava com a sua alegre atividade.

Ao lado deles na carruagem se mantinha, mais digno, pertencente a uma casta superior, M. CarréLamadon, homem considerável, grande negociante de algodão, proprietário de três tecelagens, oficial da Legião de Honra e membro do Conselho Geral. Fora durante todo o Império chefe da oposição benévola, unicamente para pagar mais caro sua adesão à causa que combatia com armas corteses, conforme sua própria expressão. *Mme.* CarréLamadon, muito mais jovem que o marido, era o consolo dos oficiais de boa família destacados na guarnição local.

* (1) *Trocadilho intraduzível, baseado no fato de Loiseau, nome próprio, ter som idêntico a l'oiseau (o pássaro) e no duplo significado do verbo voler (voar ou roubar). Oiseau vole é o jogo infantil conhecido entre nós por "passarinho voa". N. do T.*

Linda, mimosa, aconchegada nas suas peles, estava ela sentada defronte ao marido e contemplava com um ar desolado o lamentável interior do carro.

Seus vizinhos, o conde e a condessa Hubert, de Bréville, usavam um dos nomes mais antigos e mais nobres da Normandia, O conde, velho gentil-homem de bela estampa, procurava acentuar pelos artifícios da indumentária a sua semelhança com o rei Henrique IV, que, segundo uma lenda gloriosa para a família, engravidara uma dama de Bréville cujo marido, por esse fato, se tornara conde e governador de província. Colega de M. Carré Lamadon no Conselho Geral, o conde Hubert representava o partido orleanista no departamento. A história do seu casamento com a família de um pequeno armador de Nantes sempre permanecera em mistério. Mas como a condessa tinha nobres maneiras, recebia melhor que ninguém e passava até por ter sido amada por um dos filhos de Luís Filipe, toda a nobreza lhe fazia festa, e o seu salão era o primeiro da região, o único onde ainda se conservava a velha galanteria, e de acesso difícilíssimo. A fortuna dos Bréville, toda em bens de raiz, atingia, dizia-se, quinhentas mil libras de renda.

Essas seis pessoas representavam, ao fundo da diligência, a ala endinheirada, serena e forte da sociedade, a "gente direita", que tem Religião e Princípios.

Por um estranho acaso, todas as mulheres se encontravam sobre o mesmo banco; e a condessa tinha ainda como vizinhas duas boas freiras, que desfiavam longos rosários, a murmurar ave-marias e padre-nossos.

Uma era velha, com a face toda picada de varíola, como se tivesse recebido uma carga de chumbo em pleno rosto. A outra, miudinha, tinha um lindo rosto pálido sobre um peito de tísica, minado por essa devoradora fé que faz os iluminados e os mártires.

Em face das duas freiras, um homem e uma mulher atraíam os olhares de todos.

O homem bastante conhecido era Cornudet, o democrata, terror das pessoas respeitáveis. Há vinte anos que embebia a sua grande barba ruiva nos chopos de todos os cafés democráticos. Tinha dado cabo, com os irmãos e amigos, da bela herança que recebera do pai, antigo confeitiro, e esperava impacientemente a República para obter enfim o lugar merecido por tantas consumações revolucionárias.

No 4 de setembro, talvez em consequência de uma farsa, julgara-se nomeado prefeito, mas quando quis assumir suas funções os amanuenses da prefeitura, então únicos senhores da situação, recusaram-se a reconhecê-lo, o que o constrangeu à retirada. Excelente sujeito, aliás, inofensivo e serviçal, ocupava-se com incomparável ardor em organizar a defesa. Fizera abrir buracos nas planícies, derrubar todos os arbustos das florestas vizinhas, arranjar armadilhas por todas as estradas e, à aproximação do inimigo, satisfeito com os seus preparativos, retirava-se vivamente para a cidade. Pensava agora tornar-se mais útil no Havre, onde seriam necessários novos entrincheiramentos.

A mulher, uma dessas chamadas galantes, era célebre por sua gordura precoce, que lhe valera o apelido de Bola de Sebo. Miúda, redondinha, gordinha com dedos rechonchudos estrangulados nas falanges como fieira de curtas salsichas, com uma tez luzidia e tensa, o seio enorme a rebentar a blusa, era no entanto apetitosa e desejada, de tal modo agradava à vista o seu frescor. Seu rosto era uma maçã vermelha, um botão de peônia prestes a florir; e ali se abriam, no alto, dois magníficos olhos negros, sombreados de grandes cílios espessos, que mais escuros os tornavam; embaixo, uma boca encantadora, pequena, úmida para o beijo, mobiliada de dentinhos brilhantes e microscópicos. De resto ela possuía, pelo que diziam, inapreciáveis qualidades.

Logo que foi reconhecida, correu um murmúrio entre as mulheres honradas, e as expressões "prostituta" e "vergonha pública" foram cochichadas tão alto, que ela ergueu a cabeça. Passeou então pelos vizinhos um olhar de tal modo provocante e

atrevido que em seguida se estabeleceu um grande silêncio e todos baixaram os olhos, com exceção de Loiseau, que a espiava com um ar divertido.

Mas logo recomeçou a conversação entre as três damas, a quem a presença daquela rapariga tornava subitamente amigas, quase íntimas. Elas deviam formar, parecia-lhes, como que "um feixe das suas dignidades de esposas, em face daquela vendida sem-vergonha, pois sempre o amor legal trata com desprezo o seu confrade livre.

Os três homens também, reaproximados por um instinto de conservadores à vista de Cornudet, falavam de dinheiro num tom desdenhoso para com os pobres. O conde Hubert enumerava os prejuízos que lhe haviam causado os prussianos, as perdas que resultariam do gado roubado e das colheitas perdidas, com uma segurança de grão-senhor dez vezes milionário, a quem essas devastações incomodariam apenas por um ano. M. Carré-Lamadon, muito experimentado na indústria algodoeira, tivera o cuidado de enviar para a Inglaterra seiscentos mil francos—um refrigerio que ele guardava para alguma sede eventual.

Quanto a Loiseau, dera um jeito para vender à Intendência francesa todos os vinhos comuns que lhe restavam em depósito, de sorte que o Estado lhe devia uma formidável soma, que ele contava receber no Havre.

E os três trocavam olhadelas rápidas e amistosas. Embora de condições diferentes, sentiam-se irmãos, pelo dinheiro, da grande maçonaria dos que possuem, daqueles que fazem tilintar o ouro ao mergulhar a mão no bolso.

O carro seguia tão lentamente que às dez da manhã ainda não tinham feito vinte e cinco quilômetros. Os homens desceram três vezes para subir ladeiras a pé. Começavam a inquietar-se, pois deviam almoçar em Tôtes e perdiam a esperança agora de lá chegar antes da noite.

Cada qual espiava, a ver se descobria algum albergue, à beira da estrada, quando a diligência afundou num atoleiro de neve e foram necessárias duas horas para tirá-la dali.

A fome crescia, alterando os espíritos, e nenhum botequim, nenhum negócio de vinho aparecia, pois a aproximação dos prussianos e a passagem das tropas francesas esfomeadas haviam espantado todas as indústrias.

Os homens correram às propriedades, à beira do caminho, em busca de provisões, mas nada ali encontraram, nem mesmo pão, pois o campônio desconfiado ocultava suas reservas, com medo de ser pilhado pelos soldados, que, nada tendo para comer, tomavam à força o que descobriam.

Pela uma hora da tarde, Loiseau anunciou que decididamente sentia um terrível vazio no estômago. Há muito que todos sofriam como ele; e o violento desejo de comer, aumentando sempre, extinguiu as conversações.

De tempos em tempos alguém bocejava; outro quase em seguida o imitava; e cada qual, a seu turno, segundo seu caráter, suas maneiras e sua posição social, abria a boca discreta ou ruidosamente, levando depressa a mão à caverna faminta de onde saía um vapor.

Bola de Sebo, por várias vezes, inclinou-se, como se procurasse qualquer coisa debaixo de suas saias. Hesitava um segundo, olhava para os vizinhos, depois se endireitava tranqüilamente. Os rostos estavam pálidos e crispados. Loiseau afirmou que pagaria mil francos por um presunto. Sua mulher fez um gesto para protestar; depois acalmou-se. Sofria sempre ao ouvir falar em desperdício de dinheiro e não compreendia nem mesmo os gracejos a esse respeito. "O fato é que eu não me sinto bem", disse o conde. "Como é que não me lembrei de trazer mantimentos?" Cada qual se fazia idêntica censura.

Mas Cornudet tinha um cantil cheio de rum; ofereceu-o; recusaram friamente. Apenas Loiseau aceitou dois goles, e quando devolveu o cantil, agradeceu: "Isso afinal é bom; aquece a gente e engana a fome". O álcool deixou-o de bom humor e ele propôs que fizessem como no navio da canção: comer o mais gordo dos viajantes. Essa indireta a Bola de Sebo chocou as pessoas bem-educadas. Não responderam; apenas Cornudet sorriu. As duas boas freiras tinham cessado de resmungar seu rosário, e com as mãos

metidas nas suas grandes mangas baixavam obstinadamente os olhos, oferecendo sem dúvida ao Céu o sofrimento que lhes enviava.

Enfim, às três horas, como se encontrassem no meio de uma planície interminável, sem uma única aldeia à vista, Bola de Sebo, baixando-se vivamente, retirou de sob a banqueta um grande cesto coberto com uma toalha branca.

Tirou primeiro um pequeno prato de faiança, um fino copo de prata, depois uma vasta terrina, na qual dois frangos inteiros, trinchados, reluziam de gordura. E percebiam-se ainda no cesto outras boas coisas enroladas, patés, frutas, frios, provisões preparadas para uma viagem de três dias, a fim de não tocar na cozinha dos albergues. Quatro gargalos de garrafas emergiam dentre os pacotes de comida. Ela pegou uma asa de frango e, delicadamente, pôs-se a comê-la com um desses pãezinhos a que chamam "Regência", na Normandia.

Todos os olhares estavam voltados para ela. Depois o cheiro se espalhou, dilatando as narinas, fazendo vir às bocas uma saliva abundante, com uma dolorosa contração da mandíbula sob as orelhas. O desprezo das senhoras por aquela rapariga tornava-se feroz; era como que um desejo de matá-la ou de arremessá-la do carro sobre a neve, ela, com o seu copo de prata, a sua cesta e as suas provisões.

Mas Loiseau devorava com os olhos a terrina de frango. E disse: "Ainda bem que madame teve mais precauções do que nós. Há pessoas que sabem sempre pensar em tudo". Ela ergueu a cabeça para ele: "Se quiser servir-se, senhor... É duro jejuar desde a madrugada". Ele fez uma saudação: "Francamente não me recuso, estou que não posso mais. Na guerra como na guerra, não é, madame?" E, lançando um olhar circular, acrescentou: "Num momento como este, dá gosto encontrar pessoas atenciosas". Trazia um jornal, que desdobrou para não manchar as calças, e, com a ponta da faca que sempre guardava no bolso, espetou uma coxa toda envernizada de gordura, despedaçou-a com os dentes e mastigou-a depois com tão evidente satisfação que se ouviu no veículo um grande suspiro de angústia.

Mas Bola de Sebo, com uma voz humilde e suave, convidou as boas freiras a partilharem da sua refeição. Ambas aceitaram instantaneamente e, sem erguer os olhos, puseram-se a comer muito depressa, depois de balbuciar agradecimentos. Cornudet tampouco recusou o oferecimento de sua vizinha; e formaram com as religiosas uma espécie de mesa, estendendo jornais sobre os joelhos.

As bocas abriam-se e fechavam-se sem cessar, absorviam, mastigavam, engoliam ferozmente. Loiseau, no seu canto, trabalhava com energia e, em voz baixa, induzia sua mulher a imitá-lo. Esta resistiu por muito tempo; afinal, após uma contração que lhe percorreu as entranhas, cedeu. Então o marido, modulando a voz, perguntou se a "encantadora companheira" lhe permitia oferecer um pedacinho a *Mme. Loiseau*. "Mas certamente, meu senhor", respondeu Bola de Sebo com um sorriso amável, e estendeu a terrina.

Houve um embaraço quando desarrolharam a primeira garrafa de bordéus: só havia um copo. Este correu de mão em mão, depois de devidamente enxugado. Apenas Cornudet,

por galanteria sem dúvida, pousou os lábios no lugar ainda úmido dos lábios de sua vizinha.

Então, cercados de pessoas que comiam, sufocados pelas emanções dos alimentos, o conde e a condessa de Bréville, bem como M. e *Mme. CarréLamadon*, sofreram o suplício que conservou o nome de Tântalo.

De súbito, a jovem senhora do manufactureiro soltou um suspiro que fez voltarem-se as cabeças; estava branca como a neve do campo; seus olhos fecharam-se, sua fronte também: ela perdera os sentidos. O marido, transtornado, implorava socorro a todo o mundo. Ninguém sabia o que fazer, quando a mais velha das religiosas, sustentando a cabeça da enferma, lhe meteu entre os lábios o copo de Bola de Sebo e a fez engolir algumas gotas de vinho. A linda senhora moveu-se, abriu os olhos, sorriu e declarou com voz moribunda que se sentia agora muito bem. Mas para que o acidente não se renovasse a freira obrigou-a a beber um copo cheio de bordéus, acrescentando: "é fome, não é outra coisa".

Então, Bola de Sebo, enrubescida e confusa, balbuciou, olhando os quatro viajantes que ainda se achavam em jejum: "Meu Deus, se eu pudesse oferecer a esses cavalheiros e a essas damas..." E calouse, temendo haver praticado um ultraje. Loiseau tomou a palavra: "Meu Deus, em casos como este, todos são irmãos e devem ajudar-se. Vamos, senhoras, nada de cerimônias, aceitem, que diabo! Sabemos nós se ao menos encontraremos uma casa onde passar a noite? No andar em que vamos, não estaremos em Tôtes antes de amanhã ao meio-dia".

Hesitavam. Ninguém ousava assumir a responsabilidade do sim. Mas o conde resolveu a questão. Voltou-se para a gorda rapariga intimidada e, assumindo o seu ar de gentil-homem, disselhe:

— Nós aceitamos com reconhecimento, madame.

O primeiro passo é que custava. Uma vez transposto o Rubicão, agiram livremente. O cesto foi esvaziado. Continha ainda paté de foie gras, paté de mauvietter, um pedaço de língua defumada, pêras de Crassane, um queijo de Pont-Évêque, bolinhos e também um boião cheio de pepinos e cebolas em vinagre, pois Bola de Sebo, como todas as mulheres, adorava as coisas cruas.

Não podiam comer as provisões daquela rapariga sem lhe falar. Conversaram, a princípio com reserva, e depois, visto que ela se mantinha muito bem, com mais abandono. Mmes. de Bréville e CarréLamadon, que possuíam um grande savoir-vivre, foram polidas com delicadeza. Principalmente a condessa mostrou essa amável condescendência das damas de alta estirpe a que nenhum contato pode macular, e foi de fato encantadora. Mas a robusta *Mme.* Loiseau, que tinha uma alma de gendarme, permaneceu intratável, falando pouco e comendo muito.

Falaram da guerra, naturalmente. Contaram coisas horríveis dos prussianos, rasgos de bravura dos franceses; e toda aquela gente que fugia prestava homenagem à coragem dos outros. Logo começaram as histórias pessoais, e Bola de Sebo, com emoção verdadeira, com o calor de palavras que têm às vezes essas mulheres para exprimir seus encantos naturais, contou como havia deixado Ruão:

— Supus a princípio que poderia ficar. Tinha a casa cheia de provisões e preferia alimentar alguns soldados a expatriar-me sabe Deus para onde. Mas quando vi esses tais prussianos, a coisa foi mais forte do que eu. Eles me revoltaram o sangue de raiva, e eu chorei de vergonha todo o dia. Ah! se eu fosse homem... Eu olhava da minha janela aqueles porcos com os seus capacetes pontudos; e a minha criada me segurava as mãos para impedir que eu lançasse o meu mobiliário no lombo deles. Depois chegaram alguns para alojar-se na minha casa: então saltei à goela do primeiro deles. Eles não são mais difíceis de estrangular do que os outros! E eu teria liquidado aquele se não me houvessem puxado pelos cabelos. Depois disso, tive de esconder-me. Afinal, quando encontrei uma ocasião, parti. E aqui estou.

Felicitaram-na muito. Ela crescia na estima de seus companheiros, que não se haviam mostrado tão decididos. E Cornudet, ao ouvi-la, conservava um sorriso aprovativo e benévolo de apóstolo; assim um sacerdote ouve um devoto louvar a Deus, pois os democratas barbudos têm o monopólio do patriotismo, como os homens de batina o têm da religião. Falou por sua vez num tom doutrinário, com a ênfase aprendida nas proclamações que afixavam cada dia nos muros, e terminou com um rapto de eloquência, no qual desancava magistralmente "esse crápula do Badinguet".

Mas Bola de Sebo logo se agastou, pois era bonapartista. Tornava-se vermelha como um tomate e gaguejava de indignação:

— Ah! eu queria era ver vocês no lugar dele! Havia de ser muito bonito! Foram vocês que traíram esse homem! Só faltava deixar a França, se fôssemos governados por vagabundos como vocês.

Cornudet, impassível, guardava um sorriso desdenhoso e superior, mas sentia-se que estavam para chegar os palavrões quando o conde interveio e acalmou, não sem custo, a rapariga exasperada, proclamando que todas as opiniões sinceras eram respeitáveis. No entanto, a condessa e a manufatureira, que tinham na alma o ódio desarrazoado que a gente direita dedica à República e essa instintiva ternura que têm todas as mulheres pelos governos de penacho e despotismo, sentiam-se, a contragosto, atraídas por

aquela prostituta cheia de dignidade, cujos sentimentos tanto se assemelhavam aos seus.

O cesto estava vazio. Haviam-no esgotado sem pena, lamentando que não fosse maior. A conversação continuou por algum tempo, mas menos animada, depois de haverem comido.

Caía a noite, a obscuridade pouco a pouco se tornou profunda e o frio, mais sensível durante as digestões, fazia estremecer Bola de Sebo, apesar da sua graxa. Então *Mme. Bréville* lhe ofereceu o seu aquecedor, cujo carvão desde a manhã fora várias vezes substituído, e a outra logo o aceitou, pois tinha os pés gelados. *Mmes. CarréLamadon* e *Loiseau* emprestaram os seus às religiosas.

O cocheiro acendera as lanternas. Estas focavam vivamente uma nuvem de vapor acima da anca suarenta dos cavalos e, de ambos os lados da estrada, a neve, que parecia desenrolar-se sob o reflexo móvel das luzes. Não se distinguia mais nada do carro; mas de súbito houve um movimento entre Bola de Sebo e *Cornudet*; e *Loiseau*, cujo olhar sondava a treva, julgou ver o homem das grandes barbas afastar-se vivamente, como se houvesse recebido algum bom golpe lançado sem rumor.

Pequenos pontos brilhantes surgiram à frente, na estrada. Era *Tôtes*. Tinham andado onze horas, o que, com as duas horas divididas em quatro períodos para alimentação e repouso dos cavalos, perfazia treze.

Entraram na vila, parando diante do Hotel do Comércio.

Abriu-se a portinhola. Um rumor bastante conhecido fez estremecer a todos os viajantes; eram as batidas de uma bainha contra o solo. E logo a voz de um alemão gritou qualquer coisa.

Embora a diligência estivesse imóvel, ninguém descia, como se esperassem ser massacrados na saída. Nisto apareceu o condutor, empunhando uma das suas lanternas, que clareou subitamente até o fundo as duas fileiras de caras assustadas, cujas bocas estavam abertas e os olhos desnorreados de surpresa e temor.

Ao lado do cocheiro mantinha-se, em plena luz, um oficial alemão, um jovem alto, excessivamente delgado e loiro, apertado em seu uniforme como uma rapariga no seu espartilho, e apertando ao lado o seu capacete chato e lúcido, que o fazia assemelhar-se ao

groom de um hotel inglês. Seu desmesurado bigode de longos pêlos retos afinava-se indefinidamente de cada lado, terminando por um único fio loiro, tão delgado, que não se percebia o fim; parecia pesar sobre os cantos da boca e, repuxando as bochechas, imprimia-lhe aos lábios uma prega descaída.

Num francês de alsaciano, convidou os viajantes a descerem, dizendo num tom ríspido:

— Queiram descer, senhoras e senhores.

As duas freiras desceram primeiro, com uma docilidade de santas mulheres habituadas a todas as submissões. Em seguida apareceram o conde e a condessa, seguidos do manufactureiro e de sua mulher, e depois, Loiseau levando pela frente a sua grande cara-metade.

Este, ao pisar em terra, disse ao oficial: "Boa-noite, senhor", mais por prudência do que por polidez. O oficial, insolente como os todo-poderosos, olhou-o sem responder.

Bola de Sebo e Cornudet, embora estivessem mais perto da portinhola, desceram por último, graves e altivos perante o inimigo. A gorda rapariga tratava de dominar-se e de parecer calma; o democrata atormentava num gesto trágico e um pouco trêmulo a sua longa barba ruiva. Queriam guardar dignidade, sabendo que em tais encontros cada qual representa um pouco o seu país; e revoltados ambos pela docilidade de seus companheiros, tratava ela de mostrar-se mais altiva que as suas vizinhas, as mulheres honestas, ao passo que ele, sentindo que devia dar o exemplo, continuava em sua atitude a missão de resistência a que dera início com a obstrução das estradas.

Entraram na vasta cozinha do albergue, e o alemão, tendo exigido a apresentação da ordem de partida assinada pelo general-comandante e onde vinham mencionados os nomes, características e profissão de cada viajante, examinou longamente a todos eles, comparando as pessoas com os dados escritos.

Depois disse bruscamente: "Está bem". E desapareceu.

Todos então respiraram. Como ainda tivessem fome, foi encomendada a ceia. Demandava meia hora para ficar pronta; e, enquanto as duas criadas se ocupavam disso, foram visitar os

quartos. Achavam-se todos estes num longo corredor que terminava por uma porta envidraçada marcada com um número bem visível.

Iam afinal sentar-se à mesa, quando o próprio dono do albergue apareceu. Era um antigo negociante de cavalos, homenzarrão asmático, sempre às voltas com pigarros e ronqueiras. Seu pai lhe transmitira o nome de Follenvie.

Ele indagou:

— Mile. Elisabeth Rousset?

Bola de Sebo estremeceu, voltou-se:

— Sou eu.

— Mademoiselle, o oficial prussiano quer falar-lhe imediatamente.

— A mim?

— Sim, se é mesmo Mile. Elisabeth Rousset.

Ela perturbou-se, refletiu um segundo e depois declarou redondamente:

— É possível, mas eu não irei.

Fez-se um movimento em torno dela; todos discutiam, procurando a causa de tal ordem. O conde aproximou-se:

— Faz mal, madame, pois a sua recusa pode acarretar dificuldades consideráveis, não somente para a senhora, mas até para todos os seus companheiros. Nunca se deve resistir àqueles que são mais fortes. Esta deliberação seguramente não pode oferecer perigo algum; é sem dúvida para satisfazer alguma formalidade esquecida.

Todos o apoiaram, instaram com ela, pediram-lhe, aconselharam-na, e acabaram por convencê-la; pois todos temiam as complicações que poderiam resultar de-uma cabeçada. Ela afinal declarou:

— É pelos senhores que obedeço, podem crer! A condessa tomou-lhe a mão:

— E nós todos lhe agradecemos.

Ela saiu. Esperaram-na para sentar-se à mesa.

Cada qual se desolava por não ter sido chamado, em lugar daquela rapariga violenta e irascível, e preparava mentalmente servilismos para o caso em que o reclamassem por sua vez.

Mas, ao cabo de dez minutos, ela reapareceu, resfolegante, vermelha, exasperada. E balbuciava:

— Oh! o canalha! o canalha!

Todos a cercaram para saber, mas Bola de Sebo não disse nada; e, como o conde insistisse, respondeu com grande dignidade:

— Não, isso é só comigo, não posso falar. Sentaram-se então ao redor de uma alta sopeira, de onde emanava um perfume de couve. Apesar do incidente, a ceia foi alegre. A cidra era boa; o casal Loiseau e as freiras serviram-se dela por economia. Os outros pediam vinho; Cornudet reclamou cerveja. Tinha ele um modo particular de abrir a garrafa, de fazer espumar o líquido, de o reverenciar, inclinando o copo, que erguia em seguida entre o lampião e os olhos, para bem apreciar a cor. Quando bebia, a sua grande barba, que conservava o matiz de seu líquido amado, parecia tremer de ternura; seus olhos envesgavam para não perder de vista a bebida, e ele tinha o ar de estar preenchendo a única função para a qual nascera. Dir-se-ia que estabelecia no espírito uma aproximação e como que uma afinidade entre as duas grandes paixões que ocupavam toda a sua vida: a Cerveja e a Revolução; e certamente não podia degustar uma sem pensar na outra.

M. e *Mme.* Follenvie jantavam na extremidade da mesa.

O homem, arquejando como uma locomotiva emperrada, tinha muita pressão no peito para que pudesse falar enquanto comia; mas a mulher não se calava nunca. Contou todas suas impressões quando da chegada dos prussianos, o que eles faziam, o que diziam. E abominava-os, em primeiro lugar porque lhe custavam dinheiro e depois porque ela possuía dois filhos no exército. Era a condessa a quem principalmente se dirigia, lisonjeada por conversar com uma dama de qualidade. Depois baixava a voz para contar certas coisas delicadas, e o marido, de tempos em tempos, a interrompia: "Seria melhor que ficasse quieta, *Mme.* Follenvie". Mas a esta pouco se lhe dava, e prosseguia:

— Sim, madame, essa gente não faz senão comer batata e porco, e depois porco e batata. E não se vá acreditar que sejam limpos. Qual! Sujam por toda parte, com perdão da palavra. E se a senhora os visse fazer exercícios durante horas e dias... Ficam todos num

campo—e marcha para aqui! marcha para ali! Se eles ao menos cultivassem a terra ou trabalhassem nas estradas em seu país! Mas não, madame, esses militares não prestam serviço a ninguém! É preciso que o pobre povo os alimente, para que eles não aprendam nada mais a não ser massacrar. Eu não passo de uma mulher velha e sem educação, mas quando os vejo nesse trabalho árduo de manhã à noite, digo com os meus botões: Quando há pessoas que fazem tantas descobertas para ser úteis, é justo que outros se dêem tanto trabalho para ser prejudiciais? Não é uma verdadeira abominação matar gente, sejam prussianos, ou ingleses, ou polacos ou franceses? Quando a gente se vinga de alguém que nos fez mal, não está direito, pois nos condenam. Mas quando exterminam os nossos rapazes como caça, com fuzis, então está muito direito, pois dão condecorações aos que matam mais. Não, madame, eu nunca compreenderei isso!

Cornudet elevou a voz:

— A guerra é uma barbárie quando atacam um vizinho pacífico; é um dever sagrado quando se trata de defender a pátria.

A velha baixou a cabeça:

— Sim, quando nos defendemos, é outra coisa. Mas não seria preferível matar a todos os reis que fazem guerras por sua alta recreação?

O olhar de Cornudet inflamou-se:

— Bravos, cidadã! — disse ele.

M. CarréLamadon refletia profundamente. Embora fanático dos ilustres capitães, o bom senso daquela camponesa fazia-o pensar na opulência que trariam a um país tantos braços desocupados e por conseguinte ruinosos, tantas forças mantidas improdutivas, se os empregassem nos grandes trabalhos industriais, que demandarão séculos para se realizarem.

Mas Loiseau, deixando o seu lugar, foi conversar em voz baixa com o proprietário do albergue.

O homem ouvia, tossia e escarrava; o seu enorme ventre saltitava de alegria com os gracejos do vizinho; e ele acabou encomendando a Loiseau seis pipas de bordéus para a primavera, depois que os prussianos se houvessem retirado.

Mal terminada a ceia, como estavam mortos de fadiga, foram todos deitar-se.

No entanto Loiseau, que observava as coisas, fez a esposa deitar-se, depois colou, ora o ouvido, ora o olho, ao buraco da fechadura, para tratar de descobrir o que ele chamava "os mistérios do corredor".

Ao cabo de uma hora mais ou menos ouviu um rumor, olhou depressa e viu Bola de Sebo, que parecia mais repleta ainda num penteador de cachemira azul, rendado de branco. Tinha uma vela na mão e caminhava em direção à porta envidraçada, ao fundo do corredor. Mas uma porta ao lado entreabriu-se e, quando ela voltou, após alguns minutos, Cornudet a seguia, em mangas de camisa. Falavam baixo, depois pararam. Bola de Sebo parecia defender com energia a entrada de seu quarto. Loiseau, infelizmente, não entendia as palavras, mas, no fim, como elevassem a voz, pôde apanhar algumas. Cornudet dizia com vivacidade:

— Vamos, não seja tola, que importa isso? Ela parecia indignada e respondeu:

— Não, meu caro, há momentos em que não se pode fazer essas coisas. E depois, aqui, seria uma vergonha.

Ele não compreendia, sem dúvida, e perguntou por quê. Então ela se irritou, elevando mais a voz:

— Por quê? Você não compreende por quê? Quando há prussianos em casa, no quarto ao lado, talvez?

Ele calou-se.

Aquele pudor patriótico de rameira que não se deixava acariciar perto do inimigo decerto lhe reavivara a dignidade desfalecente, pois Cornudet, contentando-se em beijá-la, recolheu-se ao quarto nas pontas dos pés.

Loiseau, muito excitado, deixou a fechadura, deu um passo de dança, enfiou a touca e ergueu a coberta sob a qual jazia a dura carcaça de sua companheira, a quem despertou com um beijo, murmurando:

— Gostas de mim, querida?

Então toda a casa se tornou silenciosa. Mas logo se elevou em alguma parte, em uma direção indeterminada que tanto podia ser a

adega como o sótão, um ronco potente, monótono, regular, um ruído surdo e prolongado, com estremecimentos de caldeira sob pressão. M. Follenvie dormia.

Como tinham combinado partir no dia seguinte às oito horas, todos se reuniram cedo na cozinha; mas a diligência, cujo toldo tinha uma capa de neve, erguia-se solitária no meio do pátio, sem cavalos e sem condutor. Este foi em vão procurado nas estrebarias, nas ferragens, nas cocheiras. Então todos os homens resolveram dar uma batida pelos arredores e saíram. Foram dar na praça, com a igreja ao fundo e duas fileiras de casas baixas, onde se avistavam soldados prussianos. O primeiro com que toparam descascava batatas. O segundo, mais adiante, lavava o salão de barbeiro. Um outro, barbudo até os olhos, beijava um garoto que chorava e embalava-o sobre os joelhos para acalmá-lo. E as corpulentas camponesas, cujos homens estavam incorporados ao exército, indicavam por gestos, aos seus vencedores obedientes, o trabalho que era preciso fazer: rachar lenha, temperar a sopa, moer o café. E um deles até lavava os panos de sua hospedeira, uma velhinha decrépita.

O conde, espantado, interrogou o sacristão, que saía do presbitério. O velho rato de igreja respondeu:

— Oh! esses não são maus; não são prussianos, pelo que dizem. São de mais longe, não sei bem de onde. E todos deixaram mulher e filhos em sua terra. Esta guerra não é nada divertida para eles. Estou certo de que lá também se chora pelos homens. E isso trará uma grande miséria tanto para eles quanto para nós. Aqui, ainda, não se é muito infeliz de momento, porque eles não fazem mal e trabalham como se estivessem na própria casa. Entre pobres, senhor, é preciso que uns se ajudem aos outros. Os grandes é que fazem a guerra.

Cornudet, indignado com a entente cordiale estabelecida entre os vencedores e os vencidos, retirou-se, preferindo encerrar-se no albergue. Loiseau soltou uma piada: "Eles repovoam". M. CarréLamadon observou gravemente: "Eles reparam". Mas não encontravam o cocheiro. Afinal o acharam no café da aldeia,

fraternalmente sentado à mesa com a ordenança do oficial. O conde o interpelou:

- Não lhe tinham dado ordem de atrelar para as oito horas?
- Sim, mas deram-me outra depois.
- Qual?
- De não atrelar mais.
- Quem lhe deu essa ordem?
- O comandante prussiano.
- Por quê?
- Não sei. Pergunte a ele. Proíbem-me de atrelar e eu não atrelo. Só isso.
- Foi ele mesmo quem lhe disse?
- Não, senhor, foi o hoteleiro que me transmitiu a ordem.
- Quando?
- Ontem, à noite, quando eu ia deitar-me.

Os três homens recolheram-se bastante inquietos.

Reclamaram a presença de Follenvie, mas a criada respondeu que o patrão, devido à sua asma, não se levantava nunca antes das dez horas. Tinha até formalmente proibido que o acordassem mais cedo, salvo em caso de incêndio.

Quiseram avistar-se com o oficial, mas isso era absolutamente impossível, embora ele morasse no albergue. Apenas Follenvie tinha autorização para lhe falar, no tocante a assuntos civis. Então esperaram. As mulheres subiram aos seus quartos, ocupando-se de mil e uma insignificâncias.

Cornudet instalou-se junto à alta chaminé da cozinha, onde estalava um vigoroso fogo. Mandou trazer para ali uma das mesinhas do café, um canecão de cerveja, e puxou do seu cachimbo, que gozava entre os democratas de uma consideração quase igual à sua, como se tivesse servido à pátria, servindo a Cornudet. Era um soberbo cachimbo de espuma, admiravelmente enegrecido, tão escuro como os dentes de Cornudet, mas perfumado, recurvo, luzidio, familiar à sua mão, e que completava a fisionomia do dono. E ele ficou imóvel, com os olhos ora fixos nas chamas, ora na faixa branca que orlava a sua bebida. E a cada gole passava com um ar

satisfeito os longos dedos magros pelos longos cabelos sebosos, enquanto chupava o bigode franjado de espuma.

Loiseau, sob o pretexto de desentorpecer as pernas, foi colocar vinho nos estabelecimentos das redondezas. O conde e o fabricante puseram-se a conversar sobre política. Prognosticavam o futuro da França. Um tinha fé nos Orleans, o outro num salvador desconhecido, um herói que se revelaria quando tudo parecesse perdido: um Du Guesclin, uma Joana d'Arc talvez... ou um outro Napoleão I... Ah! se o príncipe imperial não fosse tão jovem! Cornudet, ouvindo-os, sorria, como um homem que conhece a chave dos destinos.

Às dez horas Follenvie apareceu e todos se apressaram em interrogá-lo. Mas ele nada mais pôde fazer que repetir duas ou três vezes, sem uma variante, estas palavras:

— O oficial assim me falou: "Monsieur Follenvie, o senhor proibirá que atrelem amanhã a diligência desses viajantes. Entendeu? É o suficiente".

Pretenderam então falar com o oficial. O conde lhe enviou o seu cartão, ao qual M. Carré Lamadon acrescentou seu nome e todos os seus títulos. O prussiano mandou dizer que receberia os dois homens depois que houvesse almoçado, isto é, pela uma hora.

As senhoras reapareceram e todos comeram um pouco, apesar da inquietação. Bola de Sebo parecia enferma e prodigiosamente perturbada.

Terminaram o café, quando a ordenança veio chamar os dois emissários.

Loiseau juntou-se aos dois primeiros; mas como procurassem arrastar Cornudet para emprestar mais solenidade ao ato, ele declarou altivamente que jamais pretendia ter quaisquer relações com os alemães; e voltou para o seu canto, encomendando outro canecão.

Os três homens subiram e foram introduzidos no mais belo quarto do albergue, onde o oficial os recebeu recostado numa poltrona, com os pés na chaminé, fumando um longo cachimbo de porcelana e envolto num flamante robe de chambre, pilhado sem dúvida na residência abandonada de algum burguês de mau gosto.

Ele não se ergueu, não os cumprimentou, não os olhou. Apresentava uma esplêndida amostra da insolência natural ao militar vitorioso. Passados alguns instantes, disse afinal:

— Que querem?

O conde tomou a palavra:

— Desejamos partir, senhor.

— Não.

— Posso saber a causa de tal recusa?

— É porque eu não quero.

— Lembro-lhe respeitosamente, senhor, que o general-comandante nos concedeu licença para ir a Dieppe. E eu não creio que tenhamos feito alguma coisa para merecer tal severidade.

— Eu não quero. Acabou-se! Podem descer. Os três inclinaram-se e bateram em retirada.

A tarde foi lamentável. Não compreendiam nada daquele capricho do alemão; e as idéias mais singulares perturbavam os cérebros. Todos se conservavam na cozinha e discutiam infundavelmente, imaginando coisas inverossímeis. Queriam talvez guardá-los como reféns? Mas com que fim? Ou levá-los prisioneiros? Ou, antes, exigir-lhes um resgate considerável? A este último pensamento, o pânico foi enorme. Os mais ricos eram os mais aterrorizados, vendo-se já coagidos, para resgatar a vida, a despejar bolsas cheias de ouro entre as mãos daquele soldado insolente. E escarafunchavam os miolos para descobrir mentiras aceitáveis, dissimular as suas riquezas, fazer-se passar por pobres, muito pobres. Loiseau tirou a corrente do relógio e ocultou-a no bolso.

A noite, que caía, aumentou as apreensões. Acenderam o lampião e, como ainda faltavam duas horas para a janta, *Mme.* Loiseau propôs uma partida de trinta e um. Seria uma distração. Aceitaram. O próprio Cornudet, tendo apagado o cachimbo por polidez, tomou parte no jogo.

O conde baralhou as cartas, distribuiu. Bola de Sebo tinha o melhor jogo e logo o interesse da partida atenuou o temor que pesava sobre os espíritos.

Mas Cornudet em seguida se apercebeu de que o casal Loiseau se combinava para trapacear.

Quando se dirigiam para a mesa, Follenvie reapareceu. E, com a sua voz rouca, pronunciou:

— O oficial prussiano manda perguntar a *Mme.* Elisabeth Rousset se ela ainda não mudou de opinião.

Bola de Sebo permaneceu de pé, muito pálida; depois tornando-se subitamente vermelha, ficou tão sufocada de cólera que não podia falar. Afinal explodiu:

— Diga a esse canalha, a esse porco, a esta peste de alemão que eu nunca consentirei. Compreende bem? Nunca! Nunca!

O gordo estalajadeiro retirou-se. Então Bola de Sebo foi cercada, interrogada, solicitada por todo o mundo para desvendar aquele mistério. A princípio resistiu, mas logo se deixou arrebatado:

— O que ele quer... O que ele quer... Ele quer dormir comigo! — gritou ela.

Ninguém se chocou com a frase, tão viva foi a indignação.

Cornudet quebrou o seu canecão ao pousá-lo violentamente sobre a mesa. Era um clamor de reprovação contra aquele ignóbil sujeito, um sopro de cólera, uma união de todos para a resistência, como se houvessem exigido, a cada um, uma parte do sacrifício exigido dela. O conde declarou com desgosto que aqueles homens se comportavam à maneira dos antigos bárbaros. As mulheres, sobretudo, testemunhavam a Bola de Sebo uma comiseração enérgica e carinhosa. As duas freiras, que só apareciam às refeições, tinham baixado a cabeça e não diziam nada.

Em todo caso, jantaram logo que passou o primeiro furor. Mas falaram pouco: estavam todos entregues a seus pensamentos.

As senhoras se recolheram cedo; e os homens, fumando, organizaram um *écarté*, para o qual foi convidado Follenvie, a quem pretendiam interrogar habilmente sobre os meios de vencer a resistência do oficial. Mas ele só pensava em suas cartas, sem nada ouvir, sem nada responder, e repetia sem cessar: "Ao jogo, senhores, ao jogo!" Sua atenção estava de tal modo tensa que ele se esquecia de cuspir, o que lhe enchia às vezes o peito de ressonâncias de órgão. Seus pulmões, àrquejantes, ofereciam toda a

gama da asma, desde as notas graves e profundas até as rouquidões agudas dos frangos que começam a cantar.

Recusou-se a subir quando a mulher, que caía de sono, veio buscá-lo. Então ela partiu sozinha, pois era "da manhã", sempre se levantando com o sol, ao passo que o seu homem era "da noite", sempre pronto a passá-la com os amigos. E ele gritou-lhe: "Não se esqueça da minha gemada". E continuou o jogo. Quando viram que nada podiam arrancar dele, declararam que já era tempo de recolher-se, e cada qual foi para a sua cama.

Levantaram-se ainda mais cedo no dia seguinte, com uma indeterminada esperança, um desejo maior de ir embora e o terror do dia que deveriam passar naquele horrível albergue.

Ah! os cavalos continuavam na estrebaria, o cocheiro permanecia invisível. Foram, por graça, rondar em torno da diligência.

O almoço foi bastante triste; e produzira-se como que um esfriamento para com Bola de Sebo, pois a noite, que traz conselho, modificara um pouco as opiniões. Quase que odiavam aquela rapariga, agora, por não ter ido encontrar-se secretamente com o prussiano, a fim de dar, pela manhã, uma boa surpresa aos seus companheiros de viagem. Haveria coisa mais simples? E depois, quem ficaria sabendo? Ela bem podia salvar as aparências, dizendo ao oficial que só o fazia de pena dos viajantes. E aquilo, para ela, tinha afinal tão pouca importância!

Mas ninguém confessava ainda tais pensamentos.

De tarde, como se aborreciam muito, o conde propôs um passeio pelos arredores da vila. Todos se abrigaram com cuidado, e o pequeno grupo partiu, com exceção de Cornudet, que preferia ficar perto do fogo, e as freiras, que passavam os dias na igreja ou em companhia do padre.

O frio, mais intenso dia a dia, picava cruelmente o nariz e as orelhas; os pés se tornavam tão dolorosos que cada passo era um sofrimento. E, quando avistaram o campo, este lhes pareceu tão terrivelmente lúgubre sobre aquela brancura ilimitada, que todos em seguida deram meia-volta, de alma gelada e coração aflito.

As quatro mulheres caminhavam na frente; seguiam os três homens um pouco atrás.

Loiseau, que compreendia a situação, perguntou de súbito se "aquela mulher" ainda os faria ficar por muito tempo em semelhante lugar. O conde, sempre cortês, disse que não se podia exigir de uma mulher um sacrifício tão penoso, e que ela deveria resolver isso por si mesma. M. CarréLamadon observou que, se os franceses fizessem como se esperava uma contra-ofensiva por Dieppe, o encontro só poderia dar-se em Tôtes. Esta reflexão deixou os dois outros preocupados.—E se fugíssemos a pé?—sugeriu Loiseau. O conde ergueu os ombros:—Com essa neve? E com as nossas mulheres? E depois seríamos em seguida perseguidos, alcançados em dez minutos e trazidos prisioneiros à mercê dos soldados.—Era verdade; calaram-se.

As damas falavam de modas; mas um certo constrangimento parecia desuni-las.

De repente, na extremidade da rua, apareceu o oficial. Sobre a neve que fechava o horizonte ele desenhava o seu grande perfil de vespa de uniforme e marchava de joelhos afastados, com esse movimento peculiar dos militares que se esforçam por não macular as botas cuidadosamente lustradas.

Inclinou-se ao passar pelas senhoras e olhou desdenhosamente para os homens, que tiveram, aliás, a dignidade de não descobrir-se, embora Loiseau esboçasse um gesto para retirar o chapéu.

Bola de Sebo ficara vermelha até as orelhas; e as três mulheres casadas sentiam uma grande humilhação de serem assim encontradas, por aquele soldado, na companhia daquela rapariga que ele tratava tão grosseiramente.

Então falaram dele, do seu aspecto, da sua casa. Mme CarréLamadon, que conhecera muitos oficiais e os avaliava como conhecedora, não achava aquele de todo mau; lamentava até que ele não fosse francês, pois daria um bonito hussardo, por quem todas as mulheres decerto cairiam.

Uma vez recolhidos, não sabiam mais o que fazer. Chegavam até a trocar palavras ásperas por coisas insignificantes.

O jantar, silencioso, durou pouco, e cada qual foi para o quarto, esperando dormir para passar o tempo.

Desceram no dia seguinte com as fisionomias fatigadas e o desespero na alma. As mulheres mal falavam com Bola de Sebo.

Um sino badalou. Era um batizado. A gorda rapariga tinha um filho a cuidado de uns camponeses de Yvetot. Não chegava a vê-lo uma vez por ano e nunca se lembrava dele. Mas o pensamento naquele que iam batizar despertou-lhe no coração uma ternura súbita e violenta pelo seu e ela quis por força assistir à cerimônia.

Logo que ela partiu, todos se entreolharam, depois aproximaram as cadeiras, pois sentiam que era preciso afinal decidir alguma coisa. Loiseau teve uma inspiração: propôs ao oficial que retivesse apenas Bola de Sebo, deixando partir os demais viajantes.

Follenvie também se encarregou dessa comissão, mas desceu quase em seguida. O alemão, que conhecia a natureza humana, despachara-o sumariamente. Pretendia reter a todos enquanto seu desejo não fosse satisfeito.

Então explodiu o temperamento plebeu de *Mme.* Loiseau:

— Nós é que não vamos morrer de velhice aqui. Pois se é o ofício dessa ordinária fazer isso com todos os homens, acho que ela não tem o direito de recusar quem quer que seja. Ela que não rejeitava nada em Ruão, nem os cocheiros! Sim, madame, o cocheiro da prefeitura! Eu bem o sei, ele compra vinho em nossa casa. E hoje que se trata de nos tirar de apuros, ela se faz de melindrosa, essa coisa à-toa!... Eu até acho que esse moço oficial se conduz muito bem. Ele está talvez privado há muito tempo, e havia aqui nós três que ele sem dúvida teria preferido. Mas não, contentou-se com aquela que é de todo o mundo. Respeita as mulheres casadas. Afinal de contas, ele é o senhor. Era só dizer: "Eu quero", e poderia pegar-nos à força, com os seus soldados.

As duas mulheres tiveram um pequeno estremecimento. Os olhos da linda *Mme.* CarréLamadon brilhavam, e ela estava um pouco pálida, como se já se sentisse pegada à força pelo oficial.

Os homens, que discutiam à parte, aproximaram-se. Loiseau, enfurecido, queria entregar "aquela miserável", atada de pés e mãos, ao inimigo. Mas o conde, oriundo de três gerações de embaixadores,

e dotado de um físico de diplomata, era partidário da habilidade:— Seria preciso dissuadi-la— disse ele.

Puseram-se então a conspirar.

As mulheres se achegaram mais, baixou-se o tom de voz, e a discussão se tornou geral, dando cada qual a sua opinião. Tudo dentro das conveniências, aliás. Sobretudo as mulheres achavam delicados rodeios, encantadoras sutilezas de expressão, para dizer as coisas mais escabrosas. Um estrangeiro não teria compreendido, tão estritas eram as precauções de linguagem. Mas como a leve camada de pudor com que se unta toda mulher da sociedade apenas cobre a superfície, elas se desafogavam naquela aventura picaresca, divertiam-se, loucamente no íntimo, sentindo-se no seu elemento, imiscuindo-se no amor com a sensualidade de um cozinheiro glutão que prepara a ceia de outrem.

A alegria voltava por si mesma, tão engraçada lhes parecia a história, afinal de contas. O conde aventurou gracejos um pouco arriscados, mas tão bem ditos que faziam sorrir. Por sua vez, Loiseau largou algumas piadas mais cabeludas, que não feriram a ninguém; e o pensamento brutalmente expresso por sua mulher dominava todos os espíritos: pois "se aquele era o seu ofício, ela não tinha o direito de recusar quem quer que fosse". E á gentil *Mme. CarréLamadon* parecia mesmo pensar que, no lugar de Bola de Sebo, muito menos recusaria aquele.

Prepararam longamente a campanha, como para assediar uma fortaleza. Cada qual deliberou o papel que desempenharia, os argumentos com que apoiar-se, as manobras que deveria executar. Regulavam o plano dos ataques, as artimanhas a empregar, e as surpresas do assalto, para obrigar aquela cidadela viva a receber o inimigo em praça.

Cornudet, no entanto, permanecia afastado, completamente estranho àquele assunto.

Tão profunda era a concentração dos espíritos que ninguém ouviu Bola de Sebo entrar. Mas o conde soprou um ligeiro "psiu" que fez erguerem-se todos os olhos. Ela ali estava. Calaram-se bruscamente e um certo embaraço impediu no princípio que lhe

dirigissem a palavra. A condessa, mais acostumada que os outros às duplicidades dos salões, interrogou-a:

— Esteve divertido, esse batismo?

A gorda rapariga, ainda comovida, contou tudo, as caras, as atitudes, o aspecto da igreja. E acrescentou:

— É tão bom rezar algumas vezes!

No entanto, até o almoço, as senhoras contentaram-se em ser amáveis com ela, para lhe aumentar a confiança e a docilidade a seus conselhos.

Logo que se sentaram à mesa, começou a abordagem. Foi a princípio uma conversação vaga sobre o sacrifício. Citavam exemplos antigos: Judite e Holofenes e depois, sem nenhuma razão, Lucrecia com Sextus, e Cleópatra, fazendo passarem pelo seu leito todos os generais inimigos e reduzindo-os ali a servilismos de escravos.

Desenrolou-se então uma história fantasiosa, brotada no cérebro daqueles milionários ignorantes, onde as cidadãs de Roma iam adormecer, em Cápua, Aníbal entre os seus braços, e, com ele, Os seus tenentes, e as falanges dos mercenários. Citavam todas as mulheres que detiveram os conquistadores, fazendo de seu corpo um campo de batalha, um meio de dominar, uma arma, que venceram com suas carícias heróicas a seres repulsivos ou detestados e sacrificaram a sua castidade à vingança e ao devotamento.

Referiram-se até, em termos velados, a essa inglesa de importante família que se deixara inocular uma horrível e contagiosa doença, para transmiti-la a Bonaparte, salvo milagrosamente, por uma fraqueza súbita, na hora do encontro fatal.

E tudo isso era contado de um modo conveniente e discreto, em que apontava às vezes um estudado entusiasmo, próprio para excitar o estímulo.

Dir-se-ia, afinal, que o único papel da mulher, neste mundo, era um perpétuo sacrifício da sua pessoa, em contínuo abandono aos caprichos da soldadesca.

As duas freiras, perdidas em profundos pensamentos, não pareciam ouvir coisa alguma.

Bola de Sebo não dizia nada.

Durante toda a tarde, deixaram-na refletir. Mas, em vez de chamá-la "madame", como até então tinham feito, diziam-lhe simplesmente "mademoiselle", sem que ninguém soubesse ao certo por que, como se quisessem fazê-la descer um degrau na estima que havia escalado, frisando a sua vergonhosa situação.

No momento em que se servia a sopa, Follenvie reapareceu, repetindo a frase da véspera:

— O oficial prussiano manda perguntar a Mile. Elisabeth Rousset se ela ainda não mudou de opinião.

Bola de Sebo respondeu secamente:

— Não, senhor.

Depois a coligação enfraqueceu. Loiseau teve três frases infelizes. Cada qual puxava pelo bestunto para descobrir exemplos novos e nada encontrava, quando a condessa, sem premeditação talvez, experimentando um vago desejo de prestar homenagem à religião, interrogou a mais velha das freiras sobre os grandes atos das vidas dos santos. Ora, muitos haviam cometido coisas que seriam crimes a nossos olhos; mas a Igreja absolve sem dificuldade tais atos, quando são praticados pela glória de Deus, ou pelo bem do próximo. Era um argumento poderoso, de que a condessa se aproveitou. Então, ou por um desses entendimentos tácitos, dessas veladas complacências, em que se sobressai quem quer que use um hábito eclesiástico, ou simplesmente por efeito de um mal-entendido feliz, de uma providencial parvoíce, a velha religiosa trouxe para a conspiração um formidável apoio. Julgavam-na tímida; ela mostrou-se ousada, até mesmo violenta. Não era perturbada pelos rodeios da casuística; sua doutrina parecia uma tranca de ferro; sua fé não hesitava nunca; sua consciência não tinha escrúpulos. Achava muito natural o sacrifício de Abraão, pois teria imediatamente matado pai e mãe, a uma ordem vinda do Alto; e nada, a seu ver, podia desagradar ao Senhor quando a intenção era louvável. A condessa, explorando a autoridade sagrada de sua

imprevista cúmplice, obrigou-a a fazer como que uma edificante paráfrase deste axioma de moral: "O fim justifica os meios".

Ela a interrogava:

— Então, irmã, acha que Deus aceita todas as vias e perdoa o fato, quando o motivo é puro?

— Quem o poderia duvidar, madame?

Uma ação censurável em si torna-se muitas vezes meritória pelo pensamento que a inspira.

E continuavam, assim, destrinchando os desígnios de Deus, prevendo suas decisões, fazendo-o interessar-se em coisas que, na verdade, não lhe diziam respeito.

Tudo isso velado, hábil, discreto. Mas cada palavra da santa mulher abria brecha na resistência indignada da cortesã. Depois, tendo-se a conversa desviado um pouco, a mulher do rosário falou dos estabelecimentos da sua ordem, da sua superiora, de si própria, e da sua amável companheira, a querida irmã Saint-Nicéphore. Tinham-nas pedido do Havre para tratar nos hospitais a centenas de soldados atacados de varíola. Ela descreveu esses miseráveis, pormenorizou os seus males. E enquanto estavam detidos em caminho pelos caprichos daquele prussiano, quantos franceses poderiam morrer, a quem elas salvariam, talvez!

Tratar dos militares era a sua especialidade; ela estivera na Criméia, na Itália, na Áustria, e, contando suas campanhas, revelou-se uma dessas religiosas de tambor e cometa que parecem feitas para seguir os acampamentos, recolher os feridos na confusão das batalhas e, melhor que um chefe, dominar com uma palavra os sargentos indisciplinados; uma verdadeira irmã Rataplan, cuja cara assolada, crivada de inúmeras cicatrizes, parecia uma imagem das devastações da guerra.

Ninguém disse nada depois dela, tão esplêndido parecia o efeito das suas palavras.

Terminada a refeição, logo subiram para o quarto, para só descerem no dia seguinte, quando já ia alta a manhã.

O almoço foi tranqüilo. Davam à semente lançada na véspera o tempo de germinar e produzir seus frutos.

A condessa propôs um passeio à tarde; então o conde, como se estivesse combinado, tomou o braço de Bola de Sebo e ficou para trás, com ela.

Falou-lhe nesse tom familiar, paternal, um pouco desdenhoso, que os homens importantes empregam com as raparigas, chamando-a: "minha cara menina", tratando-a do alto da sua posição social, de sua honorabilidade indiscutida. Entrou logo no vivo da questão:

— Então você prefere deixar-nos aqui, expostos, como você mesma, a todas as violências que se seguiriam a um fracasso prussiano?

Prefere tudo isso a consentir numa dessas complacências que você já teve tantas vezes na sua vida?

Bola de Sebo não respondeu nada.

Ele aliciou-a pela brandura, pela razão, pelos sentimentos. Soube permanecer "o senhor conde", não sem se mostrar galante quando preciso, lisonjeiro, amável, enfim. Exaltou o serviço que ela lhes prestaria, falou do reconhecimento de todos eles. Depois, de súbito tuteando-a jovialmente:

— E você sabe, minha pequena, ele poderá gabar-se de haver estado com uma bonita mulher como não há muitas na sua terra.

Bola de Sebo não respondeu e reuniu-se ao grupo.

Logo que voltou, recolheu-se ao quarto e não mais reapareceu. A inquietação era extrema. Que iria ela fazer? Se resistisse, que transtorno!

Chegou a hora da janta; esperaram-na inutilmente. No entanto, Follenvie anunciou que Mile. Rousset sentia-se indisposta e que podiam sentar-se à mesa. Todos aguçaram o ouvido. O conde aproximou-se do estalajadeiro e perguntou baixinho:

— E daí?

— Feito!

Por conveniência, o conde não disse nada a seus companheiros, mas limitou-se a fazer-lhes um breve aceno de cabeça. E um grande suspiro de alívio exalou-se de todos os peitos, todas as caras se iluminaram de alegria. Loiseau exclamou:

— Caramba! Eu pago champanhe, se houver nesta casa. E *Mme. Loiseau* sentiu um baque no coração, quando o

patrão chegou, empunhando quatro garrafas. Cada qual se tornara de repente comunicativo e brilhante; uma saltitante alegria enchia os corações. O conde pareceu aperceber-se de que *Mme. Carré-Lamadon* era encantadora, o manufactureiro dirigiu galanteios à condessa. A conversação foi viva, leve, cheia de piadas.

De súbito, *Loiseau*, com a fisionomia ansiosa e erguendo os braços, gritou:

— Silêncio!

Todos se calaram, atônitos, já quase assustados. Então ele levou a mão em concha ao ouvido, e o dedo ao lábio, fazendo "psiu" e, erguendo os olhos para o teto, escutou novamente. E depois, com sua voz natural:

— Tranqüilizem-se, tudo vai bem.

Hesitavam em compreender, mas logo esboçou-se um sorriso geral.

Ao cabo de um quarto de hora, recomeçou a mesma farsa, renovando-a várias vezes durante o serão; e fingia interpelar alguém no andar superior, dando-lhe conselhos de duplo sentido, colhidos no seu espírito de caixeiro-viajante. De vez em quando tomava um ar triste e suspirava: "Pobre rapariga!" Ou então murmurava entre dentes, com um ar colérico: "Maldito prussiano!" Às vezes, quando menos se esperava, lançava, com uma voz vibrante, vários "basta! basta!" E acrescentava, como que falando para si mesmo: "Desde que a gente torne a vê-la... e que ele não a mate, o miserável!"

Embora essas brincadeiras fossem de um gosto deplorável, divertiam e não feriam a ninguém, pois a indignação depende do meio, como tudo mais, e a atmosfera que pouco a pouco ali se formara estava carregada de pensamentos obscenos.

À sobremesa, as próprias mulheres fizeram alusões espirituosas e discretas. Os olhos brilhavam; tinham bebido muito. O conde, que até nos seus momentos alegres conservava um ar de solene gravidade, fez uma comparação muito apreciada com o degelo no pólo e alegria dos naufragos que vêm abrir-lhes um caminho para o sul.

Loiseau, arrebatado, ergue-se, empunhando uma taça de champanhe:

— Eu bebo à nossa libertação. Todos se puseram de pé; aclamavam-no. As próprias freiras, instadas pelas senhoras, consentiram em molhar os lábios naquele vinho espumante que nunca haviam provado. Declararam as duas que aquilo se parecia com gasosa, mas que era muito mais fino.

Loiseau resumiu a situação:

— É pena não termos um piano, aqui, porque senão poderíamos fazer uma quadrilha.

Cornudet não dissera uma palavra, não fizera um gesto; parecia mergulhado em pensamentos muito graves, e puxava às vezes, com um gesto furioso, a sua comprida barba, como se quisesse alongá-la ainda mais. Enfim, pela meia-noite, quando iam separar-se, Loiseau, que mal se agüentava nas pernas, deu-lhe de repente um tapa na barriga e disse a gaguejar:

— Você não parece disposto esta noite. Como é que não diz nada, cidadão?

Mas Cornudet ergueu bruscamente a cabeça e, passeando pela assistência um olhar fuzilante e terrível:

— Uma coisa eu digo a todos: vocês acabam de cometer uma verdadeira infâmia!

Ergueu-se, alcançou a porta, repetiu mais uma vez: "Uma infâmia!" E desapareceu.

Esta cena, a princípio, lançou um frio na assembléia. Loiseau, confuso, permanecia estupidificado. Mas logo recuperou a linha e, de repente, contorcendo-se de riso, pôs-se a repetir:

— Estão verdes, meu velho, estão verdes.

Como ninguém compreendesse, ele contou os "mistérios do corredor". Houve então um retorno de formidável alegria. As senhoras divertiam-se como loucas. O conde e M. CarréLamadon choravam de tanto rir. Não podiam acreditar.

— Como! Tem certeza? Ele queria...

— Estou dizendo que vi.

— E ela recusou...

— Porque o prussiano estava no quarto ao lado.

— Verdade?

— Juro!

O conde sufocava. O industrial apertava o ventre com as duas mãos. Loiseau continuava:

— De modo que hoje ele não lhe acha graça alguma, está visto.

E os três recomeçaram, doentes de tanto rir, arquejantes, tossindo.

Nesta altura, todos se separaram. Mas *Mme.* Loiseau, que era da natureza das urtigas, observou ao marido, no momento em que se deitavam, que "aquela mexeriqueira" da *Mme.* Carré-Lamadon tinha rido amarelo toda a noite.

— Bem sabes, as mulheres, quando dão para gostar de uniforme, pouco se importam que seja francês ou prussiano. Ora, já se viu!

E toda a noite, na obscuridade do corredor, correram como que frêmitos, leves rumores, quase inaudíveis, semelhantes a sopros, roçar de pés nus, mal perceptíveis estalidos. E decerto só dormiram muito tarde, pois durante muito tempo brilharam os filetes de luz sobre as portas. A champanhe tem desses efeitos: dizem que perturba o sono.

No dia seguinte, um claro sol de inverno tornava ofuscante a neve. A diligência, finalmente atrelada, esperava diante da porta, enquanto um mundo de pombos brancos, enfunados em sua espessa plumagem, com os olhos róseos marcados de um ponto negro ao centro, passeavam gravemente por entre as patas dos seis cavalos, buscando alimento no estéreo fumegante que estes desperdiçavam.

O cocheiro, envolto no abrigo de carneiro, dava a sua cachimbada na boléia, e todos os passageiros, radiantes, mandavam empacotar rapidamente provisões para o resto da viagem.

Só esperavam por Bola de Sebo. Esta afinal apareceu.

Parecia um pouco confusa, envergonhada; e avançou rapidamente para os seus companheiros, que, num mesmo "movimento, se voltaram para o outro lado, fingindo que não a tinham visto. O conde tomou com dignidade o braço da sua esposa e afastou-a daquele contato impuro.

A gorda rapariga parou, estupefata. Depois, reunindo toda a sua coragem, abordou a mulher do fabricante com um "bom-dia, madame" humildemente murmurado. A outra fez com a cabeça uma leve saudação impertinente e um olhar de virtude ultrajada. Todos pareciam muito laboriosos, e conservavam-se longe de Bola de Sebo, como se esta carregasse alguma infecção nas suas saias. Precipitaram-se para a diligência, onde ela chegou sozinha, por último, retomando em silêncio o lugar que ocupara durante a primeira parte da viagem.

Pareciam não vê-la, não conhecê-la. Mas *Mme.* Loiseau considerando-a de longe com indignação, disse a meia voz ao marido:

— Felizmente eu não estou ao lado dela.

O pesado carro se movimentou, reiniciando a viagem.

No princípio ninguém falou. Bola de Sebo não ousava levantar os olhos. Sentia-se ao mesmo tempo indignada com todos os seus companheiros e humilhada por haver cedido,

maculando-se com os beijos daquele prussiano, em cujos braços a tinham hipocritamente lançado.

Mas a condessa, voltando-se para *Mme.* CarréLamadon, logo rompeu aquele penoso silêncio.

— Decerto conhece *Mme.* d'Etrelles, não?

— Sim, é uma de minhas amigas.

— Que mulher encantadora!

— Fascinante! Uma verdadeira natureza de elite, muito instruída, aliás, e artista até a medula, canta admiravelmente e desenha que é uma perfeição.

O fabricante conversava com o conde e, em meio ao ruído do carro, uma palavra às vezes sobressaía: "ação", "vencimento", "bônus", "preço".

Loiseau, que surrupiara o velho baralho de cartas da estalagem enebado por cinco anos de uso, começou um besigue com a sua mulher

As duas boas freiras tomaram da cinta o longo rosário pendente, fizeram juntas o sinal da cruz, e de repente os seus lábios se puseram a mexer vivamente, apressando-se cada vez mais,

acelerando o seu vago murmúrio como para uma corrida de oremus; e de tempos em tempos beijavam uma medalha, benziam-se de novo, depois recomeçavam o seu resmungo rápido e contínuo.

Cornudet pensava, imóvel.

Ao cabo de três horas de viagem, Loiseau recolheu as cartas:

— Está batendo a fome — disse ele.

Sua mulher então desembrulhou um assado frio. Cortou-o habilmente em tenras fatias, e puseram-se ambos a comer.

— E se fizéssemos o mesmo? — sugeriu a condessa. Concordaram e ela abriu as provisões preparadas para os dois casais, em uma dessas terrinas alongadas, em cuja tampa há uma lebre em faiança para indicar o seu conteúdo. Era uma succulenta iguaria, com a carne escura da caça atravessada de brancas fitas de toucinho e misturada com outras carnes picadas. Um belo pedaço de gruyère conservava impresso o letreiro FAITS DIVERS na sua superfície untuosa.

As duas freiras desenrolaram uma fiada de salsichas, que cheirava a alho. E Cornudet, mergulhando ao mesmo tempo ambas as mãos nos vastos bolsos de seu casaco, sacou de um deles quatro ovos cozidos e do outro uma casca de pão. Descascou os ovos, lançando as cascas à palha, debaixo de seus pés, e pôs-se a morder os ovos, enquanto lhe tombavam na longa barba claras partículas de gemas, que pareciam estrelinhas lá dentro.

Bola de Sebo, na pressa e sobressalto de seu despertar, não pudera pensar em nada; e olhava exasperada, sufocando de raiva, todas aquelas pessoas que comiam placidamente. Crispada primeiro de violenta cólera, ela abriu a boca para lhes dizer as verdades numa onda de injúrias que lhe subia aos lábios; mas não conseguia falar, de tal modo a exasperação a estrangulava.

Ninguém a olhava, ninguém se importava com ela. Sentia-se afogada no desprezo daqueles honestos crápulas, que primeiro a haviam sacrificado, e rejeitado depois, como uma coisa indecente e inútil. Pensou então no seu grande cesto cheio de boas coisas, que eles tinham sofregamente devorado, nos seus dois frangos reluzentes de gordura, nos seus patês, nas suas pêras, nas suas quatro garrafas de bordéus; então seu furor tombou de repente,

como uma corda muito tensa que rebenta, e ela sentiu-se prestes a chorar. Fez esforços terríveis, empertigou-se, engoliu os soluços como uma criança, mas o pranto subia, brilhava-lhe na borda das pálpebras, e logo duas grossas lágrimas, destacando-se dos olhos, rolaram lentamente pelas suas faces. Seguiram-se outras mais rápidas, deslizando como as gotas d'água que filtram de uma rocha, e tombando regularmente sobre a curva roliça de seu peito. Ela permanecia direita, com o olhar fixo, a face rígida e pálida, esperando que não a vissem.

Mas a condessa o notou e preveniu o marido com um sinal. Ele ergueu os ombros como quem diz: "Que queres? A culpa não é minha". *Mme.* Loiseau teve um silencioso riso de triunfo e murmurou:

— Ela chora a sua vergonha.

As duas irmãs de caridade tinham recommençado a orar, depois de haverem embrulhado num papel o resto das salsichas.

Então Cornudet, que digeria os ovos, espichou as longas pernas sob a banqueta fronteira, recostou-se, cruzou os braços, sorriu como quem acaba de descobrir uma boa farsa e pôs-se a assobiar a Marselhesa.

Todas as caras se fecharam—O canto popular decerto não lhes agradava. Ficaram nervosos, irritados, e pareciam prestes a soltar ganidos, como cães que ouvem um realejo. Cornudet, que bem o percebia, não parou. Às vezes até cantarolava as palavras:

Amour sacré de la patrie, Conduis, soutiens nos bras vengeurs,
Liberte, liberte chérie, Combats avec tes défenseurs!

Corriam agora mais depressa, estando a neve mais dura. E até Dieppe, durante as longas horas tediosas da viagem, através dos solavancos do caminho, pela noite que tombava, depois na escuridão profunda da diligência, ele continuou, com uma obstinação feroz, o seu assobio vingativo e monótono, constringendo os espíritos cansados e exasperados a seguir o canto de princípio a fim e a recordar, a cada compasso, a palavra que lhe correspondia.

E Bola de Sebo continuava chorando; e às vezes um soluço, que ela não pudera reter, atravessava as trevas, entre duas coplas.

Nota da edição Conard (Paris) das Obras Completas de Guy de Maupassant: "Bola de Sebo realmente existiu e chamava-se, por seu verdadeiro nome, Adrienne Legay".

O COLAR DE DIAMANTES

Era uma dessas moças lindas e encantadoras, nascidas, como por um erro do destino, numa família de funcionários. Não tinha dote nem esperanças, nenhum meio de ser conhecida, compreendida, amada, desposada por um homem rico e distinto; e deixou que a casassem com um amanuense do Ministério da Instrução Pública.

Ela foi singela e modesta, já que não podia entregar-se ao luxo, mas infeliz como uma desclassificada; pois as mulheres não têm casta nem raça, e a sua beleza, a sua graça e o seu encanto é que lhes servem de nascimento e de família. A delicadeza nata, o instinto da elegância, a finura de espírito são a sua única hierarquia, e fazem das filhas do povo rivais das mais altas damas.

Sentindo-se nascida para todas as delicadezas e para todos os luxos, ela sofria continuamente. Sofria com a pobreza da sua casa, a miséria das paredes, com as cadeiras puídas, os estofados de mau gosto. Todas essas coisas, que qualquer outra mulher da sua casta nem mesmo teria notado, a torturavam e indignavam. A vista da pequena bretã que a servia despertava nela profundos pesares e sonhos sem fim. Ela pensava nas antecâmaras silenciosas, forradas de panos orientais, iluminadas por altos candelabros de bronze, e nos dois grandes lacaio de calções curtos que cochilam nas vastas poltronas, com o calor pesado do aquecedor. Pensava nos grandes salões revestidos de seda antiga, nos móveis finos carregados de bibelôs inestimáveis, e nos graciosos salõezinhos perfumados, feitos para a conversa das cinco horas com os amigos mais íntimos, os homens conhecidos e cortejados, cuja atenção todas as mulheres invejam e desejam.

Quando, na hora do jantar, sentava-se à mesa redonda coberta de uma toalha de três dias, defronte ao marido que destapava a terrina, declarando com um ar encantado: "Ah! Que lindo cozido! Não há nada melhor que isto...", ela pensava nos jantares finos, na prataria brilhante, nas tapeçarias a povoarem os muros de personagens antigos e de pássaros estranhos em meio a uma floresta de magia; pensava nos pratos esquisitos, servidos em maravilhosas baixelas, nas galanterias ditas num sussurro e escutadas com um sorriso de esfinge, enquanto mordiscava a carne rósea de uma truta ou uma asa de frango.

Não tinha toaletes, nem jóias, nada. E só gostava disso, sentia-se feita para isso. E gostaria tanto de agradar, de ser invejada, sedutora, assediada!

Tinha uma amiga rica, uma colega do colégio, que não queria mais visitar, tanto isto a fazia sofrer. Pois na volta ela chorava durante dias inteiros, de desgosto, de pensar, de desespero e desolação.

Ora, uma tarde o marido chegou com um ar triunfante, trazendo na mão um grande envelope.

— Olhe—disse ele—,eu trouxe uma coisa para você. Ela rasgou vivamente o papel e retirou um cartão impresso com os seguintes dizeres:

O ministro da Instrução Pública e *Mme.* Georges Ramponneau têm a honra de convidar M. e *Mme.* Loisel para o sarau que se realizará no Palácio do Ministério, no dia 18 de janeiro, segunda-feira.

Em vez de ficar radiante, como esperava o marido, ela atirou com despeito o convite em cima da mesa, murmurando:

— Que quer que eu faça com isso?

— Mas, minha querida, pensei que você ficaria-contente. Você nunca sai, nunca aparece. E esta é uma belíssima ocasião. Não imagina o trabalho que eu tive para conseguir esse convite. Todos querem; é muito procurado; e há muito poucos para distribuir aos funcionários. Você verá lá todo o mundo oficial.

Ela o analisava com um olhar irritado e declarou com impaciência:

— Mas o que você quer que eu vista para ir? Ele não tinha pensado nisso; e balbuciou:

— O vestido com que vai ao teatro... Ele me parece muito bem...

Calou-se, estupefato, desorientado, vendo que sua mulher chorava. Duas grossas lágrimas desciam, lentamente, do canto dos olhos para o canto dos lábios; ele gaguejou:

— O que você tem? O que você tem?

Mas, num violento esforço, ela se dominara e respondeu com uma voz calma, enxugando as faces úmidas:

— Nada. Somente que eu não tenho toailete e por conseguinte não posso ir a essa festa. Dê o convite a qualquer colega cuja mulher possa vestir-se melhor do que eu.

Ele estava desolado. Falou-lhe:

— Vejamos, Mathilde. Quanto custaria uma toailete conveniente, que ainda pudesse servir em outras ocasiões, alguma coisa bastante simples?

Ela refletiu alguns segundos, fazendo suas contas e pensando também na soma que poderia pedir sem provocar uma recusa imediata e uma exclamação de horror do econômico amanuense.

Enfim, ela respondeu, com hesitação:

— Não sei ao certo, mas me parece que com uns quatrocentos francos eu poderia arranjar a coisa.

Ele empalidecera um pouco, pois tinha reservado justamente aquela soma para comprar um fuzil e fazer caçadas com alguns amigos, aos domingos, no próximo verão, em Nanterre.

Mas disse:

— Está bem. Eu te dou quatrocentos francos. Mas trate de arranjar um belo vestido.

Aproximava-se o dia da festa, e *Mme.* Loisel parecia triste, inquieta, ansiosa. Contudo, seu vestido estava pronto. O seu marido lhe disse uma noite:

— O que você tem? Há três dias que anda com um jeito esquisito.

E ela respondeu:

— Aborrece-me não ter uma jóia, uma pedra, nada para pôr.

Assim, continuarei com um aspecto de miséria. Eu até preferia não ir a essa festa. Ele insistiu:

— Ponha flores naturais. É muito chique nesta estação. Por dez francos, terá duas ou três rosas magníficas.

Ela não estava convencida.

— Não... não há nada mais humilhante do que ter um ar de pobre em meio de mulheres ricas.

Mas o marido exclamou:

— Como você é tola! Vá procurar sua amiga *Mme. Forestier* e peça-lhe uma jóia emprestada. Tem bastante intimidade com ela para isso.

Ela lançou um grito de alegria:

— É verdade. Eu não tinha pensado em tal coisa.

No dia seguinte ela foi à casa da amiga e lhe expôs sua situação.

Mme. Forestier foi ao seu armário de espelho, pegou um grande cofre, trouxe-o, abriu-o, e disse a *Mme. Loisel*:

— Escolha, minha querida.

Ela examinou uns braceletes, depois um colar de pérolas depois uma cruz veneziana, ouro e pedrarias, de um admirável valor. Experimentava as jóias diante do espelho, hesitava, não podia decidir-se a deixá-las, a devolvê-las. Perguntava sempre:

— Não tem mais outra coisa?

— Claro. Procure. Eu não sei o que pode agradá-la. De repente ela descobriu, num estojo de cetim negro, um

soberbo colar de diamantes; e o seu coração pôs-se a bater num imoderado desejo. Suas mãos tremiam ao segurá-lo. Ela o atou por cima do peitilho, e ficou em êxtase diante de si mesma.

Depois perguntou, hesitante, cheia de angústia:

— Pode emprestar-me este, somente este?

— Como não? Está às ordens.

Ela saltou no pescoço de sua amiga, beijou-a com frenesi, depois fugiu com o seu tesouro.

Chegou o dia da festa. *Mme. Loisel* obteve um verdadeiro sucesso. Ela era a mais linda de todas, elegante, graciosa, sorridente e louca de alegria. Todos os homens a olhavam, perguntavam seu nome, procuravam ser apresentados.

Todos os adidos do gabinete queriam dançar com ela. O ministro notou-a.

Ela dançava com embriaguez, com êxtase, arrebatada pelo prazer, sem pensar em mais nada, na apoteose da sua beleza, na glória do seu sucesso, em uma espécie de nuvem de felicidade, feita de todas aquelas homenagens, de todas aquelas admirações, de todos aqueles desejos despertados, daquela vitória completa e tão grata ao coração das mulheres.

Ela partiu pelas quatro da manhã. Seu marido, desde a meia-noite, dormia numa saleta deserta com três outros senhores cujas mulheres se divertiam muito.

Ele lançou-lhe sobre os ombros os abrigos que trouxera para a saída, modestos abrigos da vida ordinária, cuja pobreza contrastava com a elegância do vestido de baile. Ela o percebeu e quis fugir, para não ser notada pelas outras mulheres, que se envolviam em luxuosos casacões.

Loisel a segurava:

— Espere. Vai se resfriar assim. Eu vou chamar um fiacre.

Ela, porém, não escutava e descia rapidamente a escadaria. Quando chegaram à rua, não encontraram carro; e puseram-se em busca de um, chamando os cocheiros que viam passar ao longe.

Desciam ambos na direção do Sena, desesperados, tiritantes. Enfim, acharam no cais um desses velhos cupês, noctâmbulos, que só aparecem em Paris ao cair da noite, como se ficassem envergonhados da sua miséria durante o dia.

Ele os levou até sua porta, na rua dos Mártires, e os dois subiram tristemente para os aposentos. Estava acabado para ela. E ele pensava que seria preciso estar no Ministério às dez horas.

Ela tirou o abrigo que pusera nos ombros diante do espelho, a fim de ver-se uma vez mais em toda sua glória. Mas de súbito soltou um grito. O colar não estava mais no seu pescoço.

O marido, já meio despido, perguntou:

— O que você tem?

Ela voltou-se, louca de medo:

— Eu... eu... eu não tenho mais o colar de *Mme.* Forestier.

Ele ergueu-se desvairado:

— Quê!... Como!... Não é possível!

E procuraram nas pregas do vestido, nas dobras do casacão, nos bolsos, por toda parte. Ele perguntava:

— Tem certeza de que ainda o tinha ao deixar o baile?

— Sim, eu toquei nele no vestíbulo do Ministério.

— Mas se o houvesse perdido na rua, nós o teríamos ouvido cair.

Deve estar no fiacre.

— Sim. É provável. Guardou o número?

— Não. E você, não reparou?

— Não.

Eles se contemplavam aterrados. Enfim Loisel tornou a vestir-se.

— Eu vou—disse ele—refazer todo o trajeto que fizemos, a pé, para ver se o encontro.

E ele saiu. Ela ficou de vestido de baile, sem forças para deitar-se, atirada numa cadeira, sem ânimo, sem um pensamento.

O marido voltou pelas sete horas. Nada havia encontrado.

Ele foi à chefatura de polícia, aos jornais, para prometer uma recompensa, às pequenas companhias de transportes, a toda parte, enfim, aonde uma suspeita de esperança o levava.

Ela esperou todo o dia, no mesmo estado de terror ante aquele medonho desastre.

Loisel voltou à noite, desfigurado, pálido, nada descobrira.

— É preciso—disse ele—escrever à sua amiga, contando-lhe que você quebrou o fecho do colar e que mandou consertá-lo. Isto nos fará ganhar tempo.

E ele ditou-lhe a carta.

Ao fim de uma semana, toda esperança estava perdida.

E Loisel, envelhecido cinco anos, declarou:

— É preciso substituir o colar.

Tomaram no dia seguinte o estojo que o encerrara, e foram ao joalheiro cujo nome se achava impresso no seu forro. Ele consultou seus livros:

— Não fui eu, madame, quem vendeu o colar; devo ter fornecido apenas o estojo.

Então foram de joalheiro em joalheiro, procurando um colar igual ao outro, consultando a sua memória, ambos doentes de pena

e de angústia.

Acharam, numa loja do Palais Royal, um colar de diamantes que lhes pareceu corresponder exatamente ao que procuravam. Custava quarenta mil francos. Mas o deixariam por trinta e seis mil.

Pediram então ao joalheiro que não o vendesse antes de três dias. E ficou combinado que o devolveriam por trinta e quatro mil francos, se o primeiro fosse encontrado antes do fim de fevereiro.

Loisel possuía dezoito mil francos, que seu pai lhe havia deixado. Pedira emprestado o resto.

Conseguiu mil francos com um, quinhentos com outro, cinco luíses aqui, três luíses acolá. Assinou promissórias, assumiu compromissos ruinosos, houve-se com usurários, com toda casta de agiotas. Comprometeu todo o fim da sua existência, arriscou sua assinatura sem saber se poderia garanti-la, e atemorizado com as angústias do futuro, com a miséria negra que ia abater-se sobre ele, com a perspectiva de todas as privações físicas e de todas as torturas morais, ele foi buscar o colar novo, pousando sobre o balcão do negociante os trinta e seis mil francos.

Quando *Mme.* Loisel levou o colar a *Mme.* Forestier, esta disse, com um ar irritado:

— Você deveria tê-lo trazido mais cedo, pois eu poderia precisar dele.

Ela não abriu o estojo, o que mais temia sua amiga. Se ela notasse a substituição, o que não pensaria? O que não diria? Não a teria tomado por uma ladra?

Mme. Loisel conheceu a vida horrível dos necessitados. Ela tomou seu partido, aliás, sem hesitações, heroicamente. Era preciso pagar aquela dívida terrível. Ela pagaria. Despediram a criadinha, mudaram de casa, alugaram uma água-furtada.

Ela conheceu os trabalhos grosseiros da casa, as odiosas tarefas da cozinha. Lavou os pratos, estragou as unhas róseas na louça gordurenta e no fundo das caçarolas. Ela ensaboou a roupa suja, as camisas e os esfregões, que fazia secar numa corda; manhã após manhã, carregou o lixo para a rua e a água para dentro, parando a cada andar para tomar fôlego. E, vestida como uma mulher do povo, foi ao mercadinho, ao vendeiro, ao açougueiro, regateando e

recebendo injúrias, defendendo cobre a cobre o seu miserável dinheiro.

Era preciso cada mês pagar letras, renovar outras, conseguir prazo.

O marido fazia à tardinha a escrita de um comerciante e, de noite, muitas vezes, fazia cópia a cinco sous a página.

E esta vida durou dez anos.

Ao fim de dez anos, haviam restituído tudo, tudo, com a taxa do ágio e o acúmulo dos juros superpostos.

Mme. Loisel parecia velha agora. Tornara-se a mulher forte, rija e rude, dos lares pobres. Mal penteada, com as saias de viés e as mãos vermelhas, ela falava alto, lavava os soalhos. Mas às vezes, quando seu marido estava na repartição, ela sentava-se junto à janela e pensava naquela festa de outrora, naquele baile em que fora tão bela e tão festejada.

Que teria acontecido, se não houvesse perdido aquele colar? Quem sabe? Quem sabe? Como a vida é estranha, mutável! Basta um quase nada, para nos perder ou para nos salvar!

Ora, um domingo, ao dar uma volta pelos Campos Elíseos, para descansar dos trabalhos da semana, ela avistou de repente uma mulher que passeava com um menino. Era *Mme.* Forestier, sempre jovem, sempre bela, sempre sedutora.

Mme. Loisel sentiu-se comovida. Deveria falar-lhe? E, agora que já havia pago, lhe contaria tudo. Por que não?

Aproximou-se.

— Bom-dia, Jeanne.

A outra não a reconhecia, espantando-se por ser chamada de modo tão familiar por aquela mulher do povo. Ela balbuciou:

— Mas... madame!... Eu não compreendo... Deve estar enganada.

— Não. Eu sou Mathilde Loisel. A amiga soltou um grito:

— Oh!... minha pobre Mathilde, como estás mudada!...

— Sim, eu tenho atravessado dias bastante duros, desde que a vi pela última vez; e muita miséria... e tudo isto por sua causa!...

— Por minha causa! Como assim?

— Não se lembra daquele colar de diamantes que me emprestou para a festa do Ministério?

-
- Sim. E daí?
 - Pois bem, eu o perdi.
 - Mas como! Se o devolveu.
 - Eu devolvi um outro igual. E levamos dez anos para pagá-lo.
- Bem compreende que não era muito fácil para nós, que não tínhamos nada... Enfim, acabou-se, e eu sinto-me contente, afinal.
- Mme, Forestier estacou, de súbito.
- Está me dizendo que comprou um colar de diamantes para substituir o meu?
 - Sim. Não notou nada, hein? Eles eram idênticos. E ela sorria com uma alegria orgulhosa e ingênua. *Mme. Forestier*, muito comovida, lhe tomou as duas mãos.
 - Oh! minha pobre Mathilde! Mas o meu colar era falso. Valia quando muito uns quinhentos francos!...

O PORCO DO MORIN

I

— Meu amigo—disse eu a Labarbe—,mais uma vez você acaba de pronunciar estas palavras: "o porco do Morin". Por que diabo eu nunca ouço falar nele sem que o tratem de "porco"?

Labarbe, hoje deputado, me pôs uns olhos de coruja. "Mas como! Você é de Rochelle e não sabe a história de Morin?!"

Eu confessei que não sabia a história de Morin. Então Labarbe esfregou as mãos e começou sua narrativa.

— Conheceu Morin, não, e se recorda da sua grande loja de miudezas no cais de Rochelle?

— Sim, perfeitamente.

— Pois bem, fique então sabendo que em 1862 ou 63 Morin foi passar quinze dias em Paris, por prazer, ou prazeres, mas sob o pretexto de renovar seu estoque. Você sabe o que são, para um comerciante da província, quinze dias de Paris. É de pôr fogo nas veias. Todas as noites espetáculos, o acotovelar das mulheres, uma contínua excitação do espírito. Dá para endoidecer. Não vê mais que dançarinas de maio, colos, pernas e tudo isso quase ao alcance da mão, sem que ouse ou possa tocar-lhe. Mal prova, uma ou duas vezes, algum prato de qualidade inferior. E parte enfim, com o coração ainda abalado, a alma agitada, e uma comichão de beijos na boca.

"Morin se achava nesse estado, ao comprar a passagem para Rochelle pelo expresso das 8h40 da noite. E ele passeava cheio de pesar e agitação pela grande sala comum da viafêrrea de Orleans, quando parou diante de uma jovem que beijava uma velha mulher.

Ela havia erguido o seu véu, e Morin, extasiado, murmurou: 'Puxa! Que bela criatura!'

Depois de despedir-se da velha, ela entrou para a sala de espera, e Morin a seguiu; depois ela subiu para um vagão vazio, e Morin sempre a seguiu-la.

Havia poucos viajantes para o expresso. A locomotiva apitou; o trem partiu. Eles estavam sós.

Morin a devorava com os olhos. Ela parecia ter dezenove para vinte anos; era loira, grande, com um ar ousado. Enrolou as pernas num cobertor e reclinou-se no banco para dormir.

Morin pensava: "Quem será?" E mil hipóteses, mil projetos lhe atravessavam o espírito. Contam tantas aventuras de trem de ferro. Talvez tenha chegado a minha vez. Quem sabe? Essas coisas acontecem tão depressa... Só me é preciso talvez um pouco de audácia. Não era Danton que dizia: "Audácia, audácia, e sempre audácia?" Se não era Danton, era Mirabeau. Enfim, que importa? Mas eu não tenho audácia, aí é que está! Oh! Se se soubesse, se se pudesse ler nas almas! Aposto que a gente passa todos os dias, sem suspeitar, por oportunidades magníficas. Bastaria a ela um gesto, no entanto, para me indicar que ela não quer outra coisa.

Pôs-se então a arquitetar planos que o conduziriam ao triunfo. Imaginou um cavalheiresco início de relações, pequenos serviços que ele lhe prestaria, uma conversação viva, galante, que acabaria por uma declaração, a qual por sua vez acabaria por... por aquilo que você está pensando.

Mas o que continuava a faltar-lhe era o início, o pretexto. E ele aguardava uma circunstância feliz, com o coração aos pulos, o espírito confuso.

E a noite ia passando, e a linda menina continuava a dormir, enquanto Morin premeditava a sua queda. Amanheceu, e em breve o sol lançou o seu primeiro raio, um longo raio vindo do fundo do horizonte, sobre a face da bela adormecida.

Ela despertou, sentou-se, olhou para o campo, olhou para Morin, e sorriu. Sorriu com um ar feliz, um ar convidativo « alegre. Morin estremeceu. Não havia dúvida, era para ele aquele sorriso, era mesmo um convite discreto, o sonhado sinal que ele esperava.

Assim dizia, aquele sorriso: "Você é uma besta, um tolo, um palerma, em ficar aí plantado, como uma estaca, desde ontem à noite. Vamos, olhe-me, não sou encantadora? E você me fica aí uma noite inteira, com uma linda mulher, sem nada ousar, seu simplório!"

Ela continuava a sorrir, olhando-o; começava até a rir; e ele perdia a cabeça, procurando uma frase de emergência, um cumprimento, qualquer coisa para dizer enfim, não importava o quê. Mas não encontrava nada, nada. Então, tomado de uma audácia de covarde, ele pensou: "Tanto pior, eu arrisco tudo"; e bruscamente, sem gritar "água vai", ele avançou, com as mãos estendidas, os lábios gulosos, e, estreitando-a em seus braços, beijou-a.

Ela ergueu-se de um salto, gritando: "Socorro!" E abriu a portinhola, agitando os braços fora, louca de medo, tentando saltar, enquanto Morin, desvairado, persuadido de que ela ia precipitar-se na estrada, segurava-a pela saia, a gaguejar: "Madame... oh!... madame".

O trem diminuiu a marcha e parou. Dois empregados acorreram, ante os gestos desesperados da moça, que caiu em seus braços, balbuciando: "Este homem quis... quis... me... me..." E desmaiou.

Estavam na estação de Mauzé. O gendarme presente deteve Morin.

Quando a vítima de sua brutalidade recobrou os sentidos, prestou depoimento. A autoridade o tomou por escrito. E o pobre comerciante só pôde chegar à sua casa à noite, com um processo judicial às costas, por atentado ao pudor público.

II

Eu era naquele tempo chefe da redação do Fanal dês Charentes; e via Morin todas as noites no Café do Comércio.

Logo no dia seguinte ao da sua aventura, ele veio procurar-me, sem saber o que fazer. Eu não ocultei a minha opinião: "Você é um sujo, um porco. Ninguém se porta dessa maneira".

Ele chorava; sua mulher lhe batera; e ele via o seu negócio arruinado, o seu nome na lama, os seus amigos, indignados, que lhe cortavam o cumprimento. Acabou por me dar pena, e eu chamei meu colaborador Rivet, um homenzinho bem-humorado e astuto, para pedir o seu conselho.

Ele induziu-me a falar com o procurador imperial, que era meu amigo. Mandeí Morin para casa e fui visitar o magistrado.

Soube que a mulher ultrajada era uma moça, Mile. Henriette Tonnel, que acabava de obter em Paris o seu diploma de professora e que, não tendo mais nem pai nem mãe, passava as férias na casa de seu tio e sua tia, bons pequeno-burgueses de Mauzé.

O grave é que o tio apresentara queixa. O Ministério Público consentira em arquivar o processo se a queixa fosse retirada. Eis o que era preciso obter.

Fui à casa de Morin. Encontrei-o no leito, doente de emoção e de pesar. Sua cara-metade, mulherona ossuda e cabeluda, maltratava-o sem repouso. Ela introduziu-me no quarto, gritando-me na cara: "O senhor veio ver esse porco do Morin? Aí está ele!"

E ela plantou-se diante do leito, com os punhos nas cadeiras. Expus a situação; e ele me suplicou que fosse ter com a família. A missão era delicada; mas aceitei-a. O pobre diabo não cessava de repetir: "Eu garanto a você que nem mesmo cheguei a beijá-la. Juro!"

Eu respondi: "Dá no mesmo, você não passa de um porco". E tomei os mil francos que ele me deu para empregálos como

julgasse conveniente.

Mas como eu não queria aventurar-me sozinho na casa dos tios, pedi a Rivet que me acompanhasse. Ele consentiu, com a condição de partir imediatamente, pois tinha no dia seguinte de tarde um negócio urgente em Rochelle.

E duas horas mais tarde batíamos à porta de uma bela casa de campo. Uma linda moça veio receber-nos. Era ela, sem dúvida. Eu disse baixinho a Rivet: "Palavra! Eu começo a compreender Morin".

O tio, M. Tonnelet, era justamente um assinante do fanal, um fervente correligionário político que nos recebeu de braços abertos, nos felicitou, se congratulou conosco, nos apertou as mãos, entusiasmado de ter na sua casa os dois redatores de seu jornal.

Rivet me cochichou no ouvido: "Creio que poderemos arranjar o caso daquele porco do Morin".

A sobrinha havia se afastado; e eu abordei a delicada questão. Agitei o espectro do escândalo; fiz ver o inevitável descrédito que sofreria a moça depois de um processo como aquele; pois ninguém iria acreditar nunca em um simples beijo.

O homem parecia indeciso; mas nada podia decidir sem a sua mulher, que só chegaria à noite. De repente ele soltou um grito de triunfo: "Olhem! Tenho uma excelente idéia. Os senhores vão ficar comigo. Jantarão e pousarão os dois aqui. E quando a minha mulher voltar iremos nos entender".

Rivet resistia; mas o desejo de tirar do aperto o porco do Morin o convenceu; e nós aceitamos o convite.

O tio ergueu-se, radiante, chamou a sobrinha, e propôs-nos um passeio pela propriedade, exclamando: "Para a noite os assuntos sérios".

Rivet e ele puseram-se a falar de política.

Quanto a mim, vi-me logo alguns passos atrás, ao lado da menina. Ela era um encanto, um verdadeiro encanto!

Com infinitas precauções, comecei a falar-lhe de sua aventura, para ver se fazia dela uma aliada.

Ela, porém, não me pareceu nada confusa; escutava-me com o ar de quem se divertia imenso.

Eu lhe dizia: "Pense, mademoiselle, em todos os aborrecimentos que terá. Será preciso comparecer perante o tribunal, afrontar os olhares maliciosos, contar diante de toda aquela gente, publicamente, essa miserável cena do vagão. Cá entre nós, mademoiselle, não teria feito melhor se nada dissesse e fizesse aquele pulha reconhecer o seu lugar, sem chamar os empregados? Não seria preferível ter simplesmente mudado de vagão?"

Ela se pôs a rir. "É verdade o que me diz! Mas que quer? Fiquei com medo; e, quando a gente está com medo, não raciocina. Depois de ter compreendido a situação, bem que lamentei os meus gritos, mas era muito tarde. Imagine que aquele imbecil se lançou a mim como um furioso, sem dizer palavra, com uma cara de louco! Eu nem mesmo sabia o que ele queria de mim".

Ela me olhava de frente, sem confusão nem timidez.

Eu dizia com os meus botões: "Mas é muito atrevida, essa menina! Bem compreendo que aquele porco do Morin se haja enganado".

Eu repliquei, gracejando: "Ora, mademoiselle. Confesso que ele era desculpável, pois afinal não se pode ficar defronte de uma criatura tão linda sem experimentar o desejo absolutamente legítimo de beijá-la".

Ela riu mais forte, com todos os dentes ao vento: "Entre o desejo e a ação, senhor, há lugar para o respeito".

A frase era engraçada, embora pouco clara. Eu perguntei bruscamente: "Pois bem, vejamos: se eu a beijasse, agora, qual seria a sua atitude?"

Ela parou para considerar-me de alto a baixo, depois disse tranqüilamente: "Oh!, com o senhor não é a mesma coisa".

Bem sabia eu que não era a mesma coisa, pois me chamavam em toda a província "o belo Labarbe". Eu tinha trinta anos, então, mas perguntei: "Por quê?"

Ela ergueu os ombros e respondeu: "Ora! porque o senhor não é tão idiota como ele". Depois acrescentou, olhando-me de soslaio: "Nem tão feio".

Antes que ela pudesse fazer um movimento para evitarme, eu lhe havia plantado um belo beijo na face. Ela saltou para um lado,

mas muito tarde. Depois disse: "O senhor também não faz muitas cerimônias, não? Mas não recomece!"

Eu tomei um ar humilde e disse a meia voz: "Oh! mademoiselle, quanto a mim, se tenho algum desejo no meu coração, é de comparecer perante um tribunal pelo mesmo motivo que Morin".

Ela perguntou por sua vez: "Por quê?" Eu a olhei no fundo dos olhos, com toda a seriedade. "Porque você é uma das mais belas criaturas que existem; porque seria para mim uma honra, um título, uma glória, ter querido violentá-la. Porque todos diriam, depois de tê-la visto: "Labarbe bem que mereceu o que lhe está acontecendo, mas que sorte teve esse diabo, afinal!"

Ela pôs-se a rir de todo o coração.

"O senhor é engra..." Mas ainda não havia ela dito "... çado" e eu a apertava em meus braços e lançava-lhe beijos vorazes por toda parte onde encontrava lugar, nos cabelos, na fronte, nos olhos, na boca às vezes, nas faces, por toda a cabeça, da qual ela descobria sempre algum cantinho, sem querer, para garantir os outros.

Por fim, ela se desvencilhou, ruborizada e ofendida. "O senhor é um grosseiro, e faz com que eu me arrependa de tê-lo escutado".

Tomei-lhe a mão, um pouco confuso, balbuciando: "Perdão, perdão, mademoiselle. Eu a ofendi, eu fui brutal! Não me queira mal. Se soubesse..." Eu procurava em vão uma escusa.

Ela pronunciou, após um instante: "Eu nada tenho a saber, senhor".

Mas eu tinha achado; eu exclamei: "Mademoiselle, faz um ano que eu a amo!"

Ela ficou verdadeiramente espantada e ergueu os olhos, e eu continuei: "Sim, mademoiselle, escute-me. Eu não conheço Morin e pouco me importo com ele. Pouco se me dá que ele vá para a cadeia. Mas eu vi mademoiselle no ano passado, ali mesmo, diante da grade. Tive um choque ao vê-la, e a sua imagem não mais me deixou. Acredite-me, ou não, pouco me importa. Eu achei-a adorável; a sua lembrança me obcecava; eu quis revê-la; aproveitei o pretexto daquele idiota do Morin; e eis-me aqui. As circunstâncias me fizeram passar dos limites; perdoe-me, eu lhe peço, perdoe-me".

Ela espiava a verdade no meu olhar, prestes a sorrir de novo; e murmurou: "Trocista".

Eu ergui a mão e, num tom sincero (creio mesmo que era sincero): "Juro que não estou mentindo".

Ela disse simplesmente: "Ora!"

Nós estávamos sós, completamente sós; Rivet e o tio haviam desaparecido numa curva da alameda; e eu fiz uma verdadeira declaração, longa, doce, apertando e beijando-lhe os dedos. Ela escutava aquilo como uma coisa agradável e nova, sem saber ao certo no que deveria acreditar.

Eu acabei por me sentir perturbado; por pensar o que dizia; eu estava pálido, oprimido, trêmulo; e, suavemente, enlacei-a pela cintura.

Eu lhe falava baixinho junto aos pequeninos cabelos crespos da orelha. Ela parecia morta, de tão cismada que estava.

Depois sua mão encontrou a minha e apertou-a; eu fui encerrando lentamente o seu talhe num trêmulo e crescente abraço; ela não se movia absolutamente; eu roçava a sua face com a minha boca; e de súbito os meus lábios, sem procurar, encontraram os seus. Foi um longo, interminável beijo; e teria durado ainda muito tempo, se eu não tivesse ouvido um significativo "hum hum" a alguns passos atrás de mim.

Ela fugiu por debaixo das árvores. Eu me volvei e avistei Rivet, que vinha ao meu encontro.

Ele plantou-se no meio do caminho e, muito sério: "Com que então é assim que você soluciona o caso do porco do Morin".

Eu respondi com fatuidade: "Faz-se o que se pode, meu caro. E o tio? Que obteve dele? Quanto a mim, respondo pela sobrinha".

Rivet declarou: "Eu fui menos feliz com o tio".

E eu tomei-lhe o braço para voltarmos à casa.

III

O jantar acabou por me transtornar de todo. Eu estava ao lado dela e minha mão a todo instante encontrava a sua por debaixo da toalha; o meu pé apertava seu pé; nossos olhares se juntavam, se confundiam.

Em seguida demos uma volta ao luar e eu lhe murmurei na alma todas as ternuras que me subiam do coração. Eu a mantinha aconchegada contra mim, beijando-a a todo momento, molhando os meus lábios nos seus. À nossa frente, o tio e Rivet discutiam. Suas sombras os seguiam gravemente sobre a areia dos caminhos.

Recolhemo-nos. E em seguida chegou um telegrama da tia, anunciando que só chegaria no dia seguinte de manhã, às sete horas, pelo primeiro trem.

O tio disse: "Bem, Henriette, vá mostrar os quartos a esses senhores". Apertamos a mão do homem e subimos. Ela nos conduziu primeiro ao quarto de Rivet, e ele me segredou ao ouvido: "Não havia perigo de que ela nos trouxesse primeiro ao teu". Depois ela me guiou para o meu leito. Desde que ficou a sós comigo, eu a tomei de novo em meus braços, procurando desviar sua razão e destruir sua resistência. Mas quando se sentiu prestes a desfalecer, ela fugiu.

Eu me meti debaixo dos lençóis, bastante agitado, contrariado e penalizado, sabendo de antemão que não dormiria absolutamente, e procurando que inépcia poderia eu haver cometido, quando bateram suavemente à minha porta.

— Quem é? — perguntei.

Uma voz leve retrucou: "Eu".

Vesti-me às pressas; abri; ela entrou: "Esqueci-me", disse ela, "de lhe perguntar o que toma o senhor pela manhã: chocolate, chá ou café?"

Eu a havia enlaçado impetuosamente, devorando-a de carícias, a balbuciar: "Eu tomo... eu tomo..." Ela, porém, deslizou entre meus braços, soprou minha vela e desapareceu.

Eu fiquei sozinho, furioso, no escuro, a procurar os fósforos, sem os encontrar. Descobri-os afinal e saí para o corredor, meio louco, com o castiçal na mão.

Que ia fazer? Eu não raciocinava mais; eu queria encontrá-la; eu queria a ela. E dei alguns passos sem refletir em nada. Depois pensei de súbito: "Mas se eu entro no quarto do tio? Que lhe direi?..." E fiquei imóvel com a cabeça oca, o coração a bater. Ao fim de vários segundos, ocorreu-me a resposta: "Ora! eu direi que procurava o quarto de Rivet para lhe falar de uma coisa urgente".

E pus-me a inspecionar as portas, esforçando-me por descobrir a dela. Mas nada podia me guiar. Ao acaso peguei uma fechadura, que girei. Abri, entrei... Henriette, sentada no leito, olhava-me assombrada.

Então eu corri suavemente o ferrolho e, aproximando-me nas pontas dos pés, lhe disse: "Eu esqueci, mademoiselle, de lhe pedir alguma coisa para ler". Ela se debatia, mas eu abri logo o livro que procurava. Não lhe disse o título. Era na verdade o mais maravilhoso dos romances e o mais divino dos poemas.

Uma vez virada a primeira página, ela me deixou percorrer à vontade; e tantos capítulos eu folheei, que as nossas velas se gastaram até o fim.

Após haver agradecido, eu alcançava, com pés de lã, o meu quarto, quando uma mão brutal me fez parar, e uma voz, a de Rivet, me cochichou na cara: "Mas como! Ainda não acabaste de arranjar o caso do porco do Morin?"

Já às sete da manhã, ela própria me trazia uma taça de chocolate. Nunca bebi outro igual. Um chocolate de encantar, macio, aveludado, perfumado, embriagador. Eu não podia descolar a minha boca das bordas deliciosas da sua taça.

Logo que a moça saiu, Rivet entrou. Parecia um pouco nervoso, mal-humorado como quem não dormira, e me disse num tom aborrecido: "Você bem sabe, se continuar assim, arruinará o caso do porco do Morin".

Às oito horas, chegava a tia. A discussão foi curta. Eles retirariam a queixa, e eu lhes deixaria quinhentos francos para os pobres da região.

Então quiseram nos reter para passar o dia. Organizariam até uma excursão para visitar ruínas. Henriette, por detrás dos tios, me fazia sinais com a cabeça: "Fiquem, sim!" Eu aceitava, mas Rivet teimou em partir.

Chamei-o de lado; roguei, solicitei; eu lhe dizia: "Vamos meu Rivetzinho, faz isso por mim". Mas ele parecia exasperado e repetia-me na cara: "Eu estou por aqui—está ouvindo?—com o caso daquele porco do Morin!"

Vi-me obrigado a partir também. Foi um dos momentos mais duros da minha vida. Eu me sentia capaz de tratar daquele caso durante toda minha existência.

No vagão, após os enérgicos e mudos apertos de mão da despedida, eu disse a Rivet: "Você é um animal". Ele respondeu: "Meu bem, você começava a me irritar terrivelmente".

Ao chegar à redação do fanal, avistei uma multidão que nos esperava... Gritaram logo que nos viram: "E então, arranjam o caso daquele porco do Morin?"

Toda Rochelle estava agitada com aquilo. Rivet, cujo mau humor se dissipara no caminho, teve grande dificuldade em não rir, ao declarar: "Sim, está solucionado, graças a Labarbe".

E dirigimo-nos à casa de Morin.

Ele estava estendido numa poltrona, com cataplasmas nas pernas e compressas de água fria na cabeça, desfalecente de angústia. E tossia sem parar, com uma tossezinha de agonizante, sem que se soubesse de onde lhe viera aquilo. A sua mulher o olhava com uns olhos de tigresa prestes a devorá-lo.

Logo que nos viu, ele teve um tremor que lhe sacudia os punhos e os joelhos. Eu lhe disse: "Está arranjado, seu porco, mas não caia noutra".

Ele ergueu-se, sufocado, tomou-me as mãos, beijou-as como as de um príncipe, chorou, quase perdeu os sentidos, abraçou Rivet, abraçou até *Mme.* Morin, que o atirou num empurrão para sua poltrona.

Mas ele nunca se refez daquele golpe, pois o choque fora demasiado brutal.

Só o chamavam "o porco do Morin", e esse epíteto varava-o como uma espada cada vez que o ouvia.

Quando um garoto gritava na rua: "Porco", ele voltava a cabeça por instinto. Seus amigos o crivavam de gracejos horríveis, perguntando-lhe, cada vez que comiam presunto: "É do teu?"

Ele morreu dois anos mais tarde.

Quanto a mim, candidatando-me a deputado, em 1875, fui fazer uma visita política ao novo tabelião de Tousserre, M. Belloncle. Fui recebido por uma grande mulher, opulenta e bela.

— O senhor não me reconhece? — disse ela. Eu balbuciei: "Mas... não... madame".

— Henriette Tonnel.

— Ah! — E sentime empalidecer.

Ela parecia perfeitamente à vontade, e sorria, olhando-me.

Logo que ela me deixou a sós com o marido, este me tomou as mãos, apertando-as até estalarem: "Há muito tempo, meu caro senhor, que eu pretendia ir visitá-lo. A minha esposa tanto me falou no senhor! Eu sei... sim, eu sei em que dolorosa circunstância o senhor a conheceu, eu sei também como o senhor foi correto, cheio de delicadeza, de tato, de devotamento, no caso..." Ele hesitou, depois pronunciou em voz baixa, como se estivesse a dizer uma coisa feia: "... no caso daquele porco do Morin".

A PENSÃO TELLIER

I

Ia-se lá todas as noites, pelas onze horas, como ao café, simplesmente,

Lá se encontravam seis ou oito pessoas, sempre as mesmas. Não era gente desocupada, vadia, mas homens respeitáveis, comerciantes e rapazes da cidade. Tomavam licores e brincavam com as mulheres; ou conversavam seriamente com Madame, a quem todo o mundo respeitava.

Antes da meia-noite voltavam para casa. Algumas vezes os rapazes ficavam.

A casa tinha um aspecto familiar. Era pequena, pintada de amarelo e situada na esquina de uma rua atrás da igreja de Saint-Étienne. Das janelas divisava-se o estuário cheio de navios descarregando, o grande pantanal chamado Retenue e, atrás, a praia da Virgem, com sua velha capela cinzenta.

Madame, descendente de uma boa família de camponeses do Departamento de Eure, tinha aceitado aquela profissão tranqüilamente como teria sido modista ou comerciante de roupa branca. O preconceito da desonra inerente à prostituição, tão arraigado e vivo nas cidades, não existe na região normanda. O camponês diz "É um bom negócio". E manda sua filha manter um harém de mulheres como a mandaria dirigir um pensionato de meninas.

Aquela pensão, além disso, provinha, por herança, de um velho tio. Monsieur e Madame, outrora estalajadeiros nas imediações de

Yvetot, liquidaram imediatamente o negócio, julgando o de Fécamp mais vantajoso; e chegaram uma bela manhã para assumir a direção da empresa, que periclitava na ausência dos patrões.

Era um casal muito bom; e imediatamente conquistaram as graças do pessoal da casa e dos vizinhos.

Monsieur morreu dois anos depois, vítima de uma apoplexia. Sua nova profissão levava-o à ociosidade e à imobilidade, engordava muito e a boa vida o matara.

Madame, depois da viuvez, fora em vão cobiçada por todos os freqüentadores da casa; mas todos diziam que ela era muito séria, e as próprias pensionistas nunca descobriram nada a seu respeito.

Era alta, carnuda, apetitosa. Sua tez, empalidecida na obscuridade daquelas salas sempre fechadas, brilhava como sob um verniz. Uma leve franja de cabelos postiços e frisados dava-lhe um aspecto juvenil que destoava da maturidade de suas formas. Invariavelmente alegre e risonha, agradava a todos com um quê de recato que sua nova ocupação ainda não pudera destruir. Os nomes feios sempre a chocavam um pouco; e quando um rapaz mal-educado chamava pelo nome próprio o estabelecimento que ela dirigia, indignava-se, revoltada. Enfim, tinha a alma delicada e, se bem que tratasse suas mulheres como amigas, repetia sempre que elas "não eram vinho da mesma pipa".

Às vezes, durante a semana, saía em carro de aluguel com uma parte de sua troupe, e iam fazer piqueniques nas margens do riacho que corre aos fundos de Valmont. Divertiam-se como pensionistas em liberdade, e eram corridas loucas, jogos infantis, toda uma alegria de encarceradas bêbadas de ar livre. Comiam frios sobre a relva e bebiam cidra, e voltavam ao cair da noite com um cansaço delicioso, um suave enternecimento; e no carro abraçavam Madame como a uma mãe boníssima, cheia de doçura e de indulgência.

A pensão tinha duas entradas. Na esquina, à noite, abria-se uma espécie de café escuso, freqüentado por gente do povo e por marinheiros.

Duas das criaturas encarregadas do comércio especial do local eram particularmente escolhidas ao gosto dessa parte da clientela. Auxiliadas por um garçom chamado Frederico, um rapaz, loiro,

imberbe e forte como um boi, elas serviam os quartilhos de vinho e as canecas nas mesas de mármore branco e, com o braço ao redor do pescoço dos bebedores, sentavam-se ao colo deles, incitando-os à consumação.

As outras três mulheres (pois eram somente cinco) formavam uma espécie de aristocracia, e eram reservadas para os freqüentadores do primeiro andar, a menos que se tivesse necessidade delas embaixo e que o sobrado estivesse vazio.

O salão de Júpiter, onde se reuniam os burgueses do lugar, era forrado de papel azul e ornamentado com um grande desenho representando Leda estendida sob um cisne. Chegava-se a esse lugar por uma escada em cotovelo, que terminava em uma porta estreita, de aparência humilde, que dava para a rua. Acima da porta brilhava toda a noite uma lanterna semelhante àquelas que ainda hoje se acendem em certas cidades, aos pés das madonas engastadas nas paredes.

O edifício, úmido e velho, cheirava ligeiramente a mofo. Às vezes uma onda de perfume de Água de Colônia passava pelos corredores, ou então uma porta entreaberta embaixo fazia ecoar em toda a casa, como um ribombo de trovão, os gritos vulgares dos freqüentadores do andar térreo, provocando na fisionomia dos senhores do sobrado uma careta de inquietação e desagrado.

Madame, familiar com os clientes seus amigos, não deixava o salão, e se interessava pelas novas da cidade que eles lhe traziam. Sua conversação grave contrastava com o falatório inconseqüente das três mulheres; ela era como um repouso na brincadeira lasciva daqueles cidadãos barrigudos que se entregavam todas as noites a esse vício honesto e medíocre de beber um cálice de licor em companhia de mulheres públicas.

As três mulheres do sobrado chamavam-se Fernanda, Rafaela e Rosa Sonsa.

Como o número fosse restrito, cada uma delas era como uma amostra, um resumo de tipo feminino, a fim de que todo consumidor pudesse encontrar ali, aproximadamente, a objetivação do seu ideal.

Fernanda representava a beleza loira, alta, quase obesa, flácida, sardenta, e com os cabelos curtos, claros e descoloridos, semelhantes ao cânhamo fiado, cobrindo-lhe pouco a cabeça.

Rafaela, uma marselhesa, destroço dos portos de mar, desempenhava o papel indispensável de bela judia, magra, com as maçãs salientes emplastadas de ruge. Seus cabelos negros, untados de tutano de boi, formavam anéis nas têmporas. Seus olhos seriam bonitos se o direito não fosse marcado com uma mancha. Seu nariz arqueado caía sobre uma mandíbula acentuada, onde dois dentes novos, em cima, faziam contraste com os de baixo, que, por envelhecimento, tinham adquirido uma cor escura, como as madeiras antigas.

Rosa Sonsa, uma pequena bola de carne, toda em barriga, com pernas minúsculas, cantava da manhã à noite, com uma voz desafinada, canções às vezes picantes ou sentimentais; contava histórias intermináveis e insignificantes, não parava de falar senão para comer e só parava de comer para falar, agitando-se sempre, ágil como esquilo, malgrado a gordura e a exigüidade das patas; seu riso, uma cascata de gritos agudos, ouvia-se sem cessar, daqui, dali, num quarto, no café, no sótão, em toda a parte, a propósito de nada.

As duas mulheres do andar térreo—Luiza, apelidada de Cocote, e Flora, chamada Gangorra, porque manquejava um pouco; uma sempre vestida de Liberdade, com uma faixa tricolor, a outra, de espanhola, com moedas de cobre que dançavam nos seus cabelos cor de fogo a cada um de seus passos desiguais—tinham o aspecto de criadas de cozinha fantasiadas para um carnaval. Semelhantes a todas as mulheres do povo, nem mais feias nem mais bonitas, legítimas criadas de albergue, eram designadas no porto pela alcunha de "as duas jóias".

Uma paz ciumenta, mas raramente perturbada, reinava entre as cinco mulheres, graças à sabedoria conciliante de Madame e a seu inesgotável bom humor.

O estabelecimento, único na pequena cidade, era assiduamente freqüentado. Madame soubera dar a ele uma apropriada decência; mostrava-se tão amável, tão solícita com todos; seu bom coração era tão conhecido, que a cercava uma espécie de consideração. Os

freqüentadores faziam despesas com Madame, exultavam quando ela lhes demonstrava uma amizade mais acentuada; e, quando se encontravam durante o dia, a negócios, diziam uns aos outros: "Até à noite, no lugar de costume", como se dissessem: "No café, não é? depois do jantar".

Enfim, a Pensão Tellier era um refúgio, e raramente alguém faltava à reunião cotidiana.

Mas uma noite, em fins de maio, o primeiro a chegar, o Sr. Poulin, comerciante de madeiras e ex-prefeito, encontrou a porta fechada. A pequena lanterna estava apagada, nenhum ruído saía da casa, que parecia morta. Bateu, de início levemente, depois com mais força; ninguém respondeu. Então ele voltou pela rua vagarosamente e, quando se aproximava da praça do Mercado, encontrou-se com o Sr. Duvert, o armador, que se dirigia para o mesmo destino. Voltaram juntos mas não obtiveram nenhum resultado. Subitamente ouviram um grande ruído muito próximo e, contornando a casa, viram um ajuntamento de marinheiros ingleses e franceses que batiam aos socos nos postigos fechados do café.

Os dois burgueses fugiram de imediato para não se comprometerem; mas um leve "psiu!" os deteve: era o Sr. Tournevau, o salgador de peixes, que, tendo-os reconhecido, os chamara. Eles lhe contaram a novidade e ele ficou aborrecidíssimo, tanto mais que, além de ser casado e muito vigiado, não ia lá senão aos sábados, securitatis causa, explicava, aludindo a uma medida da polícia sanitária, da qual o Dr. Borde, seu amigo, lhe havia revelado as atividades. Era justamente a sua noite, e ele ia assim ficar privado por toda a semana.

Os três homens deram uma grande volta até o cais, encontrando no caminho o jovem Felipe, filho do banqueiro, um habitue, e o Sr. Pimpesse, o cobrador de impostos. Todos juntos voltaram pela rua "dos Judeus", para uma última tentativa. Mas os marinheiros, exasperados, tinham cercado a casa e atiravam pedras, gritando; e os cinco clientes do primeiro andar, fazendo a volta o mais depressa possível, puseram-se a vaguear pelas ruas.

Encontraram ainda o Sr. Dupuis, agente de seguros, e o Sr. Vasse, juiz do Tribunal do Comércio; e começou um longo passeio

que os conduziu ao dique. Sentaram-se todos em linha na amurada, olhando o movimento da água. A espuma na crista das ondas punha na sombra brancuras luminosas, que se extinguíam e mal apareciam, e o ruído monótono do mar, quebrando-se contra os rochedos, prolongava-se noite adentro ao longo da costa.

Pouco tempo depois de terem chegado, o Sr. Tournevau exclamou:

— Isso não é nada divertido.

— Não, de nenhuma forma—respondeu o Sr. Pimpesse. E voltaram a passo lento. Antes de terem percorrido a

rua que circunda a costa e que chamam de Sous-le-bois, voltaram pela ponte de madeira sobre a Retenue, passaram pela estrada de ferro e desembocaram novamente na praça do Mercado. Aí começou uma discussão entre o cobrador de impostos, Sr. Pimpesse, e o salgador, Sr. Tournevau, a respeito de um cogumelo comestível que um deles afirmava ter encontrado nas redondezas.

Como estivessem irritados pela contrariedade, teriam chegado a vias de fato se os outros não se interpusessem. O Sr. Pimpesse, furioso, retirou-se; e logo depois uma nova altercação surgiu entre o antigo prefeito, Sr. Paulin, e o agente de seguros, Sr. Dupuis, a respeito do ordenado do cobrador de impostos e dos benefícios que ele podia fruir. As frases injuriosas choviam dos dois lados, quando se ouviu uma tempestade de gritos; e o grupo dos marinheiros, cansados de esperar em frente de uma casa fechada, desembocou na praça. Vinham de braços dados, dois a dois, formando uma comprida procissão, e vociferavam com fúria.

O grupo de burgueses escondeu-se em um corredor, e a horda bramante desapareceu na direção da abadia. Por longo tempo ainda se ouviu o clamor diminuindo, como uma tempestade que se distancia; e o silêncio se restabeleceu.

Poulin e Dupuis, furiosos um com o outro, foram embora, cada um para o seu lado, sem se despedirem.

Os quatro restantes se puseram em marcha e, instintivamente, encaminharam-se para a Pensão Tellier. Continuava fechada, muda, impenetrável. Um bêbado, calmo e obstinado, batia na porta do café, e depois parava para chamar a meia-voz o garçom Frederico.

Vendo que não lhe respondiam, tomou o partido de sentar-se na soleira da porta para aguardar os acontecimentos.

Iam os burgueses retirar-se quando o bando tumultuoso dos embarcações surgiu novamente no fim da rua. Os marinheiros franceses cantavam a Marselhesa, os ingleses a Rule Britannia. Ouviu-se um barulho de pontapés nas paredes, e a horda dos brutos voltou para o cais, onde se travou uma batalha entre os marinheiros das duas nações. Na rixa, um inglês teve um braço quebrado, e um francês o nariz arrebitado.

O bêbado, que continuava sentado na porta, chorava como choram os borrachos ou as crianças contrariadas.

Os burgueses enfim se dispersaram.

Pouco a pouco a calma recaiu sobre a cidade perturbada. Num lugar ou noutro, ainda por instantes, um ruído de vozes se elevava, depois se extinguia na distância. Somente um homem continuava a caminhar, o Sr. Tournevau, o salgador, desolado por ter de esperar pelo próximo sábado; e ele esperava sabe lá que acaso, sem compreender, indignado com a polícia, por deixar que fechassem um estabelecimento de utilidade pública que ela própria vigia e mantém sob sua guarda.

Voltou contemplando as paredes, em busca de uma razão que explicasse o fechamento, e enxergou um pequeno cartaz afixado no alpendre. Riscou depressa um fósforo e leu estas palavras, traçadas com uma enorme letra desigual: Fechado por motivo de primeira comunhão.

Afastou-se, então, compreendendo que nada mais tinha a fazer.

O bêbado dormia, estendido por inteiro na soleira da porta inóspita.

E no dia seguinte todos os habitues, um após outro, passaram na rua segurando papéis para fingirem serviço, e, com um olhar furtivo, cada qual lia o aviso misterioso: Fechado por motivo de primeira comunhão.

II

É que Madame tinha um irmão estabelecido com marcenaria em seu torrão natal. Virville, no Eure. No tempo em que Madame era ainda alberguista em Yvetot, tinha batizado a filha desse irmão, a quem dera o nome de Constança, Constança Rivet; sendo que ela também, pelo lado paterno, era uma Rivet. O marceneiro, que sabia da boa situação de sua irmã, não a perdia de vista, apesar de se verem raramente, retidos ambos por suas ocupações e ainda porque residiam longe um do outro. Mas como a menina completava doze anos de idade e ia fazer a sua primeira comunhão, ele achou que devia aproveitar a oportunidade para uma aproximação e escreveu à irmã, convidando-a para a cerimônia. Os avós da menina estavam mortos, e ela não poderia se recusar a assistir sua afilhada; aceitou. O irmão, que se chamava José, esperava que, sendo atencioso, talvez conseguisse que ela fizesse testamento em favor da pequena, pois Madame não tinha filhos.

A profissão da irmã não lhe feria os escrúpulos e, além disso, ninguém na região sabia nada a respeito. Quando falavam nela, diziam simplesmente: "Mme. Tellier é uma proprietária de Fécamp", o que fazia supor que ela podia viver de suas rendas. De Fécamp a Virville a distância era de mais ou menos cento e vinte quilômetros; e cento e vinte quilômetros de terra são para um camponês mais difíceis de atravessar do que o oceano para um civilizado. Os habitantes de Virville não tinham jamais ultrapassado Ruão; de Fécamp não vinha ninguém para uma vila de apenas quinhentas casas, perdidas no meio da planície e pertencente a outro Departamento. Enfim, ninguém sabia nada.

Ao aproximar-se a época da comunhão, Madame viu-se muito embaraçada. Não tinha gerente, e não se arriscava a abandonar o estabelecimento, mesmo que fosse só por um dia. Todas as rivalidades entre mulheres de cima e as de baixo explodiriam

infalivelmente; além disso, Frederico sem dúvida se embriagara e, quando estava tonto, agredia as pessoas por dá cá aquela palha. Finalmente, ela se decidiu a levar todo o seu pessoal consigo, exceto o garçom, que ficaria livre até o regresso geral.

O irmão foi consultado e não opôs nenhuma objeção, encarregando-se de alojar todas por uma noite. Por isso, no sábado de manhã, o trem expresso das oito horas levava Madame e suas companheiras em um vagão de segunda classe.

Até Beuzeville viajaram sozinhas, tagarelando como caturritas. Mas nessa estação embarcou um casal. O homem, um velho camponês, de blusa azul com cabeção pregueado, mangas largas apertadas nos punhos e ornadas de um bordado branco, com um chapéu de copa alta cujo pêlo parecia arrepiado, tinha em uma das mãos um enorme guarda-chuva verde e na outra um vasto balaio, que deixava passar as cabeças espantadas de três patos. A mulher, direita na sua vestimenta rústica, tinha uma cara de galinha, com um nariz pontudo como um bico. Ela sentou-se na frente de seu homem e ficou imóvel, constrangida por se encontrar em meio a uma sociedade tão fina.

Havia, com efeito, no vagão, um deslumbramento de cores vivas. Madame, toda de azul, da cabeça aos pés, levava nos ombros um xale imitação de cachemira, vermelho, espantado, fulgurante. Fernanda ofegava em um traje escocês cujo corpete, apertado com toda a força por suas companheiras, suspendia seus seios caídos, dando a impressão de duas cúpulas gelatinosas.

Rafaela, com um chapéu de plumas simulando um ninho cheio de pássaros, vestia uma toailete lilás, com lentejoulas douradas, qualquer coisa de oriental que ia bem com seu semblante de judia. Rosa Sonsa, com uma saia rosa de grandes babados, tinha o ar de uma criança muito gorda, de uma anã obesa; e "as duas jóias" pareciam ter se vestido com cortinas velhas, com aquelas cortinas de ramagens que eram usadas na Restauração.

Logo que houve gente estranha no compartimento, elas tomaram uma atitude séria e começaram a falar de coisas importantes, para causar boa impressão. Mas em Bolbec embarcou um senhor de suíças loiras, com anéis e com uma corrente de ouro,

que colocou na rede existente acima do seu banco uma porção de pacotes embrulhados em tela encerada. Ele tinha um ar jocoso e bonachão. Cumprimentou, sorriu, e perguntou com naturalidade: "Essas moças estão mudando de guarnição?" Essa pergunta lançou o grupo numa confusão embaraçosa. Madame, enfim, dominou-se, e respondeu secamente, para vingar a honra da corporação: "O senhor bem podia ser delicado!" Ele desculpou-se: "Perdão, eu queria dizer de convento". Madame, não achando o que responder, ou talvez julgando a retificação suficiente, fez um cumprimento digno, apertando os lábios.

Então o viajante, que se tinha sentado entre Rosa Sonsa e o velho camponês, começou a piscar o olho para os três patos, cujas cabeças saíam fora do balaio; depois, quando percebeu que começava a cativar o seu público, começou a fazer cócegas embaixo do bico dos animais, lamentando-se como se fosse eles: "Nós deixamos nossa lagoinha! cuá! cuá! cuá! — para conhecer o espeto! — cuá! cuá! Cuá!" Os pobres animais sacudiam o pescoço a fim de evitar as carícias, fazendo esforços tremendos para sair de sua prisão de vime; subitamente, porém, os três, em coro, lançaram um lamentável grito de protesto:—Cuá! cuá! cuá! cuá!—As mulheres explodiram em risos. Inclonavam-se, acotovelavam-se para ver melhor, todas se interessavam loucamente pelos patos. O viajante redobrou os gracejos, os ditos e as macaquices.

Rosa aderiu ao brinquedo e, debruçando-se sobre as pernas de seu vizinho, beijou os três animais no bico." Todas as mulheres logo quiseram fazer o mesmo; e o viajante sentava-as em seus joelhos, fazia-as saltar, beliscava-as; imediatamente começou a tratá-las com intimidade.

Os camponeses, mais furiosos do que as suas aves, reviravam uns olhos de possessos, sem animar-se a fazer um gesto, e suas caras enrugadas não esboçavam nenhum sorriso, nenhum movimento.

O alegre passageiro, que era caixeiro-viajante, por graça ofereceu suspensórios às mulheres, e, tomando um de seus pacotes, abriu-o. Era uma brincadeira, o pacote continha ligas.

Havia ligas de seda azul, de seda cor-de-rosa, de seda encarnada, de seda violeta, de seda malva, de seda sulferina, com fechos de metal formados por dois cupidos enlaçados e dourados. As raparigas soltaram gritos de alegria, e puseram-se a examinar as amostras, com a atenção natural a toda mulher que examina um objeto de toalete. Consultavam-se com olhares ou com cochichos, e Madame examinava com inveja um par de ligas cor de laranja, mais largas, mais imponentes que as outras: verdadeiras ligas de matrona.

O viajante esperava, acariciando uma idéia: "Vamos, minhas galinhas", disse ele, "experimentem-nas". Foi uma chuva de exclamações; e apertavam as saias entre as pernas, como se temessem ser violentadas. Ele, tranqüilo, esperava a sua hora. Declarou-lhes: "Se não querem, eu torno a guardá-las". E depois, delicadamente: "Eu ofereço um par, a escolher, àquelas que experimentarem". Mas elas não aceitavam, e permaneciam sérias, empertigadas, dignas.

As "duas jóias", entretanto, pareciam tão desoladas, que ele renovou a proposta. Flora Gangorra, sobretudo, torturada de desejo, estava visivelmente hesitante. Ele tentou-a: "Vamos, pequena, um pouco de coragem; olha, o par lilás, ele irá bem com a sua toalete". Ela então se decidiu e, levantando o vestido, mostrou uma perna forte de vaqueira, mal apertada em uma meia grossa. O homem, baixando-se, afivelou a liga primeiro para baixo do joelho, depois acima; e distendia o elástico e soltava-o, fazendo a rapariga estremecer e dar gritinhos. Quando terminou, ofereceu-lhe o par lilás e perguntou: "Quem mais quer experimentar?" Todas exclamaram a um tempo: "Eu! eu!" Começou por Rosa Sonsa, que descobriu uma coisa informe, cilíndrica, sem tornozelo, uma verdadeira "salsicha", como lhe chamava Rafaela. Fernanda foi elogiada pelo caixeiro-viajante, que ficou entusiasmado com suas possantes colunas. Às magras tíbias da bela judia tiveram menos sucesso. Luiza Cocote, por brincadeira, cobriu a cabeça do viajante com a sua saia e Madame teve de intervir para terminar com essa farsa inconveniente. Por fim a própria Madame estendeu a perna, uma bela perna normanda, gorda e musculosa, e o ofertante,

surpreendido e arrebatado, tirou galantemente o chapéu para saudar aquela notável barriga de perna, como um autêntico cavalheiro francês.

Os dois camponeses, hirtos de pasmo, olhavam de soslaio; e tanto se pareciam com galinhas que o homem de suíças loiras, ao levantar-se, cantou-lhes na cara: "Co-co-rocó". O que desencadeou novamente uma tempestade de gargalhadas.

Os velhos desceram em Motteville, com seus balaios, seus patos e seu guarda-chuva; e ouviu-se a mulher dizer ao seu homem, ao afastarem-se: "São umas perdidas, que vão para essa excomungada Paris".

O divertido caixeiro-viajante desembarcou em Ruão, depois de haver-se mostrado tão inconveniente, que Madame se viu obrigada a chamá-lo à ordem, asperamente. Ela acrescentou, à guisa de moral: "Isso nos ensinará a não conversar com qualquer pessoa".

Em Oissel elas mudaram de trem e, na estação seguinte, encontraram o sr. José Rivet com uma charrete cheia de cadeiras e atrelada com um cavalo branco.

O marceneiro abraçou delicadamente cada uma das mulheres e as ajudou a subir na carriola. Três sentaram-se nas três cadeiras do fundo; Rafaela, Madame e o irmão, sobre as três cadeiras da frente; e Rosa, como não houvesse cadeira, acomodou-se como pôde sobre os joelhos de Fernanda. Em seguida puseram-se a caminho. O trote do cavalo sacudia a viatura de tal forma que as cadeiras começaram a dançar, jogando as viajantes para cima, para a direita, para a esquerda, com movimentos de fantoches, caras assustadas, gritos de medo; cortados de súbito por uma sacudidela mais forte. Elas se agarravam aos lados do veículo; os chapéus caíam na nuca, sobre o nariz, ou para as espáduas; e o cavalo branco trotava sempre, espichando o pescoço, e o rabo reto, um pequeno rabo de rato, pelado, com o qual batia nas nádegas de tempos em tempos. José Rivet, com um pé sobre o varal, a outra perna encolhida, os cotovelos erguidos, segurava as rédeas, e da garganta lhe escapava a todo instante um ruído esquisito que, fazendo levantar as orelhas do cavalo, lhe acelerava a marcha.

Dos dois lados da estrada estendia-se a campina verde. Os canteiros de colza, aqui e ali, pareciam enormes toalhas amarelas, donde se elevava um cheiro agradável e penetrante, que o vento transportava à distância. Nas plantações de centeio, já amadurecidas, as centáureas mostravam suas cabeças azuladas, despertando a atenção das mulheres, que quiseram colhê-las, mas Rivet recusou-se a parar.

Às vezes o campo parecia vaporizado com sangue, tamanho era o número de papoulas que nele floresciam. E no meio dessas campinas assim coloridas pelas flores agrestes, a carriola, que parecia também transportar um ramo de flores de um colorido mais vivo, passava, ao trote do cavalo branco, desaparecia atrás das árvores de uma propriedade, para reaparecer no fim das folhagens e passear de novo, através dos tabuleiros amarelos e verdes, pontilhados de vermelho ou de azul, aquela espalhafatosa carga de mulheres, que fulgia sob o sol.

Soava uma hora quando chegaram diante da casa do marceneiro.

Elas estavam mortas de cansaço e pálidas de fome, pois não tinham comido nada desde o embarque.

Mme. Rivet precipitou-se, auxiliou-as a descer, e abraçou-as; e não se cansava de beijocar sua cunhada, a quem desejava agradar. Fizeram a refeição na oficina, donde tinham sido retirados os bancos de carpintaria para o jantar do dia seguinte.

Uma ótima omelete, a que se seguiu uma lingüiça frita, regada com cidra picante, restituiu a alegria a todos. Rivet, para beber à saúde, tinha apanhado um copo, e sua mulher servia, cozinhava, trazia os pratos, levava-os, perguntando ao ouvido de cada uma: "Está do seu gosto?" Uma pilha de madeiras encostada às paredes e os cavacos amontoados pelos cantos desprendiam um perfume de madeira cepilhada, um cheiro de marcenaria, esse ar resinoso que penetra no fundo dos pulmões.

Reclamaram a presença da pequena, mas esta se achava na igreja e só voltaria à tarde.

Saíram, então, para dar uma volta pelas redondezas.

Era uma vila pequena, atravessada por uma larga estrada. Uma dúzia de casas alinhadas ao longo dessa via única abrigava os

comerciantes do lugar, o açougueiro, o merceeiro, o botequineiro, o sapateiro e o padeiro. A igreja, situada ao fim daquela espécie de rua, era cercada por um pequeno cemitério; e quatro tílias enormes, plantadas diante do adro, cobriam-na toda de sombra. Era construída de sílex talhado, sem preocupações de estilo, e encimada por um campanário de ardósia. Adiante recomeçava o campo, cortado aqui e ali de renques de árvores que ocultavam as propriedades.

Rivet, por cerimônia, apesar de estar em vestes de operário, tinha dado o braço à irmã, conduzindo-a com imponência. Sua mulher, deslumbrada com o vestido lantejoulante de Rafaela, tinha se colocado entre esta e Fernanda. Rosa caminhava atrás com Luiza Cocote e Flora Gangorra, que manquejava, extenuada.

Os habitantes vinham para as portas, as crianças paravam de brincar, uma cortina levantada deixava entrever uma cabeça coberta por um turbante; uma velha de muletas e quase cega fez o sinal da cruz, como diante de uma procissão; e todos ficavam por muito tempo a olhar aquelas lindas damas da cidade, que tinham vindo de tão longe para assistir à primeira comunhão da filhinha de José Rivet. Uma enorme consideração aureolava o marceneiro.

Ao passar diante da igreja, ouviram o canto das crianças: um canto lançado para os céus por vozinhas agudas; mas Madame impediu que elas entrassem, para não perturbarem aqueles querubins.

Depois de uma volta pelos campos, e da enumeração das principais propriedades, do rendimento da terra e da produção do gado, José Rivet regressou com a sua caravana de mulheres e instalou-as em sua casa.

Como a casa fosse muito pequena, foram alojadas duas em cada quarto.

Rivet dormiria na oficina, sobre as pilhas de madeira; sua mulher partilharia o leito com a cunhada e, no quarto ao lado, dormiriam juntas Fernanda e Rafaela. Luiza e Flora foram instaladas na cozinha, onde haviam posto um colchão por terra, e Rosa ocupou sozinha um quartinho sem luz no cimo da escada,

junto da entrada do sótão estreito onde dormiria, naquela noite, a comungante.

Quando a menina chegou, caiu sobre ela uma chuva de beijos; as mulheres todas queriam acariciá-la, com aquele impulso de expansões ternas, aquele hábito profissional de carinhos, que, no vagão, as havia feito beijar os patos. Cada uma delas sentou-a no colo, acariciou-lhe os finos cabelos loiros, apertou-a nos braços num arrebatamento de afeição veemente e espontâneo. A criança, toda imbuída de piedade, como se estivesse encouraçada pela absolvição, tudo sofria, paciente e recolhida.

Como o dia tinha sido muito trabalhoso para todos, deitaram-se logo em seguida ao jantar. O silêncio infinito dos campos, que parece quase religioso, envolvia a pequena vila, um silêncio tranqüilo, penetrante, e vasto até os astros. As mulheres, acostumadas às noitadas tumultuosas da casa pública, sentiam-se perturbadas com aquele mudo repouso do campo adormecido. Sentiam arrepios na pele, não de frio, mas arrepios de solidão, vindos do coração inquieto e emocionado. Assim que se viram deitadas, duas a duas, estreitaram-se, como para defender-se contra aquela invasão do calmo e profundo sono da terra. Mas Rosa Sonsa, sozinha em seu cubículo sem luz, pouco afeita a dormir com os braços vazios, sentiu-se tomada por uma emoção vaga e penosa. Revirava-se na cama, incapaz de conciliar o sono, quando ouviu, por trás da divisão de tábua junto à sua cabeça, uns soluços abafados como se uma criança chorasse. Assustada, ela chamou baixinho, e uma vozinha entrecortada lhe respondeu. Era a garotinha, que, acostumada a dormir no quarto da mãe, sentia medo de estar sozinha no sótão estreito.

Rosa, encantada, levantou-se e, docemente, para não acordar ninguém, foi buscar a criança. Trouxe-a para o seu leito aquecido, aconchegou-a contra o peito, beijando-a, ninoua, envolveu-se em suas exageradas manifestações de ternura e, acalmando-se a si mesma, adormeceu. E até o romper do dia a comungante repousou a cabeça no seio nu da prostituta.

Desde as cinco horas, ao *Ãngelus*, o pequeno sino da igreja, repicando a toda, acordou aquelas mulheres, que dormiam

ordinariamente durante toda a manhã, único repouso das fadigas noturnas. Os camponeses da vila já estavam levantados. Mulheres, animadas, iam alegremente de porta em porta, entregando, com cautela, curtos vestidos de musselina engomados como cartões, ou círios enormes, com um laço de seda franjada de ouro no meio, e com recortes na cera, indicando o lugar da mão. O sol já alto brilhava num céu todo azul, que guardava ainda no horizonte uns tons rosados, como um matiz enfraquecido da aurora. Ninhadas de pintos passavam diante das casas; e, de tempos em tempos, um galo negro de pescoço luzidio erguia a cabeça ornada de púrpura, batia as asas, e lançava ao ar o seu canto de cobre, que era repetido pelos outros galos.

Carriolas chegavam das comunas vizinhas, desembarcando nas portas as corpulentas normandas de trajes sombrios, com xales cruzados sobre o peito e presos por um broche de prata secular. Os homens tinham vestido a blusa azul sobre o redingote novo ou sobre o velho casaco de pano verde, cujas abas se entremostravam.

Quando os cavalos foram acomodados nas cocheiras, ficou ao longo da estrada uma dupla fileira de carros rústicos, carriolas, cabriolés, tílburis, carros de banco, viaturas de toda espécie e de todas as idades, apoiados sobre os varais ou com a parte traseira no chão e as lanças apontadas para o céu.

A casa do marceneiro estava cheia de uma atividade de colméia. As mulheres, de corpinho e saiote, os cabelos caídos sobre os ombros, cabelos ralos e curtos que pareciam desbotados e puídos pelo uso, ocupavam-se em vestir a menina.

De pé em cima de uma mesa, ela não se mexia, enquanto *Mme. Tellier* dirigia os movimentos de seu esquadrão volante. Lavaram-lhe o rosto, pentearam-na, vestiram-na e, com o auxílio de uma infinidade de alfinetes, preguearam o tecido, ajustaram-no e deram-lhe um toque de elegância. Quando terminaram, fizeram sentar a paciente, recomendando-lhe que não se movesse; e o grupo agitado das mulheres correu para se preparar.

O sino recomeçava a repicar. Seu frágil bimbalar de sino pobre perdia-se através do céu, como uma voz muito fraca, logo afogada na imensidade azul.

As comungantes saíam das casas e dirigiam-se para o edifício comunal, que comportava as duas escolas e a prefeitura, situado numa extremidade da vila, ao passo que a "casa de Deus" ocupava o outro extremo.

Os pais, em trajes de festa, com uma fisionomia contrafeita e os movimentos desajeitados dos corpos sempre curvados sobre o trabalho, seguiam os seus rebentos. As meninas desapareciam em uma nuvem de tule semelhante a nata batida, ao passo que os homenzinhos, como uns embriões de garçom, com os cabelos colados de brilhantina, caminhavam de pernas afastadas, para não machucar as calças pretas.

Era uma glória para uma família quando um grande número de parentes, vindos de longe, cercavam a criança: assim, o triunfo do marceneiro foi completo. O regimento Tellier, com Madame à frente, acompanhava Constança e o pai de braço com a irmã, a mãe caminhando ao lado de Rafaela, Fernanda com Rosa, e as "duas jóias" de braço, a troupe desfilava majestosamente como um estado-maior em uniforme de gala.

O efeito na vila foi fulminante.

Na escola, as meninas entraram em formatura sob o comando da freira; os rapazes, sob o do mestre-escola, um belo homem de muita representação; e puseram-se a caminho, entoando um cântico.

Os rapazes na frente, as meninas atrás, caminhavam em duas filas entre os dois renques de veículos desatrelados; e como todos os habitantes davam passagem, por consideração, às damas da cidade, elas vinham imediatamente atrás das meninas, prolongando ainda a dupla linha da procissão, três à esquerda e três à direita, com suas toaletes vistosas como um buquê de fogos de artifício.

A entrada na igreja foi um sucesso absoluto. Todos se apertavam, se voltavam, se espichavam para ver aquelas que tinham vindo da cidade. E as devotas cochichavam quase alto, estupefatas ante o espetáculo daquelas damas mais enfeitadas e vistosas do que os paramentos dos cantores. O prefeito ofereceu seu banco, o primeiro banco à direita junto do coro, e Madame Tellier sentou-se

em companhia de sua cunhada, Fernanda e Rafaela. Rosa Sonsa e as "duas jóias" ocuparam o segundo banco em companhia do marceneiro.

O coro da igreja estava cheio de crianças ajoelhadas, meninas de um lado, rapazes do outro, e os longos círios que tinham nas mãos pareciam lanças inclinadas em todas as direções.

Diante da estante, três homens, de pé, cantavam a plenos pulmões. Prolongavam indefinidamente as sílabas do latim sonoro, eternizando os Amém com as infundáveis, que o fagote sustentava com sua nota monótona, mugida pelo instrumento de cobre. A voz aguda de uma criança dava a réplica e, de tempos em tempos, um padre sentado numa cadeira e coberto com um barrete quadrado levantava-se, balbuciava qualquer coisa e sentava-se de novo, ao passo que os três cantores recomeçavam, os olhos fixos sobre o enorme livro de cantochão aberto diante deles e sustentado pelas asas abertas de uma águia de madeira montada sobre uma coluna.

Depois fez-se silêncio. Toda a assistência, com um só movimento, se pôs de joelhos, e o oficiante apareceu, velho, venerando, de cabelos brancos, inclinado sobre o cálice, que segurava com a mão esquerda. À sua frente caminhavam os dois sacristães, vestidos de encarnado, e atrás surgiu uma enorme quantidade de cantores de sapatos grosseiros e que se alinharam dos dois lados do coro.

Uma sineta tilintou no meio do grande silêncio. Iniciava-se o ofício divino. O padre movimentava-se lentamente diante do tabernáculo dourado, fazia genuflexões, salmodiava com sua voz apagada, trêmula de velhice, as preces preparatórias.

Assim que ele se calava, todos os cantores e o fagote rompiam em coro, e homens também cantavam na igreja com uma voz menos forte, mais humilde, como devem cantar os assistentes.

Súbito o Kyrie eleison jorrou para o céu, erguido por todos os peitos e todos os corações. Grãos de poeira e partículas de madeira carunchosa chegaram a cair da velha abóbada abalada por essa explosão de vozes. O sol, que tombava sobre as ardósias do telhado, fazia da igreja uma pequena fornalha; e uma grande emoção, uma

espera ansiosa, a aproximação do inefável mistério, oprimia o coração das crianças, estrangulava a garganta das mães.

O padre, que estivera sentado algum tempo, voltou para o altar e, de cabeça nua, coberta pelos cabelos de prata, com gestos trêmulos, aproximava-se do ato sobrenatural.

Voltou-se para os fiéis e, com as mãos estendidas para eles, exclamou: "Orate, frates, orai, irmãos". Todos rezaram. O velho sacerdote balbuciava baixinho as palavras misteriosas e supremas; a sineta batia continuamente; a multidão, ajoelhada, invocava Deus; as crianças desfaleciam de uma ansiedade indizível.

Foi então que Rosa, com o rosto entre as mãos, se lembrou de repente de sua mãe, da igreja de sua aldeia, de sua primeira comunhão. Parecia-lhe ter voltado àquele dia, quando ela era tão pequenina, toda afogada em seu traje branco, e começou a chorar. Chorou suavemente a princípio; as lágrimas escorriam lentamente de seus olhos; depois, com o desfile de suas recordações, a emoção aumentou e, com a garganta oprimida, o coração aos saltos, entrou a soluçar. Tirara o lenço e enxugava os olhos, tapava o nariz e a boca para não gritar: tudo em vão; uma espécie de estertor saiu-lhe da garganta, e dois outros suspiros profundos, lancinantes, lhe responderam; porque suas duas vizinhas, ajoelhadas ao seu lado, Luzia e Flora, presas das mesmas remotas recordações, afogavam-se também em torrentes de lágrimas.

Mas como as lágrimas são contagiosas, Madame, por sua vez, sentiu os olhos úmidos e, voltando-se para a cunhada, viu que todo o seu banco também chorava.

O sacerdote engendrava o corpo de Deus. As crianças não tinham mais pensamento, presas às lajes por uma ardente devoção, e, na igreja, aqui e ali, uma mulher, uma mãe, uma irmã, dominada pela estranha simpatia das emoções pungentes, perturbada também por aquelas belas damas de joelhos, sacudidas de estremecimentos e de soluços, umedeciam os lenços, e com a mão esquerda comprimiam violentamente o coração palpitante.

Como a fagulha que atea fogo num campo seco, as lágrimas de Rosa e suas companheiras alcançaram num instante todos os fiéis. Homens, mulheres, velhos, rapazes de blusa nova, todos em breve

soluçavam, e sobre as cabeças parecia pairar qualquer coisa de sobre-humano, uma alma espargida, o prodigioso sopro de um ser invisível e todo-poderoso.

Então, no coro da igreja, ouviu-se um pequeno golpe seco: a freira, batendo sobre o seu livro, dava o sinal da comunhão; e as crianças, ardendo numa febre divina, aproximaram-se da mesa da comunhão.

Uma fila inteira ajoelhou-se. O velho sacerdote, segurando o cibório de prata dourada, passou diante deles, oferecendo-lhes, entre dois dedos, a hóstia sagrada, o corpo de Cristo, a redenção do mundo. As crianças abriam a boca em espasmos, com contrações nervosas, os olhos cerrados, as faces pálidas; e a comprida toalha estendida sob seus queixos estremecia como água corrente.

De súbito percorreu a igreja uma espécie de loucura, um rumor de multidão em delírio, uma tempestade de soluços com gritos abafados. Passou como essas rajadas de vento que curvam as florestas; e o sacerdote permanecia de pé, imóvel, uma hóstia entre os dedos, paralisado pela emoção, dizendo para si mesmo: "É Deus, é Deus, que está entre nós, que manifesta a sua presença, que desce, ao meu apelo, sobre o seu povo ajoelhado". E balbuciava preces desconexas, sem atinar com as palavras, preces vindas da alma, arrojadas diretamente para o céu.

Terminou de dar a comunhão em tal estado de superexcitação de fé que suas pernas fraquejavam e, quando bebeu o sangue do Senhor, abismou-se em um ato de profunda gratidão.

'Atrás dele o povo pouco a pouco se acalmava. Os cantores, de pé, na dignidade das vestes brancas, recomeçavam com uma voz menos segura, ainda úmida; e o fagote também parecia rouco, como se o próprio instrumento também tivesse chorado.

O sacerdote, levantando as mãos, fez sinal para que se calassem e, passando entre as duas alas de comungantes perdidas em êxtases de felicidade, aproximou-se da balaustrada do coro.

A assembléia sentara-se com um enorme ruído de cadeiras, e todos agora se assoavam com força. Assim que viram o sacerdote, fez-se silêncio; e ele começou a falar em um tom baixo, hesitante, velado:

— Meus queridos irmãos, minhas queridas irmãs, meus filhos, eu vos agradeço a todos do fundo do coração; vós acabais de dar-me a maior alegria da minha vida. Eu senti Deus descer sobre vós ao meu apelo. Ele veio, ele esteve aqui presente, ocupando vossas almas, fazendo transbordar vossos olhos. Eu sou o padre mais velho da diocese, e sou, também, hoje, o mais feliz. Um milagre aconteceu aqui, um verdadeiro, um grande, um sublime milagre. Enquanto Jesus Cristo penetrava pela primeira vez nos corpos desses inocentes, o Espírito Santo, o pássaro celeste, o sopro de Deus, se abateu sobre vós, apoderou-se de vós, curvando como as roseiras sob a brisa.

Depois com uma voz mais clara, dirigindo-se para os dois bancos onde se encontravam as convidadas do marceneiro:

— Obrigado principalmente a vós, minhas queridas irmãs, que viestes de tão longe, e cuja presença entre nós, cuja fé visível, cuja piedade tão viva foram para todos um exemplo salutar. Vós sois a edificação da minha paróquia; vossa emoção inflamou os corações; sem vós, talvez, este grande dia não teria tido esse caráter verdadeiramente divino. É suficiente às vezes uma só ovelha escolhida para decidir o Senhor a descer sobre o rebanho.

Faltava-lhe a voz. Acrescentou:

— É a graça que eu vos desejo. Assim seja.—E voltou para o altar a fim de terminar o ofício.

Todos estavam agora com pressa de sair. As próprias crianças agitavam-se, cansadas por tão longa tensão de espírito. Além disso estavam com fome, e seus pais pouco a pouco iam saindo, sem esperar o último evangelho, para terminarem os preparativos do almoço.

Foi uma bagunça na saída, uma gritaria, uma algazarra de vozes, onde sobressaía o sotaque normando. A população formou duas alas e, quando as crianças apareceram, cada família se precipitou para a sua.

Constança foi cercada, abraçada, beijada por todo o mulhierio. Rosa, sobretudo, não se cansava de abraçá-la. Por fim segurou-lhe uma das mãos; *Mme.* Tellier apoderou-se da outra; Rafaela e Fernanda ergueram-lhe a longa saia de musselina para que não

arrastasse na poeira; Luiza e Flora fechavam a marcha com *Mme. Rivet*; e a menina, em recolhimento, toda penetrada pelo Deus que trazia em si, pôs-se a caminho no meio daquela guarda de honra.

O banquete foi servido na oficina, sobre grandes tábuas colocadas em cima de cavaletes.

Pela porta aberta, que dava para a rua, entrava toda a alegria da vila. Festejava-se por toda parte. Pelas janelas abertas viam-se mesas com gente endomingada, e ouviam-se gritos alegres que saíam das casas em festa. Os camponeses, em mangas de camisa, bebiam copos sobre copos de cidra pura, e no meio de cada grupo viam-se crianças, aqui meninas, ali rapazes, almoçando com suas famílias.

De vez em quando, sob o calor abafante do meio-dia, uma diligência atravessava a vila ao trote sacudido do cavalo, e o homem de blusa que o conduzia lançava um olhar de inveja sobre toda aquela comilança.

Na casa do marceneiro, a alegria guardava certo ar de reserva, um resto da emoção matinal. Somente Rivet estava pronto para tudo e bebia sem medida. *Mme. Tellier* olhava o relógio a todo instante, porque, para não ficarem ociosas dois dias seguidos, deviam tomar o trem das 3h55, que as largaria em Fécamp ao escurecer.

O marceneiro empregava todos os esforços para desviar-lhe a atenção e reter o grupo até o dia seguinte; mas Madame não se deixou distrair; ela jamais se descuidava quando se tratava dos negócios.

Assim que terminaram o café, ordenou a suas pensionistas que se fossem preparar; e, voltando-se para o irmão: "É você vai atrelar imediatamente", e foi terminar seus últimos preparativos.

Quando desceu, a cunhada a esperava para falar sobre a menina; tiveram uma longa palestra onde nada ficou resolvido. A camponesa insistia, falsamente enternecida, e *Mme. Tellier*, que estava com a menina sobre os joelhos, não se obrigava a nada, prometia vagamente: se ocuparia dela, havia tempo, combinariam mais tarde.

Entretanto o carro não vinha e as mulheres não desciam. Ouviam-se, em cima, risadas, empurrões, gritinhos, ruídos de tapas, Enquanto a mulher do marceneiro foi à cocheira para ver se o carro estava pronto, Madame subiu novamente.

Rivet, bêbado e meio despido, procurava, em vão, violentar Rosa, que morria de rir. As "duas jóias" seguravam-no pelos braços, procurando acalmá-lo, chocadas com tal cena após a cerimônia da manhã; mas Rafaela e Fernanda o incitavam, contorcendo-se de riso, e soltavam gritos agudos a cada um dos esforços inúteis do ébrio. O homem, furioso, com o rosto vermelho, descabelado, sacudindo com esforços violentos as duas mulheres presas a ele, puxava com toda a força a saia de Rosa, gaguejando: "Não quer, vagabunda?" Madame, indignada, avançou, agarrou o irmão pelo ombro e empurrou-o tão violentamente que ele foi bater contra a parede.

Um minuto depois ele estava no pátio, molhando a cabeça; quando reapareceu, guiando o carro, já estava sossegado.

Puseram-se a caminho como na véspera, e o cavalo branco começou a trotar.

Sob o sol causticante, a alegria, sopitada durante a refeição, veio à tona. As mulheres divertiam-se agora com os solavancos do carro, empurravam as cadeiras, davam gargalhadas a todo momento, lembrando as inúteis tentativas de Rivet.

Uma luz forte, luz que fazia mal aos olhos, iluminava o campo; e as rodas levantavam nuvens de poeira, que ficavam flutuando no ar.

Fernanda, que gostava muito de música, pediu a Rosa que cantasse e esta começou a entoar jocosamente o Gros Cure de Mendon. Mas Madame fê-la calar imediatamente, achando a canção inconveniente para o dia. E acrescentou: "Cante qualquer coisa de Béranger". Então Rosa, depois de hesitar alguns instantes, fixou sua escolha e com sua voz cansada começou a cantar a Grand'Mères:

A minha avó, quando fez anos, Se descuidou, bebeu demais.

— Os meus amantes — dizia ela — Ai! foram tantos que nem sei mais.

Ai pernas roliças, Dizei-me, onde estais? Ai tempos perdidos Que não voltam mais!

E o coro das mulheres, conduzidas por Madame, repetia:

Ai pernas roliças, Dizei-me, onde estais? Ai tempos perdidos
Que não voltam mais!

— Isso é que é compasso!—exclamou Rivet, encantado com a cadência; e Rosa continuou:

— Como! a senhora não tinha juízo?

— Ora! Juízo? Para que, meus santos? Eu aos quinze anos descobri o uso, o melhor uso para os meus encantos!

Todas em coro repetiram o estribilho; e Rivet marcava a cadência com o pé, sobre o varal, batia o compasso com as rédeas sobre o lombo do cavalo branco, o qual, como que também arrebatado pelo ritmo, começou a galopar, num galope veloz, atirando as mulheres umas sobre as outras no fundo da carriola.

Levantaram-se, rindo como loucas. E a canção continuou, cantada aos berros através dos campos, sob o céu abrasador, entre as plantações amadurecidas, ao tranco do cavalo que galopava em todas as entradas do estribilho, com grande alegria das viajantes.

De tempos em tempos, algum pedreiro se levantava e ficava olhando a carruagem fogosa e barulhenta sumir-se atrás de uma nuvem de poeira.

Quando chegaram diante da estação, o marceneiro disse:

— É uma pena vocês irem embora, íamos nos divertir muito.

Madame respondeu com sensatez:

— Tudo tem seu tempo; a gente não pode sempre divertir-se.

Uma idéia, então, brotou no cérebro de Rivet:

— Olhem—disse ele—,eu irei visitar vocês em Fécamp no mês que vem.—E olhou para Rosa com um ar velhaco, com olhos brilhantes e lascivos.

— Bem—concluiu Madame—venha se quiser, mas não deve fazer asneiras.

Ele não respondeu, e como o trem já tivesse apitado, começou a despedir-se de todas. Quando chegou a vez de Rosa, insistiu em beijar-lhe a boca, e ela, rindo atrás de seus lábios cerrados, desviava-o sempre com um rápido movimento, Ele apertava-a em seus braços, mas não conseguia alcançar-lhe a boca, atrapalhando-se com o enorme chicote, que tinha conservado na mão e que, nos

seus esforços, agitava desesperadamente atrás das costas da rapariga.

— Os passageiros para Ruão, que subam! — gritou o empregado. Elas embarcaram.

Ouviu-se um apito agudo, a que se seguiu o apito possante da máquina, que expelia ruidosamente o primeiro jato de vapor, enquanto as rodas começavam a se movimentar com visível esforço.

Rivet, deixando o interior da estação, correu para a plataforma a fim de ver Rosa ainda uma vez; e quando o vagão, cheio daquela mercadoria humana, passava diante dele, começou a estalar o chicote, pulando e cantando com toda a força:

Ai pernas roliças, Dizei-me, onde estais? Ai tempos perdidos
Que não voltam mais!

E ficou a olhar um lenço branco que se afastava.

III

Dormiram toda a viagem, com o sono tranqüilo das consciências satisfeitas; e quando entraram em casa, refrescadas, descansadas para o trabalho da noite, Madame não pôde deixar de dizer: "Foi bom, já andava meio aborrecida da casa".

Jantaram rapidamente e depois de vestirem os trajes de combate esperaram os clientes habituais; e a pequena lanterna iluminada, a pequena lanterna de madona, indicava aos transeuntes que o rebanho estava de volta ao curral.

Num abrir e fechar de olhos a notícia se espalhou, não se sabe como, não se sabe por quem. O Sr. Filipe, o filho do banqueiro, teve mesmo a gentileza de mandar um mensageiro prevenir ao Sr. Tournevau, aprisionado no seio de sua família.

O salgador tinha todos os domingos vários parentes para jantar, e estavam tomando café quando chegou um homem com uma carta. Tournevau, preocupado, rasgou o envelope e empalideceu; havia apenas estas palavras, escritas a lápis: Carregamento de bacalhau encontrado, navio voltou ao porto; bom negócio para o senhor. Venha depressa.

Meteu as mãos nos bolsos, procurando qualquer coisa, deu vinte cêntimos ao mensageiro e, enrubescendo até as orelhas, disse: "Tenho de sair imediatamente", E estendeu à sua mulher o bilhete lacônico e misterioso. Chamou a criada, e quando ela apareceu: "Meu sobretudo e minha capa, ligeiro". Assim que saiu à rua apressou o passo, assobiando uma canção, e o caminho pareceu-lhe duas vezes maior, tamanha era a sua impaciência de chegar.

A Pensão Tellier estava com um ar de festa. No andar térreo as vozes bulhentas dos homens do porto faziam uma algazarra de ensurdecer. Luiza e Flora não sabiam a quem atender, bebiam com um, bebiam com outro, merecendo mais do que nunca o cognome

de "duas jóias". Todos as chamavam a um tempo; não podiam dar conta do recado, e a noite se anunciava laboriosa para elas.

O cenáculo do primeiro andar ficou completo desde as nove horas. O Sr. Vasse, juiz do Tribunal de Comércio, cortejador reconhecido mas platônico de Madame, conversava baixinho com ela, a um canto; e sorriam como se estivessem em vias de se entenderem. O Sr. Paulin, o antigo prefeito, estava com Rosa, montada em seus joelhos; e ela, roçando seu nariz no dele, passava suas mãos pequenas pelas suíças brancas do velho. Um pedaço de coxa emergia das saias amarelas meio erguidas, sobressaindo sobre o fundo negro das calças do velho, e as meias vermelhas estavam presas por uma liga azul, presente do caixeiro-viajante.

Fernanda, estendida no sofá, tinha os dois pés sobre a barriga do Sr. Pimpesse, o arrecadador, e o torso sobre o peito do jovem Filipe, a quem acariciava o pescoço com uma das mãos, segurando na outra um cigarro.

Rafaela parecia conferenciar com Dupuis, o agente de seguros, e terminou a conversa com estas palavras: "Sim, meu bem, será esta noite". E, fazendo sozinha um passo de valsa ao redor do salão, gritou: "Esta noite, tudo o que se queira".

A porta abriu-se de repente e Tournevau apareceu. Explodiram gritos de entusiasmo: "Viva Tournevau!" E Rafaela, que ainda estava valsando, caiu em seus braços. Ele abraçou-a fortemente e, sem dizer uma palavra, levantou-a no colo como se fosse uma pena, atravessou o salão, saiu pela porta do fundo e desapareceu na escada que conduzia aos quartos, levando o seu fardo humano sob os aplausos gerais.

Rosa, que se conservava no colo do antigo prefeito, beijando-o continuamente e puxando as duas suíças ao mesmo tempo para manter-lhe a cabeça direita, aproveitou o exemplo: "Vamos, faça como ele", disselhe. O velho então levantou-se e, arrumando o colete, seguiu a mulher, mexendo no bolso em que guardava o dinheiro.

Fernanda e Madame ficaram a sós com os quatro homens e Filipe declarou: "Eu pago champanhe: Madame Tellier, mande trazer três garrafas".

Fernanda, abraçando-o, perguntou-lhe ao ouvido: "Você quer tocar para nós dançarmos, sim?" Ele levantou-se e, sentando-se em frente da espineta secular adormecida a um canto, colocou uma valsa, uma valsa rouca e chorosa, do ventre gemedor da máquina. A mulher enlaçou o arrecadador. Madame se abandonou nos braços do Sr. Vasse; e os dois pares começaram a voltear trocando beijos. O Sr. Vasse, que em outros tempos fora um dançador de salões, fazia ares de importante, e Madame olhava-o com uns olhos cativos, com um olhar que dizia "sim", um "sim" mais discreto e mais delicioso que uma palavra.

Frederico trouxe a champanhe. A primeira rolha estourou, e Filipe executou a introdução de uma quadrilha.

Os quatro dançarinos marcaram-na à maneira mundana, convenientemente, respeitosamente, com gestos, inclinações e cumprimentos.

Depois começaram a beber. O Sr. Tournevau voltou, satisfeito, aliviado, radiante. De chegada exclamou: "Eu não sei o que tem Rafaela, mas ela está perfeita esta noite". Estenderam-lhe um copo, ele esvaziou-o de um trago, murmurando: "Irra, nada melhor do que isso!"

Imediatamente Filipe executou uma polca vibrante, e Tournevau abraçou-se com a bela judia, conservando-a no ar, sem deixar que seus pés tocassem o chão. O Sr. Pimpesse e o Sr. Vasse recomeçaram com mais animação. De tempos em tempos, um dos pares parava junto à chaminé para beber uma taça de vinho espumante; e a dança ameaçava eternizar-se quando Rosa entreabriu a porta com um castiçal na mão. Estava despenteada, de chinelos, só com camisa, animada, vermelha: "Eu quero dançar", anunciou. Rafaela perguntou: "E teu velho?" Rosa deu uma gargalhada: "Ele? Já está dormindo. Dorme em seguida". Enlaçou o Sr. Dupuis, que ficara sem par, e a polca recomeçou.

As garrafas já estavam vazias: "Eu pago uma", declarou o Sr. Tournevau. "Eu também", anunciou o Sr. Vasse. "E eu também", ajuntou o Sr. Dupuis. Todos aplaudiram.

Organizou-se um verdadeiro baile. De tempos em tempos Luiza e Flora subiam às pressas, dançavam um pouco, enquanto os seus

fregueses, embaixo, se impacientavam; depois voltavam a correr para o seu café, com o coração cheio de pesar.

À meia-noite ainda dançavam. Às vezes uma das mulheres desaparecia e, quando a procuravam, constatava-se que faltava também um dos homens.

— De onde vêm vocês?—perguntou zombeteiro Filipe, quando o Sr. Pimpesse entrava em companhia de Fernanda.

— Fomos ver o Sr. Poulin dormir—respondeu o arrecadador. A resposta teve um sucesso enorme; e todos, por sua vez, para ir ver o Sr. Poulin dormir, subiam com uma ou outra das mulheres, que se mostraram, naquela noite, de uma complacência inconcebível. Madame fechava os olhos e tinha longos colóquios pelos cantos com o Sr. Vasse, como se combinassem os últimos detalhes de um negócio já concluído.

Enfim, à uma hora, os dois homens casados, o Sr. Tournevau e o Sr. Pimpesse, declararam que se retiravam e queriam pagar suas contas. Foi cobrada somente a champanhe, e, assim mesmo, a seis francos a garrafa, em vez de dez, que era o preço habitual. E como eles estranhassem tanta generosidade, Madame, radiante, lhes respondeu:

— Nem sempre é dia de festa.

(Tradução de Casimiro Fernandes.)

AS TUMULARES

Os cinco amigos acabavam de jantar. Eram cinco homens da alta sociedade, maduros, ricos—três casados e dois solteiros. Reuniam-se assim todos os meses, para recordar a mocidade, e depois de jantar conversavam até as duas horas da madrugada. Tendo permanecido amigos íntimos e, gostando de estar juntos, achavam, talvez, que fossem aqueles os melhores serões de suas vidas. Tagarelavam sobre tudo, tudo o que ocupa e diverte os parisienses; entre eles, como de resto na maioria dos salões, faziam uma espécie de repetição falada da leitura dos jornais da manhã.

Um dos mais alegres era José de Bardon, celibatário que vivia a vida parisiense do modo mais completo e mais fantasista. Não era um libertino, nem tampouco um depravado, e sim um curioso, um tipo jovial, ainda moço, pois tinha apenas quarenta anos. Mundano, no sentido mais amplo e benévolo que o termo possa merecer, dotado de muito espírito, sem grande profundidade, de saber variado, sem verdadeira erudição, de compreensão ágil, sem penetração séria, ele tirava das suas observações, das suas aventuras, de tudo o que via, encontrava e olhava, anedotas de romance cômico, ao mesmo tempo que filosófico, e reparos humorísticos que lhe davam na cidade uma grande reputação de inteligência.

Era o orador do jantar. A cada vez tinha sua história, com a qual contavam. Começou a contá-la sem que ninguém pedisse.

Fumando, com os cotovelos em cima da mesa e um cálice de bom conhaque pelo meio diante do prato, entorpecido numa atmosfera de tabaco aromatizado pelo café quente, parecia estar na própria casa, como certos seres no seu ambiente natural, em certos lugares e em certos momentos, como uma devota na capela, ou um

peixe vermelho no seu aquário. Disse entre duas baforadas de fumaça:

— Aconteceu-me, há tempos, uma aventura estranha. Todas as bocas quase que simultaneamente pediram:

— Conte.

— De bom grado—acedeu.— Vocês sabem que passeio muito em Paris, como os amantes de bibelôs esquadrinham as vitrines. Espreito os espetáculos, as pessoas, tudo o que passa, e tudo o que se passa.

"Ora, em meados de setembro, fazia um tempo magnífico; saí, pois, de casa uma tarde, sem saber onde iria. Temos sempre um vago desejo de visitar uma mulher bonita qualquer. Escolhemos na própria galeria, comparamo-las no pensamento, pesamos o interesse que nos inspiram, a sedução que exercem sobre nós e nos decidimos afinal de acordo com a atração do dia. Mas quando o sol está bastante lindo e o ar tépido, desaparece muitas vezes a idéia de visitas.

"O sol estava lindo e o ar tépido; acendi um charuto e me fui muito idiotamente ao bulevar exterior. Depois, como estivesse vagando a esmo, ocorreu-me a idéia de ir até o cemitério Montmartre, e lá entrar.

"Os cemitérios me agradam muito; repousam-me e melancolizam-me; é uma necessidade que sinto. E além disso temos também ali dentro bons amigos, desses a quem não se vai mais visitar; mas eu ainda vou, de quando em quando.

"Justamente, nesse cemitério Montmartre, tenho uma história sentimental, uma amante que muito me prendera, uma encantadora mulherzinha, cuja recordação, ao mesmo tempo que me penaliza muito, me dá saudades... saudades de toda a natureza... E vou sonhar sobre seu túmulo... Para ela está tudo acabado.

"E, ademais, também gosto dos cemitérios por serem eles cidades monstruosas, prodigiosamente habitadas. Pensem no número de mortos que há naquele pequeno espaço, em todas as gerações parisienses que estão alojadas ali para sempre, trogloditas definitivos encerrados nas suas pequenas catacumbas, nas suas

pequenas covas, cobertas com uma pedra ou assinaladas por uma cruz, ao passo que os vivos ocupam tanto lugar, e fazem tanto barulho, esses imbecis!

"E, mais ainda, há nos cemitérios monumentos quase tão interessantes como nos museus. O túmulo de Cavaignac fez-me pensar, confesso, sem compará-lo, naquela obra-prima de Jean Goujon: o corpo de Louis de Brézé, deitado, na capela subterrânea da catedral de Ruão; toda a arte chamada moderna e realista ali se encontra, senhores. Esse morto, Louis de Brézé, é mais real, mais terrível, mais feito de carne inanimada, contraída ainda pela agonia, do que todas as estátuas de expressão forçada que se encontram hoje sobre os túmulos.

"Mas no cemitério Montmartre pode-se ainda admirar o monumento de Baudin, que tem grandeza; o de Gautier, o de Murger, onde vi, dias atrás, uma pobre coroa de perpétuas amarelas, isolada, trazida por quem? Pela última costureirinha, hoje muito velha e talvez porteira nas cercanias? É uma linda estatuazinha de Millet, mas que o abandono e a sujeira vão destruindo. Canta a mocidade, o Murger!

"Eis-me, pois, entrando no cemitério Montmartre e de súbito impregnado de tristeza, de uma tristeza que de resto não doía muito, uma dessas tristezas que nos fazem pensar quando nos sentimos bem de saúde: 'Não é nada convidativo este lugar, mas para mim ainda não chegou a hora'.

"A impressão do outono, dessa umidade morna que cheira a folhas secas e a sol enfraquecido, cansado, anêmico, agravava, poetizando-a, a sensação de solidão e de fim definitivo que flutua naquele lugar, onde a atmosfera exala a gente morta.

"Fui-me a passos lentos por aquelas ruas de túmulos, onde os vizinhos não vizinham, não se deitam mais juntos e não lêem jornais. E pus-me a ler os epitáfios. Ah! isso sim, meus amigos, é a coisa mais divertida do mundo. Nunca Labiche, nunca Meilhac me fizeram rir como o cômico da prosa tumbal. Ah! que livros superiores aos de Paul de Kock para desopilar o fígado são essas placas de mármore e essas cruces, onde os parentes do morto deixam suas saudades, seus votos pela felicidade dos desaparecidos

no outro mundo, e suas esperanças de se reunirem a eles—farsantes!

"Mas nesse cemitério adoro sobretudo a parte abandonada, solitária, cheia de grandes teixos e de ciprestes, velho bairro dos antigos mortos que breve voltará a ser um bairro novo, no qual serão derrubadas as árvores verdes, nutridas de cadáveres humanos, para se alinharem os recentes falecidos, sob pequenas lajes de mármore.

"Depois de por ali ter vagado o tempo necessário para refrescar o espírito, percebi que ia me entediar, e que era preciso levar ao derradeiro leito da minha amiguinha a homenagem fiel de minha recordação. Estava com o coração apertado ao chegar junto a seu túmulo. Pobre querida! ela era tão gentil, tão amorosa e tão alva, e tão moça... e agora... se abrissem aquilo...

"Inclinado sobre a grade de ferro, disselhe baixinho minha dor, que ela sem dúvida não ouviu, e ia retirar-me, quando vi uma mulher de preto, de luto pesado, ajoelhar-se no túmulo ao lado. O véu de crepe, erguido, deixava entrever uma linda cabeça loira, cujos cabelos em cachos pareciam iluminados por uma luz de aurora, por sob a noite do seu chapéu. Fiquei.

"Certamente ela deveria sofrer uma dor profunda. Escondera os olhos nas mãos e, rígida, numa meditação de estátua, mergulhada nas suas saudades, desfiando, na sombra dos olhos ocultos e fechados, o rosário torturante das recordações, ela própria parecia uma morta a pensar num morto... Depois, de repente, percebi que ela ia chorar; percebi por um pequeno movimento das costas, semelhante ao estremecimento provocado pelo vento num salgueiro. A princípio chorou suavemente, depois mais forte, com movimentos rápidos do pescoço e dos ombros. Subitamente descobriu os olhos. Estavam cheios de lágrimas e eram encantadores, olhos de louca, que ela passeou em torno de si, numa espécie de despertar de pesadelo. Viu que eu a olhava; pareceu envergonhada e ocultou todo o rosto nas mãos. Seus soluços tornaram-se então convulsivos e a cabeça curvou-se lentamente para o mármore. Pousou nele a fronte, e o véu, espalhando-se em torno, cobriu os ângulos brancos da sepultura amada, como um

novo luto. Ouvi-a gemer, depois abateu-se com o rosto sobre a laje, e ficou imóvel, desacordada.

"Precipitei-me para ela, bati-lhe nas mãos, soprei sobre as pálpebras, ao mesmo tempo que lia o epitáfio muito simples: Aqui repousa Luís Teodoro Carrel, capitão de infantaria de marinha, morto pelo inimigo em Tonquim. Orai por ele.

"Essa morte datava de alguns meses. Enternecime a ponto de quase chorar, e redobrei de solicitude. Meus cuidados tiveram êxito; ela voltou a si. Eu estava com um ar muito emocionado—não sou muito feio e não tenho ainda quarenta anos. Compreendi, pelo seu primeiro olhar, que seria cortês e grata. Ela o foi, com outras lágrimas, e contou sua história, que saiu por fragmentos de seu peito anelante, a morte do oficial tombado em Tonquim, ao cabo de um ano de casamento, depois de a ter desposado por amor, porquanto, órfã de pai e mãe, ela possuía apenas o dote regulamentar.

Consolei-a, reconfortei-a, soergui-a, levantei-a. Depois:

— Não fique aqui—disselhe.— Venha. Ela murmurou:

— Não me sinto com forças para caminhar.

— Vou ampará-la.

— Obrigada, senhor. Vinha também chorar um morto?

— Sim, senhora.

— Uma morta?

— Sim, senhora.

— Sua esposa?

— Uma amiga.

— Pode-se amar uma amiga tanto como a uma esposa; a paixão não olha leis.

— Sim, senhora.

E eis-nos caminhando juntos, ela apoiada em mim, eu quase a carregando pelos caminhos do cemitério. Quando saímos, ela murmurou, desfalecendo:

— Creio que vou desmaiar.

— Quer entrar em algum lugar, tomar alguma coisa?

— Sim, senhor.

"Vi um restaurante, um desses restaurantes onde os amigos dos mortos vão festejar o penoso trabalho concluído. Entramos. Fiz-lhe beber uma xícara de chá bem quente, que pareceu reanimá-la. Assomou-lhe aos lábios um vago sorriso. E falou-me de si. Era tão triste, tão triste o ver-se só, toda a vida, sozinha em casa, noite e dia; não ter mais ninguém a quem tributar afeição, confiança, intimidade.

"Aquilo parecia sincero, e nos seus lábios tornava-se gentil.

Eu me enternecia. Ela era muito moça, vinte anos, talvez. Fiz-lhe uns elogios, que ela aceitou muito bem. Depois, como se fizesse tarde, propus reconduzi-la para casa num carro. Ela aceitou; e no fiacre ficamos de tal modo um junto ao outro, ombro com ombro, que nosso calor se misturava através da roupa, o que é, sem dúvida nenhuma, a coisa mais perturbadora deste mundo.

"Quando o carro parou na casa dela, murmurou:

— Sinto-me incapaz de subir a escada sozinha, porque moro no quarto andar. O senhor tem sido tão bom! Quer ter ainda a bondade de dar-me o braço até meu apartamento?

"Apresei-me em aceder. Ela subiu lentamente, ofegando muito. Depois, em frente à porta, acrescentou:

— Entre um momento para que possa agradecer-lhe. "E, naturalmente, entrei.

"Era uma habitação modesta, até mesmo um pouco pobre, porém agradável e bem arrumada.

"Sentamo-nos lado a lado num pequeno sofá, e ela falou novamente na sua solidão.

"Tocou a sineta, chamando a criada, a fim de me oferecer algo para beber. A criada não veio. Fiquei encantado, calculando que a tal criada não devia vir senão de manhã; seria o que se chama uma arrumadeira de casa.

"Ela havia tirado o chapéu. Era verdadeiramente gentil com seus olhos claros fixos em mim, tão bem fixos, tão claros que tive uma terrível tentação e a ela cedi. Tomei-a em meus braços e sobre suas pálpebras, que se cerravam de súbito, depusitei beijos... beijos... beijos... e mais beijos.

"Ela se debatia, repelindo-me e repetindo:

— Acabe... acabe... acabe de uma vez.

"Que sentido daria ela a essa palavra? Em semelhante 'acabe' pode haver pelo menos dois. Para fazê-la calar, passei dos olhos para a boca, e dei à palavra 'acabe' a significação que eu preferia. Não resistiu muito. quando nos tornamos a olhar, após esse ultraje à memória do capitão morto no Tonquim, ela apresentava um ar lânguido, enternecido, resignado, que dissipou minha inquietação.

"Fui então galante, solícito, grato. E, após nova palestra de cerca de uma hora, perguntei-lhe:

— Onde costuma jantar?

— Num pequeno restaurante, aqui perto.

— Sozinha?

— Sim, naturalmente.

— Quer jantar comigo?

— Onde?

— Num bom restaurante do bulevar.

"Ela resistiu um pouco; eu insisti. Cedeu, afinal, dando-se a si mesma esta desculpa: 'Aborreço-me tanto... tanto!' Depois acrescentou: 'Preciso pôr um vestido um pouco menos escuro'.

"E entrou no seu quarto de dormir.

"Quando de lá saiu, estava de meio luto, encantadora, fina e esbelta numa toailete cinzenta muito simples. Tinha evidentemente traje de cemitério e traje de cidade.

"O jantar foi muito cordial. Ela bebeu champanhe, iluminou-se, animou-se e eu voltei à casa dela, com ela.

"Essa ligação, atada sobre túmulos, durou cerca de três semanas. Mas nos cansamos de tudo, e principalmente das mulheres. Deixei-a, sob pretexto de uma viagem indispensável, Tive uma partida muito generosa, que ela muito me agradeceu. Fez-me prometer, fez-me mesmo jurar que voltaria após meu regresso; parecia estar realmente caída por mim.

"Corri em busca de outras ternuras e passou-se mais ou menos um mês, sem que a idéia de rever aquela pequena amorosa funerária fosse suficientemente forte para que eu cedesse ao seu impulso. Entretanto, não a esquecera... Sua recordação perseguia-

me como um mistério, como um problema de psicologia, como uma dessas questões inexplicáveis, cuja solução nos inquieta.

"Não sei por que, um dia imaginei que tornaria a encontrá-la no cemitério Montmartre, e fui até lá.

"Passei muito tempo sem encontrar ninguém, a não ser os visitantes habituais do lugar, os que não cortaram ainda toda relação com seus mortos. O túmulo do capitão, morto no Tonquim, não tinha carpideiras no seu mármore, nem flores, nem coroas.

"Mas como me perdesse num outro recanto dessa grande cidade dos mortos, avistei de repente, na extremidade de uma estreita avenida de cruces, vindo para meu lado, um casal, de luto pesado, o homem e a mulher. Oh! Assombro! Quando eles se aproximaram, reconhecia.

"Era ela.

"Viu-me, corou, e como a roçasse ao passar por ela, fez-me um pequenino sinal, uma olhadela que significava: 'Não me reconheça', mas que também parecia dizer: 'Venha ver-me, meu querido'.

"O homem era de boa aparência, distinto, elegante, oficial da Legião de Honra, de uns cinqüenta anos mais ou menos.

"E ele a amparava, como eu a amparara ao sair do cemitério.

"Retirei-me estupefato, perguntando a mim mesmo o que era aquilo que acabara de ver, a que raça de seres pertencia aquela caçadora sepulcral. Seria uma simples cortesã, uma prostituta inspirada, que ia colher sobre os túmulos os homens tristes perseguidos pela imagem de uma mulher, esposa ou amante, e perturbados ainda pela recordação das carícias desaparecidas? Seria ela única? Serão elas várias? Será aquilo uma profissão? Será que se 'faz o cemitério' como se 'faz a avenida'? As Tumulares! Ou então teria sido ela a única a ter aquela idéia admirável, de uma profunda filosofia, de explorar as saudades de amor que são reanimadas nesses lugares fúnebres?

"E bem quisera eu saber de quem era ela viúva nesse dia..."

EM FAMÍLIA

O trem de Neuilly acabava de atravessar a passagem Maillot e corria agora ao longo da grande avenida que vai dar no Sena. A pequena locomotiva, atrelada a seu vagão, apitava para afastar os obstáculos, arquejava como uma pessoa cansada que corre, e seus pistões faziam um precipitado ruído de pernas de ferro em movimento, O pesado calor de um fim de dia calmo tombava sobre a estrada, de onde se elevava, embora nenhuma brisa soprasse, uma poeira branca, opaca, quente, sufocante, que se colava à pele úmida, enchia os olhos, penetrava nos pulmões.

Gente aparecia às portas em busca de mais ar.

As vidraças estavam descidas e todas as cortinas flutuavam agitadas pela corrida rápida. Apenas algumas pessoas ocupavam o interior. Eram gordas senhoras de toailete extravagante, essas burguesas de arrabalde, que substituem a distinção que lhes falta por uma dignidade intempestiva; senhores cansados do escritório, curvos, um ombro um pouco levantado pelos longos trabalhos de escrituração. Suas faces inquietas e tristes diziam ainda dos cuidados domésticos, dos contínuos apertos de dinheiro, das antigas esperanças definitivamente fracassadas. Pois todos pertenciam a essa legião de pobres-diabos cocados que vegetam economicamente numa triste casa de estuque, com uma platibanda por jardim, em meio a esse campo de resíduos que contorna Paris.

Junto à portinhola, um homem baixo e gordo, de rosto congestionado, a barriga pendente entre as pernas abertas, todo de preto e com uma condecoração, conversava com um sujeito alto e magro, de aspecto relaxado, com uma roupa de cetim branco muito suja e um velho panamá. O primeiro falava lentamente, com hesitações que às vezes o faziam parecer gago; era o Sr. Caravan,

primeiro amanuense do Ministério da Marinha. O outro, ex-oficial de higiene da marinha mercante, acabara por estabelecer-se no distrito de Courbevoie, onde aplicava, na miserável população local, os vagos conhecimentos médicos que lhe restavam de uma vida aventurosa. Chamava-se Chenet e fazia-se tratar por doutor. Muito se murmurava a respeito de sua moralidade.

O Sr. Caravan tinha sempre levado a existência normal dos burocratas. Há trinta anos que ia invariavelmente à sua repartição, todas as manhãs, pelo mesmo caminho, encontrando, à mesma hora, nos mesmos lugares, as mesmas caras de homens que se dirigiam a seus negócios; e todas as tardes voltava ele pelo mesmo caminho, onde tornava a encontrar ainda os mesmos rostos que vira envelhecer.

Todos os dias, após adquirir o seu jornal de um sou, ia comprar seus dois pequenos pães; depois entrava no Ministério, à maneira de um criminoso que se constitui prisioneiro; e alcançava às pressas o seu gabinete, com o coração cheio de inquietude, na eterna espera de uma reprimenda por qualquer negligência que houvesse acaso cometido.

Nada viera jamais modificar a ordem monótona da sua existência; pois nenhum acontecimento o atingia, a não ser as promoções, gratificações e outros assuntos do seu cargo. Estivesse ele no Ministério, ou com sua família (pois desposara, sem dote, a filha de um colega), só falava era no serviço. Nunca o seu espírito atrofiado pela embrutecedora tarefa cotidiana tivera outros pensamentos, outras esperanças, outros sonhos, que não os relativos ao seu Ministério. Mas uma amargura estragava sempre suas satisfações de funcionário: o acesso dos comissários da marinha, dos ferros-brancos, como diziam, por causa dos seus galões de prata, aos cargos de subchefe e de chefe; e cada noite ele argumentava fortemente ante a mulher, que compartilhava dos seus ódios, para provar que é iníquo, sob todos os pontos de vista, darem lugares em Paris às pessoas destinadas à navegação.

Estava velho, agora, e não tinha sentido passar a vida, pois o colégio fora continuado pela repartição, e os bedéis, ante os quais ele tremia outrora, achavam-se hoje substituídos pelos chefes, a

quem temia horrivelmente. A vista desses déspotas de gabinete o fazia estremecer dos pés à cabeça; e, desse contínuo terror, ficara-lhe uma maneira desajeitada de se apresentar, uma atitude humilde e uma espécie de gagueira nervosa.

Não conhecia mais Paris do que um cego conduzido pelo seu cão, cada dia, ao mesmo ponto de esmola; e se lia no seu jornal os acontecimentos e os escândalos, era como se fossem histórias fantásticas inventadas para distrair os funcionários. Homem ordeiro, reacionário, sem partido determinado, mas inimigo das novidades, passava por alto os fatos políticos que seu jornal, de resto, desfigurava sempre, a serviço de uma causa paga; e quando subia todas as tardes a avenida dos Campos Elíseos, considerava a multidão dos pedestres e o desfile das carruagens à maneira de um viajante desambientado que atravessasse remotos países.

Tendo completado naquele mesmo ano os seus trinta anos de serviço obrigatório, haviam-lhe concedido, a 1º de janeiro, a cruz da Legião de Honra, que recompensa, nessas administrações militarizadas, a longa e miserável servidão ("leais serviços", dizem) desses tristes forçados presos ao ponto. Essa inesperada dignidade, dando-lhe de si próprio uma nova e inesperada idéia, tinha mudado em tudo os seus costumes. Suprimira as calças de cor e os casacos de fantasia, usando desde então calças negras e longos redingotes, onde sua fita, muito larga, assentava melhor; e, barbeado todas as manhãs, limpando as unhas com mais cuidado, mudando de roupa branca de dois em dois dias, por um legítimo sentimento das conveniências e de respeito à "Ordem" nacional de que fazia parte, tornara-se, de um dia para outro, um outro Caravan, bem-cuidado, majestoso e condescendente.

Na sua casa, ele dizia "a minha cruz" a propósito de tudo. Viera-lhe tal orgulho, que não podia nem mesmo suportar na botoeira dos outros nenhuma fita de qualquer espécie. Exasperava-se sobretudo à vista das ordens estrangeiras, "que não deviam consentir na França", e irritava-se particularmente com o Dr. Chenet, a quem encontrava todas as tardes no trem, ornado de uma condecoração qualquer, branca, azul, laranja ou verde.

A conversação dos dois homens, desde o Arco do Triunfo até Neuilly, era, de resto, sempre a mesma; e naquele dia, como nos precedentes, ocuparam-se a princípio de diferentes abusos locais que chocavam a ambos, pois o prefeito de Neuilly não fazia cerimônias. Depois, como acontece infalivelmente em companhia de um médico, Caravan abordou o capítulo das doenças, esperando dessa maneira pescar alguns conselhos gratuitos ou mesmo uma consulta, se agisse com habilidade, sem deixar transparecer a intenção. Sua mãe, de resto, há algum tempo o vinha inquietando. Tinha síncope freqüentes e prolongadas e, embora tivesse noventa anos, não consentia em tratar-se.

Sua avançada idade enternecia Caravan, que repetia continuamente ao doutor Chenet: "Já viu muita gente chegar a essa idade?" E esfregava as mãos com alegria, não que fizesse questão de ver a boa mulher eternizar-se neste mundo, mas porque a longa duração da vida materna era como que uma promessa para si mesmo.

E continuou: "Oh! na minha família, vai-se longe; quanto a mim, estou certo de que, a não ser por acidente, morrerei bastante velho". O outro lançou-lhe um olhar de piedade; considerou por um segundo a cara congestionada do seu vizinho, a banha do seu pescoço, o ventre pendente entre as pernas flácidas e gordas, toda a sua rotundidade apoplética de velho sedentário amolecido. E, erguendo com um gesto o panamá encardido, respondeu numa risadinha: "Devagar, meu velho, a sua mãe é uma astèque e você não passa de um plein-da-soupe". Caravan, perturbado, calou-se.

Mas o trem chegava à estação. Os dois companheiros desceram, e o Sr. Chenet ofereceu vermute no Café do Globo, em frente, do qual ambos eram fregueses. O gerente, um amigo, estendeu-lhe dois dedos, que eles apertaram por cima das garrafas do balcão; e foram cumprimentar três amadores de dominó, ali sentados desde o meio-dia. Trocaram-se palavras, cordiais, com o "Que há de novo?" inevitável. Em seguida os jogadores recomeçaram a partida. Quando os dois se despediram para ir jantar, eles lhes estenderam as mãos sem erguer a cabeça.

Caravan morava perto do rond-point de Courbevoie, numa pequena casa de dois andares cujo andar térreo era ocupado por um cabeleireiro.

Duas peças, uma sala de jantar e uma cozinha, onde cadeiras remendadas erravam de peça em peça conforme as necessidades, constituíam todo o apartamento que a Sra. Caravan passava o dia a limpar, enquanto a sua filha MarieLouise, de doze anos, e o seu filho Philippe-Auguste, de nove, galopavam pelas sarjetas da avenida, com todos os garotos do quarteirão.

Em cima Caravan instalara a mãe, cuja avareza era célebre nos arredores e cuja magreza fazia dizer que Nosso Senhor aplicara na própria velha os princípios de parcimônia de que esta era partidária. Sempre de mau humor, não passava um dia sem discussões e furiosos acessos de cólera. Apostrofava das suas janelas os vizinhos, os vendedores ambulantes, os varredores e os garotos, que, para vingar-se, a seguiam de longe a gritar: "Mijona! Mijona!"

Uma criadinha normanda, incrivelmente desajeitada, fazia o serviço pesado e dormia no segundo andar, perto da velha, para o caso de algum acidente.

Quando Caravan entrou em casa, sua mulher, atingida de uma enfermidade crônica de limpeza, lustrava com um pedaço de flanela o acaju das cadeiras esparsas na solidão das peças. Usava sempre luvas, ornava a cabeça com uma touca de fitas multicores, continuamente caída sobre uma orelha, e repetia, sempre que a surpreendiam encerando, escovando, polindo ou lavando: "Eu não sou rica, na minha casa tudo é simples, mas o asseio é o meu luxo, e este vale tanto como outro qualquer".

Dotada de um obstinado senso prático, ela era em tudo o guia do marido. Cada noite, à mesa, e depois, no leito, conversavam ambos longamente sobre os negócios da repartição e, embora fosse ela vinte anos mais moça do que o marido, este se confessava como a um diretor de consciência, e seguia em tudo os seus conselhos.

Nunca fora bonita; agora era feia, baixinha e magricela. A inabilidade de seu vestuário sempre dissipara seus fracos atributos femininos, que poderiam sobressair sob uma indumentária bem

dirigida. Suas saias pareciam sempre de través; e ela se coçava a toda hora, indiferente ao público, por uma espécie de mania que raiava pelo nervoso. O único adorno que se permitia constava de uma profusão de fitas de seda, aplicadas nas pretensiosas toucas que costumava usar em casa.

Logo que avistou o marido, ergueu-se e, beijando-o sobre as suíças: "Não se esqueceu de falar com Potin?"

Mas ele caiu aterrado sobre uma cadeira; acabava de esquecer pela quarta vez.

— É uma fatalidade, é uma fatalidade; por mais que eu pense todo o dia, sempre que vem a tarde me esqueço.

Mas como ele parecia desolado, a mulher o consolou:

— Está bem. Pensará nisso amanhã. Nada de novo no Ministério?

— Sim, uma grande novidade: mais um ferro-branco nomeado subchefe.

Ela ficou séria.

— Em que seção?

— Importações. Ela se irritava:

— No lugar de Ramon então, exatamente o que eu queria para você; e Ramon, aposentado?

Ele balbuciou:

— Aposentado.

Ela ficou furiosa, a touca tombou para a nuca.

— O caso está liquidado, então. Como se chama esse comissário?

— Bonassot.

Ela tomou o Anuário da Marinha que tinha sempre à mão e procurou: "Bonassot-Toulon.—Nascido em 1851.—Aluno-comissário em 1871, subcomissário em 1875".

— E esse navegou?

A essa pergunta, Caravan acalmou-se. A hilaridade lhe sacudia o ventre:

— Como Balin, exatamente como Balin, seu chefe.—E repetiu, num riso mais forte, um velho gracejo que todo o Ministério achava

delicioso:—Não conviria mandá-los inspecionar a estação naval de Point-du-Jour; eles enjoariam nas lanchas.

Mas a mulher permanecia grave como se não tivesse ouvido; depois murmurou, coçando lentamente o queixo: "Se ao menos se tivesse um deputado à mão.

Quando a Câmara souber tudo o que se passa lá, o ministro estará bem arranjado..."

Gritos ressoaram na escada, cortando-lhe a frase. MarieLouise e Philippe-Auguste, que voltavam do brinquedo, trocavam, de degrau em degrau, tapas e pontapés. Sua mãe avançou furiosa e, tomando-os cada um por um braço, lançou-os no apartamento, sacudindo-os com vigor.

Logo que avistaram o pai, precipitaram-se para ele, que os abraçou com ternura, longamente, e depois, sentando-os sobre os joelhos, pôs-se a conversar com os dois.

Philippe-Auguste era um garoto ordinário, descabelado, sujo dos pés à cabeça, com uma cara de cretino. MarieLouise já se parecia com a mãe, falava como ela, repetindo-lhe as palavras, imitando-lhe até os gestos. Ela também perguntou: "Que há de novo no Ministério?" Ele lhe respondeu alegremente: "O teu amigo Ramon, que janta aqui todos os meses, vai deixar-nos, filhinha. Há um novo subchefe no seu lugar". Ela ergueu os olhos para o pai e, com uma comiseração de criança precoce: "Mais um que te passou a perna, hein?"

Ele parou de rir e não respondeu; depois, para mudar de assunto, dirigindo-se à mulher que agora limpava os vidros:—E a mamãe lá em cima, vai bem?

A Sra. Caravan parou de esfregar, voltou-se, endireitou a touca e, com os lábios trêmulos: "Ah! sim, a tua mãe! Ela me fez uma boa! Imagine que há pouco a senhora do barbeiro subiu para me pedir emprestado um pacote de amido e, como eu tinha saído, sua mãe a escorraçou, chamando-a de mendiga. Mas eu não fiquei atrás! Ela fez que não ouvia, como sempre que a gente lhe diz as verdades, mas não é mais surda do que eu. Pura esperteza, meu caro. E a prova disso é que ela subiu para o quarto em seguida, sem dizer palavra".

Caravan, confuso, calava-se, quando a criadinha se precipitou para anunciar a janta. Então, a fim de prevenir sua mãe, ele tomou o cabo de vassoura oculto num canto e deu três batidas no teto. Depois passaram para a sala de jantar e a jovem Sra. Caravan serviu sopa, enquanto a velha não chegava. Começaram a comer bem devagarinho. Mas a velha não vinha e a sopa esfriava. Depois, quando os pratos se esvaziaram, esperaram ainda. A Sra. Caravan, furiosa, vingava-se no marido: "Ela o faz de propósito, não compreende? Também, você a defende sempre!" Ele, perplexo entre os dois campos, mandou MarieLouise chamar a avó, e permaneceu imóvel, de olhos baixos, enquanto a mulher batia raivosamente com a faca no copo.

De súbito a porta se abriu e a menina reapareceu sem fôlego e branca como papel, dizendo às pressas: "Vovó está caída no chão".

Caravan levantou-se de um salto e, atirando o guardanapo sobre a mesa, arremessou-se para a escada, onde seu passo pesado e precipitado ressoou, enquanto a mulher, julgando que tudo não passava de uma trapaça de sua sogra, seguia atrás mais devagar, erguendo os ombros com desprezo.

A velha jazia esticada, com a face voltada para o chão, e, quando o seu filho a virou, ela apareceu imóvel e seca, com a sua pele amarelada, enrugada, curtida, seus olhos fechados, os dentes cerrados e todo o magro corpo enrijecido.

Caravan, ajoelhado perto dela, gemia: "Minha pobre mãe! Minha pobre mãe!" Mas a outra Sra. Caravan, depois de a ter observado um instante, declarou: "Qual, ela teve foi outra síncope, apenas. Garanto que foi para nos impedir de jantar".

Transportaram o corpo para o leito, despiram-no, e todos, Caravan, sua mulher, a criada, puseram-se a friccioná-lo. Apesar de seus esforços, ela não recuperou os sentidos. Mandaram então Rosalie chamar o Dr. Chenet. Este morava no cais, perto de Suresne. Era longe, a espera foi longa. Afinal ele chegou e, após haver considerado, palpado, auscultado a velha, afirmou: "Acabou-se".

Caravan, sacudido de soluços precipitados, abateu-se sobre o corpo; e beijava convulsivamente a face rígida de sua mãe, chorando

com tanta abundância que grossas lágrimas tombavam como gotas d'agua sobre o rosto da morta.

A jovem Sra. Caravan teve uma conveniente crise de dor e, de pé atrás do marido, lançava flébeis gemidos, esfregando obstinadamente os olhos.

Caravan, de face congestionada, os raros cabelos em desordem, feíssimo na sua dor verdadeira, ergueu-se de súbito: "Mas... está bem certo, doutor... está mesmo, bem certo?..."

Chenet aproximou-se rapidamente e, manejando o cadáver com uma destreza profissional, como um comerciante que gaba a sua mercadoria: "Mas veja o olho, meu caro, veja o olho". Ele ergueu a pálpebra, e o olhar da velha reapareceu sob o seu dedo, nada transformado, com a pupila um pouco mais larga talvez. Caravan recebeu um golpe no coração e o pavor lhe varou os ossos. Chenet pegou o braço crispado, forçou os dedos para os abrir e, furioso como ante um contraditor: "E veja esta mão, não me engano nunca, pode ficar tranqüilo".

Caravan retombou sobre o leito, quase a balir, enquanto sua mulher, sempre choramingando, fazia as coisas necessárias. Aproximou-se da mesa de cabeceira, sobre a qual estendeu um guardanapo, colocou em cima quatro velas, que acendeu, tomou um ramo de buxo pendurado atrás do espelho da chaminé e o depôs entre as velas num prato que encheu de água límpida, pois não tinha água benta. Mas após uma rápida reflexão lançou nessa água uma pitada de sal, julgando dessa maneira executar uma espécie de consagração.

Quando terminou a figuração que deve acompanhar a morte permaneceu de pé, imóvel. Então Chenet, que auxiliara a arranjar os objetos, disselhe baixinho: "É preciso levar Caravan daqui". Ela fez um sinal de assentimento e, aproximando-se do marido, que soluçava, sempre de joelhos, ergueu-o por um braço, enquanto Chenet o segurava pelo outro.

Sentaram-no primeiro numa cadeira e sua mulher, beijando-o na testa, o repreendeu. Chenet apoiava as suas razões, aconselhando firmeza, coragem, resignação, tudo o que a gente não pode guardar em caso de desgraça súbita.

Depois, ambos o tomaram de novo sob os braços e o retiraram do quarto.

Ele chorava como uma criança grande, com soluços convulsivos, os braços pendentes, as pernas moles, e desceu a escada sem saber o que fazia, movendo os pés maquinalmente.

Depuseram-no sobre a cadeira que ele ocupava sempre à mesa, diante do prato quase vazio, onde sua colher mergulhava ainda num resto de sopa. E ali ficou sem um movimento, o olhar fixo no copo, de tal maneira idiotizado que estava sem pensamento.

A Sra. Caravan, a um canto, conversava com o doutor, indagando das formalidades, pedindo todos os informes práticos. Afinal Chenet, que parecia esperar qualquer coisa, tomou o chapéu e, declarando que não havia jantado, fez uma saudação de despedida. Ela exclamou:

Como? O senhor ainda não jantou? Mas fique, doutor, fique! O senhor comerá do que nós temos; bem compreende que não podemos estar com muito apetite.

Ele escusou-se; ela insistia:

— Fique conosco. Em momentos como este, é um conforto a companhia dos amigos; e depois, talvez o senhor convença meu marido a comer um pouco. Ele tem tanta necessidade de refazer as forças...

O doutor inclinou-se e, repondo o chapéu sobre o móvel: "Neste caso, aceito, minha senhora".

Ela deu ordens a atarantada Rosalie. Depois sentou-se à mesa, "para fingir que comia", dizia ela, "e fazer companhia ao doutor".

Continuaram a sopa fria. Chenet pediu repetição. Depois apareceu um prato de miúdos, que espalhou um perfume de cebola e que a Sra. Caravan resolveu provar. "Está excelente", disse o doutor. Ela sorriu: "Acha?" Depois, voltando-se para o marido: "Coma qualquer coisa, meu pobre Alfred, apenas para pôr alguma coisa no estômago. Olhe que vai passar a noite em claro.

Ele estendeu o prato docemente, como teria ido se meter no leito se lhe ordenassem, obedecendo a tudo sem resistência e sem reflexão. E comeu.

O doutor, servindo-se por si mesmo, mergulhou três vezes no prato, enquanto a Sra. Caravan pescava um grosso bocado com a ponta do garfo e o engolia com uma espécie de estudada indiferença.

Quando apareceu uma travessa cheia de talharim, o doutor: "Puxa! Isto é que é coisa boa!" E a Sra. Caravan, desta vez, serviu a todo mundo. Encheu as tigelas onde babujavam as crianças, que, deixadas em liberdade, bebiam vinho puro e já se atacavam a pontapés por baixo da mesa.. Chenet lembrou a predileção de Rossini por esse prato italiano; depois, de repente:—Vejam! Até rima; podia-se começar uma poesia:

O maestro Rossini

Gostava de tagliarini...

Não o escutavam. A Sra. Caravan refletia, pensando em todas as conseqüências prováveis do acontecimento; enquanto o marido amassava bolinhas de pão, que depositava em seguida sobre a toalha, ficando a olhá-las fixamente, com um ar idiota. Como uma sede ardente lhe devorava a garganta, levava incessantemente à boca o copo cheio de vinho; e a sua razão, já sacudida pelo choque e o sofrimento, tornava-se aérea, parecia-lhe dançar no atordoamento súbito da penosa digestão recém-começada.

O doutor, de resto, bebia como uma esponja e se embriagava visivelmente, e a Sra. Caravan, sofrendo a reação que se segue a todo abalo nervoso, agitava-se, também perturbada, embora não tomasse senão água, e sentia a cabeça um pouco confusa.

Chenet pusera-se a contar histórias de óbitos que lhe pareciam engraçadas. Pois naquele distrito parisiense, cheio de uma população de província, se encontra essa indiferença do campônio para com o defunto, seja este seu pai ou sua mãe, esse desrespeito, essa ferocidade inconsciente tão comum no interior e tão raro em Paris. Ele dizia: "Imaginem! Na outra semana recebo um chamado da rua Puteaux; chego, encontro o homem morto e, em torno do leito, a família que acabava tranqüilamente uma garrafa de anisete, comprada na véspera para satisfazer um capricho do moribundo".

Mas a Sra. Caravan não escutava, pensando sempre na herança; e Caravan, com o cérebro vazio, não compreendia nada.

Serviram o café, que haviam preparado bastante forte, para sustentar o moral. Cada xícara, batizada com conhaque, fez subir às faces um rubor súbito, misturando as últimas idéias daqueles espíritos já vacilantes.

Depois o doutor, apoderando-se de inopino da garrafa de aguardente, serviu rincette (1) a todo mundo. E, sem falar, entorpecidos ao doce calor da digestão, cheios, contra a vontade, desse bem-estar animal que proporciona o álcool após a janta, eles gargarejavam lentamente o conhaque açucarado, que formava um xarope amarelo no fundo das xícaras.

** (1) Trago de aguardente que costumam servir nas xícaras de café, depois de esvaziadas. N. do T.*

As crianças tinham adormecido e Rosalie os fez deitar.

Então Caravan, obedecendo maquinalmente à necessidade de atordoar-se que impulsiona a todos os infelizes, repetiu várias vezes a aguardente; e seus olhos parados reluziam.

O doutor afinal se ergueu para partir; e, apoderando-se do braço de seu amigo:

— Vamos, venha comigo. Um pouco de ar fará bem a você. Quando a gente tem aborrecimentos, não deve imobilizar-se.

O outro obedeceu docemente, pôs o chapéu, tomou a bengala, saiu; e os dois, de braço dado, desceram para o Sena, sob a claridade das estrelas.

Sopros embalsamados flutuavam na noite cálida, pois todos os jardins das cercanias se achavam cheios de flores naquela estação; e os perfumes, adormecidos durante o dia, pareciam despertar à aproximação da noite, exalando-se de mistura com as leves brisas que corriam.

A larga avenida estava deserta e silenciosa, com as suas duas filas de lampiões de gás, que se estendiam até o Arco do Triunfo. Mas, para além, Paris burburinhava num vapor vermelho. Era uma espécie de rufar abafado e contínuo, a que parecia responder, por

vezes, ao longe, na planície, o silvo de um trem que se aproximava a todo vapor, ou que se afastava, rumo ao oceano.

O ar de fora, fustigando os dois homens no rosto, alterou o equilíbrio do doutor e acentuou em Caravan as vertigens que o vinham acometendo depois da janta. Este seguia, como que num sonho, o espírito sonolento, paralisado, sem sofrimento agudo, tomado de uma espécie de modorra moral que o impedia de sofrer e experimentando até certo alívio, que as mornas exalações noturnas auxiliavam.

Quando chegaram à ponte, dobraram à direita e o rio lhes lançou na face um sopro de frescura. Deslizava, melancólico e tranqüilo, ante uma cortina de altos choupos; e as Atrelas pareciam nadar sobre a água, agitadas pela corrente, calma e esbranquiçada, que vinha da margem oposta, penetrava os pulmões com um cheiro úmido. E Caravan estacou de súbito, tocado por esse odor de rio, que lhe despertava no coração lembranças muito antigas.

E reviu de repente sua mãe, outrora, quando ele era ainda criança e ela lavava roupa no delgado arroio que corria à frente da sua casa, lá longe, na Picardia. Ouvia seu batedor no silêncio tranqüilo do campo, sua voz que gritava: "Alfred, traz o sabão". E ele sentia aquele mesmo odor de água que corre, aquela mesma bruma que se evola das terras alagadiças, aquele vapor pantanoso cujo sabor lhe ficara no íntimo, inesquecível, e que ele tornava a encontrar justamente na noite em que sua mãe morria.

Parou, tomado de desespero. Foi como um raio de luz a iluminar de um jato toda a extensão da sua desgraça; e o encontro daquele sopro errante lançou-o no abismo negro das dores irremediáveis. Sentiu o coração partido com aquela separação sem fim. Sua vida estava cortada pelo meio; e sua juventude inteira parecia soterrada por aquela morte. Todo o "outrora" estava acabado; todas as lembranças da adolescência se esvaíam; ninguém mais lhe poderia falar das coisas antigas, das pessoas que conhecera em outros tempos, da sua terra, de si mesmo, da intimidade de sua vida passada; era uma parte de seu ser que cessava de existir.

E começou o desfile das evocações. Ele revia a "mamãe" mais jovem, com suas roupas há tanto tempo usadas que pareciam

inseparáveis da sua pessoa; ele tornava a encontrá-la em mil circunstâncias esquecidas, com seus gestos, suas entonações, seus hábitos, suas manias, suas cóleras, suas rugas, os movimentos de seus dedos magros, todas as atitudes familiares que ela não teria mais.

E, segurando-se ao doutor, começou a soltar gemidos. Suas pernas moles tremiam; todo o seu corpo era sacudido pelos soluços, e ele balbuciava: "Minha mãe, minha pobre mãe, minha pobre mãe!..."

Mas seu companheiro, que estava ainda embriagado e pensava terminar a noite em lugares que freqüentava secretamente, impacientado com aquela crise aguda, o fez sentar na relva da margem, e quase em seguida o deixou, sob o pretexto de ir ver um doente.

Caravan chorou por muito tempo; depois, quando terminou as lágrimas, quando todo seu sofrimento por assim dizer escorreu, ele experimentou outra vez um alívio, um repouso, uma tranqüilidade súbita.

A lua já se mostrara e banhava o horizonte com sua luz plácida. Os grandes choupos se erguiam com reflexos de prata, e o nevoeiro sobre a planície parecia névoa flutuante; o rio, onde não mais nadavam as estrelas, mas que parecia coberto de nácar, continuava a correr, enrugado de frêmitos brilhantes. O ar era suave, a brisa cheirosa. Um certo amolecimento emanava do sono da terra, e Caravan bebia aquela doçura da noite; ele respirava longamente, julgava penetrar até a extremidade de seus membros um frescor, uma calma, uma consolação sobre-humana.

Mas procurava resistir a esse crescente bem-estar e repetia:

— Minha mãe, minha pobre mãe.— Provocando as lágrimas por uma espécie de descargo de consciência; mas era impossível e já nenhuma tristeza o arrastava aos pensamentos que ainda há pouco o faziam soluçar.

Ergueu-se então, regressando a passo para casa, envolto na calma indiferença da natureza serena e com o coração apaziguado a contragosto.

Quando atingiu a ponte, avistou o farol do último trem, prestes a partir, e, por detrás, as vidraças iluminadas do Café do Globo.

Veio-lhe então o desejo de contar a catástrofe a alguém, de excitar a comiseração, de tornar-se interessante.

Fez uma cara lamentável, empurrou a porta do estabelecimento e avançou para o balcão, onde o gerente imperava como sempre. Contava com um efeito seguro. Todo mundo iria erguer-se, viria a seu encontro, com a mão estendida: "Que é isso? Que tem o senhor?" Mas ninguém notou a desolação da sua fisionomia. Debruçou-se ao balcão e, apertando a fronte entre as mãos, murmurou: "Meu Deus! Meu Deus!"

O gerente o considerou: "Está doente, Sr. Caravan?" Ele respondeu: "Não, meu bom amigo; mas a minha mãe acaba de morrer". O outro largou um "Ah!" distraído; e, como um freguês, ao fundo do estabelecimento, gritasse: "Um chope", ele respondeu em seguida com uma voz terrível: "Já vai", e arremessou-se para servir, deixando Caravan estupefato.

Na mesma mesa de antes do jantar, absortos e imóveis, os três amadores de dominó jogavam ainda. Caravan aproximou-se deles em busca de comiseração. Como ninguém parecesse vê-lo, decidiu-se a falar: "Ainda há pouco me aconteceu uma grande desgraça".

Os três ergueram um pouco a cabeça ao mesmo tempo, mas conservando o olhar fixo no jogo que tinham nas mãos: "Não diga!"—"A minha mãe acaba de morrer". Um deles murmurou: "Oh!" com esse ar falsamente compungido que assumem os indiferentes. O outro, nada achando que dizer, fez ouvir, sacudindo a cabeça, uma espécie de assovio triste. O terceiro recomeçou a jogar, como se tivesse pensado: "Ora! Só isso..."

Caravan esperava uma dessas frases que dizem "vindas do coração". Ao ver-se assim recebido, afastou-se, indignado com tamanha placidez ante o sofrimento de um amigo, embora esse sofrimento, naquele mesmo instante, estivesse de tal maneira adormecido, que ele próprio não o sentia mais.

E retirou-se.

Sua mulher o esperava de camisola, sentada numa cadeira baixa junto à janela aberta, e sempre a pensar na herança.

— Dispa-se—disse ela.—Nós vamos conversar quando estivermos na cama.

Ele ergueu a cabeça, mostrando o teto com a vista: "Mas... lá em cima.. não há ninguém".

— Perdão, Rosalie está junto dela. Depois de você dormir um pouco, irá substituí-la às três da manhã.

Ele ficou de ceroulas no entanto, a fim de estar pronto para quaisquer circunstâncias, atou um lenço no crânio e depois juntou-se à mulher, que acabava de meter os joelhos sob os lençóis.

Ficaram algum tempo sentados lado a lado. Ela pensava:

Sua touca, mesmo naquela hora, estava enfeitada com um laço cor-de-rosa e pendia um pouco sobre uma orelha, como em consequência de um invencível hábito de todas as toucas que ela usava.

De súbito, voltando a cabeça para ele: "Você sabe se sua mãe fez testamento?" Caravan hesitou: "Eu... não sei.

Creio que não... com certeza não fez..." A Sra. Caravan olhou o marido nos olhos e, com uma voz baixa e raivosa: "É uma indignidade, isso! Pois afinal já faz dez anos que nós nos matamos a cuidar dela, que lhe damos casa e comida! Não era a sua irmã quem iria fazer outro tanto por ela, nem eu tampouco, se soubesse como seria recompensada. Sim, é uma vergonha para a sua memória! Você me dirá que ela pagava pensão; é verdade; mas os cuidados dos filhos, não é com dinheiro que a gente os paga: são reconhecidos por testamento, após a morte. Eis como fazem as pessoas direitas. O que eu ganhei com as minhas penas e com os meus trabalhos! Que procedimento, meu Deus, que procedimento!"

Caravan, transtornado, repetia: "Mas minha querida, eu te peço, eu te suplico..."

Afinal, ela acalmou-se e, voltando ao tom de cada dia, recomendou: "Amanhã de manhã, é preciso prevenir sua irmã".

Ele teve um sobressalto: "É verdade, eu não tinha pensado nisso. Logo de manhã cedo lhe enviarei um telegrama". Mas a esposa o interrompeu, como mulher que tudo previra: "Não, manda-o somente das dez às onze, a fim de que tenhamos tempo de nos

mexer antes da sua chegada. De Charenton até aqui, ela gastará quando muito duas horas. Diremos que você perdeu a cabeça".

Mas Caravan bateu na testa e, com a intenção tímida que tomava sempre ao falar de seu chefe, cujo só pensamento o fazia tremer': "É preciso também prevenir no Ministério", disse. Ela respondeu: "Por que prevenir? Em ocasiões como estas, é sempre desculpável um esquecimento. Seu chefe nada poderá dizer e você o deixará até embaraçado".

— Oh! ele vai ficar furioso quando não me vir chegar. Uma bela idéia. E quando eu lhe disser que a minha mãe morreu, ele se verá forçado a calar-se.

E o funcionário, encantado com a farsa, esfregava as mãos só de pensar na cara do seu chefe, enquanto lá em cima o corpo da velha jazia ao lado da criadinha adormecida.

A Sra. Caravan se tornara pensativa, como que obcecada por uma preocupação difícil de dizer. Afinal se resolveu: 'Sua mãe te havia dado seu relógio, não, o da moça com o bilboquê?' Ele procurou na memória e respondeu: "Sim, sim.

Mas já faz muito tempo. Foi quando mamãe veio para cá. Ela me disse: "Será para você o relógio, se cuidar bem de mim".

A Sra. Caravan, tranqüilizada, argumentou: "Está vendo? Então é preciso ir buscar o relógio, pois, se deixarmos que sua irmã venha, ela nos impedirá de ficar com ele". O marido hesitava: "Você acha?" A mulher irritou-se: "Pois lógico! Mas uma vez o relógio aqui embaixo. Pronto! É nosso e acabou-se. Assim a cômoda do quarto dela, a que tem um mármore. Pois ela me deu de presente, num dia em que estava de bom humor".

Caravan parecia incrédulo: "Mas minha querida, é uma grande responsabilidade!" Ela voltou-se para o marido, furiosa: "Ah! é assim? Não mudará nunca então? Seria capaz de deixar seus filhos morrerem de fome para não fazer um só movimento. Desde que ela me deu essa cômoda, o móvel é nosso, não é? E se sua irmã não estiver contente, que se avenha comigo! Que me importa lá sua irmã! Ande, levante-se, para trazermos em seguida o que sua mãe nos deu".

Trêmulo e vencido, ele saltou do leito e, como fosse vestir as calças, a mulher impediu: "Não vale a pena se vestir; bastam as ceroulas. Eu irei assim mesmo".

E ambos, em traje de dormir, partiram, subiram a escada sem ruído, abriram a porta com cautela e entraram no quarto, onde apenas quatro velas acesas ao redor do prato de erva benta guardavam a velha; pois Rosalie, na sua cadeira, com as pernas estiradas, as mãos cruzadas no regaço, a cabeça caída para um lado, também imóvel e de boca aberta, dormia, roncando um pouco.

Caravan tomou o relógio. Era um desses objetos grotescos como os produziu em profusão a arte imperial. Uma rapariga de bronze dourado, com a cabeça ornada de flores diversas, sustentava na mão um bilboquê, cuja bola servia de pêndulo. "Dê-me isso", disse a mulher, "e pega o mármore da cômoda".

Ele obedeceu, resfolegando, e colocou o mármore às costas, com um considerável esforço.

Então o casal partiu. Caravan baixou-se sob a porta e pôs-se a descer a escada, a tremer, enquanto a mulher, à sua frente, alumiaava o caminho com a vela erguida, apertando o relógio sob o outro braço.

Quando chegaram a seus aposentos, ela soltou um profundo suspiro: "O mais pesado está feito; vamos buscar o resto".

Mas as gavetas do móvel estavam abarrotadas com os trapos da velha. Era preciso esconder aquilo em qualquer parte.

A Sra. Caravan teve uma idéia: "Vá buscar o baú de pinho que está no vestíbulo; não Vale quarenta sows, podemos deixá-lo aqui". E quando o baú chegou, começaram a mudança.

Tiravam, um após outro, as mangas, as golas, as camisas, as toucas, todos os pobres pertences da boa mulher ali estendida, e os arrumaram metodicamente no baú de pinho, de maneira a enganar a Sra. Braux, a filha da defunta, que viria no dia seguinte.

Quando tudo ficou terminado, desceram primeiro as gavetas, depois o corpo do móvel, segurando-o um de cada lado; e ambos procuraram durante muito tempo em que ponto ele ficaria melhor. Escolheram afinal o quarto de dormir, defronte ao leito, entre as duas janelas.

Posta a cômoda no seu lugar, a Sra. Caravan a encheu com a sua lingerie. O relógio ocupou a chaminé da sala; e o casal pôs-se a observar o efeito obtido. Ficaram logo encantados. "Muito bem", disse ela. Ele retrucou: "Sim, muito bem". E deitaram-se. Ela soprou a vela; logo todos dormiam nos dois andares da casa.

Já ia alta a manhã quando Caravan abriu os olhos. Tinha o espírito confuso e só se lembrou do acontecimento ao cabo de alguns minutos. Essa lembrança lhe deu um grande golpe no peito; e ele saltou do leito, muito emocionado de novo, prestes a chorar.

Subiu depressa ao quarto superior, onde Rosalie ainda ressonava na mesma posição da véspera, pois dormira de um sono só toda a noite. Mandou-a para o serviço, substituiu as velas gastas, depois ficou a olhar para sua mãe, remoendo no cérebro essas aparências de pensamentos profundos, essas banalidades religiosas e filosóficas que apoderam-se das inteligências medianas em face da morte.

Mas como a mulher o chamasse, ele desceu. Ela escrevera uma lista do que era preciso fazer naquela manhã:

- 1º—Fazer a declaração na prefeitura.
- 2º—Chamar o médico para o atestado de óbito.
- 3º—Encomendar o caixão.
- 4º—Passar pela igreja.
- 5º—Combinar o enterro.
- 6º—Mandar imprimir os convites.
- 7º—Ir ao notário.
- 8º—Telegrafar, avisando a família.

E mais uma porção de insignificâncias. Ele pegou o chapéu e saiu.

Tendo-se espalhado a nova, começavam a chegar as vizinhas, pedindo para ver a morta.

No barbeiro, embaixo, houvera uma cena a este respeito, entre a mulher e o marido, enquanto este barbeava um freguês.

A mulher, enquanto tricotava uma meia, murmurou: "Uma de menos. E sovina, como poucas. Eu não gostava dela, é verdade; mas em todo caso, terei de ir vê-la".

O marido resmungou, ensaboando o queixo do paciente: "Tolices! Não há como as mulheres para essas caraminholas. Não se contentam em amofinar a gente durante a vida; nem na morte nos deixam em paz".

Mas a esposa, sem desconcertar-se, retrucou:

— É mais forte do que eu. Tenho de ir lá. Isto não me sai da cabeça desde a manhã. Se eu não fosse vê-la, parece-me que haveria de pensar nela durante toda a vida. Mas depois que eu a tiver olhado bem ficarei satisfeita.

O homem da navalha ergueu os ombros e abriu-se com o senhor a quem arranhava a face, murmurando:

— Imagine o senhor que idéias têm essas mulheres! Eu é que não me divertiria em ver defuntos!

Mas a mulher o ouvira e respondeu, sem perturbar-se: "É assim mesmo, acabou-se!"

Depois, abandonando o tricô, subiu ao primeiro andar.

Duas vizinhas já tinham chegado e conversavam sobre o acidente com a Sra. Caravan, que contava os pormenores. Dirigiram-se para a câmara mortuária. As quatro mulheres entraram com pés de lã, aspergiram a mortalha, uma após outra, com água salgada, ajoelharam-se, fizeram o sinal da cruz, murmurando uma prece; depois, erguendo-se, com os olhos esgazeados, a boca entreaberta, observaram longamente o cadáver, enquanto a nora da morta, com um lenço sobre o rosto, simulava um soluço desesperado.

Quando se voltou para sair, avistou, de pé junto à porta, MarieLouise e Philippe-Auguste, ambos de camisola, a olhar curiosamente. Então, esquecendo o seu pesar de encomenda, precipitou-se para eles, com a mão erguida, gritando raivosamente: — Sumam-se daqui, seus vagabundos!

Subindo dez minutos mais tarde, com mais uma fornada de vizinhos, depois de haver sacudido o ramo de buxo sobre a sogra, depois de haver rezado, choramingado e cumprido com todos os

deveres, ela descobriu de novo os dois filhos às suas costas. Aplicou-lhes ainda uns cascudos, por descargo de consciência; mas da vez seguinte não mais se importou com eles; e, a cada ronda de visitantes, os dois garotos subiam sempre, ajoelhando-se também a um canto e repetindo invariavelmente tudo o que viam sua mãe fazer.

No princípio da tarde diminuiu a multidão de curiosos. Depois não chegou mais ninguém. A Sra. Caravan, descendo para o seu andar, ocupava-se agora com os preparativos da cerimônia fúnebre. E a morta ficou sozinha.

Pela janela aberta do quarto penetrava um calor tórrido, junto com ondas de poeira. As chamas das quatro velas se agitavam junto ao corpo imóvel. E sobre a mortalha, sobre a face de olhos fechados, sobre as duas mãos estendidas, pequenas moscas subiam, iam, vinham, passeavam sem cessar, percorrendo a velha.

MarieLouise e Philippe-Auguste tinham saído a vagabundear pela avenida. Foram logo cercados pelos camaradas, meninas principalmente, mais espertas, que adivinhavam mais depressa os mistérios da vida. E elas interrogavam, como as pessoas grandes: "Morreu tua avozinha?"—"Sim, ontem à noite"—"Como é um morto?" MarieLouise explicava, descrevendo as velas, o buxo, a cara da morta. E então despertou uma grande curiosidade entre as crianças, que logo pediram para ir ver a defunta.

Em seguida, MarieLouise organizou uma primeira expedição, cinco meninas e dois garotos: os maiores, os mais atrevidos. Obrigou-os a tirar os sapatos para não serem descobertos; o bando se esgueirou pela escada e subiu lentamente como um exército de ratos.

Chegados ao quarto, a menina, imitando a mãe, dirigiu o cerimonial. Guiou solenemente os camaradas, ajoelhou-se, fez o sinal da cruz, moveu os lábios, ergueu-se, aspergiu o leito. E enquanto as crianças, em grupo cerrado, se aproximavam, assustadas, curiosas e radiantes por contemplarem o rosto e as mãos, ela pôs-se de súbito a simular soluços, ocultando os olhos no seu pequeno lenço. Depois, repentinamente consolada ao pensar naqueles que esperavam diante da porta, arrastou, a correr, toda

sua gente, para trazer em seguida um outro grupo, depois um terceiro, pois todos os garotos da zona, até mesmo os pequenos mendigos maltrapilhos, acorriam àquele novo divertimento. E ela recomeçava de cada vez as manigâncias maternas, com uma perfeição absoluta.

Afinal, fatigou-se. Outro brinquedo atraiu as crianças para longe; e a velha avó ficou sozinha, completamente esquecida por todo mundo,

A chama encheu o quarto; e sobre o rosto, seco e enrugado, a chama movediça dos círios fazia dançar os clarões.

Pelas oito horas, Caravan subiu, fechou a janela e renovou as velas. Entrava agora tranqüilamente, já acostumado a considerar o cadáver como se este se achasse ali há meses. Verificou até que ainda não havia indícios de decomposição. Disse-o à mulher, no momento em que se punham à mesa para jantar. A mulher respondeu:—Pudera! Ela é de pau; poderia conservar-se um ano inteiro.

Tomaram a sopa sem dizer palavra. As crianças, deixadas em liberdade todo o dia, exaustas de fadiga, cochilavam nas suas cadeiras, e todos permaneciam silenciosos. De súbito, minguou a claridade do lampião.

A Sra. Caravan ergueu a mecha, mas o aparelho emitiu um som surdo, um gorgolejo prolongado, e extinguiu-se. Tinham esquecido de comprar querosene. Mandar alguém ao armazém retardaria a janta. Procuraram velas. Mas só havia aquelas que estavam acesas lá em cima, sobre a mesa de cabeceira.

A Sra. Caravan, rápida nas decisões, logo mandou MarieLouise buscar duas; e ficaram esperando no escuro.

Ouvia-se distintamente o passo da menina, que subia a escada. Houve em seguida um silêncio de alguns segundos. Depois a menina desceu precipitadamente. Abriu a porta, cheia de medo, mais abalada ainda do que na véspera, ao anunciar a catástrofe, e murmurou, sufocando:

— Oh! papai! vovó está se vestindo!

Caravan ergueu-se em tal sobressalto que a sua cadeira rolou de encontro à parede. Ele balbuciou:—Como? Que é que está dizendo?

Mas MarieLouise, estrangulada pela emoção, repetiu: — Vo... vo... vovó está se vestindo... ela vai descer.

Ele arremessou-se loucamente escada acima, seguido pela mulher, aturdida. Mas diante da porta do segundo andar, estacou, cheio de medo. Que iria ver? A Sra. Caravan, mais ousada, torceu o trinco e penetrou no quarto.

A peça parecia ter-se tornado mais escura; e, no meio, uma alta forma magra se movia. Ela estava de pé, a velha. Ao despertar do sono letárgico', antes mesmo que lhe voltasse por completo o entendimento, voltando-se de lado e apoiando-se sobre o cotovelo, ela assoprava três das velas que ardiam junto ao leito mortuário. Depois, recuperando as forças, erguera-se em busca da sua roupa. A ausência da cômoda a tinha transtornado de início, mas pouco a pouco encontrara suas coisas no fundo da mala de madeira e vestira-se tranqüilamente. Tendo em seguida despejado a bacia cheia d'agua, recolocado o buxo atrás do espelho e repostas as cadeiras no lugar, estava pronta para descer, quando lhe apareceram à frente o filho e a nora.

Caravan precipitou-se, tomou-lhe as mãos, beijou-a, com os olhos cheios d'agua, enquanto a mulher, atrás dele, repetia com um ar hipócrita: — Que felicidade, oh! que felicidade.

Mas a velha, sem se enternecer, sem ao menos denotar haver compreendido a situação, rígida como uma estátua e de olhar gelado, limitou-se a perguntar:

— Já está pronto o jantar?

Ele balbuciou, perdendo a cabeça:

— Sim, mamãe, nós estávamos à sua espera.

E com uma desacostumada solicitude tomou-lhe o braço, enquanto a Sra. Caravan, segurando a vela, lhes iluminava o caminho, descendo a escada à sua frente, de costas e de degrau por degrau, como o fizera na mesma noite, diante do marido, que carregava o mármore.

Chegando ao primeiro andar, ela quase chocou com gente que subia. Era a família de Carenton, Sra. Braux e esposo.

A mulher, alta, gorda, com um ventre de hidrópica que lançava o corpo para trás, esgazeava os olhos, prestes a fugir. O marido,

sapateiro socialista, homenzinho peludo até os olhos, semelhante a um macaco, murmurou sem alterar-se:—Com que então ela ressuscita, hein?

Logo que a Sra. Caravan os reconheceu, fez-lhes sinais desesperados; e depois, em voz alta:

— Como? Vocês por aqui? Que bela surpresa!

Mas a Sra. Braux, desnorteada, não compreendia; respondeu a meia voz:

— Foi por causa do telegrama de vocês. Nós pensávamos que já estivesse tudo acabado.

O marido, atrás dela, beliscava para que se calasse. Ele acrescentou, com um riso maligno oculto em sua espessa barba:

— Foi muita amabilidade da parte de vocês haver-nos convidado. Nós em seguida nos pusemos a caminho.

Fazia assim alusão à hostilidade que de há muito reinava entre os dois casais. Depois, quando a velha ia descendo os últimos degraus, ele avançou vivamente e esfregou contra o rosto dela os pêlos que lhe cobriam a face, gritando-lhe ao ouvido, por causa da sua surdez:

— E daí, mamãe, sempre sólida hein?

A Sra. Braux, no seu estupor de ver bem viva aquela a quem esperava encontrar morta, não ousava nem mesmo abraçá-la; e o seu ventre enorme obstruía a escada, impedindo que os demais avançassem.

A velha, inquieta e desconfiada, mas sempre silenciosa, olhava toda aquela gente que a cercava; e seus olhinhos cinzentos, perscrutadores e duros, fixavam-se ora num, ora noutro, cheios de pensamentos visíveis, que perturbavam seus filhos.

Caravan disse, para explicar:—Ela esteve um pouco doente, mas agora vai bem, perfeitamente bem, não é mamãe?

Então a velha, pondo-se em marcha, respondeu com sua voz quebrada, como que distante:

— Foi uma síncope: eu ouvia vocês durante todo o tempo.

Seguiu-se um silêncio embaraçado. Penetraram na sala; depois sentaram-se ante uma janta improvisada em alguns minutos.

Apenas o Sr. Braux conservara o aprumo. Seu rosto de gorila malévolos careteava; e ele largava frases de duplo sentido, que visivelmente constrangiam a todos.

Mas a cada instante tilintava a campainha do vestíbulo: e Rosalie, transtornada, vinha chamar Caravan, que se precipitava, soltando o guardanapo. O cunhado chegou a perguntar-lhe se era o seu aniversário. Ele balbuciou:

— Não. Recados, apenas.

Então, como trouxessem um pacote, ele o abriu impensadamente e apareceram os convites de enterro, tarjados de negro. Enrubescendo até os olhos, ele fechou o envelope e meteu-o debaixo do colete.

Mas a mãe não vira nada; estava a olhar obstinadamente para o seu relógio, cujo bilboquê dourado balançava sobre a chaminé. E o embaraço aumentava, no meio de um silêncio glacial.

Então a velha, voltando para a filha a sua face enrugada de bruxa, teve nos olhos um relâmpago de malícia e articulou:

— Segunda-feira você me trará sua pequena, eu quero vê-la.

A Sra. Braux, com a fisionomia iluminada, gritou: "Sim, mamãe", enquanto a Sra. Caravan, empalidecendo, sentia-se desmaiar de angústia.

Entretanto, os dois homens, pouco a pouco, tinham começado a conversar; e entabularam, a propósito de nada, uma discussão política. Braux, sustentando as doutrinas revolucionárias e comunistas, gesticulava, com os olhos acesos no rosto felpudo, gritando:

— A propriedade é um roubo ao trabalhador. A terra pertence a todos. A herança é uma infâmia e uma vergonha...

Mas parou bruscamente, confuso como alguém que acaba de dizer uma tolice. Depois, num tom mais sereno, acrescentou:

— Mas não é ocasião para discutir tais coisas.

A porta abriu-se: o Dr. Chenet apareceu.

Teve um segundo de pânico, depois recuperou a linha e, aproximando-se da velha:

— Ah! ah! vovozinha, vai tudo bem hoje! Eu bem o sabia; dizia com os meus botões ainda há pouco, ao subir a escada: "Aposto que

ela está de pé, a vovozinha".

E batia-lhe brandamente nas costas:

— Ela é sólida como a Pont-Neuf. Ainda nos há de enterrar a todos, vocês verão.

Sentou-se, aceitando o café que lhe ofereciam, e meteu-se logo na conversação dos dois homens, apoiando Braux, pois ele próprio já estivera comprometido na Comuna.

Ora, a velha, sentindo-se fatigada, quis recolher-se. Caravan precipitou-se. Ela então o fitou nos olhos e lhe disse: "Você vai é subir imediatamente minha cômoda e meu relógio". E, enquanto ele balbuciava: "Sim, mamãe" — a velha tomou o braço da filha e retirou-se com ela.

O casal Caravan permaneceu alarmado, silencioso, fulminado com aquele horrível desastre, ao passo que Braux só deixava de saborear o café para esfregar as mãos.

De súbito a Sra. Caravan, cega de cólera, avançou para ele, vociferando:

— Você é um ladrão, um cretino, um canalha... Eu cuspo-lhe na cara, eu... eu...

Ela, sufocada, não achava o que dizer; mas ele ria, continuando a bebericar o seu café.

Exatamente nesse instante voltava sua mulher, que logo se arremessou para a cunhada. Uma, enorme, com o seu ventre ameaçador, a outra, epiléptica e magra, ambas com a voz demudada e as mãos trêmulas, puseram-se a trocar, aos berros, uma infinidade de injúrias.

Cheneí e Braux intervieram, e este último, empurrando a sua mulher pelos ombros, a fez sair, gritando-lhe:

— Anda, mula, você zurra demais!

E ouviram-nos afastar pela rua, a descomporem-se. Chenet despediu-se. Os Caravan ficaram face a face. Então o homem abateu-se numa cadeira, com um suor frio nas têmporas, e murmurou:

— Meu Deus! O que é que eu vou dizer amanhã ao meu chefe?

"MADEMOISELLE" FIFI

O major, comandante prussiano, conde de Farlsberg, acabava de ler sua correspondência, recostado ao fundo de uma grande poltrona estofada e com as botas sobre o mármore elegante da lareira, onde as esporas, durante os três meses que ele ocupava o castelo de Uville, tinham traçado dois buracos profundos, cavados cada dia um pouco mais.

Uma taça de café fumegava sobre uma jardineira de marchetaria manchada pelos licores, queimada pelos charutos, entalhada pelo canivete do oficial conquistador, que às vezes, detendo-se no apontar um lápis, traçava sobre o gracioso móvel monogramas ou desenhos, ao capricho de sua imaginação indolente.

Quando acabou de ler as cartas e percorreu os jornais alemães que seu ordenança lhe trouxera, ergueu-se e, após lançar ao fogo três ou quatro enormes pedaços de lenha verde, pois que seus homens abatiam aos poucos o parque para se aquecer, aproximou-se da janela.

A chuva caía forte, uma chuva normanda que se diria lançada por uma mão furiosa, uma chuva oblíqua, espessa como uma cortina que formava uma espécie de parede de raias enviesadas, uma chuva que açoitava, que salpicava lama, que inundava tudo, uma verdadeira chuva dos arredores de Ruão, esse vaso noturno da França.

O oficial olhou por muito tempo os campos inundados e, lá adiante, o Andelle entumescido, que transbordava; tamborilava contra a vidraça uma valsa do Reno, quando um ruído o fez voltar-se: era o ajudante, o barão de Kelweingstein, que tinha um posto equivalente ao de capitão.

O major era um gigante, largo de espáduas, adornado por uma longa barba em leque, como um guardanapo sobre o peito. E toda

sua grande figura dava a idéia de um pavão militar, um pavão que levasse a cauda desfraldada no queixo. Tinha olhos azuis, frios e suaves, uma cicatriz de cutilada na face, recebida na guerra da Áustria; e diziam-no tão reto homem como bravo soldado.

O capitão, um homenzinho corado e obeso, cinchado à força, usava quase à escovinha o cabelo avermelhado, cujos fios de fogo davam a impressão, quando se encontravam sob certos reflexos, de que seu crânio estivesse coberto de fósforo. Dois dentes perdidos numa noite de farra, sem que ele se recordasse ao certo de que modo, faziam-no cuspir palavras mal pronunciadas, nem sempre compreensíveis. Era calvo apenas no alto da cabeça tosquiada como um frade, com um tosão de cabelinhos anelados, dourados e brilhantes, em torno àquele círculo de carne nua.

O comandante apertou-lhe a mão e sorveu de um trago a taça de café (a sexta desde a manhã), ouvindo o relatório de seu subordinado sobre os incidentes ocorridos no serviço; em seguida, ambos se aproximaram da janela, concordando que aquilo não era divertido. O major, homem tranqüilo, casado, se conformava com tudo; mas o capitão, gozador da vida, freqüentador de prostíbulos e furioso conquistador, irritava-se de estar encerrado havia três meses na castidade obrigatória daquela posição perdida.

Como arranhassem à porta, o comandante gritou que abrissem, e um homem, um dos seus soldados autômatos, apareceu no vão, anunciando apenas com sua presença que o almoço estava pronto.

Na sala, encontraram os três oficiais de posto inferior: um tenente, Otto de Grossling; dois subtenentes, Fritz Scheunauburg e o marquês Wilhelm de Eyrik, um loirinho orgulhoso e brutal para com os soldados, duro com os vencidos e violento como uma arma de fogo.

Após sua entrada na França, os colegas passaram a chamar-lhe Mile. Fifi. Este apelido lhe vinha do jeito requebrado, do talhe esbelto, que parecia cingido num espartilho, do rosto pálido, onde um incipiente bigode mal aparecia, e, também, do hábito que ele tinha, para exprimir seu soberano desprezo dos seres e das coisas, de empregar a todo instante a locução francesa—f i, fi, done, que pronunciava com um leve sibilo.

A sala de jantar do castelo de Uville era uma longa e suntuosa peça, cujos espelhos de cristal antigo, estrelados por balas, e as pesadas tapeçarias de Flandres, retalhadas a golpe de sabre e pendentes em certos lugares, denunciavam as ocupações de Mile. Fifi em suas horas de desfastio.

Nas paredes, três retratos de família, um guerreiro de armadura, um cardeal e um presidente fumavam longos cachimbos de porcelana, enquanto que, em sua moldura desdoirada pelos anos, uma nobre dama de colo espartilhado mostrava num ar arrogante um enorme par de bigodes feito a carvão.

E o almoço dos oficiais transcorreu quase em silêncio naquela peça mutilada, ensombrecida pela chuva, com seu triste aspecto vencido, e onde o velho assoalho de carvalho se tornara sólido como um chão de taberna.

À hora do fumo, quando começaram a beber, tendo terminado a refeição, ficaram, como todos os dias, a falar da monotonia em que viviam. As garrafas de conhaque e de licores passavam de mão em mão; e, todos prostrados sobre as cadeiras, bebiam a pequenos goles repetidos, conservando ao canto da boca o comprido canudo curvo que terminava em ovo de faiança, sempre pintado como para seduzir hotentotes.

Quando o copo esvaziava, tornavam a enchê-lo com um gesto de lassidão resignada. Mas Mile. Fifi quebrava o seu a todo instante, e um soldado logo lhe estendia outro.

Uma cerração de fumo acre os afogava, e eles pareciam engolfar-se em sonolentas grosserias, nessa melancólica embriaguez dos que nada têm a fazer.

Mas o barão, repentinamente, se aprumou. Uma revolta o sacudiu; ele protestou:

— Por Deus! Isto não pode continuar, é preciso inventar alguma coisa, afinal de contas.

O tenente Otto e o subtenente Fritz, dois oficiais de rudes e graves fisionomias, marcadamente germânicas, responderam a um tempo:

— Inventar o que, capitão?

Ele refletiu alguns segundos, depois continuou:

— O quê? Ah, bem, é preciso organizar uma festa, se o comandante o permitir.

O major largou o cachimbo:

— Que festa, capitão? O barão se aproximou:

— Eu me encarrego de tudo, comandante. Enviarei o Dever a Ruão para nos trazer mulheres; sei onde arranjar-las. Prepare-se aqui uma ceia; aliás, não falta coisa alguma, e, pelo menos, passaremos uma boa noite.

O conde de Farlsberg alçou os ombros, sorrindo:

— Você está louco, meu amigo.

Mas todos os oficiais se haviam erguido, cercado o chefe e suplicando:

— Permita, comandante, isto aqui é tão triste.

Afinal, o major cedeu: "Está bem", disse ele; e, em seguida, o barão mandou chamar o Dever. Este era um velho suboficial que ninguém jamais tinha visto sorrir, mas que cumpria fanaticamente todas as ordens de seus superiores, quaisquer que fossem.

Perfilado, com o rosto impassível, recebeu as instruções do barão; em seguida saiu, e, cinco minutos depois, um grande carro do trem militar, coberto por um toldo de lona estendido em cúpula, abalava sob a chuva furiosa, ao galope de quatro cavalos.

Logo um frêmito de alerta pareceu percorrer os espíritos. As posições de abandono se corrigiram, os rostos se animaram e iniciou-se uma palestra.

Se bem que a chuva continuasse com a mesma fúria, o major afirmou que estava menos sombrio, e o tenente Otto anunciava, convicto, que o céu ia clarear. Nem mesmo Mile. Fifi parecia ter sossego. Erguia-se e tornava a sentar-se. Seu olhar claro e agudo procurava algo para quebrar. De repente, alisando o bigode, o loirinho sacou o revólver. "Não assistirás a isso", disse; e, sem abandonar a poltrona, mirou. Duas balas furaram os olhos do retrato.

Em seguida, exclamou:

— Façamos a mina!

E, repentinamente, a palestra foi interrompida, como se todos tivessem sido tomados por um poderoso e novo interesse.

A mina era um invento seu, sua maneira de destruir, seu divertimento preferido.

Ao abandonar o castelo, o proprietário legítimo, o conde Fernand D'Amoys d'Uville, não tivera tempo de levar nem de ocultar nada, salvo a prataria escondida no buraco de uma parede. Ora, como ele fosse muito rico e suntuoso, o seu grande salão, cuja porta abria para a sala de jantar, apresentava, antes da fuga precipitada do dono, o aspecto de uma galeria de museu.

Das paredes pendiam telas, desenhos e aquarelas caros, enquanto sobre os móveis, os aparadores, e nos armários elegantes, mil bibelôs, vasos de porcelana, estatuetas, figurinhas de Saxe e bonecos da China, marfins antigos e cristais de Veneza, povoavam o vasto compartimento com sua multidão preciosa e extravagante.

Pouco restava agora. Não que alguém houvesse roubado; o major, conde de Farlsberg, absolutamente não o teria permitido; mas Mile. Fifi, de vez em quando, armava a mina. E todos os oficiais nesse dia se divertiam, de fato, durante cinco minutos.

O jovem marquês foi buscar no salão o que precisava. Trouxe um pequenino bule da China, cor-de-rosa, encheu-o com pólvora de canhão e, pelo bico, introduziu delicadamente um longo pedaço de estopim, acendeu-o e correu a colocar essa máquina infernal no compartimento vizinho.

Depois, voltou depressa, fechando a porta. Os alemães aguardavam, de pé, sorridentes, com uma curiosidade infantil na fisionomia; e logo que a explosão estremeceu o castelo eles se precipitaram juntos.

Mile. Fifi, que entrara na frente, batia palmas com delírio diante de uma Vênus de terracota cuja cabeça afinal saltara; e cada um deles juntava pedaços de porcelana, maravilhando-se com os recortes estranhos dos cacos, examinando os novos estragos, contestando alguns outros como produzidos pela explosão anterior. E o major observava com ar paternal o vasto salão destruído por esse divertimento à maneira de Nero, polvilhado de destroços de objetos artísticos. Retirou-se em primeiro lugar, declarando com simplicidade: "Esta, sim, foi boa".

Mas tal onda de fumaça invadira a sala de jantar, misturando-se com a do fumo, que não se podia mais respirar. O comandante abriu a janela, e os oficiais, voltando para beberem um último copo de conhaque, se aproximaram.

O ar úmido engolfou-se na peça, trazendo um cheiro de inundação e espécie de poeira d'água que pulverizava as barbas. Eles olhavam as grandes árvores vergadas sob a chuva, o amplo vale obscurecido por aquele aluvião de nuvens sombrias e baixas e, muito ao longe, o campanário da igreja, ereto como uma ponta cinzenta na chuva torrencial.

Desde a chegada deles que o sino da igreja não tocava. Era, afinal, a única resistência que os invasores tinham encontrado nos arredores: o sino. O vigário absolutamente não se recusara a receber e a alimentar os soldados prussianos; diversas vezes, até, aceitara beber uma garrafa de cerveja ou de bordéus com o comandante inimigo, que o utilizava seguidamente como intermediário benévolo; mas era inútil pedir-lhe um único tinido do seu sino; ele preferiria ser fuzilado. Essa era sua maneira de protestar contra a invasão, protesto pacífico, protesto do silêncio, o único, dizia ele, que convinha ao padre, homem de doçura e não de sangue. E todos, por quilômetros em derredor, exaltavam a firmeza, o heroísmo do padre Chantavoine, que ousava afirmar o luto público e proclamá-lo pelo mutismo obstinado de sua igreja.

A povoação inteira, entusiasmada com tal resistência, prontificava-se a apoiar até o fim o seu pastor, a desafiar tudo, considerando esse protesto tácito como a salvaguarda da honra nacional. Parecia aos camponeses que dessa forma melhor faziam jus à gratidão da pátria do que Belford e Estrasburgo, e que davam um exemplo equivalente, immortalizando o nome do lugarejo; exceto isso, nada mais recusavam aos prussianos vencedores.

O comandante e seus oficiais riam dessa coragem inofensiva; e, como toda a região se mostrasse submissa e obediente, toleravam de bom grado aquele mudo patriotismo.

Só o jovem marquês Wilhelm desejava forçar o sino a bater. Desesperava-o a condescendência política do seu superior para com o padre; e todos os dias suplicava ao comandante que o deixasse

fazer "Din-don-don" uma vez, uma única vezinha, para, apenas, rir um pouco. E pedia isso com graças felinas, com requebros femininos, com doçuras de voz de uma amante torturada por um desejo; mas o comandante não cedia e Mile. Fifi, para se consolar, fazia a mina no castelo d'Uville.

Os cinco homens ficaram ali, juntos, alguns minutos, aspirando a umidade. O tenente Fritz, finalmente, disse, com um riso pastoso:

— Aquelas senhoritas, tecitidamente, nom terrom pom tempo para sua passeio.

Em seguida se separaram, cada um para o seu serviço, e O capitão com muito que fazer para os preparativos do jantar.

Quando se encontraram de novo, ao cair da noite, puseram-se a rir ao ver-se tão elegantes, reluzentes, perfumados e untados como nos dias de parada. Os cabelos do comandante pareciam menos grisalhos que pela manhã; e o capitão se barbeara, conservando apenas o bigode, como uma chama sob o nariz.

Apesar da chuva, deixaram a janela aberta; e um deles, às vezes, ia escutar. Às seis horas e dez minutos, o barão percebeu um rodar longínquo. Todos se precipitaram; e, logo, o grande carro se aproximou com seus quatro cavalos sempre a galope, enlameados até o lombo, esbaforidos e resfolegantes.

Cinco mulheres desceram pela escada, cinco belas raparigas escolhidas cuidadosamente por um camarada do capitão a quem o Dever levava um cartão deste.

Elas não se tinham feito rogar, certas de ser bem pagas, conhecedoras que eram dos prussianos, naqueles três meses que os vinham sondando, no empenho de tirar partido dos homens como das coisas. São "exigências do negócio", diziam consigo em caminho, como resposta a alguma agulhada secreta de um resto de consciência.

E imediatamente entraram na sala de jantar. Iluminada, parecia ainda mais lúgubre na sua lastimável desordem; e a mesa coberta de carnes, de baixela rica e da prataria encontrada na parede onde a escondera o proprietário, dava a esse lugar o aspecto duma taverna de bandidos que ceassem após uma pilhagem. O capitão, radiante, apossou-se das raparigas como duma coisa familiar, abraçando-as,

apalpando-as, farejando-as, calculando-lhes o valor como vendedoras de prazer. E, como os três jovens quisessem ficar cada qual com uma, ele se opôs a isso com autoridade, reservando-se o direito de fazer a partilha com toda a justiça, de acordo com os postos, para não ferir a hierarquia.

Então, a fim de evitar qualquer discussão, qualquer reclamação, ou suspeita de parcialidade, alinhou-as por ordem de altura, e dirigindo-se à maior, disse, em tom de comando:

— Seu nome?

Ela respondeu, engrossando a voz:

— Pamela.

Então, ele proclamou:

— A número um, a chamada Pamela, ficará com o comandante.

Beijando em seguida Blondine, a segunda, em sinal de posse, ofereceu a gorda Amanda ao tenente Otto, a Eva Tomate ao subtenente Fritz, e a menor de todas, Rachel, uma morena muito jovem, de olhos negros como borrões de tinta, uma judia cujo nariz adunco confirmava a regra que caracteriza a sua raça, ao mais jovem dos oficiais, ao frágil marquês Wilhelm d'Eyrik.

Todas, aliás, eram bonitas e gordas, mais ou menos parecidas, assemelhando-se em tudo pela prática cotidiana do amor e a promiscuidade das casas públicas.

Os três rapazes pretendiam logo carregar suas mulheres, sob o pretexto de lhes oferecer escovas e sabão para se lavarem; mas o capitão se opôs a isso prudentemente, afirmando que elas estavam bastante limpas para sentar à mesa e que aqueles que subissem quereriam trocar ou descer, perturbando os outros pares. Sua experiência prevaleceu. Houve, então, apenas muitos beijos, beijos de expectativa.

Súbito, Rachel sufocou, tossindo até as lágrimas e expirando fumaça pelas narinas. O marquês, sob o pretexto de beijá-la, acabava de soprar-lhe um jato de fumo na boca. Ela não se zangou, não disse uma única palavra, mas fixou seu possuidor com uma cólera acesa no fundo do olhar negro.

Sentaram. O próprio comandante parecia encantado; colocou Pamela à sua direita, Blondine à esquerda e declarou, desdobrando

o guardanapo:

— Você teve uma idéia encantadora, capitão.

Os tenentes Otto e Fritz, polidos como se estivessem ao lado de senhoras, intimidavam um pouco suas companheiras, mas o barão de Kelweingstein, entregando-se ao seu prazer predileto, brilhava, dizia frases picantes, parecia incendiado com sua coroa de cabelos vermelhos. Galanteava em francês do Reno; e suas cortesias de taberna, expectoradas pelo buraco dos dois dentes quebrados, chegavam às raparigas em meio a uma metralha de saliva.

Elas, entretanto, não compreendiam coisa alguma; e sua inteligência só pareceu despertar quando ele cuspiu palavras obscenas, expressões cruas, estropiadas pelo sotaque. Então, todas ao mesmo tempo, começaram a rir como loucas, caindo sobre o ventre dos companheiros, repetindo os termos que o barão começou a deturpar propositadamente para fazê-las dizer torpezas. Elas as vomitavam à vontade, embriagadas desde as primeiras garrafas de vinho; e, voltando ao que eram, expandindo-se, beijavam os bigodes da direita e os da esquerda, beliscavam os braços, lançavam gritos furiosos, bebiam em todos os copos, cantavam coplas francesas e trechos de canções alemãs aprendidas nas suas relações cotidianas com o inimigo.

Logo, os próprios homens, embriagados por aquela carne de mulher exposta ante seu nariz e suas mãos, exaltavam-se, berrando, quebrando a baixela, enquanto, atrás deles, os soldados, impassíveis, os serviam.

Só o comandante guardava compostura.

Mile. Fifi colocara Rachel sobre os joelhos e, animando-se a frio, ora beijava loucamente os crespinhos de ébano do seu pescoço, aspirando o doce calor do corpo e toda a fragrância de sua pessoa, pelo pequeno espaço entre a pele e o vestido; ora, através da roupa, beliscava-a furiosamente, fazendo-a gritar, tomado de uma ferocidade raivosa, dominado pela necessidade de destruição. Outras vezes, também, tomando-a braços, apertando-a como se quisesse confundi-la consigo próprio, apoiava longamente os lábios sobre a boca fresca da Judia e a beijava até perder o fôlego. Mas, de

repente, mordeU-a com tanta força que um filete de sangue desceu sob o queixo dela e caiu no corpinho.

Ainda uma vez a rapariga o encarou e, limpando o ferimento, murmurou:

— Isto se paga.

Ele começou a rir, um riso cruel. E disse:

— Eu pagarei!

Chegava-se à sobremesa; enchiam as taças de champanhe. O comandante ergueu-se e, no mesmo tom em que saudaria a imperatriz Augusta, brindou:

— Às nossas damas!

E começou uma série de brindes, brindes de uma galanteria de soldados e de borrachos, de mistura com gracejos obscenos, tornados mais estúpidos ainda pela ignorância do idioma.

Erguiam-se um após outro procurando espírito, esforçando-se por parecerem engraçados; e as mulheres, cambaleantes, os olhos vagos, os lábios pastosos, aplaudiam freneticamente.

O capitão, sem dúvida querendo dar à orgia um ar galante, ergueu ainda uma vez o copo, e disse:

— Às nossas vitórias sobre os corações!

Então, o tenente Otto, espécie de urso da Floresta Negra, aprumou-se, inflamado, saturado de bebida. E tomado repentinamente de um patriotismo alcoólico gritou:

— Às nossas vitórias sobre a França!

Embora embriagadas, as mulheres calaram-se; e Rachel, trêmula, voltou-se:

— Fique sabendo que eu conheço franceses diante de quem não diria isso.

Mas o marquesinho, mantendo-a ainda nos joelhos, pôs-se a rir, muito alegrado com o champanhe:

— Ah! Ah! Ah! Desses eu nunca vi. Sempre que aparecemos eles fogem correndo!

A rapariga, exasperada, gritou-lhe no rosto:

— Está mentindo, sem-vergonha!

Durante um segundo, ele fixou nela seus olhos claros, como os fixava nos quadros quando lhes furava a tela a tiros. Depois, desatou

a rir:

— Ah! não digas isso, beleza. Estaríamos aqui, se eles fossem valentes?— E, animando-se:— Nós somos os donos! A nós a França!

Ela saltou dos seus joelhos para a cadeira. Ele levantou-se, espichou o copo até o centro da mesa e repetiu:

— A França e os franceses, os bosques, os campos e as casas, tudo é nosso!

Os outros, completamente embriagados, sacudidos de súbito por um entusiasmo militar, um entusiasmo de brutos, agarraram os copos, vociferando: "Viva a Prússia!", e os esvaziaram de um só trago.

As mulheres, reduzidas ao silêncio e cheias de medo, não protestavam. A própria Rachel se calava, impotente para responder.

Então, o marquesinho colocou sobre a cabeça da judia a sua taça novamente cheia de champanhe.

— A nós também— gritou— todas as mulheres da França!

Ela se ergueu tão depressa que o cristal, virando, despejou, como num batismo, o vinho flavo nos seus cabelos negros, e espatifou-se no solo. De lábios trêmulos, Rachel desafiava com os olhos o oficial, que continuava a rir. E ela balbuciou, numa voz estrangulada pela cólera:

— Não, não, não, isso não é verdade; vocês não terão as mulheres da França.

Ele sentou-se para rir à vontade e, procurando o tom parisiense:

— Esta é pern poa, pern poa; que veio facer aqui, entom, menina?

Atônita, Rachel calou-se a princípio, sem compreender bem na sua perturbação; mas logo que percebeu o que ele dizia, lançou-lhe, indignada e com veemência:

— Eu! Eu! Eu não sou uma mulher, sou uma prostituta; e é só isso que merecem os prussianos!

Rachel ainda não terminara e ele já começara a esbofeteála violentamente; mas, como erguesse ainda uma vez a mão, ela, desvairada de raiva, tomou de sobre a mesa uma faquinha de prata para doces e, tão rapidamente que nada se viu de início, cravou-lhe a faca no pescoço, justamente na concavidade onde começa o peito.

Uma palavra que ele pronunciava lhe foi cortada na garganta; e ele ficou de boca aberta, com um olhar horrível.

Todos lançaram um grito e se ergueram em tumulto. Mas tendo jogado sua cadeira nas pernas do tenente Otto, que desabou inteiro, ela correu à janela, abriu-a antes que alguém tivesse podido segurá-la, e lançou-se na escuridão da noite, sob a chuva que continuava a cair.

Em dois minutos, Mile. Fifi morreu. Então, Fritz e Otto desembainharam as espadas e quiseram massacrar as mulheres, que se arrastavam aos seus joelhos. O major, não sem dificuldade, impediu esse morticínio e mandou encerrar num quarto, sob a guarda de dois homens, as quatro mulheres aterrorizadas; em seguida, como se estivesse dispondo seus soldados para um combate, organizou a perseguição da fugitiva, certo de alcançá-la.

Cinquenta homens, cobertos de ameaças, foram lançados no parque. Duzentos outros revistaram os bosques e todas as casas do vale.

A mesa, desguarnecida num instante, servia agora de leito mortuário, e os quatro oficiais, rígidos, curados da bebedeira, com o rosto endurecido de homens de guerra em atividade, permaneciam perfilados junto às janelas, sondando a noite.

A chuva torrencial continuava. Enchia as trevas de um barulho contínuo, um inquieto murmúrio de água que cai e de água que corre, de água que goteja e de água que salta.

Súbito, um tiro ecoou, seguindo-se um outro ao longe; e, durante quatro horas, se ouviram, de tempos em tempos, detonações próximas ou longínquas e gritos da soldadesca, palavras estranhas lançadas, como apelos, por vozes guturais.

Ao amanhecer, todos retornaram. Dois soldados tinham sido mortos, e três outros feridos por seus colegas no ardor da caça e na fúria daquela perseguição noturna.

Ninguém havia encontrado Rachel.

Os habitantes foram aterrorizados, suas casas reviradas, toda a região percorrida, batida, revolvida. A judia não parecia ter deixado um único vestígio de sua passagem.

O general, avisado, ordenou que se abafasse o caso, para não dar mau exemplo ao exército, e castigou com uma pena disciplinar ao comandante, que puniu seus inferiores. O general dissera: "Ninguém faz guerra para se divertir e meter-se com mulheres da vida". E o conde de Farlsberg, exasperado, resolveu vingar-se sobre a região.

Como necessitasse de um pretexto para agir sem constrangimento, mandou chamar o sacerdote e lhe ordenou bater o sino para o enterro do marquês D'Eyrik.

Contra toda expectativa, o padre mostrou-se dócil, humilde, atencioso. E quando o corpo de Mile. Fifi, levado por soldados, precedido, cercado, seguido de soldados que marchavam de fuzil carregado, deixou o castelo de Uville, dirigindo-se para o cemitério, pela primeira vez o sino tocou seu dobre fúnebre num compasso alegre, como se uma mão amiga o acariciasse.

Ele tocou ainda à noite, e na manhã seguinte também, e todos os dias; carrilhonou tanto quanto queriam. Às vezes, mesmo durante a noite, começava a se agitar sozinho e atirava docemente dois ou três sons na sombra, tomado de alegrias singulares, despertado sem se saber por quê. Todos os camponeses do local disseram-no então enfeitado e ninguém mais, salvo o padre e o sacristão, se aproximava da torre.

É que uma pobre rapariga vivia lá em cima, na angústia e na solidão, alimentada às escondidas por aqueles dois homens.

Ela permaneceu ali até a partida das tropas alemãs. Depois, uma noite, o padre, tendo pedido emprestada a carroça do padeiro, conduziu ele próprio sua prisioneira até a porta de Ruão. Ali chegado, o padre abraçou-a; ela desceu e retomou, às pressas, o caminho da pensão de mulheres, cuja proprietária a acreditava morta.

Dali foi tirada, algum tempo depois, por um patriota sem preconceitos, que a amou por sua bela ação; mais tarde, tendo gostado dela por si mesma, desposou-a, tornando-a uma senhora tão boa como muitas outras.

(Tradução de Justino Martins.)

ENCONTRO

Foi um acaso, um verdadeiro acaso. O barão d'Etraille, fatigado de estar de pé, entrou (visto que todos os aposentos da princesa se achavam abertos naquela noite de baile) no quarto de dormir deserto e que parecia quase escuro, após os salões iluminados.

Ele procurava uma poltrona onde dormir, certo de que sua mulher não desejaria retirar-se antes do amanhecer. Avistou da entrada o largo leito azul com flores de ouro, erguido no meio da vasta peça como um cadafalço onde teria sido amortalhado o amor, pois a princesa não era mais jovem. Por detrás, uma grande mancha clara dava a sensação de um lago visto de uma alta janela. Um espelho parecia olhar o leito, ser cúmplice. Dir-se-ia que ele guardava recordações, saudades, como esses castelos que os espectros insistem em assombrar, e que a gente ia ver agitarem-se, na sua face lisa, e o espelho, imenso, discreto, com sombrios cortinados que deixavam vazias essas encantadoras formas que têm as ancas nuas das mulheres, e os gestos dos braços quando enlaçam.

O barão parou para sorrir, um pouco excitado à entrada daquela câmara de amor. Mas, de súbito, algo apareceu no espelho, como se os fantasmas evocados tivessem surgido diante de si. E o cristal polido, refletindo as suas imagens, mostrava-os de pé e beijando-se na boca, antes de se separarem.

O barão reconheceu sua mulher e o marquês de Cervigné. Ele deu meia-volta e afastou-se, como homem forte e senhor de si, e esperou que o dia clareasse para conduzir a baronesa; mas não pensava mais em dormir.

Logo que se viu a sós com ela, assim lhe falou: Madame, eu a vi há pouco no quarto da princesa de Raynes. É escusado dar mais

explicações. Eu detesto tanto as recriminações e as violências, como o ridículo. Como quero evitar tais coisas, nós vamos nos separar sem escândalo. Quanto à sua situação, será regulada pelos procuradores, conforme minhas ordens. A senhora será livre para viver a seu bel-prazer, logo que não mais estiver sob o meu teto, mas previno-a de que, se algo de escandaloso ocorrer para o futuro, eu me verei forçado a mostrar-me mais severo, visto que a senhora continuará a usar o meu nome.

Ela quis falar; ele a impediu, inclinou-se e recolheu-se a seus aposentos.

Sentia-se mais espantado e triste do que infeliz, Muito a amara nos primeiros tempos do casamento. Aquele ardor havia pouco a pouco amortecido, e agora ele tinha, muitas vezes, os seus caprichos ou nos bastidores teatrais ou na sociedade, mas não sem conservar certa inclinação pela baronesa.

Ela era bastante jovem, vinte e quatro anos apenas, pequenina, singularmente loira, e magra, muito magra. Era uma boneca de Paris, fina, mimada, elegante, faceira, bastante espirituosa, com mais encanto que beleza. Ele dizia num tom familiar a seu irmão ao referir-se a ela: "A minha mulher é encantadora, provocante, apenas... ela não nos deixa nada na mão. Assemelha-se a essas taças de champanhe onde tudo é espuma. Quando se acaba por encontrar o fundo, é bom afinal de contas, mas muito pouco".

Ele media o quarto de um lado para outro, agitado e pensando em mil coisas. Por momentos, era movido de ímpetos de cólera e sentia desejos brutais de ir desancar o marquês ou esbofeteá-lo no clube. Depois considerava que isso seria de mau gosto, que ririam dele e não do outro e que aqueles impulsos lhe vinham antes de sua vaidade ferida que do seu coração mortificado. Ele deitou-se, mas não dormiu.

Soube-se em Paris, alguns dias mais tarde, que o barão e a baronesa d'Etraille haviam se separado amigavelmente por incompatibilidade de gênios. Não se suspeitou de nada, não se murmurou nada e ninguém se espantou.

O barão, no entanto, para evitar encontros que lhe seriam penosos, viajou durante um ano, depois passou o verão seguinte

nas praias, o outono em caçadas e voltou a Paris no inverno. Nenhuma vez encontrou sua mulher.

Sabia que não diziam nada dela. A baronesa tinha, pelo menos, o cuidado de guardar as aparências. Nem ele exigia mais do que isso.

Aborreceu-se, viajou outra vez, depois mandou restaurar o seu castelo de Villebosc, no que levou dois anos; depois recebeu ali a seus amigos, o que o ocupou durante quinze meses, pelo menos; depois, fatigado desse prazer invariável, regressou a seu apartamento da rua de Lille, justamente seis anos após a separação.

Tinha agora quarenta e cinco anos, não poucos cabelos brancos, uma pequena barriga, e essa melancolia dos que foram belos, galanteados, amados e que se deterioram todos os dias.

Um mês após sua volta a Paris, resfriou-se ao sair do clube e pôs-se a tossir. Seu médico lhe ordenou que fosse acabar o inverno em Nice.

Partiu numa segunda-feira, pelo noturno.

Como se achava atrasado, chegou quando o trem se punha em movimento. Havia um lugar num camarote, ele entrou. No banco do fundo já se achava instalada uma pessoa, de tal modo envolvida em mantas e cobertas, que ele não pôde sequer adivinhar se era um homem ou uma mulher. Não se percebia mais que um amontoado de abrigos. Vendo que nada podia tirar a limpo, o barão, por sua vez, acomodou-se, pôs seu boné de viagem, abriu suas cobertas, enrolou-se nelas, espichou-se e adormeceu.

Só despertou ao raiar do dia, e em seguida olhou para o seu companheiro. Este não se movera toda a noite e parecia ainda em pleno sono.

Monsieur d'Etraille aproveitou a ocasião para fazer sua toailete matinal, alisar a barba e os cabelos, recompôs o aspecto de seu rosto, que a noite muda tanto, quando se atinge a certa idade.

Bem o disse o grande poeta:

Quand on est jeune, on a dês motins triomphants!

Quando se é jovem, tem-se um magnífico despertar, com pele fresca, o olhar aceso, os cabelos brilhantes de seiva.

Quando se envelhece, o despertar é lamentável. O olhar amortecido, a face congestionada e fofa, a boca pastosa, os cabelos sem vida e a barba emacilhada emprestam à fisionomia um aspecto velho, exausto, acabado.

O barão abriu a maleta de viagem e refez sua aparência com algumas escovadelas. Depois, ele esperou.

O trem apitou, parou. O vizinho fez um movimento. Tinha sem dúvida acordado. Depois a máquina partiu. Um raio oblíquo de sol entrava agora no vagão e incidia justamente sobre o viajante adormecido, que se moveu de novo, deu algumas arremetidas com a cabeça como um pinto que sai da casca, e mostrou tranqüilamente o seu rosto.

Era uma jovem senhora loira, fresca, bonita e gorducha. Ela sentou-se.

O barão, estupefato, olhava-a. Não sabia mais o que deveria pensar. Pois em verdade juraria que era... que era sua mulher, mas extraordinariamente mudada... e com vantagem, pois havia engordado, oh! tanto quanto ele próprio, mas para melhor.

Ela olhou-o tranqüilamente, pareceu não reconhecê-lo, e desembaraçou-se com placidez das cobertas que a abrigavam.

Tinha a calma segurança de uma mulher senhora de si, a audácia insolente do despertar, sabendo-se, sentindo-se em plena beleza, em pleno frescor.

O barão na verdade perdia a cabeça.

Seria sua mulher? Ou uma outra que se lhe parecia como uma irmã? Depois de seis anos de ausência, bem poderia ele enganar-se.

Ela bocejou. Ele reconheceu o seu gesto. Mas de novo ela voltou-se para ele e percorreu-o, cobriu-o com um olhar tranqüilo, indiferente, um olhar que não dizia nada, e depois se pôs a observar a paisagem.

Ele ficou desorientado, horrivelmente perplexo. Esperou, espiando-a de soslaio, com obstinação.

Mas sim, era sua mulher, por Deus! Poderia ele duvidar? Não havia duas pessoas com aquele nariz... Mil lembranças lhe volviam, lembranças de carícias, de pequenos detalhes de seu corpo, um sinal na anca, outro no dorso...

Quantas vezes não os havia beijado! Sentia-se invadido por uma embriaguez antiga, reencontrando o cheiro da sua pele, seu sorriso quando ela lançava os braços em seus ombros, as doces entonações da sua voz, todas as graciosas faceirices.

Mas como estava mudada, embelezada, era ela e não era mais ela. Achava-a mais amadurecida, mais completa, mais mulher, mais sedutora, mais apetitosa, adoravelmente apetitosa.

Então aquela mulher estranha, desconhecida, encontrada por acaso num vagão, era sua, pertencia-lhe de direito. Ele não tinha mais que dizer: "Eu quero".

Ele dormira outrora nos seus braços, vivera no seu amor. Encontrava-a agora tão mudada que mal a reconhecia. Era uma outra e era ela ao mesmo tempo; era uma outra que nascera e se formara depois que a tinha deixado; era também aquela a quem havia possuído, na qual reconhecia as atitudes modificadas, os traços antigos completados, o sorriso menos pueril, os gestos mais seguros. Eram duas mulheres em uma, mesclando uma grande parte de mistério novo a uma grande parte de inesquecíveis lembranças. Era algo de singular, de perturbador, de excitante, uma espécie de mistério de amor em que flutuava uma deliciosa confusão. Era sua mulher em um corpo novo, em uma carne nova, que seus lábios não haviam percorrido.

E ele considerava, com efeito, que em seis anos tudo muda em nós. Só o contorno permanece reconhecível, e mesmo algumas vezes desaparece.

O sangue, os cabelos, a pele, tudo recomeça, tudo se reforma. E quando é longa a separação, encontra-se uma outra criatura inteiramente diversa, embora seja a mesma e use o mesmo nome,

E o coração também pode variar, as idéias também se modificam, e se renovam, e de tal modo que, em quarenta anos de vida, nós poderemos ter sido, por lentas e constantes transformações, quatro ou cinco pessoas absolutamente novas e diferentes.

Ele pensava, abalado até o fundo da alma. Veio-lhe de súbito a lembrança da noite em que a surpreendera em flagrante no quarto da princesa. Mas agora nenhum furor o agitou.

Já não tinha ante os olhos a mesma mulher, a bonequinha magra e viva de outrora.

Que iria fazer? Como falar-lhe? Que lhe dizer? Será que ela não o havia reconhecido?

O trem parará de novo. Ele ergueu-se, saudou e disse: "Berta, não tens necessidade de nada? Eu poderia..."

Ela analisou-o da cabeça aos pés e respondeu, sem espanto, sem confusão, sem cólera, com uma plácida indiferença: "Não... de nada... Obrigada".

Ele desceu e deu alguns passos pela plataforma, como quem procura voltar a si após uma queda. Que iria fazer agora? Subir num outro vagão? Seria fugir. Mostrar-se galante, solícito? Seria como se estivesse pedindo perdão. Falar como senhor e dono? Seria uma grosseria da sua parte, e depois, na verdade, ele não tinha mais o direito.

Ele embarcou e voltou ao seu lugar.

Ela também, durante sua ausência, fizera apressadamente a toailete. Estava agora reclinada no banco, impassível e radiosa.

Ele voltou-se para a esposa e disselhe: "Minha querida Berta, agora que um acaso tão singular nos reúne após seis anos de separação, de separação sem violência, vamos continuar a olhar-nos como dois inimigos irreconciliáveis? Somos forçados a um tête-à-tête? Tanto pior, ou tanto melhor. Eu não me retirarei. Portanto, não é preferível conversarmos como... como... amigos, até o fim da viagem?"

Ela respondeu tranqüilamente: "Como quiser".

O barão estacou, sem saber o que dizer. Depois, readquirindo audácia, ele aproximou-se, sentou-se no banco do meio e, num tom galante: "Estou vendo que preciso fazer a corte. É aliás um prazer, pois você é encantadora. Não imagina como ganhou em seis anos. Não sei de mulher que me tenha dado a deliciosa sensação que experimentei ao vê-la sair de seus abrigos há pouco. Na verdade, eu nunca imaginaria tal mudança..."

Ela falou, sem mover a cabeça e sem olhá-lo: "Eu não te direi o mesmo, pois você perdeu muito".

Ele corou, confuso e perturbado; depois, com um resignado sorriso: "Como você é rude!"

Ela se voltou para ele: "Por quê? Eu verifico, apenas.

Você não tem a intenção de me oferecer seu amor, não é? Então é indiferente que eu te ache bem ou mal. Mas vejo que esse assunto é penoso. Falemos de outra coisa. Que tem feito desde a nossa separação?"

Ele, que perdera toda presença de espírito, balbuciou: "Eu? eu viajei, cacei, envelheci, como está vendo. E você?"

Ela declarou com serenidade: "Quanto a mim, guardei as aparências, conforme me ordenou".

Uma frase brutal lhe veio aos lábios. Ele não a disse, mas, tomando a mão de sua mulher, beijou-a: "E eu fico muito grato".

Ela ficou surpreendida. Ele era forte, na verdade, e sempre senhor de si.

Ele tornou: "Já que você aceitou ao meu primeiro pedido, quer agora que conversemos sem azedume?"

Ela fez um pequeno gesto de desdém. "Azedume? mas eu não tenho nenhum. Você me é completamente estranho. Eu procuro unicamente animar uma conversa difícil".

Ele continuava a olhá-la, seduzido apesar da sua rudeza, sentindo invadi-lo um desejo brutal, irresistível, um desejo de dono.

Ela falou, sentindo bem que o havia ferido, e, encarniçando-se: "Que idade tem hoje, então? Eu supunha que você fosse mais jovem do que parece".

Ele empalideceu: "Eu tenho quarenta e cinco anos". Depois acrescentou: "Esquecime de te pedir notícias da princesa de Raynes. Continua a visitá-la?"

Ela lançou-lhe um olhar de ódio: "Sim, sempre. Ela vai muito bem, obrigada".

E ali ficaram, um ao lado do outro, com o coração em desassossego, a alma irritada. De repente ele declarou: "Minha querida Berta, acabo de mudar de idéia. Você é minha mulher, e eu quero que volte hoje para a minha casa. Acho que ganhou em

beleza e caráter, e te recebo de novo. Eu sou seu marido, estou no meu direito".

Ela ficou estupefata e olhou-o nos olhos, para ler seu pensamento. Ele tinha um rosto impassível, impenetrável e resoluto.

Ela respondeu: "Eu sinto muito, mas tenho compromissos".

Ele sorriu: "Tanto pior para você. A lei me garante a força. Eu saberei usar dela".

Chegaram em Marselha; o trem apitava, afrouxava a archa. A baronesa ergueu-se, enrolou tranqüilamente suas cobertas e depois voltou-se para o marido: "Meu caro Raymond, não abuse de um encontro que eu mesma preparei. Eu quis tomar uma precaução, conforme seus conselhos, para que nada possa temer nem de você nem do mundo, aconteça o que acontecer. Você vai a Nice, não é verdade?"

— Eu vou aonde você for.

— Absolutamente. Escute-me, e me deixará tranqüila. Daqui a pouco, na estação, vai encontrar a princesa de Raynes e a condessa Henriot, que me esperam com os seus maridos. Eu quis que vissem a nós dois juntos, e que vissem bem que nós passamos a noite sozinhos, neste camarote. Fica tranqüilo. Elas sairão contando por toda parte, tão surpreendente lhes parecerá a coisa.

"Dizia há pouco que, seguindo em todos os pontos as suas recomendações, eu havia guardado cuidadosamente as aparências. O resto não importava, não é? Pois bem, foi por causa das aparências que fiz questão deste encontro. Você me ordenou que evitasse com cuidado o escândalo, meu caro... pois eu tenho medo... eu tenho medo..."

Ela esperou que o trem parasse completamente e, só quando um bando de amigos se precipitou a abrir-lhe a portinhola, foi que ela terminou a frase:

— ... eu tenho medo de estar grávida.

A princesa lançava-lhe os braços ao pescoço. A baronesa disselhe, mostrando-lhe o barão estupidificado de espanto e que procurava adivinhar a verdade:

— Não reconhece Raymond? Está bastante mudado, com efeito. Ele consentiu em acompanhar-me, para que eu não viajasse sozinha. Algumas vezes costumamos fazer uma escapada destas, como bons amigos que não podem viver juntos. Aliás, nós vamos nos separar aqui. Ele já está farto de mim".

Ela estendia-lhe a mão, que ele tomou maquinalmente. Depois ela saltou para a plataforma, no meio daqueles que a esperavam.

O barão fechou bruscamente a portinhola, muito confuso para que pudesse dizer alguma frase ou tomar qualquer resolução. Ele ouvia a voz de sua mulher e suas risadas alegres que se afastavam.

Nunca mais tornou a vê-la.

Teria ela mentido? Dissera a verdade? Ele o ignorou sempre.

MONSIEUR PARENT

I

O pequeno Georges, de gatinhas na alameda, fazia montes de areia. Juntava-a com ambas as mãos, erguia-a em pirâmide, depois plantava no cimo uma folha de castanheiro.

Seu pai, sentado numa cadeira de ferro, contemplava-o com uma concentrada e amorosa atenção e só via a ele, seu filhinho, na acanhada praça pública apinhada de gente.

Ao longo do caminho em curva, que passa por diante da fonte e do templo da Trinité, voltando após haver contornado a grama, outras crianças também se ocupavam com os seus brinquedos de pequenos animais, enquanto as criadas, indiferentes, olhavam para o ar com os seus olhos bovinos ou as mães conversavam entre si, lançando à petizada um contínuo olhar de vigilância.

Amas, de duas em duas, passeavam com um ar grave, deixando flutuarem atrás de si as longas fitas vistosas de suas toucas e carregando nos braços qualquer coisa de branco envolvido em rendas; meninas de saia curta e pernas nuas travavam sérias conversações entre duas corridas de arco, e o guarda da praça, de túnica verde, errava em meio àquele miúdo povo, a fazer contínuas voltas para não demolir construções de terra, para não esmagar mãos, para não perturbar o trabalho de formiga daquelas encantadoras larvas humanas.

O sol desaparecia por detrás dos telhados da rua Saint-Lazare e lançava seus longos raios oblíquos sobre aquelas pequenas e barulhentas crianças.

Os castanheiros se inflamavam de um fulgor amarelado, e as três cascatas, diante do alto pórtico da igreja, pareciam de prata líquida.

Monsieur Parent olhava seu filho acorado no chão: seguia com amor os menores gestos, parecia enviar beijos com a ponta dos lábios a todos os movimentos de Georges.

Mas tendo erguido os olhos para ver as horas na torre verificou que estava atrasado cinco minutos. Então ergueu-se, pegou o pequeno pelo braço, sacudiu-lhe a roupa cheia de terra, limpou-lhe as mãos e arrastou-o para a rua Blanche. Ele apertava o passo para não chegar em casa depois de sua mulher; e o garoto, que não podia acompanhá-lo naquele andar, ia trotando a seu lado.

O pai então tomou-o no colo e, acelerando ainda mais a marcha, pôs-se a arquejar com o esforço que fazia para subir a calçada em ladeira. Era um homem de seus quarenta anos, já grisalho, um tanto corpulento, que ostentava com um ar inseguro uma bela barriga de bom viver que a vida, as circunstâncias haviam tornado tímido.

Tinha desposado alguns anos antes uma jovem ternamente amada, que o tratava agora com uma rudeza e uma autoridade de déspota todo-poderosa. Ela o repreendia sem cessar por tudo quanto ele fazia e por tudo o que não fazia; repreendia com aspereza seus menores atos, seus hábitos, seus simples prazeres, seus gostos, seus modos, seus gestos, a rotundidade de seu ventre e o som plácido da voz.

Entretanto ainda a amava, mas amava sobretudo o filho que tivera dela, Georges, agora com três anos, e que se tornara a maior alegria e o maior cuidado de seu coração. Capitalista modesto, vivia sem ocupações com seus vinte mil francos de renda; e sua mulher, que não trouxera dote, se indignava continuamente com a inércia do marido.

Chegou enfim em casa, depôs o menino sobre o primeiro degrau da escada, enxugou a fronte e pôs-se a subir.

No segundo andar, tocou a campainha.

Uma velha serviçal, que o criara, uma dessas criadas-senhoras que são os tiranos das famílias, veio abrir; e ele perguntou com

angústia:

— Madame já chegou?

A criada ergueu os ombros:

— Quando já viu o senhor madame chegar as seis e meia?

Ele respondeu num tom embaraçado:

— Está bem, tanto melhor, assim tenho tempo para mudar de roupa, pois estou com muito calor.

A criada olhava-o com uma piedade irritada e desdenhosa. Ela resmungou:

— Oh! eu bem vejo que o patrão está encharcado, o patrão correu, carregou o menino com certeza; e tudo isso para esperar madame até as sete e meia. A mim é que não fazem esperar. Eu preparo a janta para as oito e, se demoram, tanto pior, o assado se queima!

— Está bem, está bem. É preciso lavar as mãos de Georges, que andou brincando com terra. Recomenda à criada de quarto que prepare bem o menino.

E ele dirigiu-se para seu aposento. Logo que ali se viu, baixou o ferrolho para ficar só, bem só, inteiramente só. De tal modo se habituara, ultimamente, a ver-se desconsiderado e maltratado, que só se julgava em segurança sob a proteção das fechaduras. Não ousava nem mesmo pensar, refletir, raciocinar, se não se achasse garantido, por uma volta de chave contra os olhares e as suposições. Deixando-se cair numa cadeira para repousar um pouco antes de trocar de roupa branca, ele pôs-se a considerar que Julie estava se tornando um novo perigo em casa. Ela odiava sua mulher, era evidente; e odiava sobretudo seu camarada Paul Limousin, que permanecera, coisa rara, amigo íntimo e habitual da casa, depois de ter sido companheiro inseparável da sua vida de solteiro. Era Limousin quem servia, por assim dizer, de lubrificante e de pára-choque entre Henriette e ele, quem o defendia, com vivacidade, com severidade até, contra as censuras imerecidas, contra as cenas vexatórias, contra todas as misérias cotidianas da sua existência.

Mas eis que, isto nos últimos seis meses, Julie se arrogava o direito de fazer observações e juízos malévolos a respeito da sua patroa. Ela a criticava a cada momento, declarava vinte vezes por

dia: "Ah, se eu fosse o patrão, eu não me deixaria levar assim pelo cabresto. Enfim... Bem!... Cada qual conforme a sua natureza".

Um dia, até, fora insolente com Henriette, que se limitara a dizer, à noite, a seu marido: "Fique sabendo que à primeira palavra atrevida que ela me disser eu a ponho no olho da rua".

No entanto, ela, que não tinha medo de coisa nenhuma, parecia temer a velha criada; e Parent atribuía essa mansidão a um sentimento de consideração para com a ama que o criara e que fechara os olhos da sua mãe.

Mas o que estava feito não tinha remédio, aquela situação não podia demorar-se por mais tempo; e ele amedrontava-se ante a idéia do que ia acontecer. Que poderia fazer? Despachar Julie lhe parecia uma resolução tão perigosa que nem ousava demorar nela o pensamento. Dar-lhe razão contra a sua mulher era igualmente impossível; e ele não dava um mês para que a situação se tornasse insustentável entre as duas.

Permanecia sentado, com os braços pendidos, procurando vagamente um meio de conciliar tudo, mas não achava saída alguma: "Felizmente, eu tenho Georges... Se não fosse ele, eu seria mesmo muito desgraçado".

Depois lhe ocorreu a idéia de consultar Limousin; assim deliberou fazer; mas logo a lembrança da inimizade entre sua criada e o amigo lhe despertou o temor de que este lhe aconselhasse a expulsão; e ei-lo de novo entregue às suas angústias e incertezas.

O relógio bateu sete horas. Ele teve um sobressalto. Sete horas, e ainda não havia mudado de roupa! Então, angustiado, arquejante, despiu-se, lavou-se, pôs uma camisa limpa, e tornou a vestir-se com precipitação, como se o estivessem esperando na sala vizinha para um acontecimento de extrema importância.

Depois entrou no salão, feliz por não ter nada mais a temer.

Lançou uma vista d'olhos pelo jornal, foi espiar a rua, tornou a sentar-se no sofá; mas uma porta abriu-se, e seu filho entrou, asseado, penteado, sorridente. Parent tomou-o nos braços e beijou-o com paixão. Beijou-o primeiro nos cabelos, depois nos olhos, depois nas faces, depois na boca, depois nas mãos. Depois o fez dar

um salto para cima, erguendo-o, com os punhos, até o teto. Depois se assentou, fatigado com aquele esforço; e, montando Georges num joelho, começaram ambos a brincar de cavalinho.

O menino ria, encantado, agitava os braços, lançava gritos de prazer, e o pai também ria e gritava de contentamento, a sacudir seu gordo ventre e divertindo-se ainda mais do que o garoto.

Ele o amava com todo aquele seu bom coração de fraco, de resignado, de desiludido. Amava-o com arrebatamentos doidos, numas exageradas carícias, com toda a envergonhada ternura oculta dentro de si e que jamais pudera sair, expandir-se, nem mesmo nos primeiros tempos de seu casamento, pois sua mulher sempre se mostrara seca e reservada.

Julie apareceu na porta, pálida, o olhar brilhante, e anunciou, com uma voz trêmula de exasperação:

— São sete e meia, senhor.

Parent lançou ao relógio um olhar inquieto e resignado, e murmurou:

— Com efeito, são sete e meia.

— Bem, o jantar está pronto, agora. Prenunciando a tempestade, ele se esforçou por afastá-la:

— Mas não me havia dito, quando cheguei, que prepararia o jantar para as oito horas?

— Para as oito horas!... O patrão acreditou nisso? Então vai querer que o menino coma às oito horas agora? A gente diz isso por dizer. Não vê que estragaria o estômago do pequeno, fazendo-o comer às oito horas? Oh! se fosse pela mãe dele... Mas lá se importa ela com o filho?! Ah! que mãe! que mãe! É uma lástima saber que existem mães como aquela!

Parent, a fremir de angústia, sentiu que era preciso acabar de uma vez com a cena ameaçadora.

— Julie—disse ele—,eu não consinto absolutamente que fale assim da sua senhora. Está ouvindo? Não esqueça isso para o futuro.

A velha criada, sufocada de espanto, deu meia-volta e saiu batendo a porta com tanta violência que todos os cristais do lustre se movimentaram. Houve, por alguns segundos, como que um leve

e vago soar de pequenos sinos invisíveis, que vibrou no ar silencioso do salão.

Georges, surpreso a princípio, pôs-se a bater as mãos de contentamento e, inchando as bochechas, fez um formidável "bum" com toda a força de seus pulmões, para imitar o ruído da porta.

Então o pai começou a lhe contar histórias; mas sua preocupação de espírito o fazia perder a cada instante o fio da narrativa; e o menino, sem compreender mais nada, arregalava uns olhos cheios de espanto.

Parent não tirava os olhos do relógio. Parecia-lhe ver andar o ponteiro. Desejaria parar as horas, tornar imóvel o tempo até a chegada de sua mulher. Ele não queria mal a Henriette pela sua demora, mas tinha medo, medo dela e de Julie, medo de tudo o que podia acontecer. Dez minutos mais bastariam para acarretar uma irreparável catástrofe, e explicações e violências que ele nem sequer ousava imaginar. O simples pensamento da disputa, dos gritos, das injúrias atravessando o ar como balas das duas mulheres frente a frente, olhando-se no fundo dos olhos e lançando uma à cara da outra as frases mais ofensivas, secava-lhe a boca como uma caminhada ao sol, tornava-o mole como um trapo, tão mole que ele não tinha mais forças para erguer o filho e fazê-lo cavalgar sobre o seu joelho.

Oito horas bateram; a porta tornou a abrir-se e Julie reapareceu. Não tinha mais o seu ar exasperado, mas um ar de resolução malévola e fria, mais temível ainda.

— Patrão—disse ela—,eu servi sua mamãe até seu último instante, eu também cuidei do senhor desde seu nascimento até hoje! Creio que não se pode dizer que eu não seja dedicada à família...

Ela esperava uma resposta. Parent balbuciou:

— Mas sim, minha boa Julie. Ela continuou:

— Bem sabe o patrão que eu nunca fiz nada por interesse de dinheiro, mas sim pelo seu próprio interesse; que nunca o enganei nem lhe menti; o patrão bem sabe que nunca pôde me censurar..

— Mas certamente, minha boa Julie.

— Pois bem, patrão, isto não pode continuar por mais tempo. Era por amizade ao senhor que eu não dizia nada, que eu o deixava na ignorância; mas é demais, e riem muito do patrão no bairro. Faça o senhor o que quiser, mas a verdade é que todo mundo sabe; nunca fui mexeriqueira, mas é preciso que eu lhe diga a coisa, afinal. Se madame costuma chegar assim fora de hora, é porque anda fazendo indecências. Ele permanecia estupidificado, sem nada compreender. Pôde apenas balbuciar:

— Cale-se... Você sabe que proibi...

Ela cortou-lhe a palavra, com uma decisão irresistível.

— Não, patrão, é preciso que eu lhe diga tudo, agora. Há muito que madame o engana com Limousin. Eu mesma os vi mais de vinte vezes a beijarem-se atrás das portas. Ora! ora! se Limousin fosse rico, não seria com o patrão que madame iria casar-se... Se o patrão se lembrasse como se fez o casamento, compreenderia tudo de uma vez...

Parent se erguera, lívido, balbuciando:

— Cale-se... cale-se... senão... Ela continuou:

— Não, eu lhe contarei tudo. Madame casou com o patrão por interesse; e ela o enganou logo no primeiro dia. Havia combinação entre eles! Basta refletir um pouco para compreender isso. Então, como madame não estava contente de ter casado com o patrão, de quem não gostava, ela lhe tornou a vida um suplício, de maneira que eu sentia partirme o coração, eu que compreendia tudo...

Ele deu dois passos, com os punhos cerrados, repetindo: "Cale-se... cale-se...", pois não achava nada que responder.

A velha criada não recuou; parecia disposta a tudo.

Mas Georges, estupefato a princípio, depois assustado com o tom daquelas vozes, pôs-se a soltar gritos agudos. Permanecia de pé atrás de seu pai, com a face crispada, a boca aberta, a berrar.

O clamor de seu filho exasperou Parent, encheu-o de coragem e de furor. Ele precipitou-se para Julie, com os punhos erguidos, prontos a castigá-la, e gritando:

— Ah! miserável! você vai transtornar a cabeça do menino.

Ele já lhe tocava! Ela lançou-lhe na cara:

— O patrão pode me bater se quiser, em mim que o criei; isto não impedirá que sua mulher o engane e que o menino não seja seu filho!...

Ele estacou de repente, deixou cair os braços; e ficou parado na frente dela, de tal modo tresvairado que não compreendia mais nada.

Ela acrescentou:

— Basta olhar o menino para reconhecer o pai! É o retrato vivo de Limousin. É só reparar nos olhos e na testa. Nem um cego se enganaria...

Mas ele a pegara pelos ombros e a sacudia com toda a força, gaguejando:

— Víbora... víbora! Fora daqui, víbora... Saia daqui senão eu te mato!... Saia! Saia!...

E num desesperado esforço empurrou-a para a sala vizinha. Ela tombou sobre a mesa servida, cujos copos caíram e se quebraram; depois, tendo-se erguido, abrigou-se do outro lado da mesa, e, enquanto ele a perseguia para agarrá-la, ela cuspiu-lhe no rosto palavras terríveis:

— O patrão não tem mais que sair... esta noite... depois do jantar... e voltar em seguida... o patrão verá!... verá se eu menti!... Experimente... e verá.

Enquanto isso, ela havia alcançado a porta da cozinha, e fugiu. Ele correu atrás dela, subiu a escada até o quarto onde a criada se fechara, e batendo à porta:

— Você vai deixar a casa agora mesmo! Ela respondeu de dentro do seu quarto:

— O patrão pode ficar certo, em uma hora eu não estarei mais aqui.

Então ele desceu lentamente, apoiando-se ao corrimão para não cair; e entrou no salão, onde Georges chorava, sentado no tapete.

Parent deixou-se cair numa cadeira e olhou para o menino com um ar apalermado. Ele não compreendia mais nada; não sabia mais nada; sentia-se aturdido, estupidificado, idiota, como se houvesse caído de ponta-cabeça; mal se lembrava das coisas horríveis que lhe dissera a criada. Depois, pouco a pouco, sua razão, como uma água

turbada, se acalmou e esclareceu; e a abominável revelação começou a trabalhar-lhe o coração mortificado.

Julie falara com tamanha precisão, com tal força, tal segurança, tal sinceridade, que ele não pôs em dúvida sua boa fé, mas obstinava-se em duvidar da sua clarividência.

Ela bem podia haver-se enganado, cegada por seu devotamento a ele, arrastada por um ódio inconsciente contra Henriette. No entanto, à medida que procurava tranquilizar-se e convencer-se, mil pequenos fatos despertavam na sua lembrança palavras de sua mulher, olhares de Limousin, uma porção de nada não observados, quase despercebidos, saídas fora de hora, ausências simultâneas, e mesmo gestos quase insignificantes, mas esquisitos, que ele não soubera ver nem compreender, e que agora tomavam para si uma importância extrema, evidenciando uma conivência entre ambos. Tudo que se passara desde seu noivado lhe acudia bruscamente à memória superexcitada pela angústia. Recordava tudo, entonações singulares, atitudes comprometedoras; e o seu pobre espírito de homem, calmo e bom, acossado pela dúvida, lhe apresentava agora, como certas, o que poderia ainda não passar de suspeitas.

Com uma cruel obstinação, ele esquadrihava os cinco anos de casamento, procurando reviver tudo, mês a mês, dia a dia; e cada coisa importante que descobria doía-lhe no coração como a ferroadada de uma vespa.

Não pensava mais em Georges, que por fim se calara, sentado no chão. Mas vendo que não se ocupavam com ele, o menino recomeçou a chorar.

Seu pai precipitou-se, tomou-o nos braços e cobriu-lhe a cabeça de beijos. Ao menos lhe restava seu filhinho! Que importava o resto? Ele segurava-o, apertava-o, com a boca nos seus cabelos loiros, aliviado, consolado, balbuciando: "Georges... meu Georginho, meu querido Georginho..." Mas lembrou-se de súbito do que dissera Julie... Sim, ela havia dito que seu filho era de Limousin... Oh! aquilo não era possível, ele não podia acreditar, não podia nem mesmo suspeitar tal coisa, por um segundo que fosse. Era uma dessas odiosas infâmias que germinam nas almas ignóbeis

dos criados! Ele repetia: "Georges... meu Georginho". O garoto, mimado, calara-se outra vez.

Parent sentia o calor do pequenino peito penetrar no seu através das roupas. Aquilo o enchia de amor, de coragem, de alegria; aquele suave calor de criança o acariciava, o fortalecia, o salvava.

Então afastou um pouco a pequenina cabeça encaracolada para olhá-la apaixonadamente. Ele a contemplava avidamente, perdidamente, embriagando-se à sua vista, e repetindo sempre: "Oh! meu Georginho... meu Georginho!"

De súbito, pensou: "Mas se ele se parecesse com Limousin!..."

Sentiu algo de estranho, assombroso, uma pungente e violenta sensação de frio em todo o corpo, em todos os membros, como se os seus ossos, de repente, se houvessem tornado de gelo. Oh! se ele se parecesse com Limousin!... E continuava a olhar para Georges, que ria agora. Fitava-o com um olhar inquieto, turvo, desvairado. E procurava-lhe na fronte, no nariz, na boca, nas faces, alguma coisa da fronte, do nariz, da boca ou das faces de Limousin.

O seu pensamento se perdia como o de quem está enlouquecendo; e o rosto de seu filho se transformava sob o seu olhar, assumia aspectos estranhos, semelhanças inverossímeis.

Julie dissera: "Nem um cego se enganaria". Havia então um traço evidente, inegável? Mas o quê? A testa? Sim, talvez... No entanto Limousin tinha a testa mais estreita! A boca, então? Mas Limousin usava barba. Como verificar as relações entre aquele rechonchudo queixinho infantil e o mento peludo daquele homem?

Parent considerava: "Eu não distingo, não posso distinguir coisa alguma, estou muito perturbado; não poderia reconhecer nada agora... Tenho de esperar; será preciso que eu o examine bem amanhã de manhã, ao levantar-me".

Depois ele pensou: "Mas se ele se parecesse comigo, eu estaria salvo! salvo!"

E em duas pernadas atravessou o salão para ir examinar no espelho a face de seu filho ao lado da sua.

Mantinha Georges sentado sobre o seu braço, a fim de que as duas cabeças ficassem bem próximas, e falava em voz alta, tamanho era o seu desvario. "Sim... nós temos o mesmo nariz... o mesmo

nariz... talvez... não é certo... e o mesmo olhar... Mas não, ele tem olhos azuis... Então... oh! meu Deus!... meu Deus!... meu Deus!... eu enlouqueço!... Não posso mais olhar... eu enlouqueço!..."

Fugiu para longe do espelho, para a outra extremidade do salão, tombou numa cadeira, sentou o pequeno em outra, e pôs-se a chorar. Ele chorava com uns grandes soluços desesperados. Georges, impressionado de ver seu pai soluçar, rompeu logo em gritos,

A campainha tocou. Parent deu um salto, como se fosse atingido por uma bala. Ele disse: "Ei-la que chega... o que é que eu vou fazer?" E correu a fechar-se no seu quarto para ter tempo, ao menos, de enxugar os olhos. Mas passados alguns segundos retiniu um novo toque de campainha que o fez estremecer; lembrou-se então que Julie partira sem que a criada de quarto fosse avisada. Ninguém para ir abrir a porta. Que fazer? Foi ele mesmo.

E eis que de repente se sentiu bravo, resoluto, pronto para a dissimulação e para a luta. O horrível choque o amadurecera em poucos instantes. E depois, ele queria saber; í ele o queria com um furor de tímido e uma tenacidade de bonachão exasperado.

Ele tremia no entanto! Seria de medo? Sim... Talvez ainda tivesse medo dela... Quem sabe lá o quanto não contém a audácia, às vezes, de covardia fustigada?

Atrás da porta, que alcançara a passos furtivos, ele parou para escutar. O seu coração batia em pancadas furiosas; era só o que ele ouvia: aquelas grandes batidas surdas dentro de seu peito e a voz aguda de Georges, que continuava a chorar, no salão.

De súbito, o som da campainha, irrompendo sobre a sua cabeça, o sacudiu como uma explosão; então, arquejante, desfalecente, ele torceu a chave na fechadura e abriu a folha da porta.

Sua mulher e Limousin se achavam ali, postados diante dele, no alto da escada.

Ela disse, com um ar de espanto, em que transparecia um pouco de irritação:

— Então é você que abre a porta agora? Onde está Julie?

Ele tinha a garganta apertada, sua respiração precipitava-se, fazia esforços para responder, sem conseguir articular uma palavra.

Ela insistiu:

— Emudeceu, acaso? Estou perguntando onde está Julie. Então ele balbuciou:

— Ela... ela... partiu...

— Como? Partiu? Para onde? Por quê?

Ele recuperava pouco a pouco o domínio próprio e sentia nascer em si um vivo ódio contra aquela mulher insolente que o defrontava.

— Sim, partiu para sempre... eu a despachei..

— Você a despachou?... Julie?... Mas está louco?

— Sim, eu a despachei porque ela foi insolente e... e... maltratou o menino.

— Julie?

— Sim... Julie...

— E com respeito a que ela foi insolente?

— Com respeito a você.

— A mim?

— Sim... porque a janta estava queimada e você não chegava.

— Que disse ela?

— Ela disse... coisas desagradáveis de você... coisas que eu não devia... que eu não podia ouvir...

— Que coisas?

— É inútil repeti-las.

— Eu quero saber.

— Ela disse que era uma desgraça um homem como eu casar com uma mulher como você, sem pontualidade, sem ordem, sem zelo, péssima dona-de-casa, mãe indigna, e má esposa...

Henriette entrara na ante-sala, seguida por Limousin, que não dizia palavra ante aquela inesperada situação. Ela fechou bruscamente a porta, atirou a capa sobre uma cadeira e avançou para o seu marido, gaguejando, exasperada-

— Você diz?... você diz?... que eu sou?.. Ele estava pálido, muito calmo. E respondeu:

— Eu não digo coisa nenhuma minha cara amiga; apenas repito as palavras de Julie, que você quis conhecer; e digo que a pus na rua justamente por causa de tais palavras.

Ela fremia de violento desejo de espedaçar-lhe a barba e as faces com as unhas. Na voz de seu marido, no seu tom, no seu ar, bem que ela sentia a revolta, embora nada lhe pudesse retrucar, e procurava retomar a ofensiva com alguma frase direta e contundente.

— Jantou?—perguntou ela.

— Não, eu estava à sua espera.

Ela ergueu os ombros com impaciência.

— É estúpido esperar depois das sete e meia. Você deveria compreender que fui retida, que tive coisas a fazer, voltas a dar.

Depois, de repente, lhe veio a necessidade de explicar o emprego de seu tempo, e contou, em frases breves, altaneiras, que, tendo de escolher objetos de mobiliário numa casa muito distante, na rua de Rennes, se encontrara na volta com Limousin depois das sete horas, no Bulevar SaintGermain, e que então solicitara a sua companhia para ir comer alguma coisa num restaurante onde não ousava entrar sozinha, embora estivesse morrendo de fome. Eis como havia jantado, com Limousin, se é que se podia chamar aquilo de janta; pois apenas haviam pedido uma sopa e meio frango, tamanha era a pressa em que estavam de voltar para casa.

Parent limitou-se a responder:

— Mas você fez muito bem. Eu não estou te censurando.

Nisto, Limousin, que até então permanecera mudo, quase oculto atrás de Henriette, aproximou-se e estendeu a mão, murmurando:

— Você está bem?

Parent tomou aquela mão que lhe ofereciam e, apertando-a molemente: — Sim, muito bem.

Mas Henriette havia pescado uma palavra na última frase de seu marido.

— Censura... por que você falou em censura?... Dá a entender que existe alguma intenção.

Ele escusou-se:

— Não, absolutamente. Eu queria apenas responder que não me inquietara com sua demora e que não considerava isso um crime de sua parte.

Ela não deixou escapar o pretexto:

— A minha demora?... Diria que é uma hora da madrugada e que passo a noite fora de casa.

— Mas não, minha querida. Eu disse "demora" por falta de outra palavra. Você devia voltar às seis e meia e volta às oito e meia. É uma demora, isto! Eu o compreendo muito bem, eu... eu... nem mesmo sinto estranheza nenhuma... mas... mas... me é difícil empregar outra palavra.

— É que você a pronuncia como se eu tivesse dormido fora...

— Mas não... mas não...

Henriette viu que ele cederia sempre, e ia recolher-se ao quarto quando afinal notou que Georges chorava. Então ela perguntou com um ar preocupado:

— Que é que tem o pequeno?

— Eu já disse a você que Julie o maltratou um pouco.

— Que foi que ela lhe fez, essa cachorra?

— Oh! quase nada. Ela o empurrou e ele caiu.

Ela quis ver o filho e precipitou-se para a sala de jantar, mas estacou ante a mesa coberta de vinho derramado, de garrafas e de copos quebrados, e cadeiras viradas.

— Que significa isso?

— Foi Julie que...

— Basta! Basta! Já é demais! Então Julie me trata de desavergonhada, bate em meu filho, quebra minha louça, transtorna minha casa e você acha tudo isto muito natural!

— Mas não... pois se eu a mandei embora...

— Ah! Mandou-a embora?... Mas o que era preciso era metê-la na cadeia. É o comissário de polícia que a gente chama num caso destes!

Ele balbuciou:

— Mas... minha querida... eu não podia fazer isso... não havia motivo suficiente... Na verdade, seria muito embaraçoso...

Ela ergueu os ombros com um infinito desprezo.

— Bem, você nunca passará de um trapo, de um joãoninguém, um pobre homem sem vontade, sem firmeza, sem energia. Ah! ela deve ter dito a você poucas e boas, a sua Julie, para que decidisse a

pô-la no olho da rua. Eu desejaria ter estado presente aqui por um minuto, nada mais que um minuto.

Tendo aberto a porta do salão, ela correu para Georges, ergueu-o, apertou-o nos braços, beijando-o: "Georgico, o que foi, meu gatinho, meu anjo, meu filhote?"

Acariciado pela sua mãe, Georges calou-se. Ela repetiu:

Diga-me o que é que você tem...

E ele, que vira tudo confusamente através de seu medo, respondeu:

— É que Zulie deu no papai.

Henriette voltou-se para o marido, estupefata a princípio. Depois, um doido desejo de rir despertou em seu olhar, perpassou como um frêmito em suas faces delicadas, soergueu seu lábio, franziu as asas de suas narinas, e enfim jorrou de sua boca num claro esfuzio de alegria, numa cascata de hilaridade, sonora e viva como um gorjear de pássaro. Ela repetia, com gritinhos maldosos que passavam entre seus dentes brancos e dilaceravam Parent como mordidas:

— Ah!... ah!... ah!... ah!... ela... deu em você... Ah!... ah!... ah!... que coisa mais engraçada, meu Deus!... Está ouvindo, Limousin? Julie deu nele... deu nele... Julie deu uma surra em meu marido... Ah!... ah!... ah... que engraçado!...

Parent balbuciava:

— Mas não... não... não é verdade... não é verdade... Fui eu, pelo contrário, que a empurrei para a sala de jantar com tanta força que ela virou a mesa. O menino viu mal. Fui eu que a surrei!

Henriette dizia a seu filho:

— Repete, meu anjinho. Foi Julie quem deu no papai? Ele respondeu:

— Sim, foi Zulie quem deu no papai.

Depois, mudando de súbito para outro assunto, ela exclamou:

— Mas esse menino ainda não jantou? Você não comeu nada, meu querido?

— Não, mamãe.

Então ela se voltou, furiosa, para o marido:

Você está mesmo louco, louco varrido! São oito e meia e Georges ainda não jantou!

Ele desculpou-se, desnorteado com a nova cena e com novas explicações a dar, esmagado sob aquele desmoronamento da sua vida.

— Mas, minha querida, nós estávamos à sua espera. Eu não queria jantar sem sua companhia. Como você chega todos os dias fora de hora, eu pensei que ia aparecer de um momento para outro.

Ela lançou para cima de uma cadeira seu chapéu, que conservara na cabeça até então e, com a voz nervosa:

— Na verdade, é intolerável tratar com gente que não compreende nada, que não adivinha nada, que nada sabe fazer por conta própria. Então, se eu voltasse à meia-noite, o menino não teria comido coisa alguma? Como se você não pudesse compreender que, passando das sete e meia, eu tivera um impedimento, um atraso, um contratempo qualquer!...

Parent tremia, sentindo a cólera dominá-lo; mas Limousin interveio e, voltando-se para Henriette:

— Você está sendo muito injusta, minha cara amiga. Parent não podia adivinhar que você chegaria tão tarde, coisa que nunca acontece; e depois, como queria você que ele se arranjasse sozinho, após haver despachado Julie?

— No entanto ele terá de arranjar-se sozinho, porque eu não o ajudarei. Ele lá que se arranje!

E entrou bruscamente no seu quarto, esquecida já de que seu filho não havia jantado.

Então Limousin, de repente, multiplicou-se para auxiliar seu amigo. Juntou e retirou os cacos que enchiam a mesa, arranjou-a de novo e sentou o menino na sua cadeirinha alta, enquanto Parent ia procurar a criada de quarto para que o viesse servir.

Ela chegou atônita, pois nada ouvira do quarto de Georges, onde estivera trabalhando.

Trouxe a sopa, um assado queimado, e depois batatas recozidas.

Parent sentara-se ao lado do filho, com o espírito desnorteado, com a razão como que varrida por aquela catástrofe. Dava de comer ao pequeno, tentava ele próprio alimentar-se, cortava a carne,

mastigava-a e a engolia com esforço, como se a sua garganta estivesse paralisada.

Então, pouco a pouco, despertou em sua alma um ansioso desejo de observar Limousin, que, sentado à sua frente, amassava bolinhas de pão. Queria averiguar se ele se parecia com Georges. Mas não ousava levantar os olhos.

Decidiu-se, contudo; e fitou de repente aquele rosto que tão bem conhecia, embora lhe parecesse nunca o haver examinado antes, de tal modo o achou diferente do que julgara. De segundo em segundo, ele lançava um rápido olhar àquele rosto, procurando esquadrihar-lhe as mínimas linhas, os mínimos aspectos; e em seguida olhava para o seu filho, sob o pretexto de lhe dar comida.

Sempre as mesmas palavras zumbiam em seu ouvido: "Ele é o pai! é o pai! é o pai!" Latejavam em suas têmporas a cada batida de seu coração. Sim, aquele homem, aquele homem tranqüilo, sentado do outro lado daquela mesa, era talvez o pai de seu filho, de Georges, do seu Georginho. Parent cessou de comer, não podia mais. Uma dor atroz, uma dessas dores que fazem gritar, rolar pelo chão, morder os móveis, lhe espedaçava as entranhas. Teve vontade de tomar da faca e enterrá-la no ventre. Aquilo o aliviaria, o salvaria; estaria tudo acabado.

Pois como poderia ele viver agora? Poderia continuar vivo, levantar-se pela manhã, comer a determinada hora, sair à rua, voltar, deitar-se, e dormir à noite, com aquele pensamento a martelar-lhe o cérebro: "Limousin, pai de Georges?!" Não, ele não teria mais forças para dar um passo, para vestir-se, para pensar em alguma coisa, para falar com alguém! Cada dia, a cada hora, a cada instante, ele indagaria aquilo, procuraria saber, adivinhar, surpreender aquele horrível segredo. E o menino, o seu querido menino, ele não mais poderia vê-lo sem sofrer o espantoso tormento daquela dúvida, sem sentir-se dilacerado até as entranhas, torturado até a medula dos ossos. E teria de viver ali, ficar naquela casa, ao lado daquele menino a quem amaria e odiaria! Sim, acabaria por odiá-lo, seguramente. Que suplício! Oh! se ao menos tivesse certeza de que Limousin era o pai, talvez chegasse a

acalmar-se, a adormecer na sua desdita... Mas não saber ao certo era intolerável.

Não saber, investigar sempre, sofrer sempre, e beijar aquele menino a todo momento, o filho de outro homem, passear com ele, carregá-lo nos braços, sentir sob os lábios a carícia de seus cabelos macios, adorá-lo e pensar continuamente: "Ele não é meu filho, talvez!" Não seria melhor não mais tornar a vê-lo, abandoná-lo, extraviá-lo nas ruas, ou então fugir para muito longe, para tão longe, que nunca mais ouvisse falar de nada, nunca mais?!

Sentiu um sobressalto ao ouvir a porta abrir-se. Sua mulher vinha entrando.

— Eu estou com fome— disse ela.— E você, Limousin?

Limousin respondeu, hesitante:

— Sim... sim... eu também.

E ela mandou trazer de novo o assado.

Parent indagava consigo mesmo: "Será que eles jantaram mesmo? ou se demoraram apenas num encontro amoroso?!!"

Os dois comiam agora com grande apetite. Henriette, tranqüila, ria e gracejava. O marido a espiava também, com olhares rápidos, logo desviados. Ela vestia um robe de chambre cor-de-rosa, guarnecido de rendas brancas. a sua cabeça loira, e o seu colo fresco, as suas mãos gordinhas, ressaltavam daquele lindo vestido galante e perfumado como de uma concha bordada de espuma. Que fizera ela todo o dia com aquele homem? Parent os via enlaçados, balbuciando palavras ardentes! Como é que não podia ele nada descobrir, nada adivinhar, vendo-os assim lado a lado, na sua frente?

Como não deveriam os dois zombar dele, se o enganavam desde o primeiro dia? Seria possível ludibriar assim um homem, um homem bom, só porque o pai lhe deixara um pouco de dinheiro? Como é que não se podia ler essas coisas nas almas? Como podia ser que nada revelasse aos corações retos as fraudes dos corações infames, e que fosse a mesma a voz para mentir e adorar, e o pérfido olhar que engana, semelhante ao olhar sincero?

Ele os espiava, esperando um gesto, uma palavra, uma entonação. De súbito pensou: "Eu vou surpreendê-los esta noite". E

disse:

— Minha querida, como acabo de despachar Julie, é preciso que trate hoje mesmo de achar uma outra criada. Vou sair em seguida a fim de conseguir alguém para amanhã de manhã. Talvez regresse um pouco tarde.

Ela respondeu:

— Pois vá; não me moverei daqui. Limousin me fará companhia. Nós te esperamos.

Depois, voltando-se para a criada de quarto:

— Você, vá deitar Georges, em seguida pode tirar a mesa e ir para seu quarto.

Parent se erguera. Oscilava sobre as pernas, aturdido, trôpego. Ele murmurou: "Até logo", e ganhou a porta, apoiando-se à parede, pois o soalho jogava como um barco.

Georges saíra no colo da criada. Henriette e Limousin passaram para o salão. Logo que a porta foi fechada:

— Como?! Está louca? — disse ele. — Provocar assim seu marido!

Ela voltou-se:

— Sabe? Já começo a achar demais essa sua mania, de uns tempos para cá, de apresentar Parent como um pobre mártir.

Limousin lançou-se numa cadeira e, cruzando as pernas:

— Não quero absolutamente apresentá-lo como tal, mas acho que é ridículo, na nossa situação, desafiar esse homem da manhã à noite.

Ela tomou um cigarro de cima da lareira, acendeu-o, e respondeu:

— Mas eu não o desafio, antes pelo contrário; é ele que me irrita com sua estupidez... e eu o trato como ele bem o merece.

Limousin tornou, com uma voz impaciente:

— É inepto o que você faz! De resto, todas as mulheres são iguais. Ora! Tens aí um excelente homem, demasiado bom, estúpido à força de confiança e de bondade, que não nos incomoda em nada, que não suspeita de nós um só instante, que nos deixa livres e tranqüilos tanto quanto quisermos... e você ainda faz tudo o que pode para enfurecê-lo e estragar nossa vida!

Henriette voltou-se para ele:

— Ah, você me aborrece! Você é covarde como todos os homens! Você tem medo daquele cretino!

Ele ergueu-se vivamente e, furioso:

— Ah! sim? Eu só queria saber o que foi que ele te fez e por que motivo chega a odiá-lo? Ele acaso faz de você uma desgraçada? Te bate? Te engana? Não! É revoltante, afinal, fazer sofrer esse homem unicamente porque ele é bom demais, e lhe querer mal unicamente porque o engana.

Ela aproximou-se de Limousin e, olhando-o dentro dos olhos:

— E é você quem me censura por enganá-lo? Você? Você? Ah! é preciso ter um caráter muito vil...

Ele se defendeu, um tanto vexado:

— Mas eu não te censuro nada, minha querida, eu te peço apenas que poupe um pouco seu marido, porque nós dois temos necessidade da confiança dele. Parece-me que deverias compreender essas coisas.

Estavam bem próximos um do outro, ele, corpulento, moreno, de suíças, com o ar um tanto vulgar de belo rapagão satisfeito de si; ela, graciosa, rosada e loira, pequenina parisiense meio cocote e meio burguesa, que nascera nos fundos de uma loja e se criara, às portas da mesma, a fisgar os transeuntes com um olhar, e que enfim desposara, ao capricho daquela pescaria, o passeante simplório, enamorado de a ver ali todos os dias, de manhã, quando saía, e de tarde, quando regressava.

Ela dizia:

— Mas não compreende, imbecil, que eu o abomino justamente porque ele casou comigo, porque me comprou, em suma, porque tudo o que ele diz, tudo o que faz, tudo o que pensa, me irrita os nervos. Ele me exaspera a cada instante por sua parvoíce, que você chama de bondade, por sua lentidão de espírito, que você chama de confiança, e depois, principalmente, porque ele é o meu marido, ele, em vez de você! Eu o sinto sempre entre nós dois, embora ele não nos incomode absolutamente. E depois... e depois... ele é tão idiota que não desconfia de nada! Eu queria que ele fosse um pouco ciumento ao menos. Há momentos em que eu tenho vontade de

gritar-lhe: "Mas então você não vê nada, animal, não compreende que Paul é meu amante?!"

— Enquanto você espera, seria bom ficar quieta e não perturbar a nossa existência.

— Ora! eu não a perturbarei, na certa! Com aquele imbecil, não há nada a temer. Mas é incrível que você não compreenda o quanto ele me é odioso, o quanto ele me enerva. Você, você tem o ar de estimá-lo sempre, de apertar-lhe a mão com franqueza. Os homens são surpreendentes às vezes.

— Mas é preciso dissimular, minha querida.

— Não se trata de dissimular, meu caro, mas de sentimentos. Vocês, logo que enganam um homem, parece que ainda mais o estimam; nós, mulheres, nós o odiámos a partir do momento em que começamos a enganá-lo.

— Eu não compreendo absolutamente por que se há de odiar a um bom homem de quem se tirou a mulher.

— Mas você não percebe?... não percebe?... É um tato que falta a vocês todos! Que quer? São coisas que sentimos, mas impossíveis de explicar. E, antes de tudo, não deveria ser assim mesmo?... Não, é inútil, não o perceberia! Vocês, homens, não têm delicadeza de sentimentos.

E com um suave e desdenhoso sorriso de libertina, pousou as duas mãos nos ombros dele, oferecendo-lhe seus lábios; ele inclinou a cabeça para ela, estreitando-a num abraço, e suas bocas se uniram. E como estavam de pé em frente ao espelho da lareira, um outro par idêntico a eles se unia num beijo atrás da pêndula.

Eles nada tinham ouvido, nem o girar da chave, nem o ranger da porta; mas Henriette, bruscamente, lançando um grito agudo, afastou Limousin com os braços, e eles avistaram Parent, que os olhava, lívido, os punhos cerrados, descalço, e com o chapéu na cabeça.

Ele os olhava, um após outro, com um rápido movimento da vista, sem mover a cabeça. Parecia louco; depois, sem dizer uma palavra, arremessou-se contra Limousin, jugulou-o com ambos os braços como para sufocá-lo, arrastou-o aos trambolhões para um

canto, e com tal ímpeto, que o outro, perdendo o equilíbrio, as mãos a debater-se no ar, foi chocar brutalmente o crânio contra a parede.

Mas Henriette, quando compreendeu que seu marido ia liquidar com seu amante, atirou-se a Parent, pegou-o pelo pescoço, e fincando na carne seus dez dedos pequeninos e róseos, ela apertou tão fortemente, com todos os seus nervos de mulher em desvario, que o sangue jorrou sob as suas unhas. E ela lhe mordia a espádua como se quisesse estraçalhá-lo com os dentes. Parent, estrangulado, a sufocar, largou Limousin, para sacudir de si a mulher, agarrada ao seu pescoço; e, apanhando-a pela cintura, ele a jogou, num só arremessão, até o outro extremo da sala.

Depois, como tivesse a cólera breve dos bonachões, e a violência impulsiva dos fracos, ele ficou parado entre os dois, arquejante, exausto, sem saber mais o que deveria fazer. O seu furor brutal se havia derramado naquele esforço, como a espuma de um vinho que se destampa; e a sua energia insólita acabava em esfalfamento.

Logo que pôde falar, ele balbuciou:

— Retirem-se desta casa... os dois... imediatamente... Andem!...

Limousin permanecia no seu canto, colado contra a parede, ainda muito espantado para que pudesse compreender alguma coisa, muito assustado para mover um só dedo. Henriette, com os punhos apoiados sobre o aparador, a cabeça para a frente, despenteada, o corpinho aberto, o colo nu, esperava, semelhante a uma fera que vai saltar.

Parent tornou a falar, com uma voz muito mais forte:

— Retirem-se imediatamente.. Retirem-se!

Vendo acalmada a primeira excitação, sua mulher recobrou o ânimo, endireitou-se, deu dois passos para ele e, quase insolente já:

— Perdeu então a cabeça?... Que coisa te deu?...

Por que essa inqualificável agressão?

Ele voltou-se, com o punho erguido para castigá-la, a gaguejar:

— Oh!... oh!... é demais... é demais!.. Eu ouvi... tudo!... tudo!... compreende?... tudo!... miserável!... miserável!... Vocês são uns miseráveis!... Retirem-se!... os dois!... Imediatamente!... Senão eu mato!... Andem! andem! Fora daqui!

Ela compreendeu que estava acabado, que ele sabia, que ela não poderia inocentar-se e que era preciso ceder. Mas toda sua imprudência lhe voltara, e o ódio que sentia daquele homem, esse ódio agora exasperado, a arrastava à audácia, numa necessidade de desafio, de bravata.

Ela disse com uma voz límpida:

— Vem, Limousin. Visto que me escorraçam, eu vou para sua casa.

Mas Limousin não dava um passo. Parent, que uma nova cólera acometia, pôs-se a gritar:

— Fora daqui!... fora daqui!... miseráveis!... senão!... senão!...

Ele apoderou-se de uma cadeira, brandindo-a sobre sua cabeça.

Então Henriette atravessou a sala num passo rápido, tomou o amante pelo braço, arrancou-o da parede, a que ele parecia selado, e arrastou-o para a porta, repetindo:

— Mas, vem, meu amigo, vem... Vê como esse homem está louco... Vem comigo!...

No momento de sair, ela voltou-se para o marido, procurando o que poderia fazer, o que poderia inventar para feri-lo no coração, ao deixar aquela casa. E uma idéia atravessou-lhe o espírito, uma dessas idéias venenosas, mortais, em que fermenta toda a perfídia das mulheres.

E disse, resoluta:

— Eu quero levar o meu filho. Parent, estupefato, balbuciou:

— O seu... o seu... filho?... Você se atreve... você se atreve a pedir seu filho... depois... depois... Oh! oh! é demais... Você se atreve?... Saia já daqui, rameira!... Anda!...

Ela voltou para ele, quase sorridente, quase vingada já, e desafiando-o, bem de perto, cara a cara:

— Eu quero o meu filho... e você não tem o direito de conservá-lo porque ele não é seu... está ouvindo? está ouvindo bem?... Ele não é seu... Ele é de Limousin.

Parent, transtornado, gritou:

— Você mente... você mente... miserável! Mas a mulher continuou:

— Imbecil! Todo mundo sabe, menos você. Pois eu digo que ali está seu pai. Basta olhar para ele para perceber...

Parent recuava ante ela. Depois, bruscamente, voltou-se, pegou uma vela e precipitou-se para o quarto vizinho.

Voltou quase em seguida, trazendo ao colo o pequenino Georges, embrulhado na sua coberta de cama. O menino, despertado em sobressalto, chorava amedrontado. Parent lançou-o nos braços da sua mulher, depois, sem acrescentar uma única palavra, empurrou-a rudemente para fora, para a escada, onde Limousin esperava, por prudência.

Em seguida fechou a porta, deu duas voltas à chave e correu os ferrolhos. Nem bem tinha voltado, ele tombou inteiro no chão.

II

Parent viveu só, absolutamente só. Durante as primeiras semanas que se seguiram à separação, a estranheza da sua vida nova o impediu de pensar muito. Havia retomado sua vida de solteiro, seus hábitos de vadiagem, e comia no restaurante, como outrora. Como quisera evitar todo e qualquer escândalo, pagava uma pensão à sua mulher. Pouco a pouco, porém, a lembrança do menino começou a importunar-lhe o pensamento. Muitas vezes, quando estava sozinho, de noite, em casa, ele imaginava de súbito ouvir Georges gritar "papai". Seu coração logo começava a bater e ele erguia-se depressa para abrir a porta da escada e ver se por acaso o pequeno não teria voltado. Sim, ele bem teria podido voltar como voltam os cães e os pombos. Por que uma criança haveria de ter menos instinto que um animal?

Reconhecido o engano, ele voltava então a sentar-se na sua cadeira, e pensava no pequeno. Pensava nele durante horas inteiras, dias inteiros. Não era tão-somente uma obsessão moral, mas também, e mais ainda, uma obsessão física, uma necessidade sensual, nervosa, de beijá-lo, de o segurar, de o apalpar, de o sentar sobre seus joelhos, de fazê-lo brincar de acrobata em seus braços. Exasperava-se à febril lembrança dos afagos passados. Sentia os pequeninos braços enlaçando o seu pescoço, a pequenina boca pousando um grande beijo em sua barba, os pequeninos caracóis dourados acariciando sua face. O anseio daqueles doces carinhos extintos, da pele suave e quente oferecida aos lábios, o enlouquecia como o desejo de uma mulher amada que fugiu.

Na rua, de repente, ele punha-se a chorar, pensando que o poderia ter ali, o seu Georgico, amiudando os passinhos a seu lado, como outrora, quando saíam ambos a passear. Regressava então à casa; e, com a cabeça entre as mãos, soluçava até a noite.

Vinte, cem vezes num dia, ele indagava consigo: "Sou, ou não sou o pai de Georges?" Mas era sobretudo de noite que ele se entregava, ante essa questão, a intermináveis raciocínios. Mal se havia deitado, recomeçava, cada noite, a mesma série de argumentações desesperadas.

No princípio, após a partida de sua mulher, ele não tivera mais dúvidas: o menino pertencia a Limousin. Depois, pouco a pouco, recomeçou a hesitar. Certamente, a afirmativa de Henriette não podia ter nenhum valor. Ela o fizera por provocação, para desesperá-lo. Pesando friamente os prós e os contras, havia bastante possibilidade de que ela tivesse mentido.

Só Limousin, talvez, teria podido dizer a verdade. Mas como saber, como interrogá-lo, como fazê-lo confessar?

E às vezes, alta noite, Parent se levantava, decidido a ir procurar Limousin, a rogar-lhe, a oferecer-lhe tudo o que ele quisesse, para dar fim àquela abominável angústia. Mas tornava a deitar-se, desesperado, depois de refletir que o amante também haveria de mentir! Sim, ele mentiria, na certa, para impedir que o pai verdadeiro recuperasse o seu filho.

E então, que fazer? Nada!

E desolava-se por haver assim forçado os acontecimentos, por não ter refletido, agüentado, não ter sabido esperar e dissimular, durante um mês ou dois, a fim de verificar tudo com seus próprios olhos. Deveria ter fingido não suspeitar de nada, e deixá-los que se traíssem insensivelmente. Teria bastado a ele ver o outro beijar a criança para adivinhar, para compreender. Um amigo não beija como um pai. Ele os teria espiado por detrás das portas! Como não tinha pensado nisso? Se Limousin, ficando a sós com Georges, não o tivesse em seguida pegado, abraçado, beijado com ardor, se o tivesse deixado a brincar, com indiferença, sem se preocupar com ele, nenhuma hesitação seria mais possível: é que então ele não era, não se supunha, não se sentia pai.

De maneira que ele, Parent, expulsando a mãe, teria conservado seu filho, e teria sido feliz, completamente feliz.

E ele se revirava no leito, suando, torturado, procurando lembrar-se das atitudes de Limousin com o pequeno. Mas não

lembrava nada, absolutamente nada, nenhum gesto, nenhum olhar, nenhuma palavra, nenhuma carícia suspeita. E, de resto, nem a mãe tampouco se preocupava com o filho.

Se ela o houvesse concebido de seu amante, ter-lhe-ia sem dúvida mais amor.

E ele se decidia, pela madrugada, a recorrer à Justiça, para que lhe devolvessem Georges.

Mas nem bem havia tomado essa resolução, sentia-se invadido pela certeza contrária. Visto que Limousin tinha sido desde o primeiro dia amante de Henriette, o seu amante amado, ela deveria ter-se entregado a ele com esse ímpeto, esse abandono, esse ardor que tornam mães as mulheres. A fria reserva que Henriette sempre imprimira às suas relações íntimas com ele, Parent, não era também um obstáculo a que ela fosse fecundada pelo seu beijo?

Iria, assim, reclamar, trazer consigo, conservar sempre e cuidar o filho de um outro. Não poderia olhá-lo, beijá-lo, ouvi-lo dizer "papai" sem que este pensamento o ferisse, o dilacerasse: "Não é meu filho!" Iria condenar-se a esse suplício de todos os instantes, a essa vida de miserável! Não, seria melhor ficar sozinho, viver sozinho, envelhecer e morrer sozinho.

E cada dia, cada noite, recomeçavam aquelas abomináveis hesitações e aqueles sofrimentos que nada podia acalmar nem terminar. Temia sobretudo a penumbra da noite que desce, a tristeza dos crepúsculos. Havia, em tais momentos, no seu coração desamparado, como que uma chuva de aflição, uma inundação de desesperos que tombava com as trevas, o afogava e endoidecia. Ele tinha medo de seus pensamentos como se tem medo dos bandidos, e fugia deles como um animal acossado. Temia mais do que tudo o seu quarto vazio, tão escuro, terrível, e as ruas desertas também, onde unicamente brilha, de espaço a espaço, um bico de gás e onde o transeunte solitário que se escuta de longe, parece um malfeitor e nos faz retardar ou apressar o passo, conforme vem pela nossa frente ou pela retaguarda.

E Parent, malgrado seu, por instinto, ia para as grandes ruas iluminadas e movimentadas. A luz e a multidão o atraíam, o distraíam, o atordoavam. Depois, quando se cansava de errar, de

vagabundear entre os remoinhos do público, quando via os transeuntes se tornarem mais raros e as calçadas mais desimpedidas, o terror da solidão e do silêncio arrastava-o para um grande café cheio de fregueses e de claridade.

Lá ia ele como vão as moscas para a chama, sentava-se a uma mesinha redonda e pedia cerveja. Bebia-a lentamente, inquietando-se cada vez que um freguês se erguia para retirar-se. Desejaria pegá-lo pelo braço, detê-lo, rogar-lhe que ficasse ainda mais um pouco, de tal modo temia o instante em que o garçom, parado diante dele, pronunciaria com um ar furioso: "Vamos, senhor, já vai fechar!"

Pois, cada noite, ele era sempre o último freguês. Via recolherem as mesas, apagarem, um por um, os bicos de gás, salvo dois, o seu e o do balcão. Via, com um olhar desolado, a caixa contar a fêria e guardá-la na gaveta; e ele ia embora posto na rua pelo pessoal, que murmurava: "Mas que palerma! Parece que não sabe onde dormir".

E logo que se via só na rua escura recomeçava a pensar no seu Georgico, a torturar a cabeça para descobrir se era ou não o pai de seu filho.

Adquiriu assim o hábito dos bares, onde o convívio contínuo dos bebedores nos põe em contato com um público familiar e silencioso e o denso fumo dos cachimbos adormece as inquietudes, enquanto a cerveja espessa entorpece o espírito e acalma o coração.

Ali vivia. Logo que se levantava, ia ao seu bar em busca de vizinhos com que ocupasse os olhos e o pensamento. Depois, por preguiça de mover-se, começou a fazer ali mesmo suas refeições. Pelo meio-dia, ele batia com o pires do chope na mesa de mármore, o garçom trazia prontamente um talher, um copo, um guardanapo e o almoço do dia. Logo que acabava de comer, tomava lentamente o café, com o olhar fixo no garrafão de aguardente, que lhe daria umas boas horas de embrutecimento. Primeiro umedecia os lábios na bebida, como para tomar-lhe o gosto, colhendo somente o sabor do líquido com a ponta da língua. Depois o derramava, gota a gota, na boca, erguendo a cabeça, passava lentamente o forte licor pelo céu da boca, pelas gengivas, por toda a mucosa das bochechas,

misturando-o com a saliva clara que aquele contato fazia brotar. Tendo-o suavizado com aquela mistura, ele o engolia então com recolhimento, sentindo-o deslizar ao longo da garganta, até o fundo do estômago.

Depois de cada refeição, ele bebericava assim, durante mais de uma hora, três ou quatro cálices, que o adormentavam pouco a pouco. Então inclinava a cabeça para o ventre, fechava os olhos e cochilava. Acordava-se pelo meio da tarde, e estendia em seguida a mão para o chope que o garçom colocara à sua frente durante a sesta; depois de bebê-lo, erguia-se um pouco do assento de veludo vermelho, levantava a calça, abaixava o colete, para cobrir a faixa branca surgida entre os dois, sacudia a gola do casacão, puxava os punhos da camisa para fora das mangas e retomava os jornais, que já lera de manhã.

Recomeçava a leitura da primeira à última linha, inclusive os anúncios, pedidos de emprego, participações, cotações da Bolsa e programas de teatro.

Entre as quatro e as seis horas ia dar um giro pelos bulevares, para tomar ares, dizia ele; depois voltava a sentar-se no lugar que lhe haviam reservado e pedia o seu absinto.

Conversava, então, com os fregueses com quem travara relações. Comentavam as notícias do dia, os acontecimentos diversos e os sucessos políticos; isso o levava até a hora da janta. O serão se passava com a tarde, até a hora do fechamento. Era para ele o instante terrível, o instante em que era preciso voltar para o escuro, para o quarto vazio, cheio de lembranças torturantes, de pensamentos horríveis e de angústias. Ele não se avistava com mais nenhum dos seus velhos amigos, com nenhum dos seus parentes, com ninguém que lhe pudesse lembrar sua vida passada.

Mas como seu apartamento se tornava um inferno, alugou um quarto num grande hotel, um belo quarto do andar térreo, a fim de ver os passantes. Não estava mais só, ali naquele vasto alojamento público; sentia agitarem-se outras vidas em redor de si, ouvia vozes por detrás dos compartimentos; e, quando seus sofrimentos antigos o apossavam muito cruelmente ante o leito vazio e seu fogo solitário, ele saía para os compridos corredores e passeava como

uma sentinela, ao longo de todas as portas fechadas, olhando com tristeza os calçados aos pares diante de cada uma, os delicados sapatos de mulher aconchegados contra os fortes sapatos de homem: e ele pensava que aquelas criaturas eram felizes, sem dúvida, e dormiam ternamente, lado a lado, ou enlaçadas no calor da cama.

Cinco anos assim se passaram; cinco anos mortos, sem mais acontecimentos que os amores de duas horas, a dois luíses, de tempos em tempos.

Ora, um dia, quando ele dava o seu passeio habitual, entre a Madeleine e a rua Drouot, avistou de repente uma mulher cujo vulto o impressionou vivamente. Um senhor alto e um menino a acompanhavam. Iam os três adiante dele. "Onde já vi essas pessoas?", perguntava ele consigo e, de súbito, reconheceu um gesto da mão: era a sua mulher, a sua mulher com Limousin, e com o seu filho, o seu pequeno Georges.

Seu coração palpitava a ponto de o sufocar, mas ele não parou; queria vê-los; e os seguiu. Dir-se-ia uma família exemplar, uma boa família de bons burgueses. Henriette se apoiava ao braço de Paul, falava-lhe docemente, olhando-o às vezes de lado. Parent via-a então de perfil, reconhecia o contorno gracioso de seu rosto, os movimentos de sua boca, o seu sorriso, e a carícia de seu olhar. O menino antes de tudo o preocupava. Como ele estava grande e forte! Parent não podia perceber o rosto, mas somente os cabelos loiros, que tombavam sobre a gola em crespos caracóis. Era Georgico, aquele desempenado meninote de pernas nuas, que ia, como um homenzinho, ao lado de sua mãe.

Ao pararem diante de uma loja, ele os viu subitamente, os três. Limousin estava grisalho, mais velho, e mais magro; Henriette, pelo contrário, mais fresca do que nunca, havia engordado; Georges se tornara irreconhecível, tão diferente estava de outrora!

Continuaram os três o seu caminho. Parent os seguiu de novo; depois, a largos passos, lhes ganhou a dianteira, para voltar e revê-los, bem de perto, pela frente. Quando passou pelo menino, teve vontade, uma vontade louca de o pegar pelo braço e arrebatá-lo. Deu-lhe um leve encontrão como por acaso. O pequeno virou a

cabeça e lançou àquele desastrado um olhar de descontentamento. Então Parent fugiu, tocado, perseguido, ferido por aquele olhar. Fugiu como um ladrão, acossado do medo horrível de ter sido visto e reconhecido pela mulher e seu amante. Foi de uma corrida até seu bar e caiu, arquejante, sobre sua cadeira.

Ele bebeu três absintos naquela tarde.

Durante quatro meses, guardou no coração a chaga daquele encontro. Cada noite os revia, aos três, felizes e tranqüilos, pai, mãe, filho, passeando pelo bulevar, antes de regressarem para a janta. Aquela visão nova apagava a antiga. Era outra coisa, agora, outra alucinação, também uma outra dor. O pequeno Georges, a quem tanto amara e beijara outrora, desaparecia num passado longínquo e extinto, e ele via um novo, como que um irmão do primeiro, um menino de canelas nuas—e que não o conhecia! Ele sofria horrivelmente a este pensamento! O amor do pequeno estava morto; nenhum elo existia entre ambos; o menino não lhe estendera os braços ao avistá-lo, como antes. Tinha-lhe até lançado um olhar inimigo.

Depois, pouco a pouco, sua alma se acalmou de novo; suas torturas mentais se enfraqueceram; a imagem que lhe surgira ante os olhos e que alucinava suas noites foi se tornando indecisa e mais rara. Pôs-se a viver mais ou menos como toda a gente, como todos os ociosos que ingerem chopes nas mesas de mármore e gastam as calças pelo fundilho no veludo cocado das banquetas.

Ele envelheceu entre o fumo dos cachimbos, perdeu os cabelos sob a chama do gás, considerou como acontecimentos o banho de cada semana, o corte de cabelo de cada quinzena, a compra de um traje novo ou de um chapéu. Quando chegava à sua cervejaria com um chapéu novo, contemplava-se longamente ao espelho antes de sentar-se, punha-o e tirava-o várias vezes seguidas, acomodava-o de diferentes modos, e perguntava enfim à sua amiga, a caixa do estabelecimento, que o olhava interessada: "Acha que me assenta bem?"

Duas ou três vezes por ano ele ia ao teatro; e, no verão, passava algumas vezes as suas noites num café-concerto dos Campos Elísios. De lá trazia na cabeça árias que cantavam no fundo de sua

memória durante várias semanas é que ele chegava mesmo a cantarolar, batendo o compasso com o pé, quando se achava sentado ante seu chope.

Os anos se sucediam, lentos, monótonos, e curtos porque eram vazios.

Ele não os sentia deslizarem sobre si mesmo. Ia para a morte sem se mexer, sem se agitar, sentado diante de uma mesa de cervejaria; e só o grande espelho, onde ele apoiava seu crânio cada dia mais desnudado, refletia as devastações do tempo que passa e foge, devorando os homens, os pobres homens.

Agora só raramente pensava no drama tremendo em que soçobrara sua vida, pois vinte anos eram passados depois daquela terrível noite.

Mas a existência que depois ele se constituíra o havia desgastado, abrandado, exaurido; e muitas vezes o dono da sua cervejaria, o sexto proprietário desde que ele começara a freqüentar aquele estabelecimento, lhe recomendava: "O senhor deveria sacudir-se um pouco, Monsieur Parent: tomar ares, ir para o campo; asseguro-lhe que o senhor tem mudado muito nestes últimos meses".

E depois que seu freguês saía, o comerciante comunicava suas reflexões à caixa: "Esse pobre Parent vai mal, Mile. Zoé. É o diabo isto de não deixar nunca Paris. Já que ele tem confiança em você, convença o velho a ir comer uma peixada nos arredores, de vez em quando. Isso o fará melhorar".

E a caixa, cheia de piedade e benevolência para com aquele consumidor obstinado, repetia diariamente a Parent: "Vamos, Monsieur Parent, decida-se a tomar ares! É tão lindo o campo quando faz bom tempo! Oh! se eu pudesse, eu passaria a minha vida no campo!"

E ela lhe comunicava os seus sonhos, os sonhos poéticos e simples de todas as pobres moças encerradas do princípio ao fim do ano detrás das vidraças de uma loja e que vêem passar a vida factícia e trepidante da rua enquanto pensam na calma e doce vida do campo, a vida debaixo das árvores, ao sol radioso que tomba sobre os prados, sobre os bosques profundos, sobre os claros rios,

sobre as vacas deitadas na relva, e sobre todas as flores diversas, todas as flores livres, azuis, vermelhas, amarelas, roxas, lilases, róseas, brancas; tão graciosas, tão frescas, tão perfumadas, todas as flores da natureza que se colhem passeando e de que se fazem enormes ramalhetes.

Ela sentia prazer em lhe falar continuamente do seu desejo eterno, irrealizado e irrealizável; e ele, pobre velho sem esperanças, sentia prazer em escutá-la. Ele vinha sentar-se agora junto do balcão, para conversar com Mile. Zoé e discutir sobre o campo com ela. Então, pouco a pouco, lhe veio um vago desejo de ir ver se era mesmo tão bom, como ela dizia, fora dos muros da grande cidade. Certa manhã ele perguntou:

— Sabe você onde se pode comer bem nos arredores de Paris?

Ela respondeu:

— Vá então ao terraço de SaintGermain. é tão bonito! Ele havia passeado por lá outrora, na época do seu noivado. Resolveu rever o local.

Escolheu um domingo, sem motivo especial, unicamente porque é costume sair aos domingos, mesmo quando não se faz nada durante a semana.

Partiu, pois, num domingo de manhã, para SaintGermain.

Era princípio de julho, um dia esplendoroso e quente. Assentado contra a portinhola do vagão, ele via deslizarem as árvores e as pequenas casas extravagantes dos subúrbios de Paris. Sentia-se triste, aborrecido por ter cedido àquele desejo novo, por ter quebrado seus hábitos. A paisagem cambiante e sempre igual o fatigava. Sentia sede; em cada estação, de bom grado teria descido para sentar-se no café entrevisto na plataforma, beber um chope ou dois e tomar o primeiro trem que passasse para Paris.

Interessou-se no entanto pelo Sena, de cada vez que o atravessava. Viu passarem, sob a ponte de Chatou, ioles vigorosamente impulsionados pelos seus remadores de braços nus; e pensou: "Esses folgazões não devem aborrecer-se".

A longa faixa d'agua que se estendia, a perder de vista, de um lado a outro da ponte do Pesq, despertou, no fundo do seu coração, um vago desejo de passeio à beira-rio. Mas o trem mergulhou no

túnel que precede a estação de Saint Germain para em seguida parar na plataforma.

Parent desceu e, pesado de fadiga, dirigiu-se, com as mãos às costas, para o terraço. Chegado à balaustrada de ferro, deteve-se para contemplar o horizonte. A planície imensa estendia-se à sua frente, vasta como o mar, toda verde e povoada de grandes aldeias, tão populosas como cidades. Estradas brancas atravessavam aquela vasta região, braços de mata a sombreavam por vezes, os pantanais do Vésinet fulgiam como chapas de prata, e os contornos longínquos de Sannois e de Argenteuil se desenhavam sob uma bruma leve e azulada, que mal os deixava adivinhar. O sol banhava com sua luz abundante e quente toda a imensa paisagem, um pouco velada pelos vapores matinais, pelo suor da terra aquecida exalando-se em nevoeiros tênues, e pelo bafo úmido do Sena, que se desenrolava como uma serpente sem fim através das planícies, costeava as aldeias e contornava as colinas.

Uma brisa leve, cheia do odor das folhagens e das seivas, acariciava a pele, penetrava no fundo do peito, parecia rejuvenescer o coração, espanejar o espírito, vivificar o sangue.

Parent, surpreso, respirava-a profundamente, com os olhos deslumbrados pela extensão da paisagem; e murmurou: 'Como se está bem aqui!'

Andou alguns passos, e parou de novo para olhar. Ele julgava descobrir coisas desconhecidas e novas, não coisas que seu olhar divisava, mas coisas que sua alma pressentia, acontecimentos ignorados, felicidades entrevistas, alegrias inexploradas, todo um horizonte de vida que ele jamais suspeitara e que se lhe desvendava de súbito ante aquele horizonte de campanha ilimitada.

E toda a lastimável tristeza de sua existência lhe apareceu iluminada pela claridade violenta que inundava a terra. Ele viu seus vinte anos de café, desanimados, monótonos,

desoladores. E pensar que poderia ter viajado como tantos outros, ir para longe, muito longe, a ver outros povos, terras quase incógnitas, para além dos mares, interessar-se por tudo o que apaixona os outros homens, pelas artes, pelas ciências, amar a vida multiforme, a vida misteriosa, encantadora ou pungente, sempre

mutável, sempre inexplicável e curiosa. Sentiu que se ficasse sozinho por mais tempo naquele lugar iria perder a cabeça, e alcançou depressa o pavilhão Henrique IV, para almoçar, para atordoar-se com vinho e aguardente e falar com alguém, ao menos.

Tomou uma mesinha nos bosquetes de onde se avista toda a campanha, escolheu o seu cardápio e pediu que o servissem imediatamente.

Outros passeantes chegavam, sentavam às mesas vizinhas. Ele sentia-se melhor; não estava mais só.

Num caramanchão, três pessoas almoçavam. Ele os havia olhado várias vezes sem os ver, como se olha para os indiferentes.

De repente, uma voz de mulher provocou nele um desses choques que fazem estremecer a medula.

Assim dissera, aquela voz: "Georges, você é que vai trinchar o frango".

E uma outra voz respondeu: "Sim, mamãe". Parent ergueu os olhos; e compreendeu, adivinhou logo quem eram eles! Certamente que não os teria reconhecido. Sua mulher estava de cabelos brancos agora, conservava-se ainda bastante forte, e tinha todo o aspecto de uma velha dama séria e respeitável; e comia avançando a cabeça, por temor às manchas, embora tivesse coberto o seio com um guardanapo. Georges se tornara um homem. Usava barba, uma dessas barbas desiguais e quase incolores que se enroscam sobre a face dos adolescentes. Trazia um chapéu alto, colete de cetim branco, por chiquismo, sem dúvida. Parent olhava-o estupefato! Era aquele o Georges, seu filho? Não, ele não conhecia aquele jovem; não podia existir nada de comum entre ambos.

Limousin estava de costas e comia, com as espáduas um pouco curvadas.

Com que então aquelas três criaturas pareciam felizes e contentes! Eles vinham almoçar no campo, em restaurantes conhecidos. Tinham levado uma tranqüila e doce existência, uma existência familiar em um lar confortável e povoado de todas as coisas que tornam a vida agradável, de todas as doçuras da afeição, de todas as palavras de carinho que a gente troca quando se ama. E tinham vivido assim graças a ele, Parent, graças ao seu dinheiro,

depois de o terem enganado, roubado, perdido! Eles o tinham condenado, a ele, o inocente, o simples, o bom, a todas as riquezas da solidão, à abominável vida que ele arrastara entre uma calçada e um bar, a todas as torturas morais e a todas as misérias físicas! Tinham feito dele um inútil, perdido, desamparado no mundo, um pobre velho sem alegrias possíveis, sem expectativas, que não esperava nada de coisa alguma e de ninguém. Para ele a Terra era deserta, porque ele não amava ninguém sobre a face da Terra. Ele podia percorrer os povos ou percorrer as ruas, entrar em todas as casas de Paris, abrir todos os quartos, e não encontraria, por detrás de nenhuma porta, o rosto procurado, querido, rosto de mulher ou rosto de criança, o rosto que sorri ao avistar-nos. E esta idéia sobretudo o incomodava, a idéia da porta que a gente abre para encontrar e beijar alguém, do outro lado.

E a culpa era daqueles três miseráveis! daquela mulher indigna, daquele amigo infame e daquele rapagão loiro, que assumia ares arrogantes.

Ele agora também odiava Georges, tanto quanto aos outros dois. Não era ele filho de Limousin? Será que Limousin, se não fora isso, o teria conservado e amado? Será que Limousin não teria logo abandonado a mãe e o pequeno, se não soubesse que o pequeno era dele, e bem dele? Pois quem é que iria criar os filhos dos outros?

Com que então ali estavam eles, bem perto, aqueles três que tanto o haviam feito sofrer!

Parent os olhava, irritando-se, exaltando-se à recordação de todas suas dores, de todas suas angústias, de todos seus desesperos. Ele exasperava-se, antes de tudo, com seu ar plácido e satisfeito. Tinha vontade de matá-los, de jogar-lhes o seu sifão de água de Seltz, fender a cabeça de Limousin, que ele via, a cada instante, baixar-se para o prato e erguer-se em seguida.

E eles continuaram a viver assim, sem cuidados, sem inquietações de espécie alguma. Não, não. Era demais, afinal! Ele se vingaria; iria vingar-se imediatamente, já que os tinha ali à mão. E procurava, sonhava coisas tremendas como as que acontecem nos folhetins, mas não encontrava nada de prático. E bebia, trago após

trago, para excitar-se, para criar coragem, para não perder semelhante oportunidade, que por certo nunca mais se repetiria.

De súbito, ocorreu-lhe uma idéia, uma idéia terrível; e ele parou de beber para amadurecê-la. Um sorriso lhe encrespava os lábios; ele murmurava: "Já os peguei. Já os peguei. Agora, sim, eles vão ver".

Um garçom lhe perguntou:

Já está servido senhor? Quer comer mais alguma coisa?

Não. Café e conhaque, do melhor.

E ele os olhava, bebericando os seus traguinhos. Havia muita gente naquele restaurante para que ele pudesse fazer o que queria; esperaria e os seguiria; pois certamente eles iriam passear pelo terraço ou na floresta. Quando estivessem um pouco afastados, ele os alcançaria, e então se vingaria, sim, se vingaria! E já era tempo, depois de vinte e três anos de sofrimentos. Ah! eles nem sonhavam o que lhes ia acontecer.

Terminavam lentamente o seu jantar, conversando com toda a segurança. Parent não podia ouvir as palavras, mas via os seus gestos calmos. O aspecto de sua mulher, sobretudo, o exasperava. Ela adquirira um ar superior, um ar de devota gorda, de devota inabordável, encouraçada de princípios, blindada de virtudes.

Depois pagaram a conta e levantaram-se. Então ele viu Limousin. Dir-se-ia um diplomata aposentado, tão importante parecia com suas belas suíças macias e sedosas, cujas pontas tombavam sobre a gola do redingote.

Eles saíram. Georges fumava um charuto e trazia o chapéu de banda sobre a orelha. Parent, em seguida, saiu atrás deles.

Deram uma volta pelo terraço e admiraram o panorama, com placidez, como admiram as pessoas bem jantadas; depois entraram na floresta.

Parent esfregava as mãos, e continuava a segui-los, à distância, para não chamar-lhes a atenção prematuramente.

Eles caminhavam descansadamente, tomando um banho de verdura e tepidez. Henriette se apoiava no braço de Limousin e seguia, direita, a seu lado, como esposa orgulhosa e segura de si. Georges arrancava folhas com seu pingalim, e franqueava às vezes

os fossos do caminho, num salto leve de cavalo novo e ardente, prestes a desabalar campo a fora.

Parent, pouco a pouco, se aproximava, arquejante de emoção e de fadiga, pois nunca fazia daquelas marchas. Logo os alcançou, mas o medo o assaltara, um medo confuso, inexplicável, e ele passou além dos três, para retroceder e abordá-los de frente.

Ele seguia, com o coração a bater, sentindo-os atrás de si presentemente, e repetia: "Vamos, é agora: coragem! coragem! É agora!"

Voltou-se e olhou. Estavam sentados, os três, ao pé de uma grande árvore, e continuavam a conversar.

Decidiu-se, então, e voltou a passo rápido. Ao passar por eles, deteve-se e, parado no meio do caminho, balbuciou num tom breve, com a voz carregada pela emoção:

— Sou eu! Aqui estou! Não esperavam que eu viesse? Os três examinavam aquele homem, que lhes parecia louco.

Ele tornou:

— Parece que não me reconheceram. Pois olhem-me bem! Eu sou Parent, Henri Parent. Não me esperavam, hein? Pensavam que estava tudo acabado, que nunca mais me veriam, nunca mais. Ah! isto, não, eis-me de volta. Vamo-nos explicar, agora.

Henriette, desvairada, ocultou o rosto nas mãos, murmurando: "Oh! meu Deus!"

Vendo aquele desconhecido que parecia ameaçar sua mãe, Georges se erguera, decidido a matá-lo.

Limousin, aterrorizado, esgazeava os olhos para aquele fantasma, que, depois de ofegar por alguns instantes, continuou:

— Pois agora nós vamos ter uma explicação. É chegada a hora. Ah! Então vocês me enganaram, me condenaram a uma vida solitária e julgavam que eu não havia de pegá-los um dia?

Mas o jovem segurou-o pelos ombros e, empurrando-o:

— Está louco? Que quer você? Suma-se imediatamente! ou eu lhe dou umas bordoadas, seu atrevido!

— Que quero eu? Eu quero te dizer o que eles são. Mas Georges, exasperado, sacudia-o, ia bater-lhe. O outro continuou:

— Largue-me. Eu sou seu pai... Olha! vê se eles não me reconhecem agora, aqueles miseráveis!

Desnortado, o rapaz baixou os braços e voltou-se para sua mãe. Parent, vendo-se livre, avançou para ela:

— Anda! Diga você mesma quem sou eu! Diga que meu nome é Henri Parent e que sou seu pai porque ele se chama Georges Parent, porque você é minha mulher, porque vocês três vivem do meu dinheiro, da pensão de dez mil francos que eu te pago, desde que escorracei vocês da minha casa... Conte-lhe também por que foi que eu corri com vocês.. Porque eu te surpreendi com esse infame, esse canalha, o seu amante! Diga a ele o que era eu! um homem confiante, honesto, com quem você se casou por interesse e que enganou desde o primeiro dia. Diga-lhe quem são vocês e quem sou eu...

Ele balbuciava, arquejava, arrebatado pela cólera.

A mulher gritou com uma voz lancinante:

— Não deixe, Paul! Não deixe! Que ele se cale, meu Deus! Não deixe que ele diga isso diante do meu filho!

Limousin, por sua vez, erguera-se. Ele murmurou, numa voz muito baixa:

— Cale-se. Cale-se. Repare no que está fazendo. Parent retrucou, arrebatado:

— Eu sei muito bem o que estou fazendo. E não é tudo. Há uma coisa que eu quero saber, uma coisa que me tortura há vinte anos.

Depois, voltando-se para Georges, que, transtornado, se apoiara ao tronco de uma árvore:

— Escute-me: quando ela partiu de minha casa, achou que não era bastante haver me traído; ela quis ainda desesperar-me. Você era todo meu consolo; pois bem, ela te carregou, jurando-me que eu não era seu pai, que seu pai era ele! Seria mentira? Não sei. Há vinte anos que eu faço a mesma pergunta.

Ele avançou para bem perto dela, trágico, terrível, e, arrancando a mão com que sua mulher cobria o rosto:

— Bem! Eu intimo hoje a me dizer qual de nós é o pai deste rapaz: ele ou eu, o seu marido ou o seu amante. Vamos, vamos, fale!

Limousin lançou-se a ele. Parent o repeliu e, zombando com furor:

— Ah! você está valente hoje; está muito mais valente do que no dia em que escapou pela escada porque eu ia te espancar. Pois bem! se ela não responde, responda você agora. Você deve saber tão bem quanto ela. Diga-me, é você o pai deste rapaz? Anda! Fala!

Ele voltou-se para sua mulher.

— Se não quer dizer a mim, diz a seu filho, pelo menos.

Ele é um homem, hoje. Tem o direito de saber quem é seu pai. Eu, eu não sei, eu nunca soube, nunca, nunca! Eu não posso te informar, meu rapaz.

A exaltação crescia, a sua voz alçava-se em agudos. E ele agitava os braços como um epilético.

Anda, você aí... Responde... Oh! ela não sabe... Aposto que não sabe... Pudera!... Pois se ela se deitava Com os dois!... Ah! ah! ah!... ninguém sabe... ninguém... Como é que se pode saber dessas coisas?... Você nunca saberá também, meu rapaz, você nunca saberá, como eu... nunca... Anda... pergunta-lhe... pergunta-lhe... Verá que ela não sabe... Nem eu, tampouco... nem ele... nem você... ninguém sabe... Você pode escolher... sim... você pode escolher... ele ou eu... Escolhe... Adeus... Acabou-se... Se ela resolver contar a você, venha falar comigo no Hotel dêz Continents. Será um prazer para mim, saber de tudo... Adeus... Desejo-lhes que passem muito bem...

E foi-se embora a gesticular, continuando a falar sozinho, sob as grandes árvores, no ar limpo e fresco, cheio do odor das seivas. Ele não se voltou para vê-los. Caminhava direito para frente, numa arremetida de furor, num raptó de exaltação, o espírito arrebatado pela sua idéia fixa.

Quando deu por si, estava na estação. Um trem ia partindo. Ele embarcou. Durante a viagem, sua cólera aplacou-se, seu espírito voltou ao normal e ele chegou em Paris, estupefato da sua audácia.

Sentia-se alquebrado como se lhe tivessem partido os ossos. Foi no entanto beber um chope no seu bar.

Ao vê-lo entrar, Mile. Zoé, surpresa, perguntou-lhe:

— Já de volta? Como é? Está cansado? Ele respondeu:

— Sim... sim... muito cansado... muito cansado... Ivo
compreende... quando não se tem o hábito de sair...

Acabou-se! Não irei mais para fora. Seria melhor não ter ido. De
hoje em diante, não me moverei daqui.

E ela não conseguiu fazê-lo contar seu passeio, por mais que o
desejasse.

Pela primeira vez na sua vida, ele embriagou-se completamente,
aquela noite, e tiveram de mandar levá-lo para casa.

UM ARDIL

O velho médico e a jovem doente conversavam no canto do fogo. Ela estava ligeiramente afetada por uma dessas indisposições femininas que com freqüência atacam as mulheres bonitas: um pouco de anemia, nervosismo, uma suspeita de fadiga, dessa fadiga que sentem por vezes os recém-casados, no fim do primeiro mês de união, quando fizeram um casamento de amor.

Ela estava estendida num sofá e conversava:

— Não, doutor, jamais compreenderei que uma mulher engane o marido. Posso admitir que ela não o ame, que não leve em conta nenhuma das próprias promessas, dos próprios juramentos! Mas como atrever-se a se dar a um outro homem? Como ocultar isso aos olhos de todos? Como poder amar, mergulhada na mentira e na traição?

O médico sorria.

— Quanto a isso, é fácil—disse ele.—Asseguro-lhe que não se pensa em todas essas sutilezas quando o desejo de claudicar invade as criaturas. Estou mesmo certo de que uma mulher não está madura para o amor verdadeiro, senão depois de ter passado por todas as promiscuidades e todos os aborrecimentos do casamento, o qual, na opinião de um homem ilustre, nada mais é do que uma troca de maus humores durante o dia e de maus odores durante a noite. Nada é mais verdadeiro. Uma mulher não pode amar apaixonadamente, senão depois de ter sido casada. Se eu a pudesse comparar a uma casa, diria que ela só é habitável, depois que um marido lhe secou o reboco. E quanto à dissimulação, todas as mulheres têm-na para dar e vender nessas ocasiões. Mesmo as mais simplórias são maravilhosas e se saem muito bem dos mais difíceis casos.

Mas a jovem senhora parecia incrédula...

— Não, doutor, a gente não se lembra do que deveria ter feito nas situações perigosas, senão depois do caso passado; e as mulheres têm certamente mais propensão para perder a presença de espírito do que os homens,

O médico ergueu os braços.

— Depois do caso passado, diz a senhora! Nós, homens, é que só temos a inspiração depois do caso passado. Mas as senhoras!... Olhe, vou contar-lhe uma pequena história acontecida a uma das minhas clientes, a quem eu teria dado a comunhão sem confissão, como se costuma dizer:

"Isto se passou numa cidade de província.

"Uma noite, dormia eu profundamente, com esse pesado primeiro sono tão difícil de interromper, quando me pareceu, num sonho obscuro, que os sinos da cidade badalavam, dando sinal de incêndio.

"De repente, acordei: era a minha campainha, a da rua, que tilintava desesperadamente. Como meu criado parecia não responder, puxei o cordão pendurado na minha cama, e, pouco depois, houve um barulho de portas batendo e de passos perturbando o silêncio da casa adormecida; depois, João apareceu trazendo uma carta que dizia: 'A Sra. Lelièvre pede com insistência ao senhor Dr. Simeon que venha com urgência à sua casa'.

"Refleti alguns segundos, e pensei: uma crise de nervos, vapores, uma bobagem qualquer, e eu estou muito cansado. Respondi: 'O Dr. Simeon, não se sentindo bem, pede à Sra. Lelièvre que tenha a bondade de chamar o colega Dr. Bonnet'.

"Depois pus o bilhete num envelope e tornei a adormecer. Meia hora mais tarde, a sineta da rua soou novamente, e João veio dizer-me: 'É alguém, um homem ou mulher (não sei ao certo, de tal forma está oculto), que desejava falar imediatamente ao senhor. Diz ele que se trata de uma questão de vida ou de morte para duas pessoas'.

"Ergui-me no leito:

— Mande entrar.

"Esperei, sentado na cama.

"Apareceu-me uma espécie de fantasma negro, e, logo que João saiu, descobriu-se. Era a Sra. Berta Lelièvre, uma criaturinha muito jovem, casada há três anos com um forte comerciante da cidade, o qual passava por ter desposado a mais linda moça da província.

"Estava horrivelmente pálida, com essas contrações do rosto das pessoas enlouquecidas; e suas mãos tremiam; por duas vezes tentou falar, sem que de seus lábios pudesse sair um som. Finalmente balbuciou: 'Depressa, depressa... depressa... doutor... Venha! Meu, meu amante morreu no meu quarto

"Deteve-se, sufocada, depois prosseguiu: 'Meu marido vai.. vai... voltar do clube.

"Saltei da cama, sem mesmo me lembrar de que estava de camisa, e vestime em poucos segundos. Depois perguntei: 'Foi a senhora mesma que estive aqui há pouco?' De pé, como uma estátua, petrificada pela angústia, ela murmurou: 'Não, foi minha criada... ela sabe...' Depois de uma pausa: 'Eu tinha ficado.. perto dele'. Uma espécie de grito de dor horrível saiu-lhe dos lábios e, após uma sufocação que a fez estertorar, ela chorou, chorou desvairadamente com soluços e espasmos durante um ou dois minutos; depois suas lágrimas passaram de repente, estancaram, como se tivessem sido secadas por dentro, com fogo; e, voltando a ser tragicamente calma: 'Vamos, depressa!', disse.

"Eu estava pronto, mas exclamei: 'Com os diabos, não dei ordem de atrelarem o cupê!' Ela respondeu: 'Tenho um, tenho o dele, que o estava esperando'. Cobriu-se até a cabeça e partimos.

"Quando a meu lado, na escuridão do carro, ela me pegou bruscamente a mão e, esmagando-a entre seus dedos finos, balbuciou com abalos na voz, abalos que lhe vinham do coração dilacerado: 'Oh! se soubesse, se soubesse o quanto sofro! Eu o amava, eu o amava perdidamente, como uma insensata, fazia seis meses'.

"Perguntei: 'Estão acordados em sua casa?' Ela respondeu: 'Não, ninguém, exceto Rosa, que sabe de tudo'.

"Paramos em frente à porta da casa dela; todos efetivamente dormiam; entramos sem fazer barulho, com uma chave de trinco, e eis-nos subindo nas pontas dos pés. A criada, apavorada, sentara-se

no chão no alto da escada, com uma vela acesa ao lado; não se atrevera a ficar junto ao morto.

"E penetrei no quarto. Estava desarranjado, como após uma luta. A cama desfeita, amarrotada, ficara como à espera de alguém; um dos lençóis estava caído até o tapete; toalhas molhadas, com as quais haviam batido as têmperas do rapaz, jaziam por terra, ao lado de uma bacia e de um copo. E um cheiro singular de vinagre de cozinha, misturado a vaporizações de Lubin, enjoava-nos desde a porta.

"De costas, estendido no meio do quarto, jazia o cadáver. Aproximei-me; contemplei-o; apalpei-o; abri-lhe os olhos; toquei-lhe as mãos, depois, voltando-me para as duas mulheres, que tiritavam, como se estivessem geladas, eu lhes disse: 'Ajudem-me a levá-lo para a cama'. E o deitamos suavemente. Auscultei-lhe então o coração e pus-lhe um espelho em frente à boca; depois murmurei: 'Acabou-se, vamos vesti-lo o mais depressa possível'. Foi uma coisa horrível de se ver!

"Eu pegava sucessivamente os membros do rapaz como os de uma enorme boneca e os apresentava às roupas que as mulheres traziam. Calçaram as meias, vestiram as ceroulas, as calças, o colete, depois o casaco, cujas mangas nos deram grande trabalho para enfiar.

"Quando foi preciso abotoar as botinas, as duas mulheres se ajoelharam, enquanto eu as iluminava; mas, como os pés tinham inchado um pouco, foi espantosamente difícil. Não tendo achado o abotoador, fizeram o serviço com os próprios grampos.

"Assim que a horrível toailete terminou, considerei a nossa obra e disse: 'Seria preciso penteá-lo um pouco'. A criada foi buscar o pente e a escova da patroa; mas como tremesse e arrancasse os cabelos compridos e emaranhados em movimentos involuntários, a Sra. Lelièvre apoderou-se violentamente do pente e penteou a cabeleira suavemente, como se a acariciasse. Refez a risca, passou a escova na barba, depois enrolou lentamente os bigodes no dedo, como costumava fazer, sem dúvida, nas familiaridades do amor.

"E de repente, soltando o que tinha nas mãos, segurou a cabeça inerte do amante e olhou demoradamente, desesperadamente,

aquela face morta, que não mais lhe sorria; depois, abatendo-se sobre ele, estreitou-o nos braços e beijou-o com furor. Seus beijos caíam como pancadas, na boca fechada, nos olhos extintos, nas têmporas, na fronte. Depois, aproximando-se da orelha dele, como se ainda a pudesse ouvir, para balbuciar a palavra que torna mais ardente os amplexos, repetiu dez vezes seguidas com voz dilacerante: 'Adeus, querido'.

"Mas o relógio deu meia-noite.

"Tive um sobressalto: 'Raios! Meia-noite! É a hora em que fecham o clube. Vamos, minha senhora, energia!'

"Ela se endireitou. Ordenei: 'Vamos levá-lo ao salão'. Pegamo-lo nós três, e, tendo-o levado, fiz sentar-se num sofá; depois acendi os candelabros.

"A porta da rua abriu-se e fechou-se pesadamente. Já era ele. Mandei: 'Rosa, depressa, traga-me as toalhas e a bacia e arrume o quarto; por Deus, apresse-se! Aí está o Sr. Lelièvre, que vem chegando'.

"Ouvi os passos subirem e aproximarem-se. Mãos no escuro apalpavam as paredes. Chamei então: 'Por aqui, meu caro; tivemos um acidente'.

"E o marido, estupefato, apareceu no umbral, com um charuto na boca. Perguntou: 'Que há? Que foi? Que é isso?'

"Dirigi-me para ele: 'Meu velho, estamos num penoso embaraço. Eu tinha ficado até tarde a tagarelar aqui, com a Sra. Lelièvre e nosso amigo, que me trouxe no seu carro. De repente, ele caiu desmaiado, e há duas horas que, apesar dos meus cuidados, não consigo fazê-lo voltar a si. Não quis chamar estranhos. Auxilie-me a fazê-lo descer; poderei tratá-lo melhor em sua casa'.

"O marido, surpreendido mas sem desconfiar, tirou o chapéu; depois pegou por baixo dos braços o rival doravante inofensivo. Eu me atrelei entre as pernas do rapaz, como um cavalo entre os varais de um carro; e eis-nos a descer a escada, iluminados agora pela mulher.

"Quando chegamos em frente à porta, pus o cadáver de pé e falei-lhe, animando-o para enganar o cocheiro: 'Vamos, meu caro,

isso não vai ser nada; já se sente melhor, não é? Vamos, coragem... um pouco de coragem... faça um pequeno esforço e está pronto'.

"Como sentisse que ele se ia abater, que me estava escorregando de entre as mãos, meti-lhe o ombro, o que o introjetou para a frente e o fez cair dentro do carro; subi então atrás dele.

"O marido, inquieto, perguntava-me: 'Acredita ser isso grave?' Eu respondi, sorrindo: 'Oh! não!', e olhei para a mulher. Ela passara o braço por baixo do braço do esposo legítimo, e mergulhava o olhar fixo no fundo escuro do carro. "Apertei-lhes as mãos e dei ordem para partirmos. Durante todo o percurso o morto me caía sobre a orelha direita.

"Quando chegamos a sua casa, anunciei ter ele perdido conhecimento no caminho. Ajudei a levá-lo para o quarto, depois constatei o falecimento; representei nova comédia ante a família desesperada. Finalmente, fui para minha cama, não sem praguejar contra os amantes".

O doutor calou-se, sempre sorrindo. A jovem senhora, inquieta, perguntou: "Por que me contou essa história espantosa?" Ele se curvou galantemente:

— Para oferecer-lhe meus serviços em caso de necessidade.

MISS HARRIET

I

Éramos sete no break, quatro mulheres e três homens, um dos quais ia sentado na boléia, ao lado do cocheiro, e subíamos, ao passo lento dos cavalos, a estrada que serpenteava a encosta.

Tínhamos partido de madrugada de Étretat para visitar as ruínas de Tancarville e cochilávamos ainda, meio adormecidos no ar fresco da manhã. As senhoras, sobretudo, pouco afeitas a essas madrugadas de caçadores, deixavam a todo momento tombar as pálpebras ou bocejavam, insensíveis à emoção do dia nascente.

Era no outono. Dos dois lados da estrada se estendia o campo despido de árvores, amarelecido pela aveia rasa e os trigais ceifados, que cobriam o solo como uma barba malfeita. A terra enevoada parecia fumar. Cotovias cantavam nos ares, outros pássaros chilreavam nas moitas.

O sol enfim se ergueu diante de nós, vermelho, na linha do horizonte; e, à medida que subia, empalidecendo de minuto a minuto, a campina parecia despertar, sorrir, espreguiçar-se, e despir, como uma rapariga que se levanta do leito, sua camisa de névoas brancas.

O conde d'Etraille, que ia sentado na boléia, exclamou:

— Olhem, uma lebre!—E estendia o braço para a esquerda, apontando para um campo de trevo. O animal disparava, quase escondido pela vegetação, mostrando unicamente suas grandes orelhas; depois abalou através de um terreno lavrado, parou, deu outra corrida, mudou de direção, parou novamente, inquieto, pressentindo os perigos, indeciso quanto à direção a tomar;

novamente retomou a corrida, em grandes saltos, impelido pelas pernas traseiras, e desapareceu em um canteiro de beterrabas. Todos os homens despertaram, acompanhando a fuga do animal.

René Lemanoir quebrou o silêncio:

— Não estamos muito sociáveis, esta manhã.—E olhando para sua vizinha, a jovem baronesa de Sérennes, que lutava contra o sono, disselhe a meia voz:—Está pensando em seu marido, baronesa? Tranqüilize-se, que ele só vem no sábado. Você tem ainda quatro dias.

Meio adormecida, ela respondeu-lhe com um sorriso:

— Como você é tolo!—E em seguida, sacudindo o torpor, acrescentou:—Vamos, digam alguma coisa que nos faça rir. O senhor, Chenel, que, ao que consta, teve mais aventuras que o duque de Richelieu, conte-nos uma de suas histórias amorosas, uma qualquer.

Léon Chenel, um velho pintor que tinha sido muito belo, muito forte, muito orgulhoso de seu físico e muito amado, afagou a longa barba branca, sorriu e, após alguns instantes de reflexão, tornou-se repentinamente grave.

— Não será nada alegre, minhas senhoras; vou contar-lhes o mais lamentável amor de toda minha vida. Eu desejo a todos os meus amigos que jamais inspirem um amor semelhante.

— Tinha eu então vinte e cinco anos e fazia estudos de pintura ao longo das praias da Normandia.

"Chamo 'fazer estudos de pintura' a essa vagabundagem de sacola ao ombro, de albergue em albergue, sob o pretexto de estudar e pintar paisagens. Não conheço nada melhor do que essa vida errante, ao acaso. Vive-se em liberdade, sem entraves de espécie alguma, sem cuidados, sem preocupações, sem pensar no dia seguinte. Anda-se por onde bem nos apraz, sem outro guia que a fantasia, sem outro conselheiro que o prazer dos olhos. Pára-se porque um regato nos seduziu, porque havia um cheiro bom de batatas fritas diante da porta de um hoteleiro.

Às vezes é um perfume de clematite que determina a nossa escolha, outras é o olhar de uma rapariga de hospedaria. Não menosprezem esses amores rústicos. Estas pobres moças têm uma

alma e também sentidos, têm faces rijas e lábios frescos; e seu beijo violento é forte e saboroso como um fruto silvestre. O amor tem sempre o seu valor, venha de onde vier. Um coração que bate a um primeiro olhar nosso, uns olhos que choram quando partimos, são coisas tão raras, tão doces, tão preciosas, que não se deve nunca desprezá-las.

Eu conheci os encontros nos valos cheios de primaveras, atrás dos estábulos onde dormem as vacas e sobre as palhas dos celeiros ainda quentes do calor do sol. Recordo linhos grosseiros sobre carnes elásticas e rudes, e tenho saudade de ingênuas e simples carícias, mais delicadas em sua brutalidade sincera que os sutis prazeres obtidos de mulheres encantadoras e distintas.

Mas o que se ama principalmente, nessas corridas à aventura, é a campina, os matos, o nascer do sol, o crepúsculo, o luar. Para os pintores isso é como uma viagem de núpcias com a terra. Ficamos a sós com ela nesses longos contatos tranqüilos. Deitamo-nos nos prados entre as margaridas e as papoulas e, com os olhos abertos, sob a imensidade de luz que o sol derrama, olhamos ao longe a torre da pequena aldeia e ouvimos o sino bater meio-dia.

A gente senta-se à beira de um regato ao pé de um carvalho, no meio de um emaranhado de ervas frescas, luzentes de vida. Ajoelhamo-nos, curvamo-nos, bebemos aquela água fria e transparente que nos molha o bigode e o nariz, bebemos com um prazer físico, como se beijássemos a fonte, lábio a lábio. Às vezes, quando se encontra um lugar fundo nesses delgados cursos d'água, a gente se banha, inteiramente nu, e sente na pele, da cabeça aos pés, como que uma carícia gelada e deliciosa, o frêmito da água viva e leve.

Fica-se alegre quando se está no alto das colinas, melancólico na beira dos lagos, exaltado quando o sol se afoga em um oceano de nuvens sangrentas, lançando reflexos vermelhos sobre os regatos. E, à noite, quando a lua flutua no céu, sonha-se com mil coisas singulares que jamais aflorariam ao nosso espírito sob a cálida luminosidade do dia.

Errando assim, nesta mesma região onde estamos agora, eu cheguei certa tarde à aldeia de Bénouville, sobre os penhascos,

entre Yport e Étrat. Vinha de Fécamp seguindo a costa, à alta costa direita como uma muralha, com suas paredes de rochedos gredosos caindo a pique no mar.

Vinha caminhando desde a manhã sobre a grama rasa e macia como um tapete, que cresce à beira do abismo sob o vento salgado do largo. E, cantando a plenos pulmões, andando a longas pernadas, olhando, aqui, o vôo lento e circular de uma gaviota que passeava no céu azul a curva franca de suas asas, ali, sobre o mar verde, a vela parda de um barco de pesca, eu tinha passado o dia feliz, despreocupado e livre.

Indicaram-me uma pequena propriedade onde hospedavam viajantes, espécie de estalagem mantida por uma camponesa, no centro de um pátio normando, cercado de um duplo renque de árvores pequenas.

Deixando os rochedos, encaminhei-me para a casa escondida pelas enormes árvores e apresentei-me à tia Lecacheur. Era uma velha camponesa enrugada, severa, e dava a impressão de que recebia sempre os fregueses de má vontade, com uma espécie de desconfiança.

Estávamos em maio; as macieiras cobriam o pátio como um teto de flores perfumadas, e semeavam, incessantemente, uma chuva redemoinhante de folíolas róseas, que tombavam sem cessar sobre as pessoas e sobre a grama.

Eu perguntei:

— Então, Sra. Lecacheur, tem um quarto para mim? Espantada de ver que eu sabia seu nome, ela respondeu:

— Isso depende, tudo está alugado. Mas pode-se ver. Em cinco minutos estávamos de acordo, e eu depusitei minha sacola no chão de terra batida de uma peça rústica, mobiliada com uma cama, duas cadeiras, uma mesa e uma bacia. A porta dava para a cozinha, grande, enfumaçada, onde os pensionistas faziam as refeições em companhia do pessoal da propriedade e da velha camponesa, que era viúva. Lavei as mãos e saí do quarto. A velha preparava um frango para o jantar, na grande chaminé, de onde pendia uma cremalheira enegrecida pelo fumo.

— A senhora está com muitos hóspedes neste momento?— perguntei-lhe.

Ela respondeu com um ar descontente:

— Tenho uma senhora, uma inglesa de idade. Ela ocupa o outro quarto.

Mediante um aumento de cinco sows por dia, eu obtive o direito de comer sozinho no pátio, nos dias bons.

Colocaram minha mesa diante da porta, e eu comecei a despedaçar a dentadas os membros magros do frango normando, bebendo cidra clara e mastigando pão branco, de quatro dias, mas excelente.

De repente, a porteira que dava para a estrada abriu-se, e uma estranha criatura dirigiu-se para a casa. Era muito alta. muito magra, e estava de tal forma enrolada em um xale escocês de quadrados vermelhos, que pareceria não ter braços se não fora uma mão muito comprida que aparecia à altura das ancas, segurando uma sombrinha branca de turista. Sua cara de múmia, enquadrada por chouriços de cabelos grisalhos, que saltitavam a cada passo, me fez pensar, não sei por que, em um arenque seco que usasse papelotes. Passou diante de mim rapidamente, baixando os olhos, e entrou na cabana.

Essa aparição singular me divertiu; com certeza era a minha vizinha, a inglesa idosa de que havia falado a nossa hospedeira.

Não tornei a vê-la nesse dia. No dia seguinte, estando eu instalado para pintar no fundo desse vale maravilhoso que todos os senhores conhecem e que desce até Étretat, percebi, levantando os olhos de repente qualquer coisa singular, erguida num barranco; parecia um mastro empavesado. Era ela. Ao ver-me, desapareceu.

Ao meio-dia voltei para o almoço e sentei-me à mesa comum, a fim de travar conhecimento com essa velha original. Mas ela não respondeu às minhas delicadezas, completamente insensível às minhas atenções. Servia-lhe água com obstinação, alcançava-lhe os pratos com solicitude. Um ligeiro movimento de cabeça, quase imperceptível, e uma palavra inglesa murmurada tão baixo que eu não podia compreendê-la eram os seus únicos agradecimentos.

Deixei de me ocupar com a inglesa, embora ela continuasse a inquietar-me o pensamento.

No fim de três dias, sabia a respeito dela tanto quanto a Sra. Lecacheur.

Chamava-se Miss Harriet. Procurando uma vila quieta para passar o verão, tinha chegado a Bénouville seis semanas antes e não parecia disposta a ir-se embora. Nunca conversava à mesa, comia ligeiro, enquanto lia um pequeno livro de propaganda protestante. Distribuía esses livros a todas as pessoas. O próprio sacerdote havia recebido quatro, que lhe foram levados por um garoto, mediante dois sows de gorjeta. Às vezes ela se dirigia à nossa hospedeira e, de súbito, sem que nada preparasse essa declaração, dizia-lhe: "Eu amo o Senhor sobre todas as coisas; eu o admiro em toda sua criação, eu o adoro em toda a natureza, eu o tenho sempre no meu coração". E dava à camponesa, que ficava atônita, uma das suas brochuras destinadas a converter o universo.

Na vila não gostavam da inglesa. O mestre-sala havia declarado: "É uma ateísta", e uma espécie de reprovação pesava sobre ela. O sacerdote, consultado pela Sra. Lecacheur, respondeu: "É uma herege, mas Deus não deseja a morte do pecador, e eu a considero uma pessoa de moralidade perfeita".

Esses qualificativos, "ateísta", "herege", dos quais ignoravam o sentido próprio, lançavam suspeitas nos espíritos. Dizia-se, entre outras coisas, que a inglesa era rica e que havia passado a vida a viajar por todos os países do mundo, porque tinha sido expulsa pela família. E por que sua família a teria expulsado? Por causa do seu ateísmo, naturalmente.

Era, em verdade, uma dessas exaltadas dogmáticas, uma dessas puritanas obstinadas que a Inglaterra produz em abundância, uma dessas boas e velhas mulheres insuportáveis que freqüentam todos os hotéis da Europa, estragam a Itália, envenenam a Suíça, tornam inabitáveis as encantadoras cidades do Mediterrâneo, levam a toda parte suas manias bizarras, suas maneiras de vestais petrificadas, seus vestidos indescritíveis e certo cheiro de borracha que nos faz pensar que são guardadas à noite em um estojo.

Quando eu encontrava um desses tipos em um hotel, fugia como os pássaros quando enxergam um espantalho no campo.

Aquela, entretanto, me parecia de tal forma singular que não me desagradava absolutamente.

A Sra. Lecacheur, hostil por instinto a tudo que não fosse regional, sentia em seu espírito acanhado uma espécie de ódio ao ar extático da solteirona. Havia encontrado um termo para classificá-la, um termo depreciativo seguramente, aparecido não sei como em seus lábios, invocado por não sei que confuso e misterioso trabalho de espírito. Ela dizia: "É uma demoníaca". Esta palavra, aplicada àquela criatura austera e sentimental, me parecia de uma comicidade irresistível. Comecei também a chamá-la "a demoníaca", e experimentava certo prazer em pronunciar alto essas sílabas quando me apercebia de sua aproximação.

Eu perguntava à tia Lecacheur:

— Então, que fez hoje a nossa demoníaca?

E a camponesa respondia com um ar escandalizado:

— Imagine, senhor, que ela agarrou do chão um sapo a que tinham quebrado uma perna e o levou pro quarto, colocou-o dentro da bacia e aplicou-lhe uma atadura como se fosse um homem. Que profanação!

De outra vez, caminhando na praia, ela comprara um grande peixe que acabavam de pescar, somente para atirá-lo novamente no mar. O pescador, apesar de ter sido muito bem pago, a injuriara horivelmente, mais exasperado do que se ela lhe tivesse tirado o dinheiro do bolso. Um mês depois do fato, ele ainda não podia referir-se ao caso sem se enraivecer e sem soltar uma porção de pragas. Oh, não há dúvida! era mesmo uma demoníaca, Miss Harriet, e a Sra. Lecacheur tinha tido uma inspiração genial ao batizá-la assim.

O zelador das cavaliças, a quem chamavam Sapador porque fizera serviço militar na África, era de outra opinião. Ele dizia com um ar de malicioso: "Essa velha já teve o seu tempo".

Se a pobre solteirona soubesse!

A criadinha Celeste a servia de má vontade, e eu nunca pude compreender por quê. Talvez unicamente porque ela fosse

estrangeira, de uma outra raça, de uma outra língua, e de uma outra religião. Era uma demoníaca, enfim!

Passava todo o tempo a errar pelos campos, procurando e adorando Deus na natureza. Encontrei-a, uma tarde, ajoelhada em um pequeno bosque. Percebendo qualquer coisa vermelha através das folhas, eu afastei uns galhos, e Miss Harriet levantou-se, confusa por ter sido vista, fixando em mim uns olhos irritados como os de uma coruja surpreendida em pleno dia.

Às vezes, quando eu trabalhava nos rochedos, a via, de repente, em pé na beira dos penhascos, semelhante a um sinal semaforico. Ela contemplava apaixonadamente o mar dourado de luz e o céu amplo e purpurino. Outras vezes eu a distinguia no fundo de um vale, caminhando apressada, com seu passo elástico de inglesa; e caminhava no seu encaço, atraído não sei por que, unicamente para ver sua fisionomia iluminada, seu rosto seco, indescritível, cheio de uma alegria interior e profunda.

Ainda outras vezes, a encontrava também num canto qualquer, sentada no chão, à sombra de uma macieira, com o seu pequeno livro bíblico, aberto sobre os joelhos, e o olhar perdido ao longe.

E eu ia ficando ligado a essa religião tranqüila pelos mil laços de amor de suas vastas e suaves paisagens. Sentiame bem naquela casa de campo ignorada, longe de tudo, perto da terra, da terra boa, sadia, bela e verdejante, da terra que nós mesmos, um dia, alimentaremos com o nosso corpo. E talvez, convém declarar, um quê de curiosidade me retinha na casa da Sra. Lecacheur. Eu queria conhecer um pouco aquela estranha Miss Harriet e saber o que se passa nas almas solitárias dessas errantes solteironas inglesas.

II

Iniciamos nossas relações de maneira singular. Eu tinha terminado um estudo que me parecera ótimo e que de fato o era. Vendi-o quinze anos depois por dez mil francos. Era mais simples do que dois e dois são quatro e completamente fora das regras acadêmicas. Todo o lado direito da tela representava uma rocha, uma enorme rocha rugosa, coberta de sargaços verdes, amarelos e vermelhos, sobre os quais o sol escorria como um óleo. A luz, sem que se visse o sol, colocado atrás de mim, caía sobre a pedra, dourando-a toda. Era bem isso. Um primeiro plano ofuscante de claridade, abrasado, soberbo.

À esquerda, o mar; não o mar azul, o mar de ardósia, mas o mar de jade, esverdeado, leitoso e consistente sob o céu carregado.

Eu estava de tal forma contente com o meu trabalho que ia dançando ao transportá-lo para a estalagem. Tinha vontade de que o mundo inteiro o conhecesse imediatamente. Lembro-me de que o mostrei a uma vaca, à beira do caminho, dizendo-lhe: "Olha para isso, minha velha. Você não verá muitos semelhantes".

Ao chegar na frente da casa, chamei a Sra. Lecacheur, gritando com toda a força:

— Ó de casa! Patroa, venha ver uma coisa.

A camponesa chegou e olhou para minha obra com seu olhar estúpido, que não distinguia nada, que não via nem mesmo se aquilo representava um boi ou uma casa.

Miss Harriet entrava nesse instante e passou atrás de mim justamente no momento em que eu mostrava a tela à estalajadeira. A demoníaca não pôde deixar de vê-la, pois eu tinha o cuidado de apresentar o quadro de tal forma que não escapasse aos seus olhos. Ela parou bruscamente, suspensa, estupefata. Era a sua rocha, parece, aquela em que ela costumava trepar para sonhar à vontade.

Murmurou um "Aoh" britânico tão acentuado e lisonjeiro, que eu me voltei sorrindo e disse-lhe:

— É o meu último estudo, senhorita.

Ela respondeu extasiada, cômica e enternecida:

— Oh! o senhor compreende a natureza dum forma palpitante.

Eu corei, palavra, mais emocionado com esse cumprimento do que se ele partisse de uma rainha. Estava seduzido, conquistado, vencido. Tive vontade de beijá-la, palavra de honra!

Sentei-me à mesa a seu lado, como de costume. Pela primeira vez ela falou, continuando em voz alta o seu pensamento: "Oh, eu amo tanto a natureza!"

Ofereci-lhe pão, água, vinho. Ela aceitava agora essas coisas com um sorrisinho de múmia. Comecei a falar sobre paisagens.

Depois do jantar levantamo-nos juntos e saímos a caminhar pelo pátio; depois, atraído pelo incêndio formidável que o sol poente ateava no mar, abri a porteira que dava para os penhascos, e saímos a passear lado a lado, contentes como duas pessoas que acabassem de compreender-se.

Era uma tarde tépida, suave, uma dessas tardes de bem-estar em que o corpo e a alma se sentem felizes. Tudo era alegria e encantamento. O ar morno, embalsamado, impregnado de aromas de ervas e de algas, acariciava o olfato com o seu perfume selvagem, acariciava o paladar com seu sabor marinho, acariciava o espírito com a sua doçura penetrante. Caminhávamos à beira do abismo, acima do mar, que rolava lá no fundo, a cem metros abaixo de nós. E bebíamos, com a boca aberta e o peito dilatado, o ar fresco que havia atravessado o oceano e que nos afagava a pele, brando e salgado pelo longo beijo das vagas.

Enrolada em seu xale escocês, com um ar inspirado, a boca entreaberta, a inglesa olhava o sol, que mergulhava no mar. À nossa frente, lá longe, bem longe, no limite da vista, um veleiro de três mastros recortava sua silhueta no céu inflamado; mais próximo de nós passava um vapor, desenrolando sua fumaça, deixando atrás de si uma nuvem sem fim que atravessava o horizonte.

O disco vermelho continuava a descer, vagorosamente. Afinal tocou a água precisamente atrás do navio imóvel, que parecia

emoldurado em fogo, no meio do astro cintilante. Afundava pouco a pouco, devorado pelo oceano. Nós o vimos mergulhar, diminuir, desaparecer. Estava terminado. Somente a pequena embarcação continuava a mostrar o seu perfil recortado sobre o fundo de ouro do céu distante.

Miss Harriet contemplava com um olhar apaixonado a morte flamejante do dia. Parecia sentir uma imoderada vontade de estreitar contra si o céu, o mar, todo o horizonte.

Ela murmurava: "Aoh! Eu adoro... eu adoro... eu adoro..." Vi uma lágrima brilhar nos seus olhos. Ela dizia: "Eu queria ser um passarinho para poder voar no firmamento".

Estava na posição em que já a tinha visto muitas vezes, rija sobre os penhascos, vermelha no seu xale de púrpura. Tive vontade de desenhá-la no meu álbum. Parecia a caricatura do êxtase.

Voltei-me para não sorrir.

Depois falei-lhe sobre pintura como o teria feito a um camarada, notando os tons, os valores, usando os termos técnicos. Ela me escutava atentamente, compreendendo, procurando adivinhar o sentido obscuro dos nomes, penetrar meu pensamento. De tempos em tempos, exclamava: "Oh! eu compreendo, eu compreendo. É muito palpitante".

Voltamos.

No dia seguinte, quando me enxergou, veio apertar-me animadamente a mão. Ficamos amigos daí por diante.

Era uma ótima criatura, que tinha uma espécie de alma com molas, acionada aos saltos nos instantes de entusiasmo. Faltava-lhe equilíbrio, como a todas as mulheres que chegam solteiras aos cinqüenta anos. Parecia ter vivido sempre em uma inocência absoluta; mas tinha guardado no coração qualquer coisa de jovem, de inflamado. Amava a natureza e os animais com um amor exaltado, fermentado como uma bebida muito velha, com o amor sensual, que não tinha dedicado aos homens.

A vista de uma cadela amamentando, de uma jumenta correndo nos prados com um potrilho, de um ninho de pássaros cheio de filhotes pipilando, de bico aberto, as cabeças enormes, os corpos implumes, faziam-na palpitar de uma emoção exagerada.

Pobres criaturas solitárias, errantes e tristes, das mesas de hotel, pobres criaturas ridículas e lamentáveis, eu as amo depois que conheci Miss Harriet!

Percebi logo que ela tinha qualquer coisa para me dizer, mas não ousava, e divertia-me com a sua timidez. Quando eu saía de manhã, com minha caixa às costas, ela me acompanhava até o fim da vila, sem falar, visivelmente ansiosa e procurando palavras para começar. Depois me deixava bruscamente e se afastava ligeiro, com seu passo saltitante.

Um dia, enfim, ela encheu-se de coragem:

— Eu quero ver como o senhor pinta. O senhor permite? Estou muito curiosa.—E enrubescia, como se tivesse pronunciado palavras extremamente audaciosas.

Eu levei-a ao fundo do Petit-Val, onde começava um grande estudo.

Ela conservou-se de pé atrás de mim, seguindo todos os meus gestos com uma atenção concentrada.

Depois, de súbito, pensando talvez que, com sua presença, me estivesse perturbando, ela disse "Obrigada" e foi-se embora.

Mas dentro em pouco se tornou mais familiar e começou a acompanhar-me todos os dias com visível prazer. Carregava debaixo do braço o banco dobradiço, não permitindo nunca que eu o conduzisse, e sentava-se ao meu lado. Ela se deixava ficar horas inteiras imóvel e muda, seguindo com os olhos os menores movimentos da ponta do meu pincel. Quando, com uma larga placa de tinta aplicada bruscamente com a espátula, eu obtinha um efeito justo e inesperado, ela soltava sem querer um pequeno "Aoh" de espanto, de alegria e de admiração. Votava um sentimento de respeito comovido às minhas telas, de respeito quase religioso por aquela reprodução humana de uma parcela da obra divina. Meus estudos pareciam-lhe uma espécie de quadros sacros; e várias vezes ela me falou em Deus, procurando converter-me.

Oh! era um velho engraçado o seu bom Deus, uma espécie de filósofo de aldeia, sem grandes recursos e sem grande poder, pois ela o julgava sempre desolado com as injustiças cometidas sob os seus olhos — como se ele não tivesse podido impedi-las.

Estava, aliás, em ótimas relações com ele, procurando mesmo ser confidente de seus segredos e de suas contrariedades. Ela dizia: "Deus quer" ou "Deus não quer", como um sargento que anuncia a um recruta: "O coronel ordenou".

Do fundo do coração ela deplorava a minha ignorância das intenções celestes, que se esforçava por me revelar; e todos os dias eu encontrava, nos meus bolsos, no meu chapéu, quando o deixava no chão, na minha caixa de tintas, dentro dos meus sapatos, que ficavam na porta para serem lustrados de manhã, uma daquelas pequenas brochuras piedosas, que ela recebia, sem dúvida, diretamente do Paraíso.

Eu a tratava como a uma velha amiga, com uma franqueza cordial. Apercebi-me de que suas maneiras tinham mudado um pouco. Mas não prestei atenção a isso nos primeiros tempos.

Quando eu trabalhava, fosse no fundo do vale, ou fosse em qualquer volta do caminho, a via aparecer de repente, com o seu passo rápido e cadenciado. Sentava-se bruscamente, arquejante como se tivesse corrido ou estivesse agitada por uma emoção profunda.

Era vermelha, desse vermelho inglês que nenhum outro povo possui; mas, sem nenhuma razão, empalidecia, tornava-se cor de terra e parecia prestes a desmaiar. Pouco a pouco, porém, recuperava o aspecto normal e começava a conversar.

Depois, de repente, deixava uma frase no meio, levantava-se e afastava-se tão rápida e estranhamente que eu me perguntava se não teria feito alguma coisa que lhe houvesse desagradado ou ferido.

Com o correr do tempo, pensei que esse fosse o seu comportamento normal, um pouco modificado em minha honra, sem dúvida, no início das nossas relações.

Quando voltava para a estalagem, depois de caminhar horas a fio sobre a costa batida pelo vento, seus longos cabelos torcidos em espiral se achavam muitas vezes desenrolados. Outrora ela não se importava com isso e vinha para a mesa sem nenhum constrangimento, despenteada pela sua irmã brisa.

Agora ela entrava diretamente para o quarto, a fim de recompor o que eu chamava de seus vidrilhos de lâmpada; e quando eu lhe dizia com uma galanteria familiar que a escandalizava: "A senhora está hoje bela como um astro, Miss Harriet", um pouco de sangue lhe subia logo às faces, sangue de menina, sangue de quinze anos.

Depois, de repente, ela se tornou novamente selvagem e cessou de ir ver-me pintar. Eu pensei; "É uma crise, isso passará". Mas não passava. Quando eu lhe falava, ela me respondia ou com uma indiferença afetada ou com uma irritação surda. E tinha ímpetos, impaciência, nervos. Encontrava-a somente às refeições e agora não conversávamos mais. Pensei que a houvesse ofendido em alguma coisa, e perguntei-lhe uma tarde: "Miss Harriet, por que está tão diferente comigo? Fiz alguma coisa que lhe desagradasse? Estou muito aborrecido com isso!"

Ela respondeu com um acento de cólera, ao mesmo tempo cômico: "Eu sou sempre a mesma para com o senhor. Não é verdade, não é verdade?", e correu a fechar-se no quarto.

Ela me olhava às vezes de uma maneira estranha. Depois desse tempo, eu considerei muitas vezes que os condenados à morte deviam olhar assim quando se lhes anunciava seu último dia.

Havia em seu olhar uma espécie de loucura, uma loucura mística e violenta; e ainda mais, uma febre, um desejo exasperado, impaciente e impotente do irrealizado e do irrealizável! Parecia-me que havia nela um combate, que seu coração lutava contra uma força desconhecida que ela procurava subjugar, e talvez, ainda uma outra coisa... Que sei eu? que sei eu?

III

Foi na verdade uma singular revelação.

Havia já algum tempo que eu vinha trabalhando todas as manhãs, desde o romper da aurora, em um quadro cujo motivo era o seguinte: uma ravina profunda, enquadrada, dominada por dois taludes de espinheiros e de árvores, estendia-se, perdida, mergulhada nesse vapor leitoso, nesse algodão que às vezes flutua nos vales ao raiar do dia. Ao fundo dessa bruma espessa e transparente via-se, ou melhor, adivinhava-se, um par humano, um rapaz e uma rapariga, que se aproximavam, abraçados, enlaçados, ela com a cabeça levantada para ele, ele inclinado para ela, e com os lábios unidos.

Um primeiro raio de sol, deslizando entre os galhos, atravessava essa névoa da aurora, iluminava-a com um reflexo róseo, por trás dos rústicos amantes, desenhando-lhes vagamente as sombras em uma claridade prateada. Era um bom trabalho, em verdade, muito bom mesmo.

Eu trabalhava na encosta que leva ao pequeno vale de Étretat. Por sorte, nessa manhã, havia o vapor flutuante que me faltava.

Qualquer coisa surgiu diante de mim, como um fantasma: era Miss Harriet. Ao ver-me, ela tentou fugir. Mas eu a chamei, gritando: "Venha, venha aqui, senhorita, eu tenho um quadrinho para a senhorita".

Aproximou-se de má vontade. Mostrei-lhe meu esboço. Ela não disse nada, mas ficou muito tempo imóvel, olhando-o, e de repente começou a chorar. Chorava com espasmos nervosos, como as pessoas que lutaram muito contra as lágrimas e que, não podendo mais conter-se, abandonam-se ainda resistindo. Levantei-me num impulso, emocionado com aquela dor que eu não compreendia e tomei-lhe as mãos por um movimento de afeição brusca, uma verdadeira atitude de francês, que age mais depressa do que pensa.

Ela deixou alguns segundos suas mãos entre as minhas, e eu as senti fremir como se todos os seus nervos fossem tocados. Depois as retirou bruscamente, ou melhor, arrancou-as.

Reconheci imediatamente aquela vibração; já a havia sentido inúmeras vezes e não era possível enganar-me. Ah! o frêmito de amor de uma mulher, tenha ela quinze ou cinquenta anos, seja ela do povo ou da sociedade, me vai tão direto ao coração, que eu jamais hesito em compreendê-lo.

Todo o seu pobre ser tinha tremido, vibrado, desfalecido. Eu o sabia. Ela se foi sem que eu dissesse uma palavra, deixando-me espantado como diante de um milagre, e desolado como se eu tivesse cometido um crime.

Não voltei para o almoço. Fui dar uma volta à beira dos rochedos, com vontade de chorar e rir ao mesmo tempo, achando a aventura cômica e lamentável, sentindo-me ridículo e julgando-a loucamente desgraçada.

Procurava uma solução para o caso.

Achei que o melhor que tinha a fazer era partir, e imediatamente tomei essa resolução.

Vagabundeei toda a tarde, um pouco triste, um pouco pensativo, e voltei somente à hora do jantar.

Fomos para a mesa como de costume. Miss Harriet estava lá, comendo gravemente, sem falar com ninguém e sem levantar os olhos. Tinha a fisionomia e as atitudes de sempre.

Ao fim do repasto voltei-me para a hospedeira e disselhe: "Sabe, Madame Lecacheur, vou deixá-la em breve..."

A boa mulher, surpresa e aborrecida, exclamou com a sua voz arrastada: "Que diz, meu senhor? vai nos deixar! Estávamos já tão acostumados com o senhor!"

Eu olhava de longe para Miss Harriet; sua fisionomia não deixara transparecer nada. Mas Celeste, a criadinha, levantou os olhos para mim. Era uma rapariga de dezoito anos, corada, fresca, forte como um cavalo e, coisa rara, limpinha. Eu a tinha beijado algumas vezes pelos cantos, tão-somente por um hábito de freqüentador de albergues, nada mais.

O jantar terminou.

Eu fui fumar o meu cachimbo sob as macieiras, a caminhar de um lado para outro, no pátio. Todas as reflexões que eu tinha feito durante o dia, a estranha descoberta da manhã, o amor grotesco e apaixonado de que eu era objeto, as recordações surgidas depois dessa revelação, recordações encantadoras e embaraçosas, talvez, quem sabe, o olhar da criadinha à notícia de minha partida, tudo isso misturado, combinado, tinha me deixado excitado, com um formigamento de beijos sobre os lábios, e, nas veias, qualquer coisa que incitava a fazer asneiras.

Descia a noite, arrastando sua sombra sob as árvores, e eu divisei Celeste, que ia fechar o galinheiro do outro lado da cerca. Precipitei-me, correndo em passos tão leves que ela não ouviu nada, e, quando se levantava, depois de ter fechado a portinhola por onde entravam e saíam as galinhas, apertei-a, apertei-a nos meus braços, cobrindo-lhe a cara gorda e redonda com uma infinidade de carícias. Ela se debatia rindo, acostumada a isso.

Por que a soltei repentinamente? Por-que me voltei num sobressalto? Como senti a presença de alguém atrás de mim?

Era Miss Harriet, que regressava, que nos tinha visto e que ficara imóvel como em face de um espectro. Logo depois ela desapareceu na noite.

Voltei, envergonhado, perturbado, mais desesperado de ter sido assim surpreendido por ela do que se me tivesse encontrado a cometer algum ato criminoso.

Passei mal a noite, nervoso, aborrecido com pensamentos tristes. Pareceu-me ouvir choro. Enganava-me, sem dúvida. Muitas vezes também julguei ouvir passos na casa e abrirem a porta da rua.

De madrugada, dominado pela fadiga, adormeci. Levantei tarde e só apareci para o almoço, confuso ainda, não sabendo que atitude tomar.

Miss Harriet ainda não fora vista. Esperamos por ela; não apareceu. A Sra. Lecacheur entrou no seu quarto, a inglesa tinha partido. Com certeza tinha saído de madrugada, como costumava muitas vezes fazer, para assistir ao nascer do sol.

Ninguém se surpreendeu, e começamos a almoçar em silêncio.

Fazia calor, muito calor, era um desses dias pesados e sufocantes em que nem uma folha se move. A mesa tinha sido posta na rua, sob uma macieira; e de tempos em tempos Sapador ia à adega encher a jarra de cidra, tanto se bebia. Celeste trouxera os pratos da cozinha, um guisado de carneiro com batatas, um coelho assado e uma salada. Depois colocou diante de nós uma cesta de cerejas, as primeiras do ano.

Querendo lavá-las e refrescá-las, pedi à criadinha para ir buscar um balde de água bem fria.

Ao cabo de cinco minutos, a rapariga voltou dizendo que o poço estava seco. Fizera descer toda a corda, o balde tinha tocado no fundo e depois subido vazio. A Sra. Lecacheur quis certificar-se pessoalmente e foi olhar no poço. Voltou anunciando que havia no fundo qualquer coisa que não parecia normal. Talvez algum vizinho, por vingança, tivesse atirado lá dentro alguns feixes de palha.

Eu também quis olhar, esperando que conseguisse distinguir melhor, e debrucei-me à borda. Percebi vagamente um objeto branco. Mas o quê? Tive então a idéia de descer uma lanterna amarrada na ponta de uma corda. A luz amarela dançava nas paredes de pedra, afundando pouco a pouco. Estávamos os quatro inclinados na abertura, pois Sapador e Celeste haviam se juntado a nós. A lanterna parou acima de uma massa informe, branca e preta, singular, incompreensível. Sapador exclamou:

— É um cavalo. Eu vejo bem os cascos. Com certeza caiu esta noite, depois de escapar do potreiro.

Subitamente eu me senti gelar até a medula. Acabava de perceber um pé e uma perna erguidos; o corpo e a outra perna estavam ocultos sob a água.

Balbuciei baixinho e tremendo tanto que a lanterna dançava loucamente em cima do sapato:

— É uma mulher que... que... que está lá dentro... é Miss Harriet.

Somente Sapador não pestanejou. Ele já tinha assistido a vários desses espetáculos na África. A Sra. Lecacheur e Celeste começaram a dar gritos nervosos e fugiram em disparada.

Era preciso retirar o cadáver dali. Amarrei o criado pela cintura e, com auxílio da roldana, fiz com que ele descesse lentamente ao

fundo do poço.

Ele levava a lanterna e uma outra corda. De repente sua voz, que parecia vinda do centro da Terra, exclamou: "Pare"; percebi que ele procurava qualquer coisa na água, a outra perna, depois amarrou os dois pés juntos e gritou novamente: "Pra cima".

Eu puxei a corda. Sentia os braços cansados, os músculos moídos, tinha medo de soltar a corda e deixar o homem cair. Quando sua cabeça apareceu, eu perguntei: "Então?", como se esperasse que ele trouxesse notícias daquela que estava lá no fundo do poço.

Trepamos os dois no rebordo, e face a face, inclinados para a abertura, começamos a içar o corpo.

A Sra. Lecacheur e Celeste nos espiavam de longe, escondidas atrás da parede da casa. Quando viram sair do poço os sapatos pretos e as meias brancas da afogada, elas desapareceram.

Sapador agarrou o corpo pelos tornozelos, e tiramos para fora a pobre e casta mulher, numa posição nada decente.

A cabeça estava horrível, enegrecida e dilacerada; os cabelos, longos e grisalhos, despenteados, despenteados para sempre, pendiam, molhados e lamacentos. Sapador falou num tom de desprezo:

— Puxa! como era magra esta mulher.

Levamos seu corpo para o quarto e, como as duas mulheres não reaparecessem, eu mesmo fiz, com o auxílio do criado, sua toailete mortuária.

Lavei-lhe a triste face decomposta. Sob meu dedo um olho se abriu um pouco e me olhou com esse olhar pálido, esse olhar frio, esse olhar terrível dos cadáveres, olhar que parece vir de trás da vida. Arrumei como pude os seus cabelos despenteados, e com minhas mãos inábeis arrumei-lhe um penteado novo e singular. Depois retirei-lhe as roupas encharcadas d'água, descobrindo um pouco, com vergonha, como se cometesse uma profanação, suas espáduas, seus seios e seus braços compridos e finos como galhos.

Depois saí a procurar flores, papoulas, lírios, margaridas, folhagens frescas e cheirosas, e com elas cobri seu leito mortuário.

Cumpria-me preencher as formalidades usuais, visto ser a única pessoa que estava junto dela. Em uma carta encontrada em seu bolso, escrita nos últimos momentos, pedia que a enterrassem naquela aldeia, onde tinha passado seus últimos dias. Um pensamento horrível me oprimiu o coração. Não seria por minha causa que ela queria ficar nesse lugar?

Ao escurecer, as mulheres da vizinhança vieram para ver a defunta; eu, porém, as impedi de entrar, queria ficar só junto dela; e velei toda a noite.

À luz das velas, eu contemplava a infeliz mulher, morta entre estranhos, distante dos seus, de sua terra. Teria deixado em alguma parte amigos, parentes? Qual teria sido sua infância, sua vida? De onde teria vindo assim, sozinha, errante, perdida como um cão escorraçado de casa? Que segredo de sofrimento e de desespero encerraria aquele corpo desgracioso, aquele corpo carregado, como uma tara vergonhosa, durante toda a existência, invólucro ridículo que havia afastado para longe dela toda afeição e todo amor?

Como há seres infelizes! Eu sentia pesar sobre aquela criatura humana a eterna injustiça da implacável natureza! Tudo estava terminado para ela, sem que, talvez, tivesse jamais sentido aquilo que alimenta até as criaturas mais infelizes, a esperança de um dia ser amada! Com efeito, por que se esquivava assim, fugindo de todos? Por que amava com uma ternura tão apaixonada todas as coisas e todos os seres vivos, exceto os homens?

Compreendi, então, que ela acreditava em Deus, esperando encontrar em algum lugar a compensação de sua miséria. Agora ia decompor-se e tornar-se planta por sua vez. Floresceria ao sol, seria pastada pelo gado, transportada em semente pelos pássaros e, carne de animais, ela se transformaria em carne humana. Mas aquilo que se chama alma, havia se extinguido no fundo escuro de um poço. Não sofria mais. Havia transformado sua vida em outras vidas que faria nascer.

As horas passavam nesse tête-à-tête sinistro e silencioso. Uma claridade pálida anunciou a aurora, em seguida um raio de luz avermelhada deslizou até o leito, pondo uma barra de fogo sobre os lençóis e sobre as mãos. Era a hora que ela tanto amava. Os

pássaros, despertados, cantavam nas árvores. Abri a janela de par em par, afastei as cortinas para que o céu inteiro nos visse e, inclinando-me sobre o cadáver gelado, tomei em minhas mãos a cabeça desfigurada e, lentamente, sem medo e sem repulsa, depois um beijo, um longo beijo, sobre aqueles lábios que jamais haviam sido tocados..." Léon Chenel calou-se. As senhoras choravam. Na boléia o conde d'Etraille assoava-se a todo momento. Somente o cocheiro cochilava. E os cavalos, que não sentiam mais o chicote, tinham diminuído a marcha, caminhando vagarosamente. E o break avançava devagar, repentinamente pesado, como se estivesse carregado de tristeza.

(Tradução de Casimiro Fernandes.)

YVETTE

I

Quando saíam do Café Riche, Jean de Servigny disse a Léon Saval:

— Se você quiser iremos a pé. O tempo está ótimo para caminhar um pouco.

E o amigo respondeu:

— De pleno acordo, Jean acrescentou:

— São apenas onze horas, nós chegaremos muito antes da meia-noite; vamos, pois, devagar.

Uma turba agitada enchia o bulevar, uma dessas multidões de noites de verão, que se movimenta, bebe, sussurra e se escoia como um rio, cheia de bem-estar e de alegria.

Muito próximos uns dos outros, os cafés lançavam jorros de luz sobre os grupos de fregueses sentados na calçada diante de mesinhas cobertas de garrafas e de copos, e que atrapalhavam a marcha dos transeuntes apressados. E junto à sarjeta os fiacres de lanternas vermelhas, azuis ou verdes, passavam rapidamente na luz viva das vitrines iluminadas, exibindo, por um segundo, à silhueta magra do cavalo a trote, o perfil empoleirado do cocheiro e a carroceria negra da viatura. Os da Urbaine, com uma pintura amarela, pareciam manchas claras e rápidas batidas pela luz.

Os dois amigos caminhavam lentamente, cigarro à boca, de casaca, com a capa no braço, uma flor na botoeira e com o chapéu um pouco inclinado como se usa algumas vezes, por preguiça, quando se jantou muito bem e quando a brisa é morna.

Desde os tempos de colégio que eles estavam ligados por uma amizade estreita, devotada, sólida.

Jean de Servigny, pequeno, esbelto, um pouco calvo, um pouco franzino, muito elegante, os bigodes frisados, os olhos claros, os lábios finos, era um desses homens noturnos que parecem nascidos e criados no bulevar, infatigável apesar de ter sempre um ar extenuado, vigoroso apesar de pálido, um legítimo e delicado parisiense a que a ginástica, a esgrima, as duchas e os suadores dotaram de uma força nervosa e artificial. Ele era conhecido tanto por sua boêmia como pelo seu espírito, por sua fortuna, por suas relações e por essa sociabilidade, essa amabilidade, essa galanteria mundana peculiares a certos homens.

Verdadeiro parisiense, fútil, cético, mutável, sugestionável, enérgico e irresoluto, capaz de tudo e de nada, egoísta por princípio e generoso por impulso, ele consumia seus rendimentos com moderação e divertia-se com higiene. Indiferente e apaixonado, deixava-se arrastar e voltava atrás com freqüência, combatido por instintos contrários e cedendo a todos para obedecer, em definitivo, à sua razão de viver inteligente cuja lógica de ventoinha consistia em seguir o vento e tirar partido das circunstâncias, sem se dar ao trabalho de as provocar.

Seu companheiro Léon Saval, rico também, era um desses tipos soberbos, que fazem com que as mulheres se voltem ao vê-los passar. Parecia uma estátua que se fizera homem, um tipo da raça, como esses objetos-modelo que são enviados às exposições. Muito belo, muito alto, muito forte, pecava um pouco por excesso de tudo, por excesso de qualidades. Tinha despertado já inúmeras paixões.

Quando chegaram diante do Vaudeville, ele perguntou a Servigny:

— Você preveniu essa senhora de que ia me levar à casa dela?

Servigny pôs-se a rir.

— Prevenir a marquesa Obardi! Prevines um cocheiro de ônibus de que vais tomar o seu carro numa esquina da rua?

Saval, um tanto perplexo, perguntou:

— Quem é então essa pessoa?

E o amigo respondeu-lhe:

— Uma parvenue, uma rastaquëira, uma mulher encantadora, saída não se sabe de onde, aparecida um dia, não se sabe como, no mundo dos aventureiros, e conseguindo aí fazer figura. Que nos importa saber? Dizem que seu verdadeiro nome, seu nome de solteira, porque ela ainda é solteira sob todos os títulos, salvo o título de inocência, é Octavie Bardin, daí Obardi, conservando-se a primeira letra do nome e suprimindo a última do sobrenome.

Além disso é uma mulher muito amável, e você será inevitavelmente seu amante, por causa do seu físico. Não se pode apresentar Hércules a Messalina sem que aconteça qualquer coisa. Acrescento, entretanto, que se nessa casa a entrada é livre, como nos bazares, não se é obrigado a comprar as mercadorias do estabelecimento. Há lá amor e jogo, mas não se fica constrangido a uma coisa nem outra. A saída também é livre.

Ela está instalada já há três anos no quartier de 1 Êtoile, zona suspeita, e abre seus salões a essa espuma dos continentes, que vem a Paris exercer seus talentos diversos, temíveis e criminosos.

Eu fui à sua casa! Como? Não sei mais. Fui, como vão todos, porque lá se joga, porque as mulheres são fáceis e os homens desonestos. Eu adoro esse mundo de flibusteiros com insígnias variadas, todos estrangeiros, todos nobres, todos portadores de um título, todos desconhecidos em suas embaixadas, com exceção dos espões Falam em honra a todo o instante, citam seus ancestrais a propósito de nada, contam sua vida a propósito de tudo, são faladores, mentirosos, trapaceiros, perigosos como suas cartas, falsos como seus nomes, e valentes por necessidade, como os salteadores que não podem despojar os outros a não ser com perigo da própria vida. É a aristocracia da calceta.

Eu os adoro. Eles são interessantes de observar, interessantes de conhecer, divertidos de ouvir, por vezes espirituosos, nunca vulgares como um funcionário francês. Suas mulheres são sempre lindas, com um leve sabor de brejeirice estrangeira, com o mistério de suas existências passadas talvez, em parte, em alguma casa de correção. Têm, em geral, olhos soberbos e cabelos incomparáveis, o verdadeiro físico requerido, uma graça que entontece, uma sedução que provoca as loucuras, um encanto mórbido, irresistível! São

mulheres conquistadoras à maneira dos salteadores de outrora, verdadeiras aves de rapina. Eu as adoro também.

A marquesa Obardi é o tipo dessas cínicas elegantes. Madura e sempre bela, encantadora e felina, sente-se que é viciosa até a medula. Sua casa é muito divertida. Joga-se, dança-se, come-se... faz-se, enfim, tudo o que constitui os prazeres da vida mundana.

Léon Saval perguntou:

— Você foi ou é seu amante? Servigny respondeu:

— Não fui, não sou e não serei. O que me interessa é a filha.

— Ah! Ela tem uma filha?

— Se tem uma filha! Uma maravilha, meu caro. É hoje a principal atração dessa caverna. Alta, magnífica, justamente no ponto, dezoito anos, tão loira quanto a mãe é morena, sempre alegre, sempre pronta para as festas, sempre rindo e dançando. Quem a possuirá? ou quem a possui? Não se sabe. Somos dez que aguardamos, que esperamos.

Uma rapariga como essa, nas mãos de uma mulher como a marquesa, representa uma fortuna. E elas escondem o jogo, as duas espertalhonas. Não se compreende nada. Possivelmente esperam uma oportunidade... melhor... do que eu. Mas eu asseguro que aproveitarei a... oportunidade, se a encontrar.

Essa moça, Yvette, me desconcerta completamente. Ela é um mistério. Se não é o mais perfeito monstro de astúcia e de perversidade que jamais vi, é com certeza o mais maravilhoso fenômeno de inocência que se possa encontrar. Admiravelmente depravada ou ingênua, vive nesse meio infame com uma facilidade tranqüila e triunfante.

Maravilhoso rebento de aventureira, vivendo naquele ambiente de podridão como uma flor magnífica plantada no estéreo, ou então filha de alguém de grande nome, de algum grande artista ou de algum grande senhor, de algum príncipe ou de algum rei, tombado acaso, uma noite, no leito da mãe—o fato é que não se pode compreender o que ela é nem o que ela pensa. Mas você vai conhecê-la.

Saval começou a rir e disse:

— Você está apaixonado.

— Não. Estou com algumas intenções, o que é outra coisa. Eu te apresentarei meus concorrentes mais sérios. Mas levo algumas vantagens sobre eles. Estou na frente, gozo certas regalias.

Saval repetiu:

— Você está apaixonado.

— Não. Ela me perturba, me seduz e me inquieta, me atraí e me afugenta. Desconfio dela como de uma armadilha, e a desejo como se deseja um sorvete quando se está com sede. Sofro seu encanto e sempre que me aproximo dela é com a apreensão que se tem ante um homem suspeito de ser um hábil ladrão. Quando estamos juntos, sinto-me enlevado com sua possível candura e ao mesmo tempo desconfiado da sua não menos possível velhacaria. Sinto-me como em contato com um ser anormal, fora dos padrões naturais, adorável ou detestável. Não sei.

Saval repetiu pela terceira vez:

— Digo que você está apaixonado. Fala nela com uma ênfase de poeta e um lirismo de trovador. Vamos, examine, sonde seu coração e confesse.

Servigny deu mais alguns passos calado, depois respondeu:

— É possível. Em todo o caso ela me preocupa muito. Sim, talvez eu esteja apaixonado. Isso me absorve demasiado. Penso nela ao deitar e ao acordar. e isso é grave. Sua imagem me segue, me persegue, me acompanha sem cessar, sempre diante de mim, em torno de mim, em mim. Será amor essa obsessão física? Sua imagem entrou tão profundamente no meu olhar que eu a vejo assim que fecho os olhos. Cada vez que a vejo meu coração bate apressado, não nego. Amo-a, sim, mas de uma certa maneira. Desejo-a com toda a violência, e a idéia de fazer dela minha mulher me pareceria uma loucura, uma estupidez, uma monstruosidade. Tenho um pouco de medo, também, o medo do pássaro sobre o qual voa um gavião. E tenho ciúmes, também, ciúmes de tudo o que ignoro daquele coração incompreensível. Sempre me pergunto: "Será uma garota encantadora ou uma abominável farsante?" Ela diz coisas de arrepiar um exército, mas os papagaios também dizem. Às vezes é tão impudente ou impudica que me faz crer em sua candura imaculada, e às vezes, tão simples e natural, duma

simplicidade tão inverossímil, me faz duvidar de que jamais tenha sido casta. Provocante, me excita como uma cortesã e ao mesmo tempo se defende como uma virgem. Parece amar-me e faz troça de mim. Conduz-se em público como se fosse minha amante e na intimidade me trata como se eu fosse seu irmão ou seu criado.

Por vezes imagino que tem tantos amantes quanto sua mãe. Outras vezes se me afigura que não sabe nada da vida, mas nada mesmo, compreendes?

É também uma insaciável leitora de romances. Eu sou, à espera de melhor, o seu fornecedor de livros. Ela me chama seu "bibliotecário".

Todas as semanas a Librairie Nouvelle lhe remete, de minha parte, todas as novidades aparecidas, e eu creio que ela lê tudo, misturado.

Isto deve fazer em seu cérebro uma estranha salada.

Essa mixórdia de leituras talvez tenha alguma coisa que ver com o procedimento dessa moça. Quando se contempla a existência através de quinze mil romances, deve-se enxergá-la sob um aspecto divertido e ter sobre as coisas umas idéias bastante esquisitas.

Quanto a mim, espero. É certo que nunca tive por nenhuma mulher a inclinação que tenho por esta. É certo, também, que não me casarei com ela. Se ela teve amantes, eu aumentarei o número deles. Se não os teve, candidato-me ao número um.

O caso é simples. Provavelmente ela não se casará. Quem desposaria a filha da marquesa Obardi, de Octavie Bardin? Ninguém, por inúmeras razões.

Onde encontrará um marido? Na sociedade? Nunca. A casa da mãe é uma casa pública em que a filha atrai a clientela. Ninguém casa nessas condições.

Na burguesia? Ainda menos. E a marquesa não é mulher para fazer maus negócios; ela não dará Yvette definitivamente a não ser a um homem de grande posição e que ela não encontrará nunca.

Na plebe? Também não. Não há saída, pois. Essa moça não pertence ao alto mundo, nem à burguesia, nem à plebe.

ela não pode entrar por meio de uma aliança em nenhuma dessas classes da sociedade.

Ela pertence pelo lado materno, por seu nascimento, por sua educação, por sua hereditariedade, pelas suas maneiras, por seus hábitos, à prostituição dourada.

Não poderá escapar a ela, a menos que entre para um convento, o que não é provável, em vista de suas maneiras e de seus gostos. Só lhe resta uma profissão possível: o amor. Forçosamente chegará a isso, a menos que já a exerça. Ela não poderá fugir ao seu destino. De pequena de família, ela passará a ser uma pequena, simplesmente. E eu desejaria ser o centro dessa transformação.

Eu espero. Os admiradores são numerosos. Encontrará lá um francês, M. de Silvigny, um russo, o príncipe Kravalow, e um italiano, o cavaliere Valreali, que lançaram suas candidaturas e que trabalham pela vitória. Há ainda outros muitos candidatos, mas todos sem importância.

A marquesa observa. Mas eu creio que ela tem os olhos em mim. Sabe que eu sou bastante rico e me conhece melhor que aos outros.

Seu salão é, no gênero, o mais extraordinário dos que eu conheço. Frequentam-no até pessoas de posição, pois muitos como nós lá comparecem. Quanto às mulheres, ela encontrou, ou antes, escolheu o que há de melhor entre as caçadoras de ouro. Onde as descobriu, ignoro. É um mundo à parte do das verdadeiras prostitutas, à parte da boêmia, à parte de tudo. Além disso, ela teve a inspiração genial de escolher as aventureiras que tivessem filhos e, principalmente, filhas. Dessa forma, um imbecil que acaso lá seja levado acreditará estar em companhia de senhoras honestas!

Já tinham atingido a avenida dos Campos Elísios. Uma brisa leve passava docemente pela folhagem, afagava levemente os rostos, como o vento de um leque gigante agitado em qualquer parte no céu. Sombras silenciosas erravam sob as árvores, outras formavam manchas sombrias sobre os bancos. E todas aquelas sombras falavam muito baixo, como se se confiassem segredos importantes ou vergonhosos.

Servigny continuou:

— Você não pode imaginar a quantidade de títulos fantasiosos que se encontram nesse antro.

"A propósito, vou apresentá-lo sob o nome de' conde Saval; Saval, seria mal recebido, muito mal recebido".

— Mas não! Não quero que me suponham, mesmo por uma noite, mesmo entre essa gente, disfarçado com um título. Não.

Servigny se pôs a rir:

— Você é estúpido. Também eu lá fui batizado como duque de Servigny. Não sei como nem por quê. Fizeram-me o senhor duque de Servigny sem me consultarem e eu não protestei. Não me incomodo por isso. Sem o título, eu seria completamente desprezado.

Mas Saval não se deixava convencer.

— Você é um nobre, é diferente. Comigo não é assim, eu serei o único plebeu do salão. Tanto pior, ou tanto melhor. Será um sinal de distinção... e... de superioridade.

Servigny insistiu:

— Asseguro a você que isso não é possível, não é possível, entende? Parecerá monstruoso. Dará a impressão de um trapeiro numa reunião de imperadores. Deixe isso comigo; eu o apresentarei como vice-rei do Alto Mississipi e ninguém se espantará. Quando se quer parecer grande, nunca é demasiado engrandecer-se.

— Não, não quero de forma alguma.

— Está bem. É bobagem de minha parte procurar convencê-lo. Desafio a que entre lá sem que te decorem com um título, à semelhança do que se faz à porta de certas lojas, distribuindo ramos de violetas às mulheres.

Dobram a esquina da rua Berri, subiram ao primeiro andar de um moderno edifício, e deixaram nas mãos de quatro criados de calções curtos as capas e as bengalas. Um perfume quente de festa, um perfume de flores, de mulheres, impregnava o ar. Vinha das peças vizinhas, que se adivinhavam cheias de gente, um murmúrio confuso e contínuo.

Uma espécie de mestre de cerimônias, alto, empertigado, barrigudo, sério, com a face enquadrada em suíças brancas, aproximou-se dos recém-chegados, cumprimentou respeitosamente e perguntou:

— Quem devo anunciar? Servigny respondeu: "senhor Saval".

O homem abriu a porta e anunciou com voz sonora:

— O senhor duque de Servigny.

— O senhor barão Saval.

O primeiro salão estava repleto de damas. Logo de entrada deparava-se com uma ostentação de seios nus, emergindo de uma onda de tecidos cintilantes.

A dona da casa, que estava de pé, conversando com três amigos, voltou-se e dirigiu-se aos recém-chegados com um passo elegante e majestoso e um sorriso nos lábios.

Sua cabeça pequena era coberta por uma cabeleira negra luzente, enrolada como um toirão, e que ocultava um pouco as fontes.

Era alta, um pouco forte, um pouco gorda, um pouco madura, mas muito bonita, de uma beleza tosca, quente, selvagem. Sob aquele capacete de cabelos que faziam sonhar, que encantavam, que a tornavam deliciosa, abriam-se dois enormes olhos, negros igualmente. O nariz era pequeno, a boca grande, infinitamente sedutora, boca feita para falar e para conquistar.

Seu maior encanto, porém, estava na voz. Fluía daquela boca como a água brota da fonte, tão natural, tão sonora, tão cristalina, que, ao ouvi-la, tinha-se a sensação de um prazer físico. Era uma alegria para os ouvidos escutar as palavras aladas manarem dali com uma graça de regato cantante, e era uma alegria para os olhos o ver abrirem-se, para lhes dar passagem, aqueles lindos lábios, um pouco vermelhos demais.

Estendeu uma das mãos a Servigny, que a beijou, e, deixando cair o leque preso à ponta de uma corrente de ouro lavrado, estendeu a outra a Saval, dizendo-lhe:

— Seja bem-vindo, barão, todos os amigos do conde são pessoas gratas aqui.

Depois fixou o seu olhar brilhante sobre o apresentado. Tinha o lábio superior encimado por um leve buço, que parecia mais escuro quando ela falava. Usava um perfume forte, penetrante, algum perfume da América ou das índias.

Outras pessoas chegavam, marqueses, condes ou príncipes. Dirigindo-se a Servigny, disse com uma graça maternal:

— Encontrarão minha filha no outro salão. Divirtam-se, senhores, a casa é sua.

Deixou-os para atender os convidados que acabavam de chegar, e dirigiu a Saval um olhar sorridente e fugidio, esse olhar que as mulheres fazem para dar a compreender que somos de seu agrado.

Servigny tomou o amigo pelo braço.

— Eu vou te servir de guia—disse.—Aqui, no salão onde estamos, reinam as mulheres, é o templo da Carne, moça ou não. Artigos de ocasião e que valem como novos, e mesmo mais, cotados muito alto para serem alugados. À esquerda, o jogo. É o templo do Ouro. Você conhece bem isso. Ao fundo, dança-se. É o templo da Inocência, é o santuário, o mercado das raparigas. É ali que são expostos, sob todas as formas, os produtos destas senhoras. As uniões, mesmo legítimas, são consentidas! É o futuro, a esperança... de nossas noites. Essas meninas, cujas almas estão deslocadas como os membros dos pequenos downs filhos de saltimbancos, são o que há de mais curioso neste museu de misérias morais. Vamos vê-las.

Servigny cumprimentava à direita e à esquerda, com um sorriso nos lábios, cobrindo com um olhar vivo de conhecedor as mulheres decotadas que ele conhecia.

Ao fundo do segundo salão uma orquestra executava uma valsa. Pararam na porta para olhar. Uns quinze pares dançavam; os homens, sérios, as raparigas, com um sorriso a lhes bailar nos lábios. Elas estavam tão decotadas quanto as mães e em algumas o corpinho no vestido era sustentado apenas por uma fita estreita que contornava os ombros, de forma que, às vezes, tinha-se a impressão de perceber uma sombra escura sob as axilas.

Subitamente, do fundo da sala, uma rapariga correu em direção a eles, atravessando grupos, dando encontrões nos pares que dançavam, e segurando com a mão esquerda a enorme cauda do vestido. Corria a pequenos passos rápidos, como correm as mulheres nas multidões, e exclamou:

— Oh! Muscade chegou! Boa-noite, Muscade!

Sua fisionomia tinha um desabrochar de vida, uma iluminação de felicidade. Sua carne branca, dourada, uma carnação de rosa,

parecia cintilar. Os cabelos retorcidos na nuca, cabelos feitos de chamas, cabelos faiscantes, pesavam-lhe na cabeça.

Assim como sua mãe dava a impressão de que fora feita para falar, ela parecia feita para movimentar-se, tal a elegância, a naturalidade, a nobreza, a simplicidade de seus gestos. Tinha-se a impressão de fruir uma alegria moral e um bem-estar físico ao vê-la caminhar, mover-se, inclinar a cabeça, agitar os braços. Ela repetia:

— Oh! Muscade chegou! Boa noite, Muscade. Servigny apertou-lhe fortemente a mão, como a um homem, e fez a apresentação:

— Mamzelle Yvette, o meu amigo barão de Saval. Ela cumprimentou o desconhecido e depois o encarou.

— Boa noite, barão. O senhor é sempre desse tamanho? Servigny respondeu com o tom brincalhão que, por causa

de suas desconfianças e incertezas, sempre usava para com ela:

— Não, Mamzelle. Ele tomou essa altura para ser agradável à sua mãe, que adora as coisas grandes.

A moça respondeu com uma seriedade cômica:

— Muito bem! Mas quando o senhor vier por mim fará o obséquio de diminuir um pouco; eu prefiro os médios. Olhe, Muscade é do meu tipo.

Estendeu a mão a Saval. Depois perguntou:

— Quer dançar, Muscade? Vamos! uma valsa! Sem responder, com um movimento rápido, Servigny passou-lhe o braço pela cintura e disparou com uma fúria de ventania.

Dançavam mais ligeiro do que os outros, rodeavam, corriam, giravam no mesmo lugar, unidos como se fossem uma única pessoa, com os corpos retos, as pernas quase imóveis, como se um mecanismo invisível, escondido sob seus pés, os fizesse voltar assim.

Eram infatigáveis. Os outros pares foram parando aos poucos. Por fim, eles ficaram sozinhos, valsando indefinidamente. Davam a impressão de que não sabiam onde estavam nem o que faziam, pareciam estar longe do baile, em êxtase. E os músicos continuavam tocando, de olhares fixos sobre aquele par desvairado; e todo mundo os olhava e todos aplaudiram quando eles pararam.

Yvette estava um pouco corada por causa do esforço, e seus olhos eram estranhos, olhos ardentes e tímidos, tão azuis e com uma pupila tão negra que pareciam artificiais.

Servigny parecia meio tonto. Apoiou-se contra uma porta para retomar o aprumo.

Ela disse:

— Nada de teimosias, meu pobre Muscade, eu resisto muito mais do que você.

Ele sorria com um sorriso nervoso e devorava-a com o olhar; nos cantos dos lábios e na luz dos olhos brilhavam-lhe desejos bestiais.

Ela estava diante dele, com o seio descoberto, arfando pelo esforço da dança.

Olhou-o sorrindo e disselhe:

— Em certos momentos você tem o ar de um gato que quer saltar sobre a gente. Vamos, dê-me o braço, vamos procurar seu amigo.

Sem nada dizer, ele ofereceu-lhe o braço e atravessaram o grande salão.

Saval não estava só. A marquesa de Obardi fazia-lhe companhia. Falava-lhe de coisas mundanas, de coisas banais, com aquela sua voz fascinante e embriagadora. E, olhando-o no fundo dos olhos, parecia dizer-lhe outras palavras que não as que pronunciava.

Ao ver Servigny, seu rosto tomou uma expressão sorridente e, virando-se para ele, disse:

— Saiba, meu caro duque, que eu acabo de alugar uma vila em Bougival e aí passarei dois meses. Espero que vá visitar-me. Leve também seu amigo. Olhem, eu me instalarei segunda-feira. Poderão ir os dois jantar conosco no sábado próximo? Ficarão lá todo o domingo.

Servigny voltou-se bruscamente para Yvette. Ela sorria, tranqüila, serena, e disse com uma segurança que não autorizava nenhuma hesitação:

— Mas certamente que Muscade virá jantar no sábado. Não precisa dar-se ao trabalho de convidá-lo. Faremos uma porção de asneiras lá no campo.

Ele acreditou ver uma promessa nascer em seu sorriso e percebeu uma intenção na sua voz.

A marquesa levantou os grandes olhos negros e pousou-os em Saval.

— E o senhor, barão?

E o sorriso que lhe dirigiu não tinha nada de duvidoso.

Ele inclinou-se:

— Terei imenso prazer, marquesa.

Yvette murmurou, com uma malícia ingênua ou pérfida:

— Nós iremos escandalizar todo o mundo lá, não é, Muscade? Vamos enraivecer meu regimento.

E com um olhar ela encarou alguns homens que os observavam de longe.

Servigny respondeu:

— Tudo o que quiser, Mamzelle.

Por causa da intimidade que tinham, quando se dirigia a ela nunca dizia mademoiselle; tratava-a sempre de Mamzelle.

Saval perguntou:

— Por que a srta. Yvette chama o meu amigo de Servigny de "Muscade"? (1)

A moça fez um ar cândido:

— É porque ele escapa sempre de nossas mãos, senhor. Pensa-se tê-lo seguro e ele escorrega e foge.

A marquesa exclamou num tom negligente, pensando certamente em outra coisa e com os olhos fixos em Saval:

— Essas crianças são engraçadas!

Yvette explicou:

— Eu não sou engraçada; eu sou franca! Muscade me agrada, e sempre escapa de mim, e isso me aborrece.

Servigny fez um grande cumprimento:

— Não a deixarei mais, Mamzelle, estarei dia e noite a seu lado.

Ela fez um gesto simulado de terror:

— Não! Isso não! De dia está bem, mas de noite você me constrangeria.

Servigny perguntou com impertinência:

— E por quê?

Com uma audácia tranqüila ela respondeu:

— Porque você não deve ficar nada bem em trajes de dormir.

* (1) *Noz-moscada*.

A marquesa, sem parecer perturbada, exclamou:

— Mas eles dizem inconveniências. Onde se viu ser inocente a tal ponto?

Servigny, num tom zombeteiro, concordou:

— Sou da mesma opinião, marquesa.

Yvette olhou-o fixamente e com um tom insolente, ferida:

— Você acaba de cometer uma grosseria; e tem cometido muitas de uns tempos para cá.

E, voltando-se, ela chamou:

— Cavalheiro venha defender-me, acabo de ser insultada. Um homem magro, castanho, de passos lentos, aproximou-se.

— Quem é o culpado?—perguntou com um sorriso contrafeito. Yvette designou Servigny com um movimento de cabeça:

— É ele, mas eu gosto mais dele do que de todos vocês, porque ele é menos cacete.

O cavaliere Valreali inclinou-se:

— Fazemos o possível. Talvez tenhamos menos qualidades, mas não temos menor devotamento.

Acercou-se um senhor alto, barrigudo, de suíças grisalhas, falando alto:

— Mademoiselle Yvette, ao seu dispor. Ela exclamou:

— Ah! M. de Belvigne.

E, voltando-se para Saval, apresentou:

— Meu pretendente oficial, alto, gordo, rico e tolo. É desses que eu gosto. Um verdadeiro tambor-mor... de mesa de hotel. Mas o senhor é ainda mais alto do que ele. Como é que irei batizá-lo?... Bem!... eu o chamarei de M. de Rodes Filho, isto porque certamente o colosso era seu pai. Os senhores devem ter coisas interessantes a dizer um ao outro, os senhores dois, por cima da cabeça dos outros. Com licença,

E encaminhou-se alegremente para a orquestra, para pedir aos músicos que tocassem uma quadrilha.

Mme. Obardi parecia distraída. Para dizer alguma coisa dirigiu-se a Servigny com voz lenta:

— O senhor a agrada sempre, isto lhe dará mau gênio e muitos defeitos.

Ele replicou:

— A senhora ainda não concluiu a educação dela?

Ela pareceu não compreender e continuou a sorrir com benevolência.

Um senhor solene, constelado de medalhas, dirigiu-se para eles. Mme. Obardi percebeu-o e correu na sua direção:

— Oh! príncipe, que alegria, príncipe!

Servigny tomou o braço de Saval e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Eis o último pretendente sério, o príncipe Kravalow,

Ela é um tipo soberbo, não é verdade?

Saval respondeu:

— Acho soberbas as duas. A mãe me bastaria perfeitamente.

Servigny, fazendo uma referência, disselhe:

— Sirva-se, meu caro.

Os dançarinos se movimentavam, tomavam lugar para a quadrilha. Os pares colocavam-se em linha, dois a dois.

— Agora vamos ver os amigos do alheio – disse Servigny.

E entraram no salão de jogo.

Os homens, de pé, cercavam as mesas. Falava-se pouco. Às vezes um leve tilintar do ouro jogado sobre o pano ou recolhido bruscamente, ajuntava um ligeiro murmúrio metálico ao murmúrio dos jogadores, como se a voz do dinheiro se elevasse entre as vozes humanas.

Os homens estavam decorados com ordens diversas, com rosetas bizarras, e tinham todos a mesma expressão severa nas fisionomias diferentes. Distinguiam-se, principalmente, pelas barbas.

Os americanos, austeros, com sua ferradura, os ingleses, arrogantes, com seu leque de pêlos aberto sobre o peito, os espanhóis, com seu toirão negro subindo até as orelhas, os

romanos, com aquele enorme bigode com que Vitor Emanuel dotou a Itália, os austríacos, com suas suíças e seu queixo raspado, um general russo, com o lábio superior ornado com duas enormes lanças de pêlos retorcidos, e os franceses, de bigode galante, revelavam a fantasia de todos os barbeiros do mundo.

— Você não joga? — perguntou Servigny.

— Não, e você?

— Aqui nunca. Vamos embora, voltaremos num dia mais calmo. Há gente demais, não se pode fazer nada.

— Vamos!

E saíram por uma porta que conduzia ao vestíbulo. Quando atingiram a rua, Servigny disse:

— Então, que diz?

— É interessante, com efeito. Mas me agrada mais o lado das damas que o dos homens.

— Naturalmente. Essas damas são o que há de melhor no gênero. Não percebeu que no meio delas sentimos o amor como sentimos os perfumes em um cabeleireiro? Na verdade, essas são as únicas casas em que a gente se diverte verdadeiramente com o dinheiro que desembolsa. E que experientes! Que artistas! Alguma vez você já comeu torta de padaria? Elas têm um aspecto bonito mas não valem nada. Quem as amassar só pode fazer pão. Muito bem! o amor de uma mulher comum me parece sempre um desses doces de padaria, ao passo que o amor que se encontra nas marquesas Obardi são gulodices finas. Como sabem fazer doces, essas doceiras! Paga-se a elas cinco sous pelo que em outra parte custa dois sous, eis tudo.

Saval perguntou:

— Quem é o mandachuva atualmente?

Servigny sacudiu os ombros com um gesto de ignorância.

— Não sei. O último conhecido foi um par de Inglaterra, que foi embora depois de três meses. Hoje ela deve viver, em comum, do jogo e dos jogadores, porque tem caprichos. Diga-me uma coisa, ficou combinado que vamos jantar com elas no sábado, em Bougival, não foi? Fora tem-se mais liberdade, e eu conseguirei saber o que é que Yvette pensa e o que pretende!

Saval respondeu:

— Eu não desejo nada melhor, estou livre no sábado. Desceram pelos Campos Elísios, sob o campo brilhante das estrelas, e interromperam um par que estava estendido em um banco.

Servigny murmurou:

— Que bestialidade e, ao mesmo tempo, que coisa considerável, Como o amor é banal, divertido, sempre igual e sempre diferente! O miserável que paga vinte sous a essa não busca nada além do que o que eu compro por dez mil francos a uma Obardi qualquer, talvez não menos jovem nem menos bonita do que esta vagabunda. Que tolice! Calou-se durante alguns minutos, depois prosseguiu:—De qualquer forma, seria uma verdadeira sorte grande ser o primeiro amante de Yvette. Para isso eu daria... eu daria...

Servigny não atinou com o que daria. E Saval despediu-se dele. Tinham chegado à esquina da rua Roy ale.

II

A mesa tinha sido posta na varanda que dava para o rio. A vila Primavera, alugada pela marquesa Obardi, ficava situada à meia encosta, justamente no ponto em que o Sena faz uma curva e corre para Marly.

Na frente da vivenda, a ilha de Croissy formava um horizonte de grandes árvores, uma massa de verdura, e via-se um grande trecho do rio até o café flutuante da Grenouillère, oculto sob as folhagens.

A tarde agonizava, uma dessas tardes calmas de beira de rio, coloridas e doces, uma dessas tardes tranqüilas que dão a sensação da felicidade. Nenhum sopro de brisa agitava os ramos, nenhum movimento de ar arrepiava a superfície brilhante e clara do Sena.

Entretanto não estava muito quente, a temperatura era agradável; sentia-se prazer em viver. Das encostas do Sena subia para os céus uma aragem confortadora.

O sol tombava por trás das árvores, ia iluminar outras plagas, e aspirava-se, parecia, o bem-estar da terra meio adormecida, aspirava-se na paz do espaço a vida negligente do mundo.

Quando saíram do salão para sentar-se à mesa, todos ficaram extasiados. Uma alegria comovedora invadiu os corações; sentiram satisfação em jantar naquele ambiente, com aquele belíssimo rio e naquele maravilhoso crepúsculo por cenário, e respirando aquele ar livre e saboroso.

A marquesa tinha dado o braço a Saval, Yvette a Servigny.

Estavam sós, os quatro.

As duas mulheres pareciam muito diferentes do que se mostravam em Paris, Yvette principalmente. Quase não falava, parecia abatida, grave. Saval, estranhando, perguntou-lhe:

— Que tem, senhorita? Acho-a muito mudada. Está transformada numa pessoa sisuda.

Ela respondeu:

— Foi o campo que me fez isso. Não sou mais a mesma. Sinto-me diferente. Aliás eu sempre fui assim. Nunca sou a mesma dois dias seguidos. Hoje tenho o ar de uma louca, amanhã o de uma elegia, mudo como o tempo, não sei por quê. Saiba, eu sou capaz de tudo, conforme o momento. Há dias em que eu mataria qualquer pessoa, não animais, jamais matarei um animal, mas pessoas, sim, e em outros dias choro por qualquer coisa. Agita-se em meu cérebro um turbilhão de idéias diferentes. Meu humor depende, também, da disposição com que me acordo, Todas as manhãs, ao despertar, posso precisar o que serei até a noite. Talvez sejam os nossos sonhos que determinam as nossas atitudes. Influem muito, também, os livros que acabamos de ler.

Trajava um vestido de flanela branca, que a envolvia delicadamente na maciez ondulante do tecido. O corpete largo, de grandes pregas, indicava, sem os descobrir, sem os esconder, os seios livres, firmes e rijos. O seu pescoço delgado emergia de uma espuma de rendas, inclinado num movimento livre, mais claro ainda que o vestido, uma jóia de carne sustentando o pesado resplendor de seus cabelos de ouro.

Servigny olhou-a demoradamente, depois disse:

— Está adorável esta noite, mamzelle. Desejava vê-la sempre assim.

Ela respondeu, com um pouco de sua malícia ordinária:

— Não me faça declaração, Muscade... Hoje eu o levaria a sério, e pode custar-lhe caro!

A marquesa parecia feliz, muito feliz. Toda de negro, elegantemente vestida com um traje severo que desenhava suas linhas amplas e fartas, com um pouco de vermelho no corpete, uma grinalda de cravos vermelhos caindo da cintura, como uma cadeia, e subindo para prender no quadril, uma rosa vermelha nos cabelos negros, um traje simples, onde as flores pareciam chagas, com seu olhar que naquela noite pesava sobre as pessoas, com sua voz lenta, com seus gestos raros, parecia ter em si qualquer coisa de ardente.

Saval também parecia sério, absorto. De tempos em tempos, com um gesto que lhe era familiar, afagava a barba pontuda, cortada à Henrique III, e parecia sonhar com coisas extraordinárias.

Durante alguns minutos ninguém falou. Depois, quando serviam uma truta, Servigny declarou:—O silêncio às vezes é bom. Estamos mais perto uns dos outros quando calados do que quando conversamos; não acha, marquesa?

Voltando-se para ele, esta respondeu:

— Isso é verdade. É delicioso pensarmos juntos em coisas agradáveis.

E olhou com os olhos ardentes para Saval; e ficaram assim alguns segundos, olhos nos olhos, a contemplar-se.'

Houve um pequeno movimento, quase imperceptível, sob a mesa.

Servigny insistiu:

— Mamzelle Yvette, se continua assim tão sensata, eu serei levado a acreditar que está apaixonada. Ora, a quem mamzelle poderá estar amando? Procuremos juntos, se lhe agrada. Deixo de lado o exército dos admiradores vulgares, vejamos somente os principais: o príncipe Kravalow? Ao ouvir esse nome, Yvette despertou:

— Meu pobre Muscade, você está maluco! O príncipe parece um russo de museu de cera, que obteve medalhas em um concurso de cabeleireiros.

— Bem. Suprimamos o príncipe; escolheu então o visconde Pedro de Belvigne.

Desta vez ela pôs-se a rir e perguntou:

— Você me imagina pendurada ao pescoço de Raisiné (ela chamava-o, segundo os dias, Raisiné, Malvoisie, Argenteuil, pois costumava botar apelidos em todo o mundo) a murmurar-lhe ao nariz: "Meu caro Pierre, ou meu divino Pedro, meu adorador Piétri, meu pequeno Pierrot, deixe sua rica mulherzinha beijar sua linda cabeça de cachorrinho?"

Servigny anunciou:

— Excluído o número dois. Resta o cavaglieri Valreali, a quem a marquesa parece favorecer.

Yvette exclamou com toda a sua alegria:

— Lágrima-no-olho? Mas ele é carpidor na Madeleine! Acompanha todos os enterros de primeira classe. Eu me sinto

morta toda vez que ele me olha.

— Também o três. Mamzelle sofreu então o coup de foudre pelo barão Saval aqui presente.

— Por M. de Rodes Filho, não, ele é muito grande. Teria a impressão de estar amando o arco do triunfo da Étoile.

— Então, Mamzelle, é indubitável que está apaixonada por mim, porque sou o único de seus admiradores em que ainda não se falou. Guardei-me para último por modéstia e por prudência. Restame agradecer-lhe.

Ela respondeu, com uma graça alegre.

— Por você Muscade? Não! Eu amo a você... Mas ao mesmo tempo não o amo... Olhe, eu não quero desiludilo. Eu não o amo... ainda. Você tem" probabilidades... talvez... Persevere, Muscade, seja devotado, solícito, submisso, atencioso, cortês, dócil aos meus menores caprichos, disposto a tudo para me agradar... e veremos... mais tarde.

— Mas, Mamzelle, tudo o que reclama eu terei mais prazer em conceder-lhe depois, se não lhe faz diferença.

Ela perguntou com um ar ingênuo de soubreíte:

— Depois de quê?... Muscade?

— Depois de ter demonstrado que me ama, naturalmente!

— Está bem! faça como se eu o amasse, e acredite se quiser...

— Mas é que...

— Silêncio, Muscade, já falamos muito sobre isso. Ele fez uma continência militar e calou-se.

O sol já havia se escondido atrás da ilha, mas todo o céu ainda estava vermelho como um braseiro, e a água clara do rio parecia transformada em sangue. Os reflexos do horizonte tornavam vermelhas as coisas, os objetos, as pessoas. E a rosa escarlata nos cabelos da marquesa parecia uma gota de púrpura caída das nuvens sobre sua cabeça.

Como Yvette estivesse com o olhar perdido ao longe, sua mãe pousou, como por descuido, a mão descalça sobre a de Saval; mas, como a moça fizesse um movimento, a marquesa retirou rapidamente a mão e fingiu qualquer coisa nas pregas do seu corpete.

Servigny, que percebeu o gesto, convidou:

— Se mamzelle quiser, podemos dar um passeio na ilha depois do jantar.

Yvette ficou encantada com a idéia.

— Naturalmente; será delicioso; nós iremos sozinhos, não é, Muscade?

— Sim, sozinhos, mamzelle. Todos ficaram novamente calados.

A calma silenciosa do horizonte, o sonolento repouso do crepúsculo entorpeciam os corações, os corpos, as vozes. Era uma dessas horas tranqüilas, dessas horas de recolhimento em que é quase impossível falar.

Os criados serviam sem fazer ruído. O incêndio do firmamento se extinguia e a noite lenta derramava suas sombras sobre a terra. Saval perguntou:

— Tem a intenção de demorar muito tempo aqui? A marquesa respondeu, sublinhando as palavras:

— Sim. Enquanto for feliz.

Estava já escuro. Trouxeram as lâmpadas. Estas projetaram sobre a mesa uma estranha luz amortecida sob a imensa escuridão do espaço; e imediatamente uma chuva de mariposas caiu sobre a mesa. Esses minúsculos insetos queimavam-se ao passar sobre os vidros das lâmpadas e com suas asas e patas tostadas polvilhavam o linho, os pratos, os copos, de uma espécie de poeira prateada e cintilante.

Caíam no vinho, nos molhos, no pão. As mãos e os rostos eram constantemente tocados por nuvens desses insetos.

Era preciso renovar continuamente as bebidas, cobrir os pratos, comer protegendo os manjares com infinita precaução.

Isso divertiu Yvette, e Servigny, para proteger o prato e o copo, cobria a cabeça com o guardanapo desdobrado. Mas a marquesa sentia-se incomodada, nervosa, e apressaram o fim do jantar.

Yvette, que não havia esquecido a proposta de Servigny, disse:

— Agora vamos passear na ilha.

Sua mãe recomendou com um tom de ternura:

— Mas não demorem muito, Além disso, iremos acompanhá-los até o barqueiro.

E partiram, dois a dois. A rapariga e seu amigo caminhavam na frente, pela estradinha que margeava o rio. Ouviam atrás as vozes da marquesa e de Saval, que falavam baixo, muito baixo, muito depressa. Estava completamente escuro, de um escuro espesso, de um escuro de tinta. Mas o céu formigava de pontos luminosos e parecia semeá-los sobre o rio, pois as águas sombrias estavam pontilhadas de astros.

As rãs coaxavam, e de todos os pontos da margem subiam suas notas metálicas e monótonas.

O canto leve dos rouxinóis cortava o ar calmo. Yvette observou:

— Olha! não caminham mais atrás de nós. Onde estarão? E chamou:—Mãe!

Nenhuma voz respondeu. A rapariga continuou:—Eles não podem andar longe, eu os ouvi ainda há pouco.

Servigny disse:

— Devem ter voltado. Talvez sua mãe tenha sentido frio.

E caminharam novamente.

Diante deles brilhava uma luz. Era a cabana de Martinet, o pescador. Ao chamado dos passeantes, um homem saiu da casa e eles subiram para um barco que estava amarrado entre os arbustos do barranco.

O barqueiro começou a remar, e o barco, avançando, acordava as estrelas que dormiam na água, as fazia dançar uma dança maluca que ia se acalmando pouco a pouco à medida que ele se distanciava. Atingiram a outra margem e desembarcaram sob as grandes árvores.

Um frescor de terra úmida flutuava entre a copa alta das árvores, que pareciam abrigar tantos rouxinóis quantas eram suas folhas.

Num piano distante tocavam uma valsa popular. Servigny havia segurado o braço de Yvette e, docemente, deslizou a mão pela sua cintura e estreitou-a com uma pressão suave.

— Em que pensa?—perguntou.

— Eu? em nada. Estou imensamente feliz!

— Então? Não me ama mesmo?

— Mas sim, Muscade, eu o amo, eu o amo muito; somente, deixe-me em paz. A noite está muito bonita para eu escutar as suas besteiras.

Ele estreitou-a contra si, apesar de ela tentar desvencilhar-se; e, através da flanela macia e suave, sentiu a tepidez de sua carne. Balbuciou:

— Yvette!

— O que é?

— Eu a amo.

— Você está brincando, Muscade.

— Não; há já muito tempo que eu a amo.

Ela procurou separar-se dele, esforçava-se para livrar-se de seus braços. Caminhavam com dificuldades, constrangidos pelo abraço e por aqueles movimentos, ziguezagueavam como pessoas embriagadas.

Servigny não sabia mais o que dizer. Sentia que não se fala a uma moça como a uma mulher. Estava perturbado. Não sabia o que fazer. Perguntava a si mesmo se ela consentiria ou se não compreendia. E dava voltas ao espírito para encontrar as palavras ternas, justas, decisivas que lhe faltavam.

E repetia de segundo em segundo:

— Yvette! Vamos! Tola!

Depois, bruscamente, beijou-lhe a face. Ela fez um pequeno movimento de repulsa, e disse com um ar zangado:

— Você é ridículo! Deixe-me em paz.

O tom de sua voz não revelava o que ela pensava, o que ela sentia; e, como não a visse muito irritada, Servigny pousou os lábios na nuca, sobre aquela penugem dourada, naquela região encantadora que ele cobiçava a tanto tempo. Yvette debateu-se violentamente para escapar. Ele, porém, a segurou energicamente e, sustentando-a com ambas as mãos, obrigou-a a virar a cabeça, e roubou-lhe da boca um beijo entontecedor e profundo.

Ela escorregou dentre seus braços com uma rápida ondulação do corpo, deslizou pelo seu peito e, livrando-se dele, desapareceu na escuridão com um ruído de fazendas agitadas, ruído semelhante ao de um pássaro que bate as asas.

Servigny ficou imóvel, surpreso com essa agilidade e com essa desapareição, depois, como não ouvisse mais rumor chamou baixinho:

— Yvette!

Ela não respondeu. Servigny pôs-se a caminhar, sondando a treva com os olhos, procurando entre os arbustos a mancha branca de seu traje. Tudo era negro. Gritou novamente, mais forte:

— Mamzelle Yvette! Os rouxinóis calaram-se.

Ele apressou o passo, vagamente inquieto, e sempre aumentando de tom:

— Mamzelle Yvette! Mamzelle Yvette!

Nada; parou; escutou. Toda a ilha estava silenciosa; apenas no alto, sobre sua cabeça, um leve farfalhar de folhas. Somente as rãs quebravam o silêncio, continuando com o seu coaxar sonoro.

Então ele errou de clareira em clareira, desceu os barrancos pedregosos da margem, subiu encostas, atolou-se em banhados. Chegou até em frente a Bougival, voltou ao estabelecimento da Grenouillère, varejou tudo, repetindo sempre:

— Mamzelle Yvette! Onde está? Responda! Deixe de brincadeiras! Vamos, responda! Não me faça procurar assim!

Um relógio distante bateu horas. Ele contou as badaladas: meia-noite. Havia duas horas que percorria a ilha. Pensou que ela tivesse voltado para casa e regressou ansioso, tomando o caminho da ponte.

Um criado cochilava sentado em uma cadeira, no vestíbulo.

Despertando-o, Servigny perguntou-lhe:

— Faz muito tempo que mademoiselle Yvette voltou? Deixei-a no começo do jardim porque tinha de fazer uma visita.

O criado respondeu:

— Sim, senhor duque. A senhorita entrou antes das dez horas.

Servigny subiu para o quarto e meteu-se na cama, permanecendo de olhos abertos, sem poder dormir. Aquele beijo roubado o enchera de agitação. Procurava refletir. Que queria ela? que pensaria? que sabia? Como era linda, perturbadora!

Seus desejos, embotados pela vida que levava, por todas as mulheres que possuía, por todos os amores explorados,

despertavam diante dessa rapariga singular, tão jovem, irritante e estranha.

Ouviu bater uma hora, depois duas. Não conseguia dormir. Sentia calor, suave, suas fronteiras latejavam. Levantou-se e abriu a janela.

Entrou uma lufada de ar fresco, que ele sorveu numa longa aspiração. A escuridão espessa estava muda, negra, imóvel. De repente ele percebeu adiante, nas trevas do jardim, um ponto luminoso, assim como um carvão incandescente. Pensou: "É um cigarro. Só pode ser Saval", e chamou baixinho:

— Léon!

Uma voz respondeu:

— É você, Jean?

— Sim. Espere-me, eu descerei.

Vestiu-se, saiu e, reunindo-se ao amigo, que fumava cavalcando uma cadeira de ferro:

— O que você faz aí, a esta hora? Saval respondeu:

— Estou descansando! E pôs-se a rir.

Servigny apertou-lhe a mão:

— Meus cumprimentos, meu caro. Eu. eu me aborreço.

— Quer dizer que.

— Quer dizer que... Yvette e sua mãe não se parecem.

— Que aconteceu? Conte-me!

Servigny relatou suas tentativas e seus insucessos, e concluiu:

— Decididamente, essa pequena me perturba. Imagine

que eu não pude dormir. Como são difíceis as raparigas. Esta tem o ar mais simples do mundo e não se sabe nada a respeito dela. Uma mulher que viveu, que amou, que conhece a vida, compreende-se logo. Quando se trata de uma virgem, ao contrário, não se descobre nada. No fundo, eu começo a acreditar que ela brinca comigo.

Saval balançou-se na cadeira e disse pausadamente:

— Toma cuidado, meu caro, ela te leva ao casamento. Lembre-se dos grandes exemplos. Foi pelo mesmo processo que Mile, de Montijo, que ao menos tinha sangue nobre, se fez imperatriz. Não banque o Napoleão.

Servigny exclamou:

— Quanto a isto não tenha receio, eu não sou nem um ingênuo nem um imperador. É preciso ser uma ou outra coisa para dar uma cabeçada dessas. Diga-me, está com sono?

— Não, não estou.

— Quer dar um passeio pela beira do rio?

— Com todo gosto.

Abriram o portão e desceram ao longo da margem, em direção a Marly.

Era na hora fresca que precede ao dia, hora do sono pesado, do grande repouso, da calma profunda. Os próprios ruídos leves da noite haviam se calado. Os rouxinóis não cantavam mais, as rãs tinham silenciado os seus alaridos, apenas um animal desconhecido, um pássaro talvez, fazia, em qualquer parte, uma espécie de ranger de serra, fraco, monótono, regular como um trabalho mecânico.

Servigny, que por vezes tinha arroubos de poeta e também de filósofo, disse repentinamente:

— Olhe. Essa rapariga me desconcerta completamente. Em aritmética, um e um são dois. Em amor, um e um devem fazer um, e no meu caso todavia faz dois. Alguma vez você já sentiu isto? Este desejo de absorver uma mulher ou de ser absorvido por ela? Não falo do desejo bestial da posse, mas desse tormento moral e mental de fundir-se em outra pessoa, de abrir-lhe toda nossa alma, todo nosso coração e penetrar até o fundo do seu pensamento. Jamais se sabe qualquer coisa dela, jamais se descobrem as oscilações de sua vontade, de seus desejos, de suas opiniões. Jamais se desvenda, ao menos um pouco, todo o incógnito, todo o mistério de uma alma que se sente próxima, de uma alma encerrada atrás de uns olhos que nos fitam, claros como a água, transparentes como se nada de secreto houvesse por detrás deles, de uma alma que nos fala através de uma boca que amamos, que se nos assemelha, tanto a desejamos; de uma alma que nos lança um a um, através de palavras, seus pensamentos, e que, entretanto, continua tão longe de nós quanto as estrelas são distantes umas das outras, mais impenetrável que os astros! Tudo isso é singular! Saval respondeu:

— Eu não exijo tanto. Não olho para além dos olhos. Não me preocupa o conteúdo, mas sim o continente.

Servigny murmurou:

— Não adianta, Yvette é uma pessoa singular. Como irá tratar-me esta manhã?

Quando chegavam perto de Marly, viram que o céu empalidecia.

Os galos começaram a cantar nas capoeiras; e sua voz chegava um pouco enfraquecida pela espessura dos muros. Um pássaro chilreava num parque, à esquerda, repetindo sem cessar um estribilho de uma simplicidade ingênua e cômica.

— É tempo de voltar—disse Saval.

Regressaram. Quando Servigny entrou no quarto, divisou, pela janela aberta, o horizonte que se coloria de rosa.

Fechou a persiana, correu as pesadas cortinas, deitou-se e adormeceu.

Sonhou com Yvette durante todo tempo em que dormiu.

Acordou-o um ruído singular. Sentou-se no leito, escutou, não ouviu mais nada. Depois, repentinamente, percebeu que começava na persiana de seu quarto uma crepitação semelhante à de uma chuva de granizo.

Saltou do leito, correu à janela, abriu-a e viu Yvette, em pé, no passeio do jardim, a jogar-lhe punhados de areia na cara.

Estava vestida de cor-de-rosa, com um chapéu de palha de abas largas, enfeitado com uma pluma à mosqueteiro, e ria com um ar sorrateiro e malicioso:

— Que tal, Muscade! Você ainda dorme? Que terá feito esta noite para se levantar tão tarde? Será que saiu em busca de aventuras, meu pobre Muscade?

Servigny estava ofuscado com a claridade do dia, que violentamente chocara seus olhos; ainda meio adormecido de fadiga e surpreso com a tranqüilidade zombeteira da rapariga, disse:

— Um momento, um momento, Mamzelle. Só o tempo de meter o nariz na água e já descerei.

Ela gritou:

— Apresse-se, são dez horas. Depois eu tenho um grande projeto a lhe comunicar. Vamos fazer um complô. E saiba que almoçamos às onze horas.

Ele a encontrou sentada em um banco, com um livro sobre os joelhos, um romance qualquer. Ela tomou-lhe o braço de modo familiar, amigavelmente, de uma maneira franca e alegre como se nada tivesse acontecido na véspera, e arrastou-o para o fundo do jardim.

— Olhe o meu projeto: nós vamos desobedecer mamãe, e você vai me levar a Grenouillère. Eu quero conhecer aquilo. Mamãe diz que as mulheres honestas não podem ir lá. Para mim tanto faz que se possa ou não se possa ir. Você me acompanhará, não é, Muscade? Nós faremos uma enorme algazarra com os barqueiros.

Ela exalava um cheiro bom, sem que se pudesse determinar que odor vago e leve lhe pairava em torno. Não era nenhum dos perfumes pesados da mãe, mas um perfume discreto que ele suspeitava fosse lírio, ou talvez de verbena.

De onde vinha aquele perfume impreciso? Da roupa, dos cabelos ou da pele? Servigny perguntava isso a si mesmo e, como ela lhe falasse muito de perto, ele recebia em pleno rosto seu hálito, que era igualmente delicioso de ser respirado. Pensou então que esse perfume fugidio, que procurava identificar, só existia, talvez, evocado por seus olhos encantadores e era somente uma espécie de emanação fictícia de sua graça jovem e sedutora.

Ela disse:

— Está combinado, não é, Muscade?... Como vai estar muito quente depois do almoço, mamãe não vai querer sair. Ela é muito preguiçosa quando faz calor. Nós a deixaremos com o seu amigo e você me acompanhará. Pensarão que vamos passear na floresta. Se você soubesse como tenho vontade de conhecer a Grenouillère!

Chegaram à grade que dava para o Sena. O sol batia em cheio sobre as águas tranqüilas e brilhantes.

Uma tênue bruma de calor, uma fumaça de água evaporada se elevava da superfície das águas tornando-as ainda mais brilhantes. De tempos em tempos passava um barco, uma iole rápida ou um pesado batel, e ouviam-se ao longe os apitos, curtos ou longos, dos

trens que todos os domingos traziam a população de Paris para o campo, e os dos vapores que anunciavam sua aproximação para passarem a comporta de Marly.

Ouviu-se o som de um pequeno sino.

Anunciavam o almoço. Voltaram.

A refeição transcorreu silenciosa. O calor do meio-dia, de um pesado meio-dia de julho, esmagava a terra, oprimia as pessoas, paralisava os espíritos e os corpos. As palavras entorpecidas não saíam dos lábios, e os movimentos pareciam penosos como se o ar se tivesse tornado resistente, difícil de ser atravessado.

Somente Yvette, apesar de também não falar, parecia animada, nervosa de impaciência.

Quando terminaram a sobremesa, ela convidou:

— E se nós fôssemos passear na floresta? Deve estar muito agradável à sombra das árvores,

A marquesa, que parecia extenuada, exclamou:

— Está maluca? Pode-se lá sair com um calor destes? E a rapariga, ardilosa, propôs:

— Está bem! Nós deixaremos o barão para te fazer companhia. Muscade e eu subiremos a encosta e nos sentaremos sobre a relva, na sombra, para ler.

E voltando para Servigny:

— Que tal? Feito? Ele respondeu:

— Às suas ordens, mamzelle. Yvette foi buscar o chapéu.

A marquesa sacudiu os ombros, suspirando:

— Esta menina é louca, não há dúvida.

E com um gesto lento, amoroso e lasso, estendeu a mão pálida ao barão, que a beijou vagarosamente.

Yvette e Servigny partiram. Primeiramente seguiram a margem, depois atravessaram a ponte, alcançaram a ilha e sentaram-se no barranco, à beira do canal, sob os salgueiros, porque era ainda muito cedo para irem a Grenouillère.

A rapariga tirou um livro do bolso e disse, rindo:

— Muscade, você vai ler para eu ouvir. E lhe estendeu o volume. Ele fez um movimento de fuga.

— Eu, Mamzelle? mas eu não sei ler! Ela repetiu com gravidade:

— Vamos, nada de escusas, nada de razões. Você se diz meu pretendente e não quer me prestar um serviço? Tudo em troca de nada, não é? É a sua norma?

Ele pegou o livro, abriu e ficou surpreso. Era um tratado de entomologia. Uma história das formigas escrita por um inglês. E como ficasse imóvel, pensando que Yvette se divertia à sua custa, ela se impacientou:

— Vamos, leia—disselhe. Servigny perguntou:

— É uma promessa ou um simples capricho?

— Nada disso, meu caro, eu encontrei este livro em uma livraria. Disseram-me que é o que há de melhor sobre formigas, e eu achei que deveria ser divertido aprender a vida desses animaizinhos, vendo-os correr entre as ervas; leia.

E deitou-se, de barriga para baixo, com os cotovelos apoiados no chão e a cabeça apoiada nas mãos, olhando fixamente para a relva.

Servigny leu:

"Sem dúvida os macacos antropóides são, de todos os animais, os que mais se parecem com o homem por sua estrutura anatômica, mas, se considerarmos os costumes das formigas, sua organização em sociedade, suas grandes comunidades, as casas e as estradas que constróem, e por vezes até o hábito de escravizar, somos forçados a admitir que elas têm o direito de receber um lugar perto do homem na escala da inteligência..."

E continuou lendo com voz monótona, parando de tempos em tempos para perguntar:

— Ainda não basta?

Ela respondia que "não" com a cabeça; e, tendo apanhado com a ponta de uma palhinha uma formiga errante, divertia-se fazendo-a passear de uma extremidade a outra dessa haste, que ela volteava quando o animalzinho atingia uma das extremidades.

Yvette escutava com uma atenção concentrada e muda a todos os surpreendentes detalhes sobre a vida desses insetos, sobre suas instalações subterrâneas, sobre a maneira como criam, encerram e nutrem os pulgões para beberem o licor açucarado que segregam, como nós criamos vacas em nossos estábulos, sobre seus costumes

de domesticarem os pequenos insetos cegos que limpam os formigueiros e sobre seus costumes guerreiros.

Pouco a pouco, como se uma ternura maternal despertasse em seu coração pelo minúsculo inseto, tão inteligente, Yvette fez com que a formiga passasse para o seu dedo, e acolheu-a emocionada, com vontade de beijá-la.

E como Servigny lesse o trecho que tratava da maneira como elas vivem em comunidade, como travam entre si lutas amigáveis de força e agilidade, a rapariga entusiasmou-se e quis beijar o inseto, que lhe escapou e se pôs a correr sobre o seu rosto. Ela deu um grito lancinante, como se estivesse ameaçada de um terrível perigo e, com gestos desordenados, dava tapas no rosto para livrar-se do animalzinho. Servigny, tomado de um ataque de riso, segurou a formiga, que estava perto dos cabelos da moça, e, no lugar em que ela estivera, depositou um beijo, sem que Yvette afastasse a cabeça. Ela levantou-se e declarou:—Gosto mais disso que de um romance. Vamos à Grenouillère.

Alcançaram a parte da ilha arranjada como um parque, e sombreada por árvores imensas. Os pares erravam pela sombra, ao longo do Sena, onde deslizavam os barcos. Eram mulheres com rapazes, operárias com os seus amantes, que andavam em mangas de camisa, casaco no braço, chapéu no alto da cabeça, com um ar negligente e cansado, e burgueses com suas famílias, as mulheres endomingadas e os filhos saltando em torno dos pais, como uma ninhada de pintos. Um rumor distante e contínuo de vozes humanas, um clamor surdo e retumbante anunciava o conhecido estabelecimento. De súbito, eles o avistaram. Um enorme barco, coberto com um toldo, amarrado ao barranco, continha uma multidão de homens e mulheres sentados diante de mesas e bebendo; outros de pé, gritando, cantando, dançando, pulando ao ruído de um piano desafinado como um tacho.

Grandes raparigas ruivas, ostentando, adiante e atrás, a dupla provocação dos seios e das ancas, circulavam, com o olhar convidativo, os lábios pintados, já quase ébrias, murmurando obscenidades.

Outras dançavam com rapagões seminus, de calção de linho e meias de algodão, e um gorro de cores, como o dos jóqueis.

E tudo exalava um odor de suor e de pó-de-arroz, emanações de perfumes e de axilas.

Os bebedores, ao redor das mesas, ingeriam líquidos brancos, vermelhos, amarelos, verdes, e gritavam, vociferavam sem razão, levados por um desejo irreprimível de fazer algazarra, por um desejo brutal de terem os ouvidos e o cérebro cheios de alarido.

De segundo em segundo um nadador, de pé sobre o toldo, saltava na água, respingando os fregueses mais próximos, que protestavam com gritos selvagens.

Sobre o rio andava uma frota de embarcações. As ioles longas e finas deslizavam, impelidas pelas fortes remadas dos remadores de braços nus, com músculos salientes sob a pele queimada. As canoieiras, vestidas de flanela azul ou vermelha, com chapéus de sol também vermelhos ou azuis, recostavam-se no banco de trás dos barcos, e pareciam correr sobre a água, numa atitude imóvel e adormecida.

Barcos grandes, pesados, movimentavam-se lentamente, carregados de gente. Um colegial, querendo chamar a atenção, remava com movimentos de asas de moinho, e abalroava com todas as embarcações, recebendo descomposturas de todos os barqueiros. Perseguido pela vociferação da massa instalada no café flutuante, ele desapareceu numa curva do rio, depois de ter feito mergulhar dois nadadores.

Yvette, radiante, passeava de braço com Servigny no meio daquela multidão alegre e heterogênea, parecia feliz naquele acotovelamento suspeito e olhava as prostitutas com um olhar tranqüilo e cordial.

— Olha aquela, Muscade, que cabelos bonitos que tem! Elas parecem contentes.

O pianista, um barqueiro vestido de vermelho e com um enorme chapéu de palha, atacou uma valsa; Yvette abraçou bruscamente seu companheiro e o arrastou rodopiando-o ao compasso da música.

Dançaram com tanta velocidade que todo mundo os observava. Os freqüentadores do café, de pé em cima das mesas, marcavam o compasso com os pés; outros batiam com os copos; e o pianista, que parecia enfurecido, golpeava com violência as teclas de marfim, agitava todo o corpo, e balançava furiosamente a cabeça coberta pelo imenso chapéu.

De repente parou de tocar e, deixando-se escorregar para o chão, estirou-se no solo, com a cara tapada pelo chapéu, como se estivesse morto de cansaço. Uma gargalhada geral explodiu no café, e todo mundo aplaudiu.

Quatro amigos se precipitaram sobre ele, como se fosse mesmo um acidente e, segurando-o pelos braços e pernas, levantaram-no do chão, colocaram-lhe o enorme chapéu em cima da barriga e carregaram-no.

Um farsante os seguiu entoando o De Projundis. Logo se formou uma procissão atrás do falso cadáver, seguindo pelos caminhos da ilha, e arrastando consigo os freqüentadores, os passeantes e todas as pessoas que encontrava.

Yvette incorporou-se, entusiasmada, rindo, falando com todos, arrebatada pelo movimento e pelo ruído. Os rapazes a olhavam fixamente, aproximavam-se dela, excitados, parecendo farejá-la, despindo-a com os olhos. Servigny começou a acreditar que a aventura talvez terminasse mal.

Os quatro carregadores aceleraram o passo, e a procissão seguiu-os, quase correndo. De repente eles se dirigiram para a margem, pararam à beira do rio, balançaram um pouco o pianista e jogaram-no dentro da água.

Um grito de alegria escapou de todas as bocas, enquanto o músico, aturdido, debatia-se, praguejava, tossia, cuspia, e, todo enlameado, esforçava-se por alcançar a margem,

O chapéu, que tinha sido arrastado pela correnteza, foi recolhido por um barco.

Yvette pulava contente, batendo palmas e dizendo:—Oh! Muscade, como me divirto, como me divirto! Servigny a observava com um ar sério, um pouco desgostoso, um pouco chocado por vê-la tão à vontade no meio daquela gente desclassificada. Revoltava-se

nele uma espécie de instinto, esse instinto de conveniência que uma pessoa bem-nascida conserva sempre, mesmo quando se abandona, esse instinto que a afasta das familiaridades desprezíveis, cujo contato enodoa.

E dizia consigo, pasmado:

— Nossa, você tem fibra!

Servigny tinha vontade de tratá-la com maior intimidade, como a tratava em seu pensamento, como tratamos, desde o primeiro momento em que as vemos, as mulheres públicas. Não a achava diferente das criaturas de cabelos ruivos que se acotovelavam com eles e que gritavam, com vozes roucas, nomes obscenos. Eles brotavam dentre a multidão; esses nomes grosseiros, curtos e sonoros, pareciam voltejar por cima das pessoas, como moscas sobre um monturo. Não chocavam nem surpreendiam ninguém. Yvette também parecia não lhes prestar atenção.

— Muscade, eu quero tomar banho, vamos cair n'agua. Servigny respondeu:

— Feito.

Foram à casa de banhos para trocar de roupas. Ela aprontou-se primeiro e esperou-o na praia, de pé, sorridente, sob os olhares de todos. Ao lado um do outro, entraram na água tépida.

Ela nadava com satisfação, com agilidade, acariciada pelas ondas, palpitante de um prazer sensual, e a cada braçada elevava-se como se fosse lançar-se fora d'agua. Ele a seguia com esforço, arquejante, aborrecido por se sentir inferior. Ela, porém, reduzia a marcha e, de repente, virando-se de costas, começou a boiar, com os braços cruzados, os olhos abertos para o azul do céu. Servigny fitou-a assim deitada na superfície do rio, observou-lhe a linha ondulante do corpo, os seios rijos, aderentes ao tecido leve, mostrando sua forma arredondada e seus bicos salientes, o ventre levemente curvo, a coxa um pouco alongada, a perna nua, brilhante sob a água, e o pé minúsculo, que emergia.

Via-a toda, como se ela se mostrasse expressamente para O tentar, oferecendo-se ou divertindo-se com ele. Desejou-a ardentemente, apaixonadamente. De repente ela voltou-se, olhou-o e pôs-se a rir:

— Você está com um penteado maravilhoso— disse.

Ele ficou ofendido, irritado com o gracejo. E cedendo a um obscuro desejo de vingança, a um desejo de feri-la:

— Você se daria bem nessa vida? Ele perguntou com o seu ar ingênuo:

— Qual?

— Vamos, não se faça de boba. Sabe bem o que eu quero dizer!

— Palavra de honra que não sei.

— Acabemos com esta comédia. Quer ou não quer?

— Eu não compreendo absolutamente nada.

— Você não é assim tão tola. Aliás eu já lhe disse ontem de noite.

— O que foi que disse? eu esqueci,

— Que a amo.

— Você?

— Eu.

— Que mentira!

— juro.

— Bem, prove.

— Não desejo outra coisa!

— Que coisa?

— Provar.

— Está bem, então prove.

— Você não dizia o mesmo ontem à noite!

— Você não havia me proposto nada.

— Que bobagem!

— Além disso, não é a mim que se deve dirigir.

— Esta é muito boa! A quem é, então?

— À mamãe, está claro. Ele soltou uma gargalhada.

— À sua mãe? Não, assim é demais!

Ela tornou-se subitamente séria e, olhando-o fixamente

— Escute, Muscade, se você me ama verdadeiramente. se você quer casar comigo, fale com a mamãe primeiro; eu lhe responderei depois.

Servigny pensou que ela continuava a divertir-se com ele e, furioso, exclamou:

— Mamzelle, você me toma por um outro. Ela continuava a olhá-lo com o seu olhar doce e claro. Hesitou um pouco e depois disse-lhe:— Eu não o compreendo, é inútil!

Servigny, com qualquer coisa de brusco e de mau na voz, disse-lhe:

— Vamos, Yvette, terminaremos com essa comédia ridícula, que vai se tornando longa demais. Você se faz de menina ingênua, e esse papel não lhe vai nada bem, acredite. Você sabe que não é possível cogitar casamento entre nós... mas amor. Eu lhe disse que amo—e é verdade—e repito. Não finja que não entende e não me trate como um tolo.

Eles estavam de pé dentro da água, frente a frente, sustentando-se unicamente com pequenos movimentos das mãos. Ela ficou alguns segundos imóvel, como se não conseguisse entender o sentido das palavras que ouvira, depois corou de repente, corou até a raiz dos cabelos. Todo seu rosto se tingiu de púrpura, bruscamente, desde o pescoço até as orelhas, que ficaram quase violeta, e, sem responder nada, dirigiu-se para a terra, nadando a toda velocidade, com grandes braçadas. Servigny não conseguiu alcançá-la, e seguiu-a arquejante de cansaço.

Viu-a sair d'água, apanhar o roupão e dirigir-se para a cabine, de onde não voltou.

Ele demorou muito para trocar de roupa, indeciso sobre o que iria fazer, procurando o que diria, perguntando-se se devia pedir desculpas ou insistir.

Quando ficou pronto, ela já tinha ido embora, sozinha. Ele regressou lentamente, ansioso e embaraçado.

A marquesa passeava de braço com Saval pelos caminhos do jardim.

Vendo Servigny, disse-lhe com aquele ar despreocupado que tinha desde a véspera:

— Não disse que não deviam sair com um calor desses?

Yvette ficou com dor de cabeça. Recolheu-se ao quarto para deitar-se. Está vermelha como uma papoula, a pobre criança, e com uma enxaqueca horrível. Com certeza vocês andaram passeando ao sol, fizeram asneiras. Que sei eu? Você é tão criança quanto ela.

A rapariga não desceu para o jantar. Quiseram levar-lhe a comida no quarto, mas ela respondeu que não tinha fome, e pediu que a deixassem em paz. Continuou com a porta trancada. Os dois rapazes partiram pelo trem das dez horas, prometendo voltar na quinta-feira seguinte. A marquesa sentou-se na frente da janela aberta, e ficou distraída, com os olhos na distância, sonhando. A orquestra do baile dos barqueiros quebrava o silêncio da noite com sua música saltitante.

Arrastada pelo amor e para o amor, como se é pelo cavalo ou pelo remo, ela era atacada de ternuras súbitas, que a acometiam como uma doença. Suas paixões deflagravam bruscamente, penetravam-na toda, dominavam-na, enervavam-na ou deprimiam-na, conforme tivessem um caráter exaltado, violento, dramático ou sentimental.

Era uma dessas mulheres criadas para amar e para serem amadas. Saída da plebe, elevada pelo amor, de que fizera uma profissão, quase sem o saber, agindo por instinto, por tendência inata, ela aceitava o dinheiro como os beijos, naturalmente, sem distinções, empregando o seu faro natural de uma maneira irracional e simples, como o fazem os animais, a que as necessidades da existência tornam espertos. Muitos homens passaram por seus braços sem que ela sentisse a menor ternura por eles, sem que sentisse nenhuma repulsa por suas carícias.

Suportava as ligações desagradáveis com uma indiferença tranqüila, como em viagem comemos o que nos apresentam, por ser preciso viver. Mas, de tempos em tempos, seu coração ou sua carne se iluminava, e ela era presa de uma grande paixão, que durava algumas semanas ou alguns meses, segundo as qualidades físicas ou morais de seu amante.

Eram os momentos deliciosos de sua vida. Amava com toda a alma, com todo o corpo, com arrebatamento, com êxtase. Atirava-se ao amor como outros se atiram a um rio para mergulhar, e deixava-se levar, disposta a morrer se fosse necessário, enlevada, apaixonada, infinitamente feliz. Imaginava cada vez não ter anteriormente sentido emoção igual, e ficaria surpreendida se alguém lhe recordasse a quantidade de homens que ela havia

amado perdidamente, e pelos quais passara noites inteiras olhando as estrelas.

Saval a tinha cativa de corpo e alma. Sonhava com ele, embalada por sua imagem e pela sua recordação, na exaltação calma da felicidade perfeita, da felicidade atual e certa.

Um ruído atrás dela fez com que se voltasse.

Yvette acabava de entrar, ainda com o vestido da tarde, mais pálida e com os olhos brilhantes como depois de uma grande fadiga. Ela apoiou-se na janela, na frente de sua mãe:

— Preciso falar com você — disse.

A marquesa, espantada, olhava-a. Amava-a como mãe egoísta, certa de sua beleza, como se é de uma fortuna, muito bonita ainda para ter ciúmes da filha, demasiado indiferente para fazer os projetos que lhe atribuíam, muito sutil, entretanto, para não ter consciência daquele valor.

Ela respondeu:

— Fala, filhinha, o que é que há?

Yvette olhou-a fixamente, como para ler no fundo de sua alma, como para perceber as menores sensações que suas palavras iam provocar.

— Ouça. Passou-se qualquer coisa de extraordinário.

— O que foi?

— Servigny declarou-me seu amor.

A marquesa escutava, inquieta. Como Yvette se tivesse calado, ela perguntou-lhe:

— Como é que ele disse isso? Explique-se!

A rapariga sentou-se no chão, junto da mãe, numa atitude meiga que lhe era familiar, e, tomando-lhe as mãos, explicou:

— Ele me pediu em casamento.

Mme. Obardi fez um gesto brusco de estupefação, e exclamou:

— Servigny? Você está louca!

Yvette não tinha desviado os olhos da face de sua mãe, observando seu pensamento e sua surpresa. Perguntou com voz grave:

— Por que acha que eu estou louca? Por que Servigny não casará comigo?

A marquesa, embaraçada, balbuciou:

— Você está enganada, não é possível. Você entendeu mal. Servigny é muito rico para você... e muito... muito... parisiense para se casar.

Yvette tinha se levantado lentamente. Argumentou:

— Mas se ele me ama como disse?

A mãe respondeu com um ar de impaciência:

— Acho que você tem bastante idade e bastante conhecimento da vida para não fazer esses castelos. Servigny é um viverdor e um egoísta. Ele só casará com uma moça da sua posição e da sua fortuna. Se te pediu em casamento é que ele quer... é que ele quer..

A marquesa, incapaz de dizer o que supunha, calou-se um segundo, depois disse:

— Deixe-me tranqüila, vá deitar.

A rapariga, como se houvesse sabido o que desejava, respondeu com voz dócil:

— Sim, mamãe.

Beijou a marquesa na testa e afastou-se calmamente. Quando ia atravessar a porta, a mãe perguntou-lhe:

— E a dor de cabeça?

— Já passou. Era este assunto que me preocupava. A marquesa acrescentou:

— Nós falaremos sobre isso mais tarde. Em todo caso, não ande mais sozinha com ele. E fique certa de que ele não casará com você, entende? e de que quer somente... te comprometer.

Não encontrou outro termo para exprimir seu pensamento. E Yvette voltou para o quarto. Mme. Obardi ficou a pensar.

Vivendo há vários anos em sua quietude amorosa e opulenta, havia afastado do espírito todas as reflexões que a pudessem preocupar, inquietar ou entristecer. Jamais se preocupou com o futuro de Yvette. Haveria bastante tempo para pensar quando surgissem as dificuldades. Sabia perfeitamente, por seu faro de cortesã, que a filha não podia desposar um homem rico e da sociedade senão por um acaso quase impossível, por uma dessas surpresas do amor que colocam uma aventureira sobre um trono.

Ela não contava com isso e vivia muito ocupada consigo mesma para fazer projetos de coisas que não lhe concerniam diretamente.

Yvette seria como sua mãe, sem dúvida. Seria uma cortesã. Por que não? Mas nunca a marquesa ousou perguntar a si mesma quando, nem como isso aconteceria.

E eis que a filha, de repente, sem preparação, lhe apresenta uma dessas questões a que se não pode responder, força-a a tomar uma atitude em um caso assim difícil, delicado, perigoso a todos os respeitos e embaraçoso para sua consciência, para a consciência que se deve mostrar quando se trata de uma filha e dessas coisas.

Ela possuía muita astúcia natural, para se ter enganado um minuto sequer sobre as intenções de Servigny, pois conhecia os homens por experiência própria, sobretudo os homens daquela índole. Por isso, logo às primeiras palavras pronunciadas por Yvette, ela exclamara, quase contra a vontade:

— Servigny, casar com você? Está louca!

Por que empregaria ele esse velho processo, ele um esperto, um libertino, um Don Juan? Que fazer nessa situação? E a rapariga, como preveni-la mais claramente? Como defendê-la? Talvez ela se deixasse arrastar por algumas asneiras.

Podia-se lá pensar que essa menina fosse assim tão ingênua, tão pouco instruída e pouco esperta?

E a marquesa, perplexa e fatigada de tanto refletir, procurava o que devia fazer, sem encontrar solução, pois a situação lhe parecia verdadeiramente embaraçosa. E para acalmar seus receios, pensou:

"Bem, eu os vigiarei de perto, agirei de acordo com as circunstâncias. Se for preciso falarei a Servigny, que é perspicaz e me compreenderá com meias-palavras".

Não cogitou sobre o que lhe diria nem sobre o que ele responderia, nem que gênero de conversação seria possível estabelecer-se entre eles, mas, satisfeita por sair daquela inquietude sem ter sido preciso tomar uma resolução, voltou a pensar no belo Saval. Com os olhos perdidos na escuridão da noite, olhando aquele clarão luminoso que paira sobre Paris, ela atirava com as mãos beijos na direção da grande cidade, beijos rápidos, que arremessava

na sombra, um sobre o outro, sem contar. E bem baixinho, como se estivesse ainda a falar-lhe, murmurou:

— Eu te amo, eu te amo!

III

Yvette também não dormia. Como sua mãe, debruçada na janela, e as lágrimas, suas primeiras lágrimas tristes, inundaram-lhe os olhos.

Até aquele momento ela havia vivido, havia crescido naquela confiança travessa e serena da juventude feliz. Por que teria meditado, refletido, investigado? Por que seria uma rapariga diferente de todas as outras? Por que um temor, por que uma dúvida, por que se preocupar com suposições desagradáveis?

Parecia instruída em tudo, porque falava de tudo, porque havia apreendido o tom, o modo de ser, os ditos ousados das pessoas que viviam em torno dela. Apesar dessa aparência, não sabia nada mais do que sabe uma menina educada em um convento. Sua audácia vocabular provinha de sua memória, dessa faculdade de imitação e de assimilação peculiar às mulheres, e não de um espírito esclarecido e impudico.

Falava de amor como os filhos de um pintor ou de um músico falam em pintura ou música com dez ou doze anos de idade. Sabia, ou melhor, supunha o gênero de mistério que esse nome encerrava; muitos galanteios tinham sido murmurados diante dela para que sua inocência não estivesse um pouco esclarecida. Mas daí ela não podia concluir que todas as famílias não fossem iguais à sua.

Beijavam a mão de sua mãe com um respeito aparente; todos os seus amigos eram nobres; todos eram ou pareciam ricos; todos citavam de modo familiar os príncipes de linhagem real. Até filhos de reis tinham vindo várias vezes, à noite, às reuniões da marquesa! Como poderia ela supor?

Ademais, ela era naturalmente ingênua. Não investigava, não farejava as pessoas, como fazia sua mãe. Vivia tranqüila, muito encantada com a existência para se inquietar com o que teria

parecido suspeito a pessoas mais calmas, mais refletidas, mais recatadas, menos expansivas e menos triunfadoras.

Mas eis que, de repente, Servigny, com algumas palavras cuja brutalidade ela sentiu sem compreender, veio despertar nela uma inquietação súbita, de início imprecisa, e que se tornou em uma apreensão aflitiva.

Tinha voltado para casa, refugiara-se como um animal ferido, ferida, com efeito, profundamente por estas palavras que ela repetia a si mesma sem cessar, para lhes penetrar todo o sentido, para descobrir tudo o que encerravam:

“você sabe que entre nós não se pode cogitar casamento... mas amor”.

Que teria ele querido dizer? E por que essa injúria? Ignoraria ela alguma coisa, algum segredo, alguma desonra? Seria ela a única a ignorar? O que haveria? Ficou perturbada, abatida, como quando se descobre uma infância escondida, a traição de um ser amado, um desses desmoronamentos sentimentais que nos enlouquecem.

Yvette meditou, refletiu, investigou, chorou, tomada de receio e de desconfiança. Mas seu espírito jovem e alegre serenou-se, e ela se pôs a imaginar uma aventura, uma situação anormal e dramática, feita com recordações dos romances poéticos que tinha lido. Recordou-se de passagens emocionantes, de histórias sombrias e enternecedoras, e misturou-as, compôs uma nova história, a sua história, envolvendo o mistério entrevisto, envolvendo sua própria vida.

A desolação passara. Ela sonhava. Tinha levantado os véus e imaginava complicações impossíveis, mil coisas singulares, terríveis, sedutoras ao menos pela esquisitice.

Seria, por acaso, filha natural de um príncipe? Sua pobre mãe, seduzida e abandonada, teria sido feita marquesa por um rei, pelo rei Vítor Emanuel talvez, tendo que fugir para escapar à cólera de sua família?

Ou seria uma criança enjeitada pelos pais, por pais de alta nobreza, fruto de um amor ilícito, recolhida pela marquesa, que a adotara e criara?

Outras suposições mais atravessaram-lhe o espírito. Aceitava-as ou as rejeitava, conforme o grau de fantasia. Compadecia-se de si mesma, feliz e ao mesmo tempo triste, satisfeita, sobretudo, por se tornar uma espécie de heroína que teria que distinguir-se, situar-se, tomar uma atitude digna. E pensava no papel que precisava desempenhar segundo os acontecimentos previstos. Via vagamente esse papel, um papel semelhante ao de uma personagem de Scribe ou de George Sand. Seria o papel de uma personagem cheia de devotamento, de abnegação, de fidelidade, de grandeza de alma, de ternura e cheia de palavras bonitas. Sua natureza instável deleitava-se com essa nova atitude.

Passou toda a tarde a meditar sobre o que iria fazer, procurando uma forma para conseguir que a marquesa lhe contasse toda a verdade.

Quando anoiteceu— a noite é propícia às situações trágicas—, ela encontrou, enfim, uma maneira simples e sutil para saber o que queria: diria à sua mãe que Servigny a pedira em casamento.

Ao ouvir a notícia, Mme. Obardi, surpresa, deixaria certamente escapar uma palavra, um grito que lançaria a luz no espírito da filha.

Yvette tinha traçado o seu programa. Esperava uma explosão de contentamento, uma expansão de amor, uma confiança cheia de gestos e de lágrimas.

A marquesa, porém, sem parecer estupefata ou desolada, apenas demonstrou aborrecimento; e, no tom contrafeito e perturbado com que respondeu, a rapariga, em quem subitamente se revelara toda a astúcia, a perspicácia feminina, compreendeu que não devia insistir, que o mistério era de outra natureza, que lhe seria difícil decifrar, e que era preciso fazê-lo sozinha. Com o coração oprimido, a alma aflita, abatida pela apreensão de uma desgraça, sem saber como nem por que sentia tal pressentimento, Yvette subiu a escada e fechou-se novamente no quarto. E por tudo isso ela chorava debruçada na janela.

Chorou durante muito tempo, sem pensar em nada, sem nada procurar descobrir; e pouco a pouco, dominada pelo cansaço, ela cerrou os olhos. Cochilou durante alguns minutos, com aquele sono

das pessoas exaustas, que não têm energia nem para se despir e ir para a cama, com aquele sono pesado e cortado por despertares súbitos, quando a cabeça escorrega das mãos.

Deitou-se somente aos primeiros albores do dia, quando o ar da manhã, resfriando-a, constrangeu-a a sair da janela. Durante os dois dias que se seguiram ela guardou uma atitude reservada e melancólica. Uma transformação rápida se processava nela. Aprendeu a observar, a surpreender, a raciocinar. Um clarão ainda difuso parecia-lhe iluminar de uma nova forma os homens e as coisas que a cercavam. Ficou de prevenção contra tudo, contra todos, contra sua própria mãe. Tudo o que era possível, ela imaginou nesses dois dias. Encarou todas as possibilidades, decidiu-se pelas soluções mais extremas, com a precipitação de sua natureza mutável e desmesurada. Na quarta-feira ela organizou um plano, uma regra de conduta e um sistema de espionagem. Na manhã de quinta-feira levantou-se com a resolução de ser mais vigilante que um policial, e armada em guerra contra tudo e contra todos.

Resolveu-se mesmo a adotar a divisa: "Eu e mais ninguém" e ensaiou, durante mais de uma hora, a maneira como deveria dispô-la em torno de seu monograma para que fizessem um bonito efeito, gravados em seu papel de correspondência. ,

Saval e Servigny chegaram às dez horas.

A rapariga apertou-lhes a mão com reserva, sem se perturbar, e com um tom familiar, apesar de sério:

— Bom dia, Muscade, como vai?

— Mais ou menos, e você? Ele a observava.

"Que peça irá me pregar?", pensou ele.

A marquesa tomou o braço de Saval, Servigny o de Yvette, e foram passear nas alamedas do jardim, onde desapareciam e apareciam a todo o momento atrás dos maciços de verdura.

Yvette caminhava, pensativa, olhando a areia do caminho, parecendo escutar com indiferença o que dizia o seu companheiro.

A certa altura ela perguntou:

— Você é verdadeiramente meu amigo, Muscade?

— Sem dúvida, mamzelle.

- Mas amigo de fato, de verdade?
- Inteiramente, mamzelle, de corpo e alma.
- Ao ponto de não me mentir nem ao menos uma vez?
- Nem ao menos uma vez.

Ao ponto de me dizer toda a verdade, a pura verdade?

Sim, mamzelle.

Está bem, o que é que você pensa do príncipe Kravalow?

Ah! diabo!

Já está se preparando para mentir.

Não, mas procuro as palavras, os termos justos.

O príncipe Kravalow é um russo... um russo verdadeiro, que fala russo, que nasceu na Rússia, que talvez tenha conseguido um passaporte para vir para a França, e que só tem de falso o nome e o título.

— Você quer dizer que ele é?... Servigny hesitou um pouco, mas se decidiu:

- Um aventureiro, Mamzelle.
- Obrigado. E o cavaliere Valreali também, não é?
- Você o diz.
- E M. de Belvigne?

— Esse, esse é outra coisa. É um homem de sociedade.. da província, honrado.. até certo ponto.. somente um pouco chamuscado.. por ter vivido penosamente durante algum tempo...

— E você?

Ele respondeu sem hesitar:

— Eu sou aquilo a que chamam um preguiçoso. Um rapaz de boa família, que tinha inteligência e gastou-a fazendo frases bonitas, que tinha boa saúde e perdeu-a na boêmia, que talvez tenha tido valor e desperdiçou-o sem fazer nada. Restame de tudo e para tudo a fortuna, uma certa prática na vida, uma ausência completa de preconceitos, um grande desprezo pelos homens, incluindo também as mulheres, um conhecimento profundo da inutilidade de meus atos e uma enorme tolerância pela canalhice geral. Tenho, ainda, por momentos, o valor da franqueza, como você acaba de ver, e sou mesmo capaz de afeições, como poderá se certificar. Com esses defeitos e essas qualidades, coloco-me às suas

ordens, Mamzelle, moral e fisicamente, para tudo o que quiser de mim.

Yvette não riu, como era seu costume. Escutou atentamente as palavras e as intenções. Continuou perguntando:

— O que é que você pensa da condessa de Lammy? Servigny respondeu com vivacidade:

— Você me permitirá não emitir opiniões sobre as mulheres. Sobre nenhuma!

— Então é porque você as julga muito mal. Vejamos, procure, não faz nenhuma exceção?

Ele sorria com aquele seu ar insolente que tinha sempre; com aquela audácia brutal de que fazia uma força, uma arma:

— Excetuam-se sempre as pessoas presentes.

Yvette corou ligeiramente, mas perguntou com toda a calma:

— Bem, o que é que você pensa de mim?

— Você quer saber? Penso que você é uma pessoa de muito senso, de muita prática, ou, se você quiser, de grande prática, que sabe perfeitamente ocultar seu jogo, divertir-se com as pessoas, esconder seus desígnios, armar suas armadilhas, e que espera, sem se apressar... o acontecimento.

Ela perguntou:

— É tudo?

— É tudo.

Yvette disselhe com uma gravidade solene:

— Eu o farei mudar de opinião, Muscade.

Em seguida encaminhou-se para sua mãe, que caminhava com passos lentos, de cabeça baixa, com a atitude lânguida de quem passeia conversando baixinho, sobre coisas íntimas e dizendo galanteios. Ao caminhar, a marquesa ia desenhando figuras na areia, letras talvez, com a ponta da sombrinha, e falava sem olhar para Saval, falava longamente, lentamente, apoiada a seu braço, estreitada contra ele. Yvette olhou-a e, de repente, teve um pressentimento, mais uma sensação que uma dúvida, que lhe passou no espírito como passa sobre a terra a sombra de uma nuvem tocada pelo vento.

O sino anunciou o almoço.

A refeição decorreu silenciosa, quase melancólica.

Havia, como se costuma dizer, uma tormenta no ar. Nuvens imensas, imóveis, acumulavam-se no horizonte, silenciosas e pesadas, prenunciando tempestade.

Quando tomavam café no terraço, a marquesa perguntou:

— Como é, filhinha! vais dar um passeio com teu amigo Servigny? Está um tempo ótimo para se tomar a fresca sob as árvores.

Yvette lançou-lhe um olhar rápido, logo desviado.

— Não, mamãe, hoje não vou sair.

A marquesa pareceu contrariada, e insistiu:

— Vai dar uma volta, minha filha, isso te fará bem.

Yvette respondeu bruscamente:

— Não, mamãe, hoje eu fico em casa, e você sabe bem por que, pois eu te disse uma noite dessas.

Mme, Obardi não pensava mais nisso, preocupada com o desejo de ficar só com Saval. Enrubesceu, perturbou-se e, inquieta por si própria, não sabendo como poderia livrar-se uma ou duas horas, balbuciou:

— É verdade, não me lembrava mais, você tem razão. Não sei onde estava com a cabeça.

Yvette agarrou um trabalho de agulha que chamava de "salvação pública", com o qual matava o tempo umas cinco ou seis vezes por ano, nos dias de calma e podre, e sentou-se em uma cadeira baixa, ao pé de sua mãe, enquanto que os dois rapazes cavalgaram as cadeiras e acenderam os cigarros.

As horas passaram-se com uma palestra vaga e desinteressante. A marquesa, enervada, olhava languidamente para Saval, procurando um meio de afastar a filha. Por fim compreendeu que era impossível e, não sabendo que artifício usar, disse a Servigny:

— Saiba, meu caro duque, que serão meus hóspedes esta noite. Amanhã iremos almoçar no restaurante Fournaise, em Chatou.

Ele compreendeu, sorriu e inclinou-se:

— Às suas ordens, marquesa.

E a tarde escoou-se lentamente, penosamente, sob o prenúncio da tempestade.

A hora do jantar aproximou-se pouco a pouco. Nuvens lentas e pesadas acumulavam-se no céu. Nenhuma aragem balançava as folhas.

A refeição da noite também transcorreu silenciosa. Um constrangimento, uma inquietação, uma espécie de opressão vaga parecia emudecer os dois homens e as duas mulheres.

Depois do jantar continuaram no terraço, não falando senão com longos intervalos. A noite caía, sufocante. De repente uma flecha de fogo atravessou o horizonte, e iluminou com uma luz resplandescente e pálida as fisionomias já mergulhadas em sombra. Um ruído distante, um ruído surdo e fraco, semelhante ao do rodar de um carro sobre uma ponte, percorreu a terra. O calor aumentara, e tinha-se a impressão de que o ar se tornara ainda mais rarefeito, o silêncio da noite mais profundo. Yvette levantou-se:

— Eu vou me deitar — disse ela. — A tormenta me faz mal.

Apertou a mão dos dois rapazes, a marquesa beijou-lhe a testa, e ela se retirou.

O quarto de Yvette ficava situado precisamente em cima do terraço, e pouco depois que ela subia as folhas do castanheiro plantado diante da porta iluminaram-se de uma luz verde. Servigny fixou o olhar nessa luz pálida que clareava a folhagem, onde supunha, por vezes, ver passar uma sombra. De repente a luz apagou-se. Mme. Obardi soltou um suspiro:

— Minha filha já se deitou. Servigny levantou-se:

— Eu vou fazer o mesmo, marquesa, se me dá licença. — Beijou a mão que ela lhe estendeu e retirou-se.

A marquesa e Saval ficaram sós, no silêncio da noite.

Imediatamente ela atirou-se nos seus braços, o enlaçou, o estreitou. Depois, apesar de ele ter tentado impedi-la, ela ajoelhou-se a seus pés murmurando: "Quero te contemplar à luz dos relâmpagos".

Yvette, depois que apagou a luz, voltou ao balcão descalça, deslizando como uma sombra, e escutava, atormentada por uma desconfiança dolorosa e confusa.

Ela não podia vê-los, pois se encontrava por cima deles, sobre o teto do terraço.

Ouvia apenas um sussurro de vozes. Seu coração batia tão forte que ela lhe ouvia os ruídos. Uma janela fechou-se no andar superior. Servigny já tinha subido. Sua mãe estava sozinha com o outro.

Um segundo relâmpago cortou o céu e, por alguns segundos, fez surgir toda aquela paisagem que ela tão bem conhecia, iluminada por uma claridade violenta e sinistra. O rio, com sua cor de chumbo fundido, dava a impressão de um rio de um país fantástico. No mesmo momento ouviu que uma voz, embaixo, exclamava: "Eu te amo!"

Não entendeu mais nada. Um estranho arrepio percorreu-lhe o corpo, e seu espírito vagava numa confusão horrorosa.

Um silêncio pesado, infinito, semelhante ao silêncio eterno, pairava sobre tudo. Não podia respirar, tinha o peito oprimido por qualquer coisa desconhecida e horrível. Outro relâmpago sulcou o espaço, iluminou por instantes o horizonte, depois um outro quase imediatamente se seguiu, depois muitos outros mais.

A mesma voz que já tinha ouvido, elevando-se mais forte, repetia: "Oh! como te amo! como te amo!" Yvette reconheceu perfeitamente a voz, a voz de sua mãe.

Um pesado pingo d'água tépida caiu-lhe sobre a testa, e uma leve agitação quase imperceptível correu pelo arvoredo. A chuva começou a cair.

Ouviu-se um rumor de tropel distante, um rumor confuso, semelhante ao do vento nas folhagens; era a chuva que caía em cascatas sobre a terra, sobre o rio, sobre as árvores. Em poucos instantes a água chegou até ela, salpicou-a, encharcou-a, como um banho. Yvette não se abalou, meditava atentamente sobre o que faziam embaixo, no terraço.

Ouviu-os levantarem-se e subirem as escadas. Ouvia o ruído de portas que se fechavam. Levada por um irresistível desejo de saber, desejo que a dominava e torturava, a rapariga desceu a escada, abriu com todo o cuidado a porta da rua, atravessou o jardim sob a chuva torrencial, e foi-se esconder atrás de uns arbustos para observar as janelas.

Somente uma estava iluminada, a do quarto de sua mãe. De repente duas sombras, uma ao lado da outra, apareceram no retângulo luminoso. Depois, aproximando-se, formaram uma só. Um relâmpago projetou sobre a fachada um rápido clarão, e ela pôde ver que se beijavam, os braços cercados em redor do pescoço.

Então, desesperada, sem refletir, sem saber o que fazia, gritou com toda a força, com uma voz agudíssima: "Mamãe!", como para prevenir uma pessoa de um perigo mortal.

O grito desesperado se perdeu no estalido da chuva, mas o par enlaçado se separou, inquieto. Uma das sombras desapareceu, ao passo que a outra procurou distinguir qualquer coisa através das trevas do jardim.

Temendo ser surpreendida, temendo encontrar sua mãe, Yvette correu para a casa, subiu precipitadamente a escada, deixando atrás de si um rastro d'agua, que corria de degrau em degrau, e fechou-se no quarto resolvida a não abrir a porta a ninguém.

E sem tirar o vestido encharcado e colado no corpo, caiu de joelhos, de mãos postas, implorando na sua angústia qualquer proteção sobre-humana, o socorro misterioso do Céu, o auxílio desconhecido que se invoca nas horas de aflição e desespero.

Os relâmpagos a todo instante lançavam reflexos lívidos no interior do quarto, e ela se enxergava, instantaneamente, no espelho do guarda-roupa, com o penteado desfeito e o cabelo molhado de tal forma diferente que não se reconhecia.

Ficou assim muito tempo, tanto tempo que a tormenta passou sem que ela se apercebesse. A chuva cessou de cair, um clarão invadiu o céu ainda enuviado, e um ar fresco, embalsamado, delicioso, um frescor de ervas e de folhas molhadas, entrava pela janela aberta.

Yvette levantou-se, despiu maquinalmente as roupas úmidas e frias e meteu-se no leito. Ficou de olhos abertos, a contemplar o dia que raiava. Chorou novamente, e começou a refletir.

Sua mãe tinha um amante! que vergonha! Mas em muitos livros que lera havia mulheres, mesmo mães, que se entregavam assim, e que, no final, voltavam à honestidade, por isso quase não se surpreendeu por se encontrar envolvida em um drama semelhante

a todos os dramas de suas leituras. A violência do primeiro desgosto, o espanto cruel da surpresa, atenuou-se à lembrança confusa de situações análogas. Seu pensamento havia vibrado em aventuras tão trágicas, poeticamente amenizadas pelos romancistas, que a horrível descoberta foi pouco a pouco lhe parecendo a continuação natural de algum folhetim começado na véspera.

Ela prometeu a si mesma:

— Hei de salvar mamãe.

E, quase tranqüilizada por essa resolução de heroína, sentiu-se forte, engrandecida, pronta para enfrentar a luta. Refletiu sobre os meios que deveria empregar. Somente um pareceu-lhe bom, um que estava de acordo com sua natureza romanesca. E, como um ator ensaia a cena que vai apresentar, ela ensaiou o diálogo que iria ter com a marquesa.

O sol tinha nascido. Os criados circulavam nos corredores.

A criada de quarto trouxe-lhe o chocolate. Yvette mandou que deixasse a bandeja na mesa e ordenou:

— Você diga à mamãe que estou adoentada e que vou ficar na cama até a partida desses senhores, que eu não dormi toda a noite, e peço que não me incomodem, porque vou procurar repousar um pouco.

A criada, surpresa, olhava a roupa encharcada e caída como um trapo sobre o tapete.

— A senhorita saiu?— perguntou.

— Sim, andei passeando na chuva para me refrescar.

A servente segurou as saias, as meias, os sapatos finíssimos; depois retirou-se levando no braço, com cuidado, aborrecida, as roupas encharcadas.

Yvette esperou, sabendo que a mãe viria vê-la.

A marquesa saltou da cama assim que a criada lhe transmitiu o recado, pois uma dúvida pairava em seu espírito desde que ouvira o grito: "Mamãe".

Entrou no quarto de Yvette e perguntou:

— O que é que você tem?

Esquecendo todos os projetos e todas as frases preparadas, a rapariga tapou o rosto com as mãos e balbuciou:

— Oh! mamãe! oh! mamãe!

Mme. Obardi estava de pé, diante do leito, demasiadamente emocionada para compreender, mas adivinhando quase tudo, com aquele instinto sutil de onde provinha sua força.

Yvette não podia falar, sufocada pelos soluços. Nervosa e sentindo aproximar-se uma explicação desagradável, a marquesa perguntou:

— Vamos, diga-me o que você tem?

— Oh! esta noite... eu vi.. sua janela. A marquesa, pálida, indagou:

— Viu o quê?

A rapariga repetiu, soluçando:

— Oh! mamãe! oh! mamãe!

Mme. Obardi, cuja perturbação e embaraço se haviam transformado em cólera, sacudiu os ombros e dirigindo-se para a porta:

— Acho que você enlouqueceu. Quando isso passar, você me avisará.

Yvette descobriu a face molhada de lágrimas:

— Não!... escute... é preciso que eu fale... escute... Vai me prometer... nós vamos partir para bem longe, para a campanha, e viveremos como camponesas. Ninguém ficará sabendo para onde fomos. Quer mamãe? Eu te peço, suplico, quer?

A marquesa, paralisada, estava no meio do quarto. Corria-lhe nas veias sangue plebeu, sangue irascível. Mas dominada por uma vergonha, um pudor de mãe misturado com um vago sentimento de medo e um desespero de mulher apaixonada que vê seu amor ameaçado, ela estremeceu, na iminência de pedir perdão ou de cometer uma violência:

— Eu não te compreendo— disse. Yvette repetiu:

— Eu a vi... mamãe... esta noite... com ele... se você soubesse... Vamos embora... eu farei com que esqueça...

Mme. Obardi falou com voz trêmula:

— Escute, minha filha, há coisas que você ainda não entende. E... não esqueça, não esqueça... que eu te proíbo... de me falar... de... de... nessas coisas.

A rapariga, desempenhando o papel de salvador que se tinha imposto, respondeu:

— Não, mamãe, eu não sou mais uma criança e tenho o direito de saber. Eu sei que nós recebemos gente de má fama, aventureiros, sei também que por isso não somos respeitadas. Sei ainda outras coisas. Tudo isso está acabado, compreende? Eu não quero. Vamos embora; você venderá suas jóias; trabalharemos se for preciso, e viveremos como mulheres honestas, em qualquer lugar, bem longe daqui. E se eu conseguir me casar, tanto melhor.

Sua mãe fitava-a, irritada. Respondeu:

— Você está louca. Levante e venha almoçar conosco.

— Não, mamãe. Há aqui alguém que eu não quero tornar a ver, você me compreende. Se ele não sair, sairei eu. Você escolherá entre nós dois.

Yvette tinha se sentado na cama e levantara a voz; falava como se fala em cena, desempenhando o drama que tinha imaginado, quase esquecido seu desgosto para se lembrar somente do seu papel.

A marquesa, estupefata, sem encontrar o que dizer, repetiu:

— Você está louca...

Yvette exigiu com uma energia teatral:

— Não, mamãe, este homem sairá daqui ou então sairei eu. Não volto atrás.

— E para onde irá?... Que fará?

— Não sei, isso pouco importa... Quero que sejamos mulheres honestas.

A insistência no título "mulheres honestas" enfureceu a marquesa, que gritou:

— Cale-se! Não consinto que me fale assim. Tenho o mesmo valor que qualquer outra, entende? Sou uma cortesã, é verdade, e me orgulho disso; as mulheres honestas valem menos do que eu.

Yvette, aterrada, olhava-a, balbuciando: A marquesa exaltava-se, excitava-se:

— Oh! mamãe!

— É verdade! sim, eu sou uma cortesã. E daí? Se eu não fosse uma cortesã você seria hoje uma cozinheira, como eu fui antigamente. Ganharia trinta sous por dia, lavaria a louça, iria ao açougue, ouviu, e te poriam na rua se saísse a passear, ao passo que você passeia todo o dia porque eu sou uma cortesã. Aí tem. Quando se é apenas uma criada, uma infeliz com cinqüenta francos de economia, é preciso saber sair do atoleiro, se não se quer morrer como uma miserável. E não há duas saídas, compreende, não há dois caminhos, quando se é uma servente. Nós não podemos fazer fortuna com dignidade ou com negociações na bolsa, temos unicamente o nosso corpo, somente o nosso corpo.

E batia no peito, como um penitente que se confessa, e, vermelha, exaltada, avançou para o leito:

— Não há que escolher, quando se é órfã, ou se vive disso, ou vive-se na miséria toda a vida... toda a vida...

E continuou categórica:

— As mulheres honestas não têm necessidade disso. Elas que são as verdadeiras prostitutas, compreende? Elas têm dinheiro, têm com que viver e com que se divertir, e recebem os homens por vício. Elas é que são as verdadeiras prostitutas.

Ela continuava em pé perto da cama de Yvette, que estava espavorida, que tinha vontade de gritar, de pedir "socorro", de fugir e que chorava como uma criança.

A marquesa calou-se, olhou a filha e, vendo-a assim desesperada, sentiu-se tomada de remorsos, de piedade e, abrindo os braços, atirou-se na cama, e começou também a chorar, balbuciando:

— Minha filhinha, minha pobre filhinha, se você soubesse como me faz sofrer.

Choraram, assim abraçadas, durante muito tempo. A marquesa, porém, não se entregava aos desgostos; levantou-se e disse baixinho:

— Vamos, filhinha, isso é assim mesmo, que quer? Não se pode mudar as coisas. Devemos encarar a vida como ela é.

Yvette continuava chorando. O golpe tinha sido muito rude e muito inesperado para que ela pudesse refletir e restabelecer-se.

Sua mãe insistiu:

— Vamos, levante-se e venha almoçar, assim ninguém se aperceberá de nada.

A rapariga fez que "não" com a cabeça, sem poder falar; por fim, disse com voz lenta, cheia de soluços:

— Não, mamãe, você sabe o que eu te disse, eu não mudarei de opinião. Não sairei do quarto enquanto eles estiverem aqui. Não quero ver mais ninguém dessa gente, nunca mais, nunca mais. Se eles voltarem aqui, eu... eu... você não me verá mais.

A marquesa enxugou os olhos e, cansada de emoção, murmurou:

— Vejamos, reflita, seja razoável.

E depois de um minuto de silêncio:

— É melhor mesmo que você descanse esta manhã. Eu virei te ver depois do almoço.

Beijou a testa da filha e saiu para se vestir, já calma 'e refeita.

Yvette, logo que a mãe desapareceu, levantou-se e correu a trancar a porta, pois queria ficar só, completamente só, e pôs-se a refletir.

Lá pelas onze horas a criada bateu na porta:

— A senhora marquesa pergunta se a senhorita não precisa de nada, e se quer almoçar.

Yvette respondeu:

— Não tenho fome. Peço unicamente que não me incomodem.

E continuou na cama, como se estivesse muito doente. Às três horas bateram novamente. Ela perguntou:

— Quem é?

A voz da mãe respondeu:

— Sou eu, filhinha, vim ver como você está. Yvette hesitou um instante. Abriu, depois deitou-se.

A marquesa aproximou-se falando à meia voz, como perto de uma convalescente:

— Então, como está? Não quer comer um ovo?

— Não, obrigada, não quero nada.

Mme. Obardi sentou-se perto da cama. Estiveram muito tempo caladas, e como a rapariga permanecesse imóvel, com as mãos

inertes sobre o lençol, a marquesa perguntou:

— Não vai levantar? Yvette respondeu:

— Sim, já vou.

E acrescentou num tom grave e lento:

— Refleti muito, mamãe, e... e... e tomei uma resolução. O que passou passou, não falaremos mais nisto. Mas o futuro será diferente... ou então... ou então eu saberei o que fazer. Presentemente, espero que tudo esteja terminado.

A marquesa, que julgava finda a explicação, sentiu uma certa impaciência. Isso já era demais. A idiota dessa menina já devia saber tudo há muito tempo. Mas achou melhor não responder, e perguntou:

— Não ia levantar?

— Sim, num momento.

Sua mãe serviu-lhe de criada de quarto, alcançou-lhe as meias, as saias, o corpete; depois abraçou-a:

— Quer dar uma volta antes do jantar?

— Quero, mamãe.

E saíram a passear ao longo da margem, conversando unicamente sobre coisas triviais.

IV

Na manhã seguinte, muito cedo, Yvette foi sentar-se a sós no local onde Servigny lhe havia lido a história das formigas. Disse consigo mesma:

— Não sairei daqui enquanto não tiver tomado uma resolução.

Diante dela, a seus pés, passava o rio, a correnteza rápida do cotovelo, cheia de redemoinhos, de grandes cachoeiras que passavam em silenciosa fuga, com agitações profundas.

Yvette já tinha encarado todas as faces da situação e todas as soluções que se apresentavam.

Que fazer se sua mãe não acatasse escrupulosamente a condição que ela havia imposto, não renunciasse à sua maneira de vida, ao seu mundo, a tudo, para viverem juntas em uma região distante?

Poderia partir sozinha... fugir. Mas para onde? De que maneira? Como iria viver?

Trabalhando? Em quê? A quem se dirigir para encontrar trabalho? A vida humilde e sem relevo das pessoas que trabalham, das mulheres do povo, parecia-lhe um pouco vergonhosa, indigna dela. Pensou em se tornar preceptora, como as jovens personagens dos romances, e fazer-se amar e desposar pelo filho da casa. Mas para isso seria preciso que ela fosse de uma família nobre para que, quando o pai exasperado a acusasse de ter roubado o amor de seu filho, pudesse dizer com voz altiva:

— Eu me chamo Yvette Obardi!

E isso ela não poderia fazer. E, de resto, seria ainda uma solução corriqueira, muito usada.

O convento também não seria solução. Não sentia nenhuma vocação para a vida religiosa, tinha apenas uma piedade intermitente e fugaz. Sendo o que era, não poderia se salvar pelo casamento, pois ninguém se casaria com ela. Não poderia aceitar

auxílio de nenhum homem. Não havia nenhuma saída, nenhuma solução definitiva!

Além disso, ela queria uma saída que fosse qualquer coisa de enérgico, de realmente grande, de realmente forte, que servisse de exemplo; e optou pela morte.

Decidiu-se de repente, tranqüilamente, como se se tratasse de uma viagem, sem refletir, sem encarar a morte, sem compreender que seria o fim sem recomeço, a partida sem regresso, o adeus eterno ao mundo, à vida.

Resolveu-se imediatamente por essa solução extrema, com a leviandade dos espíritos exaltados e jovens.

Pensou nos meios que empregaria. Mas todos lhe pareceram de execução difícil e perigosa, e requeriam uma ação violenta que lhe repugnava.

Renunciou de início ao punhal e ao revólver, que podiam unicamente ferir, mutilar ou desfigurar, e que exigiam mão exercitada e segura—à corda, por ser comum, suicídio de pobre, ridículo e feio,—à água, porque sabia nadar. Restava unicamente o veneno, mas qual? Quase todos fazem sofrer e provocam vômitos. Ela não queria nem sofrer nem vomitar. Resolveu-se então pelo clorofórmio, pois tinha lido no jornal como fizera uma rapariga para se asfixiar por esse processo.

Imediatamente sentiu uma espécie de alegria por sua resolução, um orgulho íntimo, uma sensação de altivez. Veriam quem ela era, o que valia.

Voltou para Bougival, e pediu a um farmacêutico um pouco de clorofórmio para aplicar num dente que a estava incomodando. O homem, que a conhecia, deu-lhe um minúsculo frasco de narcótico.

Seguiu depois a pé para Croissy, onde conseguiu uma segunda dose de veneno. Em Chatou obteve uma terceira, uma quarta em Rueil, e voltou tarde para o almoço. A caminhada abriu-lhe o apetite, e ela comeu com a satisfação das pessoas que fizeram muito exercício.

Sua mãe, satisfeita por vê-la assim bem disposta, sentiu-se tranqüila e disselhe quando se levantavam da mesa:

— Os nossos amigos vêm passar o domingo conosco. Convidei o príncipe, o cavalheiro e M. de Belvigne.

Yvette empalideceu um pouco, mas não disse nada.

Saiu imediatamente, dirigiu-se à estação e comprou uma passagem para Paris.

Durante toda a tarde, andou de farmácia em farmácia, comprando em cada uma algumas gotas de clorofórmio.

Voltou, ao escurecer, com os bolsos cheios de minúsculos frascos.

No dia seguinte recomeçou a tarefa e, tendo entrado por acaso em um droguista, obteve, de uma só vez, um quarto de litro.

No sábado não saiu; era um dia quente e abafado; passou-o todo no terraço, estendida em uma chaise-longe de vime.

Quase não pensava em nada, muito resoluta e muito tranqüila.

No domingo, querendo fazer-se bonita, vestiu um traje azul que lhe ia muito bem.

Olhando-se no espelho, disse de si para si: "Amanhã estarei morta". E um estranho arrepio lhe passou pelo corpo. "Morta! Não mais falarei, não mais pensarei, ninguém me verá mais. E não verei nada disso!"

Contemplava atentamente seu rosto, como se jamais o tivesse visto, examinava sobretudo os olhos, descobrindo mil coisas, um caráter secreto de sua fisionomia, espantada de ver-se como se tivesse diante de si uma pessoa estranha, uma nova amiga.

Yvete dizia consigo:

"Sou eu, sou eu que estou refletida neste espelho. Como é estranho olhar-se a si mesma. Se não fossem os espelhos nós nunca nos conheceríamos. Todos saberiam como nós somos, ao passo que nós não o saberíamos".

Tomou os longos cabelos trançados e lançou-os sobre o peito, seguindo com os olhos todos seus gestos, todas suas atitudes, todos seus movimentos.

"Como eu sou bonita!—pensou.—Amanhã estarei morta, estendida no meu leito".

Olhou a cama, e pareceu-lhe ver-se estendida, branca como os lençóis.

"Morta! Em oito dias estas faces, estes olhos não serão mais que uma podridão negra, encerrada em um caixão, no fundo da terra".

Uma horrível angústia lhe oprimiu o coração.

A luz clara do sol inundava os campos e o ar fresco da manhã entrava pela janela.

Sentou-se a pensar: "Morrer!" Era como se o mundo fosse acabar para ela; mas não, pois nada iria mudar no mundo nem mesmo seu quarto. Sim, seu quarto continuaria como estava, com o mesmo leito, as mesmas cadeiras, os mesmos armários, mas ela partiria para sempre, e ninguém sentiria tristeza por isso, salvo sua mãe, talvez.

Dirão: "Como era bonita essa menina Yvette". E só. E, como olhasse para a sua mão apoiada sobre o braço da poltrona, pensou novamente naquela podridão, naquela massa negra e fétida em que se tornaria sua carne. Novamente um estremecimento de horror lhe percorreu o corpo, e ela não compreendia bem como poderia desaparecer sem que a terra toda se aniquilasse, tanto se sentia parte integrante de tudo, dos campos, do ar, do sol, da vida.

Risos explodiram no jardim, um ruído de vozes, de chamamentos, essa barulhenta alegria com que se iniciam os passeios campestres. Ela reconheceu a voz sonora de M. de Belvigne, que cantava:

Chega à janela, ó minha bela!

Yvette levantou-se sem refletir, e apareceu à janela. Todos aplaudiram. Estavam lá os cinco e mais dois outros senhores, que ela não conhecia.

Retirou-se bruscamente, atormentada pela idéia de que esses homens vinham divertir-se em companhia de sua mãe, de uma cortesã.

O sino anunciou o almoço.

"Eu lhes vou mostrar como se morre", pensou.

E desceu com passo firme, com qualquer coisa da resolução dos mártires cristãos ao entrar na arena onde os esperavam os leões.

Cumprimentou sorrindo de maneira afável, mas um pouco arrogante. Servigny perguntou-lhe:

— Está menos aborrecida hoje, Mamzelle? Ela respondeu num tom sério e estranho:

— Hoje vou fazer loucuras. Estou com a mesma disposição que em Paris. Tomem cuidado.

E voltando-se para M. de Belvigne:

— O senhor será o meu coronel, meu querido Malvoisie. Depois do almoço vou levá-los à festa de Marly.

Havia festa, de fato, em Marly. Apresentaram-lhe os desconhecidos, o conde de famine e o marquês de Briquetot.

Durante a refeição Yvette conservou-se calada, guardando-se para estar alegre depois do almoço, para que não percebessem nada, para que se espantassem, para que dissessem:— Quem o teria pensado? Parecia tão alegre, tão contente! Que se passará nessas cabeças?

Esforçava-se por não pensar no escurecer, a hora que havia escolhido, quando todos estivessem no terraço.

Bebeu bastante vinho, e também duas taças de champanhe. Quando se levantou da mesa estava corada, um pouco aturdida, parecia-lhe sentir um calor no corpo e no espírito, e sentia-se confiante, disposta a tudo.

— A caminho!—exclamou.

Tomou o braço de M. de Belvigne e determinou a marcha dos outros:

— Vamos, os senhores vão formar o meu batalhão! 'Servigny, você será sargento, ficará do lado de fora, à direita. Na frente marchará a legião estrangeira, os dois forasteiros, o príncipe e o cavalheiro, e atrás, os dois recrutas, que sentaram praça hoje. Vamos!

Partiram. Servigny imitou o som da corneta, ao passo que os dois novos convidados fingiam de tamboreiros. M. de Belvigne, um pouco confuso, dizia baixinho:

— Mademoiselle Yvette, vamos, seja razoável, assim vai comprometer-se.

Ela respondeu:

— É aos senhores que eu comprometo, Raisiné, Quanto a mim, não estou ligando. Tanto pior para os senhores, não se deve sair

com moças como eu.

Atravessaram Bougival sob os olhos estupefatos dos passeantes. Todos se voltavam, os moradores vinham para as portas; os passageiros da pequena estrada de ferro de Rueil a Marly os vaiaram; os homens, de pé nas plataformas, gritavam:

— À água!... À água!...

Yvette marchava com passo militar, arrastando pelo braço M. de Belvigne, como se este fosse um prisioneiro. Ela não ria, e tinha na fisionomia uma gravidade sombria, uma espécie de imobilidade sinistra.

Servigny interrompia o toque de corneta para gritar as ordens de comando. O príncipe e o cavaleiro divertiam-se a mais não poder, achando tudo muito engraçado e de muito bom gosto. Os dois jovens rufavam tambor ininterruptamente.

Quando chegaram ao local da festa, provocaram sensação. Raparigas aplaudiram; rapazes riam; um senhor gordo, que dava o braço à esposa, declarou com certa inveja na voz:

— Esses não se aborrecem.

Yvette avistou o carrossel e obrigou Belvigne a montar à sua direita, enquanto que seu destacamento, à retaguarda, cavalgava os outros animais de pau. Quando a corrida terminou, ela recusou-se a descer, obrigando sua escolta a ficar cinco vezes seguidas sobre o dorso daquelas montarias infantis, com grande alegria do público, que gritava, gracejando. M. de Belvigne desceu lívido, com o coração em lastimável estado.

Então ela começou a passear entre as barracas. Forçou os companheiros a pesarem-se no meio de um círculo de espectadores. Fez com que comprassem bonecos ridículos, que tinham de carregar nos braços. O príncipe e o cavaleiro começaram a achar a brincadeira meio forte. Somente Servigny e os dois tamboreiros não perdiam a coragem.

Chegaram, finalmente, aos limites locais. Ela contemplou seus companheiros de uma maneira esquisita, com um olhar dissimulado e mau; e uma estranha fantasia lhe passou pela cabeça. Enfileirou-os na beira do barranco que margina o rio e exclamou:

— Aquele que mais me ama atire-se n'água.

Ninguém saltou. Formou-se um grupo atrás deles. Mulheres de avental branco olhavam pasmadas. Dois soldados de calças encarnadas riam com ar idiota.

Yvette repetiu:

— Então nenhum de vocês será capaz de atirar-se n'agua para satisfazer um desejo meu?

Servigny murmurou:

— Meu Deus! paciência.—E lançou-se, de pé, no rio. A queda respingou água até nos pés de Yvette. Um murmúrio de espanto e de hilaridade se elevou da multidão.

A rapariga pegou um pedaço de pau e atirou-o ao rio, gritando:

— Traga!

O rapaz nadou e segurou-o com a boca, como um cão. Voltou, subiu o barranco e pôs um joelho em terra para entregá-lo.

Yvette o recebeu.

— Como você é bonzinho! — exclamou ela.

E, com um tapinha amigável, acariciou-lhe os cabelos. Uma senhora gorda exclamou indignada:

— Como é possível! Um outro disse:

— Lá isso é maneira de divertir-se? Um homem declarou:

— Não seria eu que iria molhar-me por causa de uma donzela!

Tomando o braço de Belvigne, ela atirou-lhe em rosto:

— O senhor é um tolo, meu amigo; o senhor não sabe o que perdeu.

Voltaram. Ela lançava aos transeuntes olhares irritados.

— Como toda essa gente tem cara de idiota! — disse ela.

E levantando os olhos para o rosto do seu companheiro:

— O senhor também.

M. de Belvigne fez uma censura. Quando voltaram, ela viu que o príncipe e o cavaleiro tinham desaparecido. Servigny, triste, molhado, não mais tocava corneta e caminhava abatido ao lado dos dois rapazes, cansados, e que não mais tocavam tambor.

Yvette pôs-se a rir secamente:

— Parecem fartos, hein? No entanto é a isso que vocês chamam divertir-se, não é? Vieram para isso; pois eu lhes enchi as medidas.

Continuou a caminhar sem dizer mais nada e, de repente, Belvigne percebeu que ela chorava. Espantado, perguntou:

— Que tem?

— Deixe-me, não tem nada que ver com isso. Mas ele insistia, totalmente.

— Oh! senhorita, vamos, que é que tem? Fizeram-lhe alguma coisa?

Ela repetiu com impaciência:

— Deixe-me! Cale-se!

E bruscamente, não resistindo mais à tristeza desesperada que lhe afogava o coração, começou a chorar tão violentamente que nem podia mais caminhar.

Cobriu o rosto com as mãos e arquejava com um estertor na garganta, estrangulada, afogada pela violência do seu desespero.

Belvigne continuava de pé, ao seu lado, surpreso, repetindo:

— Eu não compreendo, senhorita. Servigny aproximou-se:

— Voltemos, Mamzelle. Que irão pensar os que a virem chorando, assim, na rua? Por que faz essas loucuras, uma vez que a entristecem?

E, tomando-a pelo cotovelo, conduziu-a em direção à casa. Quando chegaram em frente ao portão, Yvette começou a correr, atravessou o jardim, subiu as escadas e encerrou-se no quarto.

Só tornou a aparecer na hora do jantar. Estava muito pálida, muito grave. Os outros, entretanto, se achavam todos muito alegres. Servigny tinha comprado em uma loja uma roupa de trabalhador, uma calça de veludo, uma camisa de tecido floreado, uma blusa, e falava à maneira da gente do povo.

Yvette estava aflita para que terminasse o jantar, pois sentia falecer-lhe a coragem. Assim que se levantaram da mesa, ela voltou para o quarto.

Pela janela aberta, ouvia as vozes e as risadas dos que estavam embaixo, no terraço. O cavalheiro dizia gracejos picantes, fazia trocadilhos, grosseiros e inoportunos.

Yvette escutava tudo, desesperada. Servigny, um pouco embriagado, imitava um operário bêbedor, e chamava a marquesa de patroa. De repente ele gritou para Saval:

— Eh! patrão! Foi um riso geral.

Yvette, então, se decidiu. Tomou uma folha de seu papel de cartas e escreveu:

Bougival, domingo, nove horas da noite. Eu morro para não me tornar uma moça que tem um protetor.

Yvette.

E acrescentou um post-scriptum:

Adeus, querida mãezinha. Perdoe-me.

Fechou o envelope e endereçou-o à Sra. marquesa de Obardi.

Em seguida arrastou a poltrona para junto da janela, colocou uma mesinha ao alcance da mão, e sobre ela depositou a garrafa de clorofórmio e um punhado de algodão.

Uma enorme roseira, que subia do terraço até a sua janela, exalava um perfume doce e suave. Yvette ficou algum tempo a aspirá-lo. A lua cheia vagava no céu negro, velada às vezes por tênues nuvens.

Yvette pensava: "Eu vou morrer! eu vou morrer!" Sentia-se sufocada pelo coração estuante de soluços, a rebentar de dor. Tinha ímpetos de pedir perdão a alguém, desejos de que a salvassem, de que a amassem.

A voz de Servigny elevou-se. Ele contava uma história escabrosa, que a todo momento era entrecortada de risadas. A marquesa ria mais alto do que todos. E repetia sem cessar:

— Não há como ele para contar essas coisas. Ah! Ah! Ah!

Yvette destapou a garrafa e derramou um pouco de líquido no algodão. Um odor forte, adocicado, estranho, se despreendeu. Aproximando dos lábios o pedaço de algodão, ela inalou bruscamente aquele sabor forte e irritante que a fez tossir.

Fechou então a boca e começou a aspirá-lo. Com os olhos cerrados, sorvia em aspirações profundas o vapor mortal, e se esforçava por afastar de si qualquer pensamento. Não queria mais refletir, não queria saber de nada mais.

Pareceu-lhe a princípio que seu peito se alargava, se distendia, e que sua alma, até agora pesada, carregada de desgosto, se tornava leve, leve como se o peso que a oprimia tivesse sido erguido e afastado.

Uma sensação agradável lhe penetrava até a extremidade dos membros, até a ponta dos pés e das mãos, infiltrando-se na carne, uma espécie de vaga embriaguez, de suave febre.

Percebeu que o algodão estava seco, e admirou-se de ainda não estar morta. Seus sentidos lhe pareciam mais aguçados, mais sutis, mais alerta.

Ouvia as menores palavras pronunciadas, no terraço. O príncipe Kravalow contava como matara em duelo um general austríaco.

De longe, do silêncio da noite, ela ouvia os ruídos vindos do campo, os latidos interrompidos dos cães, o coaxar dos sapos, o farfalhar imperceptível das folhas.

Encharcou novamente o algodão e se pôs outra vez a respirar. Durante alguns instantes não sentiu nada; depois foi novamente possuída por aquele maravilhoso bem-estar que já tinha sentido.

Por duas vezes deitou clorofórmio no algodão, ávida daquela sensação física e moral, daquele torpor de sonho em que sua alma se perdia.

Parecia-lhe que não possuía mais ossos, nem carne, nem pernas, nem braços. Haviam-lhe arrancado tudo, docemente, suavemente, sem que ela se apercebesse. O clorofórmio tinha esvaziado o seu corpo, não lhe deixando senão o pensamento, mais lúcido, mais vivo, mais largo, mais livre do que jamais o tinha sentido.

Recordou-se de uma infinidade de coisas esquecidas, de pequenos detalhes de sua infância, de coisas insignificantes que lhe davam prazer. Seu espírito, dotado subitamente de uma agilidade desconhecida, saltava para as idéias mais diversas, realizava mil aventuras, vagabundeava pelo passado, e perdia-se nos acontecimentos desejados para o futuro. O pensamento, ativo e despreocupado, tinha um encanto sensual, e dava-lhe, naquele sonho, um prazer divino.

Ouvia ainda as vozes, mas não distinguia mais as palavras, que tomavam para ela um outro sentido. Estava completamente mergulhada em uma espécie de magia estranha e variada.

Sentia-se em um barco que navegava em um rio de margens cobertas de flores. Em terra havia muitas pessoas conversando em

voz alta, e, subitamente, sem saber como, achou-se entre elas; e Servigny, vestido de príncipe, veio buscá-la para a levar a uma tourada.

As ruas estavam repletas de pessoas que conversavam, e ela escutava as conversas sem se surpreender, como se conhecesse toda gente, pois através da embriaguez do sonho ela ouvia o riso e os diálogos dos amigos de sua mãe, no terraço.

Depois tudo se foi esfumando.

Alguns instantes depois tornou a despertar, num delicioso torpor, e teve de fazer certo esforço para localizar-se. Não estava morta ainda.

Mas sentia-se tão repousada, em um tal bem-estar físico, em tal paz de espírito que não fazia questão de terminar! Desejaria que o estado de estranha sonolência durasse para sempre.

Respirava lentamente e olhava a lua, que brilhava em sua frente, sobre as árvores. Alguma coisa havia mudado em seu espírito. Não pensava mais como momentos antes. O clorofórmio, entorpecendo-lhe o corpo e a alma, havia acabado sua mágoa e anulado seu desejo de morte.

Por que não viver? Por que não ser amada? Por que não ser feliz? Tudo agora lhe parecia possível, fácil e certo. Tudo era doce, tudo era bom, tudo na vida era encantador. Mas como queria continuar sonhando, ela embebeu novamente o algodão na água do sonho, e continuou respirando, afastando de vez em quando o veneno, para não absorver em demasia, para não morrer.

Olhava a luz e imaginava ver uma figura, uma cara de mulher. Percorria novamente os campos, levada pela imaginação inebriante do ópio. A figura de mulher balançava-se no meio do céu; cantava, com uma voz muito conhecida, a "Aleluia do Amor".

Era a marquesa que havia entrado e estava ao piano.

Yvette ainda tinha asas. Voava na noite, numa belíssima noite de luar, por cima dos bosques e dos rios. Voava com volúpia, abrindo as asas, batendo as asas, levada pelo vento, acariciada pelo vento. O vento beijava-lhe a pele e ela deslizava tão ligeiro, com tanta velocidade que nem podia ver por onde passava. De repente achou-se sentada à beira de um lago, com uma linha na mão, pescando.

Sentiu que a linha lhe pesava na mão e retirou-a da água. Em lugar de um peixe encontrou um bellissimo colar de pérolas, que desejara não fazia muito tempo. Não se espantou com o acontecimento e olhou para Servigny, que, sem que ela soubesse como, estava a seu lado pescando e que retirou da água um cavalo de pau.

Sentiu novamente a sensação de despertar e ouviu que a chamavam embaixo.

Sua mãe dizia:

— Apague a luz.

Depois foi a voz de Servigny, clara e cômica:

— Apague a luz, mamzelle Yvette. E todos repetiram em coro:

— Mamzelle Yvette, apague a luz.

Yvette derramou mais clorofórmio no algodão, mas, como não queria mais morrer, conservou-o longe das narinas, para respirar o ar fresco, impregnando o quarto com o cheiro asfixiante do narcótico, pois percebeu que iriam subir até ali. Tomou uma atitude abandonada, uma atitude de morta, e esperou.

A marquesa falou:

— Estou um pouco preocupada! Esta menina maluca dormiu sem apagar a luz. Vou mandar Clémence apagá-la e fechar a janela que ficou escancarada.

Em seguida a criada de quarto bateu à porta, chamando:

— Mademoiselle, mademoiselle! Depois de um silêncio, repetiu:

— Senhorita, a Sra. marquesa pede-lhe para apagar a luz e fechar a janela.

Clémence esperou um pouco e bateu novamente com força, gritando:

— Mademoiselle, mademoiselle!

Yvette não respondeu e a criada foi avisar a marquesa:

— A senhorita está dormindo; a porta está trancada e eu não consegui despertá-la.

— Isso não pode ficar assim!

A conselho de Servigny juntaram-se todos sob a janela da rapariga e gritaram em coro:— Hip—hip—hurra—Mamzelle Yvette!

O clamor elevou-se na noite calma, expandiu-se no ar transparente, sob a lua, espalhou-se no silêncio dos campos próximos; e eles ouviram-no afastar-se, como o ruído de um trem que se distancia.

Como Yvette não respondesse, a marquesa exclamou:

— Deus queira que não tenha acontecido alguma coisa; estou com cuidado.

Então Servigny, colhendo as rosas vermelhas de uma trepadeira que cobria o muro, começou a atirá-las no quarto, pela janela aberta.

À primeira que lhe bateu, Yvette teve um sobressalto, esteve a ponto de gritar. Outras lhe caíram sobre o vestido, outras sobre os cabelos, outras, passando por cima de sua cabeça, caíram na cama, cobriam-na com uma chuva de flores.

A marquesa chamou mais uma vez, com a voz meio estrangulada:

— Vamos, Yvette, responda. Servigny, então declarou:

— De fato, isso não é natural, eu vou trepar no balcão. Mas o cavalheiro protestou:

— Permita, permita, eu protesto, isso é um ótimo meio. É um ótimo momento... para conseguir um rendezvous!

Os outros todos, que julgavam que fosse uma farsa da rapariga, exclamaram:

— Nós protestamos. Isso é uma artimanha. Não subirá! Não subirá!

Mas a marquesa, preocupada, repetia:

— É preciso que se vá ver o que há.

O príncipe declarou com um gesto dramático:

— Ela favorece o duque, estamos sendo traídos.

— Joguemos cara ou coroa para vermos quem subirá—propôs o cavalheiro.

E tirou do bolso uma moeda de ouro de cem francos. Começou pelo príncipe:

— Cara—disse. Saiu coroa.

O príncipe atirou a moeda por sua vez, dizendo a Saval:

— Escolha, senhor. Saval escolheu:

— Cara. Saiu coroa.

O príncipe jogou com todos. Todos perderam. Servigny, que era o único que faltava, exclamou com o seu ar insolente:

— Não pode ser, ele está trapaceando!

O russo pôs a mão sobre o peito e, numa curvatura, estendeu a moeda ao seu adversário, dizendo:

— Jogue o senhor mesmo, meu caro duque. Servigny pegou a moeda e atirou-a para o ar, gritando:

— Cara, Saiu novamente coroa.

Ele fez um cumprimento e indicou o balcão:

— Suba, meu caro príncipe.

Mas o príncipe olhava ao redor, como procurando alguma coisa.

— Que procura?—perguntou o cavalheiro.

— Eu... eu.. eu quero... eu procuro... uma escada. Todos riram a um tempo, Saval aproximou-se:

— Nós vamos ajudá-lo.

Levantou-o nos seus braços de hércules, recomendando:

— Segure-se no balcão.

O príncipe agarrou-se, Saval soltou-o, ele ficou pendurado agitando as pernas no ar. Servigny então aproximou-se e puxou-lhe as pernas, que procuravam aflitivamente um ponto de apoio. O príncipe caiu como uma pedra sobre a barriga de M. de Belvigne, que se aproximara para auxiliá-lo.

— Apresente-se outro—declarou Servigny. Ninguém se apresentou.

— Vamos, Belvigne, coragem.

— Obrigado, meu caro, eu respeito os meus ossos.

— O senhor, cavalheiro, o senhor deve ter o hábito das escaladas.

— Cedo-lhe meu lugar, meu caro duque.

— Já que não há outro remédio...

Servigny trepou num pilar, deu um salto, pendurou-se ao balcão, ergueu-se à força dos seus braços, como um ginasta, e pulou a balaustrada.

Todos os espectadores o aplaudiram. Ele entrou no quarto e reapareceu em seguida, gritando:

— Venham, venham ligeiro! Yvette está sem sentidos. A marquesa soltou um grito e arremessou-se para a escada.

A rapariga, com os olhos cerrados, parecia morta. Sua mãe entrou, desvairada, e atirou-se sobre ela.

— O que é que ela tem? o que é?

Servigny examinava a garrafa de clorofórmio, entornada sobre o parquet:

— Ela se asfixiou—explicou ele.

Colocou o ouvido sobre o coração da rapariga e exclamou:

— Ainda não está morta, nós a reanimaremos. Tem amoníaco?

A criada, espantada, repetia:

— O quê?... o que, senhor?

— Água sedativa.

— Tem, sim senhor.

— Traga, então, e deixe a porta aberta para estabelecer uma corrente de ar.

A marquesa, de joelhos, soluçava:

— Yvette! Yvette! minha filha, minha filhinha, escuta, responde, Yvette. Oh! meu Deus! meu Deus!

Os homens, perturbados, agitavam-se sem fazer nada; levavam água, toalhas, vinagre. Um deles disse:

— É melhor despi-la.

A marquesa, completamente atordoada, procurava despir a filha, mas não sabia o que estava fazendo. Suas mãos tremiam, atrapalhava-se, e ela gemia: "Eu... eu... eu não posso, eu não posso..."

A criada voltou trazendo um frasco de remédio, que Servigny destapou, derramando metade sobre um lenço. Colocou-o no nariz de Yvette, que teve uma sufocação.

— Bem, ela respira—disse ele.—Isto não é nada.—Esfregou-lhe as têmporas, as faces, o pescoço com o líquido de cheiro acre.

Depois, fez sinal à criada para despir a rapariga, e quando ela não tinha senão uma saia sobre a camisa, segurou-a no colo e transportou-a para a cama, trêmulo, excitado pelo aroma do corpo quase desnudo, pelo contato da carne moça, pela umidade dos seios apenas velados, que ele fazia curvarem sob a sua boca.

Quando a deitou, ele ergueu-se muito pálido.

— Ela vai recuperar os sentidos—disse—, não é nada. Yvette já respirava contínua e regularmente. Apercebendo-se da presença dos outros homens, todos com os olhos fixos em Yvette, Servigny sentiu uma ciumenta irritação e encaminhou-se para eles:

— Senhores, o quarto está muito cheio; queiram ter a bondade de nos deixar a sós, Saval e eu, com a marquesa.

Ele falava num tom seco e autoritário. Os outros retiraram-se.

Mme. Obardi abraçara-se a seu amante e, com a cabeça erguida para ele, suplicava-lhe:

— Salve-a.. salve-a!..

Servigny voltou-se e viu uma carta em cima da mesa. Segurou-a com um gesto rápido e leu o endereço. Compreendeu tudo e pensou: "Talvez seja melhor que a marquesa não tome conhecimento disto". E, abrindo o envelope, percorreu com os olhos as duas linhas que ela continha:

Eu morro para não me tornar uma moça que tem um protetor.

Yvette. Adeus, querida mãezinha. Perdoa-me.

— Diabo—pensou ele—, isto requer reflexão. E guardou a carta no bolso.

Aproximou-se do leito e desconfiou que a rapariga já tivesse recobrado os sentidos, mas que não ousava demonstrá-lo por vergonha, por humilhação, com receio das perguntas.

A marquesa estava agora ajoelhada nos pés da cama, e chorava. A certa altura, ela pediu:

— Um médico, chamem um médico.

Servigny, que estava falando baixo com Saval, respondeu:

— Não é mais preciso. Faça o obséquo, retire-se um minuto, somente um instante, e prometo que ela a beijará quando voltar.

O barão, tomando o braço de Mme. Obardi, conduziu-a para fora do quarto.

Servigny sentou-se na beira da cama, segurou a mão de Yvette e falou:

— Mamzelle, escute-me...

Ela não respondeu. Sentia-se tão bem, tão suave, tão comodamente deitada, que desejaria não mais se mexer, não mais

falar, e viver para sempre assim. Um bem-estar infinito a invadira, um bem-estar como jamais havia sentido.

O ar tépido da noite entrava em leves lufadas, em sopros aveludados, e roçava-lhe as faces de uma maneira esquisita, imperceptível. Era como uma carícia, qualquer coisa como um beijo do vento, como o vento suave e refrescante de um leque feito de todas as folhas dos bosques e de todas as sombras da noite, da névoa dos rios, e de todas as flores, pois as rosas que tinham sido atiradas pela janela e as rosas da trepadeira do balcão impregnavam com os seus perfumes entontecedores o ar puro da noite.

Yvette, com os olhos cerrados, com o coração tranqüilo na embriaguez ainda persistente do ópio, não mais desejava morrer, mas sentia uma vontade forte, imperiosa, de viver, de ser feliz, não importa como, de ser amada; sim, de ser amada.

Servigny repetiu:

— Mamzelle Yvette, escute-me.

Ela se decidiu a abrir os olhos. Vendo-a reanimada, Servigny falou:

— Vamos, que loucura foi essa? Ela murmurou:

— Meu pobre Muscade, eu estava tão desesperada! Ele segurou-lhe a mão, paternalmente:

— Foi isso que a levou a esse extremo? Você vai prometer-me não tentar outra vez.

Yvette não respondeu, mas fez um pequeno movimento com a cabeça, acentuando um sorriso mais sensível que visível.

Servigny tirou do bolso a carta, que encontrara sobre a mesa:

— Devo mostrar isso à sua mãe? Yvette respondeu que não com a cabeça.

Ele não sabia o que dizer. A situação se afigurava sem saída. Murmurou:

— Minha pobre criança, é preciso sempre tirar partido das coisas desagradáveis. Eu compreendo seu desgosto, e prometo-lhe...

Ela balbuciou:

— Você é bom...

Calaram-se. Ele a contemplava. Yvette tinha nos olhos qualquer coisa de terno, de desfalecente, e, sem que ele esperasse, ergueu os

braços, como se quisesse atraí-lo. Inclinou-se para ela, percebendo que era chamado; e os seus lábios uniram-se.

Permaneceram assim muito tempo, com os olhos fechados. Mas, compreendendo que ia perder a cabeça, ele ergueu-se. Ela sorriu-lhe com um sorriso de ternura.

— Vou chamar sua mãe— disse ele.

— Espere um segundo. Eu estou tão bem!

Depois de um curto silêncio ela perguntou muito baixo, com uma voz apenas perceptível:

— Você me amará de verdade?

Ele ajoelhou-se junto do leito e, beijando a mão que ela lhe entregava:

— Eu a adoro.

Ouviram-se passos perto da porta. Ele ergueu-se de um salto e gritou com sua voz natural, que parecia sempre um pouco irônica:

— Podem entrar, tudo já está terminado.

A marquesa atirou-se sobre a filha, abraçou-a freneticamente, cobrindo-lhe o rosto de lágrimas. Servigny, radiante, se encaminhava para o balcão, para respirar o ar fresco da noite, cantarolando:

Souvent femtne varie. Bien foi est qui s'y fie.

(Tradução de Casimiro Fernandes.)

HORLA

8 de maio.—Que dia admirável! Passei toda a manhã deitado na relva, defronte minha casa, sob o enorme plátano que a cobre, a abriga e lhe dá sombra. Gosto deste torrão, e gosto de aqui viver porque tenho aqui minhas raízes, essas profundas e delicadas raízes que ligam um homem à terra onde nasceram e morreram seus avós, que o ligam ao que se pensa e ao que se come, aos usos como aos alimentos, às locuções locais, às entonações dos camponeses, aos odores do solo, das aldeias e do próprio ar.

Gosto da minha casa onde cresci. Das minhas janelas vejo o Sena que corre ao longo do meu jardim, atrás da estrada, quase no meu pedaço de terra, o grande e largo Sena que vai de Ruão ao Havre, coberto de barcos que passam.

Além, à esquerda, Ruão, a vasta cidade de telhados azuis, sob a pontiaguda multidão dos campanários góticos. São inumeráveis, esguios ou largos, dominados pela flecha da catedral, e cheios de sinos que vibram no ar azul das belas manhãs, lançando até mim o seu suave e longínquo zumbido de ferro, o seu canto de bronze que a brisa me traz, ora mais forte, ora mais flébil, conforme desperta ou desfalece.

Como era agradável a manhã de hoje!

Pelas onze horas, um longo comboio de navios, puxados por um rebocador, do tamanho de uma mosca, e que arquejava de esforço, vomitando uma espessa fumarada, desfilou diante das minhas grades. «"

Depois de duas galeotas inglesas, cujo pavilhão vermelho ondulava contra o céu, vinha um soberbo três-mastros brasileiro

inteiramente branco, admiravelmente limpo e luzidio. Eu o saudei não sei por que, tanto prazer senti ao vê-lo.

12 de maio.—Há alguns dias que ando com um pouco de febre: sinto-me doente, ou antes, sinto-me triste.

De onde vêm essas influências misteriosas que transformam em desânimo o nosso bem-estar, e a nossa confiança em desespero? Dir-se-ia que o ar, o ar invisível, está cheio de Potências incognoscíveis, de cuja misteriosa vizinhança nós sofremos a influência. Desperto cheio de alegria, com desejos de cantar.—Por quê? Desço até a margem do rio; e, súbito, após um curto passeio, regresso desolado, como se alguma desgraça me esperasse em minha casa.—Por quê?—Foi um frêmito de frio que tangenciando minha pele desequilibrou meus nervos e ensombreceu minha alma? Foi a forma das nuvens, ou a cor da atmosfera, a cor das coisas, tão variável, que passando por meus olhos perturbou meu pensamento? Pode-se lá saber? Tudo o que nos cerca, tudo o que vemos sem olhar, tudo o que roçamos sem conhecer, tudo o que tocamos sem palpar, tudo o que encontramos sem distinguir, causa em nós, em nossos órgãos e, por meio destes, em nossas idéias, em nosso próprio coração efeitos súbitos, surpreendentes e inexplicáveis.

Como é profundo esse mistério do invisível! Não podemos sondá-lo com nossos miseráveis sentidos, com nossos olhos, que não sabem perceber nem o muito pequeno nem o muito grande, nem o muito próximo nem o muito afastado, nem os habitantes de uma estrela, nem os habitantes de uma gota d'água... com os nossos ouvidos que nos enganam, pois eles nos transmitem as vibrações do ar em notas sonoras. Eles são gênios que fazem o milagre de transformar em ruído esse movimento e, por essa metamorfose, dão nascimento à música, que torna cantante a muda agitação da natureza... com o nosso olfato, mais fraco que o do cão... com o nosso paladar, que mal pode distinguir a idade de um vinho!

Ah! se tivéssemos outros órgãos que realizassem em nosso favor outros milagres, que coisas poderíamos descobrir ao nosso redor!

16 de maio.—Estou doente, decididamente. E tão bem que eu estava no mês passado! Estou com febre, uma febre atroz, ou antes, um enervamento febril, que torna a minha alma tão enferma quanto o meu corpo. Tenho sempre essa horrível sensação de um perigo iminente, essa apreensão de uma desgraça que está para chegar, ou da morte que se aproxima, esse pressentimento que é sem dúvida o pressentimento de um mal ainda desconhecido, germinando no sangue e na carne.

18 de maio.—Acabo de consultar meu médico, pois eu não podia mais dormir. Achou-me o pulso rápido, a pupila dilatada, os nervos vibrantes, mas sem nenhum sintoma de alarmar. Devo submeter-me a duchas e tomar brometo de potássio.

25 de maio.—Nenhuma mudança! O meu estado, na verdade, é esquisito. À medida que a tarde avança, invade-me uma incompreensível inquietação, como se a noite ocultasse para mim alguma terrível ameaça. Janto às pressas, depois tento ler; mas não compreendo as palavras; mal distingo as letras. Caminho então de um lado para outro na sala, sob a opressão de um receio confuso e irresistível, o receio do sono e o receio do leito.

Pelas duas horas, subo ao meu quarto. Logo que entro, dou duas voltas na chave e baixo os ferrolhos; eu tenho medo... de quê?... Até agora eu não temia coisa nenhuma... eu abro meus armários, olho debaixo da cama; escuto... escuto... o quê?... Não é estranho que uma simples indisposição, uma perturbação circulatória talvez, a irritação de um filete nervoso, um pouco de congestão, um pequeníssimo desarranjo no funcionamento tão imperfeito e tão delicado da nossa máquina viva, possa fazer um melancólico do mais alegre dos homens, e um covarde do mais bravo? Depois, deito-me e espero o sono como esperaria o carrasco. Espero-o com o temor da sua chegada, e meu coração bate, e minhas pernas

tremem; e todo meu corpo tiritando no aconchego das cobertas, até o instante em que tomo de repente no repouso, como quem tombaria, para afogar-se, num golfão de água estagnada. Não sinto vir como outrora, esse sono pérfido, oculto perto de mim, que me espreita, que vai apanhar-me pela cabeça, fechar-me os olhos, aniquilar-me.

Eu durmo—bastante tempo—duas ou três horas—depois um sonho—não—um pesadelo apodera-se de mim. Bem sinto que estou deitado e que durmo... Eu o sinto e o vejo... e sinto também que alguém se aproxima de mim, me olha, me apalpa, sobe para a minha cama, ajoelha-se sobre o meu peito, me toma o pescoço entre as suas mãos e aperta... aperta... com toda a força, para estrangular-me.

Eu me debato, atado por essa atroz impotência que nos paralisa nos sonhos; quero gritar—não posso; quero moverme—não posso; —com terríveis esforços, arquejando, tento virar-me, lançar ao chão aquele ser que me esmaga e sufoca—não posso!

E de súbito acordo, desvairado, banhado em suor. Acendo uma vela. Estou sozinho.

Após essa crise, que se renova todas as noites, eu durmo enfim, com calma, até a aurora.

2 de junho.—Agravou-se meu estado. Que tenho eu? O brometo não adianta nada; as duchas não adiantam nada. Ainda há pouco, para fatigar o corpo, tão cansado no entanto, fui dar uma volta pela floresta de Roumare. Julguei a princípio que o ar fresco, leve e suave, cheio de odor de ervas e folhas, me vertia nas veias um sangue novo, no coração uma energia nova. Enveredei por uma grande avenida de caça, depois desviei para La Bouille, por uma alameda estreita, entre dois exércitos de árvores desmesuradamente altas que punham um teto verde, espesso, quase negro, entre minha vista e o céu.

Acometeu-me de súbito um arrepio, não um arrepio de frio, mas um estranho arrepio de angústia.

Apressei o passo, inquieto de estar sozinho naquele bosque, amedrontado sem razão, estupidamente, pela solidão profunda. De repente me pareceu que estava sendo seguido, que andavam nos meus calcanhares, bem junto de mim, quase a tocar-me.

Voltei-me bruscamente. Estava só. Apenas vi atrás de mim a reta e longa alameda, deserta, alta, assustadoramente deserta, e do outro lado ela também se estendia a perder de vista, sempre igual, terrível.

Fechei os olhos. Por quê? E me pus a girar sobre um calcanhar, rápido, como um pião. Quase caí; reabri os olhos; as árvores dançavam; a terra oscilava; tive de me sentar. Ah! e eu não sabia mais por onde tinha vindo. Estranha idéia! Estranha, estranha idéia! Absolutamente não sabia. Voltei pelo lado que se achava à minha direita, e fui dar na avenida que me conduzira ao meio da floresta.

3 de junho.—A noite foi horrível. Vou ausentar-me durante algumas semanas. Uma pequena viagem, sem dúvida, me deixará restabelecido.

2 de julho.—Regresso. Estou curado. Fiz aliás uma encantadora excursão. Visitei o monte Saint-Michel, que eu não conhecia.

Que visão, quando se chega como eu em Avranches, pelo fim do dia! A cidade está sobre uma colina, e conduziram-me à praça pública, no outro lado. Lancei um grito de espanto. Uma desmesurada baía se estendia ante mim a perder de vista, entre duas costas afastadas, que se perdiam ao longe nas brumas; e no meio daquela imensa baía amarela, sob um céu de ouro e de claridade, erguia-se sombrio e agudo um monte estranho no meio das areias. O sol acabava de desaparecer e no horizonte ainda flamejante desenhava-se o perfil daquele fantástico rochedo que carrega no seu cume um fantástico monumento.

Logo que amanheceu, para lá me dirigi. O mar estava baixo como na véspera, e eu via erguer-se na minha frente, à medida que me aproximava, a surpreendente abadia. Após várias horas de marcha, atingi o enorme bloco de pedra que suporta a pequena

cidade, dominada pela grande igreja. Tendo galgado a rua estreita e rápida, penetrei na mais admirável morada gótica construída para Deus sobre a terra, vasta como uma cidade, cheia de salas baixas esmagadas sob abóbadas e de altas galerias sustentadas por esguias colunas. Entrei naquela gigantesca jóia de granito, leve como uma renda, coberta de torres, de esbeltos campanários, por onde sobem escadarias retorcidas, e que mergulham no céu azul dos dias, no céu negro das noites, sua bizarra cabeça eriçada de quimeras, de animais fantásticos, de flores monstruosas, e ligados um a outro por finos arcos trabalhados.

Quando atingi o alto, disse ao monge que me acompanhava: "Como se deve ficar tranqüilo aqui, meu padre!"

Ele respondeu: "Faz muito vento, meu senhor"; e pusemo-nos a conversar, vendo o mar que subia e que corria pela areia, cobrindo-a de uma couraça de aço.

E o monge me contou histórias, todas as velhas histórias daquele lugar, lendas e mais lendas.

Uma delas me impressionou bastante. Dizem os moradores da região, os do monte, que se ouve falar, à noite, nas areias e que depois se ouve balirem duas cabras, uma com voz forte, a outra com voz fraca. Afirmam os incrédulos que são os gritos das aves aquáticas, que ora se assemelham a balidos, ora a lamentos humanos; mas os pescadores retardatários juram haver encontrado a vagar pelas dunas, entre duas marés, ao redor da aldeia ali plantada longe do mundo, um velho pastor, cuja cabeça, coberta de um manto, a gente nunca vê e que conduz, marchando à sua frente, um bode com cara de homem e uma cabra com cara de mulher, ambos com longos cabelos brancos e falando sem cessar, disputando numa língua desconhecida, e depois cessando subitamente de gritar para balirem com toda a força.

Eu disse ao monge: "Acredita nisso?"

Ele murmurou: "Não sei"

Eu tornei: "Se existissem na terra outros seres além de nós, como não os conheceríamos há muito tempo? como o senhor não os teria visto? como não os teria visto, eu?"

Ele respondeu: "Será que nós vemos a centésima milésima parte do que existe? Olhe, eis aqui o vento, que é a maior força da natureza, que derruba os homens, abate os edifícios, desenraíza as árvores, soergue o mar em montanhas d'agua, destrói os contrafortes e arremessa aos rochedos os grandes navios, o vento que mata, que assovia, que geme, que rugem—o senhor o viu? Pode vê-lo? E no entanto ele existe".

Calei-me ante esse simples raciocínio. Aquele homem era um sábio ou talvez um tolo. Não o poderia afirmar ao certo: mas calei-me. O que dizia, eu já o tinha pensado muitas vezes.

3 de julho.—Dormi mal; com certeza há aqui algo que produz a febre, pois o meu cocheiro sofre do mesmo mal que eu. Ontem, ao entrar, eu notara a sua singular palidez. Perguntei-lhe:

— Que é que você tem, Jean?

— É que eu não posso repousar, senhor, são as minhas noites que acabam com os meus dias. Desde a partida do patrão que isso me pegou como um feitiço.

Os outros criados vão bem, no entanto, mas eu tenho muito medo de ser apanhado novamente.

4 de julho.—Decididamente, apanharam-me outra vez. Voltam os meus antigos pesadelos. Esta noite, senti alguém acorado sobre meu corpo, alguém que, com sua boca sobre a minha, bebia minha vida entre meus lábios. Sim, ele a chupava de minha garganta, como o faria uma sanguessuga. Depois ele ergueu-se, farto, e eu despertei, de tal maneira alquebrado, exausto, aniquilado, que não podia mais moverme. Se isto continua mais alguns dias, tornarei a partir certamente.

5 de julho.—Terei perdido a razão? O que se passou na última noite é de tal modo estranho, que a minha cabeça fica como que perdida quando o recordo!

Como o faço agora cada noite, eu tinha fechado a porta a chave; depois, tendo sede, bebi meio copo d'agua, e notei por acaso que a

minha jarra estava cheia até o gargalo de cristal.

Deitei-me em seguida e caí num dos meus terríveis sonos, de que fui arrancado ao cabo de umas duas horas por um sobressalto mais terrível ainda.

Imaginem um homem que dorme, a quem tentam assassinar, e que desperta com uma lâmina no pulmão, e arqueja, coberto de sangue, e não pode mais respirar, e vai morrer, e não compreende nada—eis aí.

Tendo enfim recuperado a razão, senti sede de novo; acendi uma vela e dirigi-me à mesa onde estava pousada a jarra. Ergui-a, inclinando-a sobre o meu copo: nada escorreu.—Estava vazia! Estava completamente vazia! A princípio, nada compreendi. Depois, de súbito, senti uma emoção tão terrível que tive de sentar-me, ou antes, tombar numa cadeira! depois ergui-me de um salto para olhar em torno de mim! depois tornei a sentar-me, desvairado de espanto e de medo, ante o cristal transparente! Eu o contemplava com olhos fixos, procurando adivinhar. Minhas mãos tremiam! Tinham então bebido aquela água? Quem? eu, sem dúvida? Não podia ser senão eu! Então, eu era sonâmbulo, eu vivia, sem o saber, essa dupla vida misteriosa que faz pensar se não haverá dois seres em nós, ou se um ser estranho, irreconhecível e invisível, quando a nossa alma está entorpecida, não animará por momentos o nosso corpo cativo, que obedece a esse outro, como a nós mesmos, mais que a nós mesmos.

Ah! quem compreenderá a minha abominável angústia? Quem compreenderá a emoção de um homem, são de espírito, bem desperto, cheio de razão e que procura espantado, através do vidro de uma jarra, um pouco d'água, desaparecida enquanto ele dormia? E ali fiquei até o raiar do dia, sem me animar a voltar para o leito.

6 de julho.—Enlouqueço. Beberam outra vez toda a minha água esta noite: ou antes, eu a bebi!

Mas fui eu? Fui eu? Quem? Quem seria? Oh! meu Deus! Eu enlouqueço! Quem me salvará?

10 de julho.— Acabo de fazer experiências surpreendentes.

Decididamente, eu estou louco! E no entanto...

A 6 de julho, antes de deitar-me, coloquei sobre a minha mesa vinho, leite, água, pão e morangos.

Beberam—eu bebi—toda a água e um pouco de leite. Não tocaram nem no vinho nem nos morangos.

A 7 de julho, renovei a mesma experiência, que deu o mesmo resultado.

A 8 de julho, suprimi a água e o leite. Não tocaram em nada.

A 9 de julho, enfim, coloquei sobre a mesa apenas a água e o leite, tendo o cuidado de envolver as jarras em panos de musselina branca e amarrá-las. Depois esfreguei meus lábios, minha barba e minhas mãos com plombagina, e deitei-me.

O invencível sono se apoderou de mim, seguido logo pelo atroz despertar. Eu não me movera; minhas próprias cobertas não tinham manchas. Precipitei-me para a mesa. Os panos que cobriam as jarras estavam imaculados. Desatei os cordões, a palpitar de receio. Tinham bebido toda a água! tinham bebido todo o leite! Ah! meu Deus!

Vou partir imediatamente para Paris.

12 de julho.— Paris. Sem dúvida perdera eu a cabeça nos últimos dias! Devo ter sido joguete da minha imaginação enervada, a menos que eu seja verdadeiramente sonâmbulo, ou tenha sofrido uma dessas influências verificadas, mas inexplicáveis até hoje, que se chamam sugestões. Em todo caso, a minha agitação raiava pela demência, e vinte e quatro horas de Paris bastaram para restabelecer-me.

Ontem, depois de passeios e visitas que me filtraram na alma um ar novo e vivificante terminei minha noite no Théâtre-Français. Representavam uma peça de Alexandre Dumas, filho, e esse espírito alerta e poderoso completou minha cura. Por certo, a solidão é perigosa para as inteligências que trabalham. Precisamos, em torno de nós, de homens que pensem e que falem. Quando

permanecemos muito tempo sozinhos, povoamos o vácuo de fantasmas.

Voltei bastante alegre ao hotel, pelos bulevares. No acotovelar da multidão, eu pensava, não sem ironia, nos meus terrores, nas minhas hipóteses da semana passada, pois acreditei, sim, acreditei que um ser invisível habitava sob o meu teto, Como é fraca nossa cabeça, e como se perturba e logo se perde, logo que um pequenino fato incompreensível nos impressiona!

Em vez de concluir por estas simples palavras: "Eu não compreendo porque a causa me escapa", nós logo imaginamos terríveis mistérios e forças sobrenaturais.

14 de julho.—Dia da República. Os petardos e as bandeiras me divertiam como a um menino. No entanto, é uma coisa bem tola ficar-se alegre em data fixa, por decreto do governo. O povo é um rebanho imbecil, ora estupidamente paciente, ora ferozmente revoltado. Dizem-lhe: "Vá bater-se com o vizinho". Ele vai. Dizem-lhe: "Vota pelo Imperador".

Ele vota pelo Imperador. Depois, dizem-lhe: "Vota pela República". E ele vota pela República.

Os que dirigem são também uns tolos; mas, em vez de obedecer a homens, eles obedecem a princípios, os quais não podem deixar de ser ingênuos, estéreis e falsos, por isso mesmo que são princípios, isto é, idéias reputadas certas e imutáveis, neste mundo onde não se tem segurança de coisa alguma, já que a luz é uma ilusão, já que o ruído é uma ilusão.

16 de julho.—Vi ontem coisas que me preocuparam bastante.

Eu jantara na casa de minha prima, *Mme. Sablé*, cujo marido comanda o 76 de Caçadores em Limoves. Achava-me na sua casa com duas jovens senhoras, uma das quais desposou um médico, o Dr. Parent, que se ocupa de doenças nervosas e das manifestações extraordinárias atualmente em foco, pelas experiências de hipnotismo e sugestão.

Os fatos que ele citou me pareceram de tal modo esquisitos, que me declarei totalmente incrédulo.

"Nós estamos", afirmava ele, "prestes a descobrir um dos mais importantes segredos da natureza, quero dizer, um dos seus mais importantes segredos sobre este planeta; pois ela tem certamente outros mais importantes, além, nas estrelas. O homem, desde que pensa, desde que sabe dizer e escrever seu pensamento, sente-se roçado por um mistério impenetrável a seus sentidos grosseiros e imperfeitos, e procura suprir, pelo esforço da sua inteligência, a incapacidade dos seus órgãos. Quando essa inteligência permanecia ainda no estado rudimentar, essa observação dos fenômenos invisíveis tomou formas banalmente terrificantes. Daí nasceram as crendices populares no sobrenatural, as lendas das almas penadas, das fadas, dos gnomos, dos fantasmas, direi mesmo a lenda de Deus, pois as nossas concepções do obreiro-criador, de qualquer religião que provenham, são na verdade as invenções mais mediócras e estúpidas, mais inaceitáveis saídas do cérebro amedrontado das criaturas. Nada mais verdadeiro que esta frase de Voltaire: 'Deus fez o homem à sua imagem, mas o homem bem lhe retribuiu'.

"Mas há pouco mais de um século parece-nos pressentir qualquer coisa de novo.

Mesmer e alguns outros nos abriram um caminho inesperado, e chegamos na verdade, principalmente nestes últimos quatro ou cinco anos, a resultados surpreendentes".

Minha prima, muito incrédula também, sorria. O Dr. Parent lhe disse:—Quer que eu tente adormecê-la, madame?

— Sim, quero.

Ela sentou-se numa poltrona e ele começou a olhá-la fixamente, fascinando-a. Eu me senti de súbito um pouco inquieto, com o coração a bater, a garganta oprimida. Via os olhos de *Mme. Sablé* se tornarem pesados, sua boca crispar-se, seu peito arquejar.

Ao cabo de dez minutos, ela dormia.

— Coloque-se atrás dela— disse o médico.

E eu me sentei atrás dela. Ele colocou-lhe entre as mãos um cartão de visita, dizendo-lhe: "Isto aqui é um espelho; que vê nele?"

Ela respondeu:

- Eu vejo o meu primo.
- Que faz ele?
- Torce o bigode.
- E agora?
- Tira uma fotografia do bolso.
- De quem é o retrato?
- Dele.

Era verdade! E a referida fotografia acabava de ser-me entregue naquela mesma tarde, no hotel.

- Como está ele no retrato?
- Está de pé, com o chapéu na mão.

Ela via, pois, naquele cartão, naquele cartão branco, como se fosse num espelho.

As senhoras, assustadas, diziam: "Basta! Basta!"

Mas o doutor ordenou: "A senhora se levantará amanhã às oito horas; depois irá procurar o seu primo no hotel e rogará a ele que lhe empreste cinco mil francos, que o seu marido pedirá à senhora".

Depois ele a despertou.

De regresso ao hotel, eu pensava naquela curiosa sessão, e assaltavam-me dúvidas, não quanto à absoluta e insuspeita boa fé da minha prima, a quem eu conhecia como uma irmã, desde a infância, mas quanto a uma possível trapaça do doutor.

Não dissimularia ele na mão um espelho que mostrava à adormecida, ao mesmo tempo que o seu cartão de visita? Os prestidigitadores profissionais fazem coisas mais singulares até.

Regressei, pois, e deitei-me.

Ora, esta manhã, pelas oito e meia, fui acordado pelo meu camareiro, que me disse:

— É *Mme. Sablé* que pede para falar com o senhor, imediatamente.

Vestime às pressas e atendi-a.

Ela sentou-se muito perturbada, de olhos baixos, e, sem erguer o véu, me disse:

- Meu caro primo, tenho um grande favor a pedir-lhe.
- Qual, minha prima?

— É bastante penoso dizê-lo e, no entanto, é preciso. Eu tenho necessidade, necessidade absoluta, de cinco mil francos.

— Como, você?

— Sim, eu, ou antes, meu marido, que me encarregou de os conseguir.

Eu estava de tal modo estupefato, que balbuciava as minhas respostas. Perguntava a mim mesmo se por acaso ela não estaria zombando de mim com o Dr. Parent, e se não seria aquilo uma simples farsa organizada de antemão e otimamente representada.

Mas olhando-a com atenção todas as minhas dúvidas se dissiparam. Ela tremia de angústia, de tal modo lhe era doloroso aquele passo, e compreendi que tinha a garganta cheia de soluços.

Eu sabia que ela era bastante rica e tornei:

— Como? O seu marido não dispõe de cinco mil francos? Reflita. Está bem certa de que ele a encarregou de me pedir?

Ela hesitou alguns segundos, como se fizesse um grande esforço para procurar na sua memória, depois respondeu:

— Sim... sim... Tenho certeza.

— Ele lhe escreveu?

Ela hesitou de novo, refletindo. Adivinhei o trabalho torturante de seu pensamento. Ela não sabia.

Sabia apenas que devia pedir-me emprestado cinco mil francos para o marido. Atreveu-se, pois, a mentir.

— Sim, escreveu-me.

— Mas quando? Você não me falou de nada ontem.

— Eu recebi sua carta esta manhã.

— Pode mostrar-me?

— Não... não... não... ela continha coisas íntimas... muito pessoais... e eu... eu a queimei.

— Então, é que o seu marido andou contraindo dívidas. Ela hesitou ainda, depois murmurou:

— Eu não sei.

Eu declarei subitamente:

— É que eu não posso dispor de cinco mil francos neste momento, minha cara prima.

Ela soltou uma espécie de grito de dor.

— Oh! oh! eu lhe peço, eu lhe peço, trate de conseguir...

Ela exaltava-se, juntava as mãos como para implorar-me. Eu ouvia sua voz mudar de tom; chorava e balbuciava, tangida, dominada pela ordem irresistível que recebera.

— Oh! oh! eu lhe peço... eu lhe peço... Se soubesse como eu sofro.. Eu preciso hoje mesmo.

Tive piedade dela.

— Vou atendê-la daqui a pouco, juro-lhe. Ela exclamou:

— Oh! obrigada! obrigada! Como você é bom!

— Lembra-se do que se passou ontem em sua casa?—perguntei.

— Sim.

— Lembra-se de que o Dr. Parent a fez dormir?

— Sim.

— Pois bem: ele ordenou a você que viesse pedir-me esta manhã cinco mil francos, e você está obedecendo neste momento à sugestão dele.

Ela refletiu alguns segundos e retrucou:

— Mas como, Se é o meu marido que pede o dinheiro! Durante uma hora, tentei convencê-la, mas não pude consegui-lo.

Quando ela partiu, corri ao doutor. Ele ia sair, e escutou-me sorrindo. Depois disse:

— Acredita, agora?

— Sim, que remédio?

— Vamos à casa da sua prima.

Ela dormitava numa espreguiçadeira, morta de fadiga. O médico tomou-lhe o pulso, olhou-a algum tempo, com a outra mão erguida para os seus olhos, que ela fechou pouco a pouco, sob a insustentável pressão daquela força magnética.

E depois que ela adormeceu:

— O seu marido não tem mais necessidade de cinco mil francos. A senhora esquecerá que os pediu emprestados a seu primo; e, se este lhe falar nisto, a senhora não compreenderá.

Depois ele a despertou. Saquei do bolso uma carteira:

— Eis aqui, minha cara prima, o que você me pediu esta manhã.

Ficou tão surpresa que eu não ousei insistir. Tentei no entanto reavivar-lhe a memória. Negou energicamente, supôs que eu zombava dela, e esteve a ponto de incomodar-se, afinal.

Eis o que houve! Acabo de voltar ao hotel, e não pude almoçar, de tal modo essa experiência me impressionou.

19 de julho.—Várias pessoas a quem contei esta aventura, troçaram de mim. Eu não sei mais o que pensar. O sábio limita-se a dizer: Quem sabe...

21 de julho.—Fui jantar em Bougival, depois passei a noite no baile das sociedades náuticas. Sem dúvida nenhuma, tudo depende do local e do ambiente. Crer no sobrenatural na ilha da Grenouillère, seria o cúmulo da loucura... mas no alto do monte Saint-Michel?... mas na Índia? Nós sofremos terrivelmente a influência do que nos cerca. Voltarei para casa na próxima semana.

Bem.

30 de julho.—Estou na minha casa desde ontem.

2 de agosto.—Discussões entre meus criados. Dizem eles que quebram a louça, à noite, nos armários. O camareiro acusa o cozinheiro, que acusa a lavadeira, que acusa os outros dois. Quem o culpado? Ah! quem o diria...

6 de agosto.—Desta vez, eu não estou louco. Eu vi... eu vi... eu vi... Sinto ainda um calafrio até debaixo das unhas... tenho ainda medo até a medula... eu vi!...

Eu passeava às duas horas, em pleno sol, entre meu roseiral... na aléia das minhas roseiras de outono, que começam a florir.

Como me detivesse a olhar um géant dês batailles, que sustentava três flores magníficas, vi distintamente, bem perto de mim, dobrar-se o hastil de uma das rosas, como se mão invisível o torcesse, e depois o vi quebrar-se, como se a mão o tivesse colhido!

E logo a flor ergueu-se no ar, seguindo a curva que teria descrito um braço ao levá-la até a boca, e a rosa ficou suspensa na luz transparente, sozinha, imóvel, terrível mancha vermelha a três passos de meus olhos.

Desvairado, lancei-me sobre ela para agarrá-la! Nada encontrei; ela havia desaparecido. Então fui tomado de uma cólera furiosa contra mim mesmo; pois não é lícito a um homem sensato e sério sofrer semelhantes alucinações.

Mas seria mesmo uma alucinação? Voltei-me para ver o hastil, e logo o encontrei no arbusto recém-quebrado, entre as duas outras rosas que ficaram no ramo.

Então, recolhime à casa com a alma desvairada, pois estou certo, agora, certo como da sucessão dos dias e das noites, que existe junto a mim um ser invisível, que se alimenta de leite e de água, que pode tocar nas coisas, pegá-las, mudar-lhes o lugar, dotado por conseguinte de uma natureza material, embora imperceptível a nossos sentidos, e que mora, como eu, sob meu teto...

7 de agosto.— Dormi tranqüilo. Ele bebeu a água da minha jarra, mas não perturbou o meu sono.

Indago comigo mesmo se não estarei louco. Passeando há pouco, ao sol, pela margem do rio, ocorreram-me dúvidas quanto à minha razão, não dúvidas vagas como as tivera até agora, mas dúvidas precisas, absolutas. Tenho visto loucos; conheci alguns que permaneciam inteligentes, lúcidos, perspicazes mesmo, no tocante às coisas da vida, salvo num ponto. Falavam de tudo com clareza, com desembaraço, com profundidade, e, de súbito, seu pensamento, batendo de encontro ao escolho da sua loucura, se estilhaçava, desmantelava-se e soçobrava nesse oceano terrível e furioso, cheio de vagas assanhadas, de nevoeiros, de borrascas, a que se chama "a demência".

Sem dúvida eu me julgaria louco, absolutamente louco, se não estivesse consciente, se não conhecesse perfeitamente o meu estado, se não o sondasse, analisando-o com uma completa lucidez. Quando muito, eu seria, afinal, um alucinado raciocinante. Teria se

produzido em meu cérebro uma perturbação desconhecida, uma dessas perturbações que os fisiologistas tentam hoje registrar e apreciar; e essa perturbação teria determinado no meu espírito, na ordem e na lógica das minhas idéias, uma fenda profunda. Fenômenos semelhantes acontecem no sonho, que nos passeia através das fantasmagorias mais inverossímeis, sem que fiquemos surpresos, pois que o aparelho verificador, o sentido do controle, está adormecido, ao passo que a faculdade imaginativa vela e trabalha. Não poderá ser que uma das imperceptíveis teclas do instrumento cerebral se ache paralisada em mim? Homens há que, em consequência disso, perdem a memória dos nomes próprios, ou dos verbos, ou dos algarismos, ou apenas das datas. As localizações de todas as parcelas do pensamento estão hoje comprovadas. Ora, não é de espantar que minha faculdade de controlar a irrealidade de certas alucinações se ache entorpecida em mim neste momento!

Eu pensava em tudo isso enquanto seguia pela margem. O sol cobria de claridade o rio, tornava deliciosa a terra, enchia o meu olhar de amor à vida, às andorinhas, cuja agilidade é uma alegria de meus olhos, às ervas da margem, cujo frêmito é uma felicidade de meus ouvidos.

Pouco a pouco, no entanto, ia penetrando em mim um mal-estar inexplicável. Uma força, parecia-me, uma força oculta me entorpecia, me paralisava, me impedia de seguir além, me puxava para trás.

Eu experimentava essa dolorosa necessidade de voltar que nos oprime quando deixamos em casa um doente amado e nos domina o pressentimento de uma agravação do seu mal.

Voltei, pois, contra a vontade, seguro de que ia encontrar em casa alguma notícia má, uma carta ou telegrama. Não havia nada; e fiquei mais surpreso e mais inquieto do que se tivesse tido novamente alguma visão fantástica.

8 de agosto.—Passei ontem uma terrível noite. Ele não se manifesta mais, mas eu o sinto perto de mim, espiando-me, olhando-me, penetrando-me, dominando-me, e mais temível assim

oculto do que se se manifestasse por fenômenos sobrenaturais sua presença invisível e constante.

Dormi, no entanto.

9 de agosto.—Nada. Mas tenho medo.

10 de agosto.—Nada, acontecerá amanhã?

11 de agosto.—Nada, ainda. Não posso continuar em casa com este receio e este pensamento na alma. Vou partir.

12 de agosto, dez horas da noite.—Todo o dia eu quis ir embora; não pude. Quis realizar esse ato de liberdade, tão simples—sair—subir no meu carro para ir a Ruão—não pude. Por quê?

13 de agosto.—Quando se é atingido por certas doenças, todas as molas do ser físico parecem quebradas, todas as energias aniquiladas, todos os músculos relaxados, os ossos moles como a carne e a carne, líquida como água. É isto o que experimento no meu ser moral, de maneira estranha & desoladora. Não tenho mais nenhuma força, nenhuma coragem, nenhum domínio próprio, nenhum poder de pôr em movimento a minha vontade. Não posso mais querer; mas alguém quer por mim; e eu obedeço.

14 de agosto.—Estou perdido! Alguém possui a minha alma e a governa! Alguém ordena todos os meus atos, todos os meus gestos, todos os meus pensamentos. Eu nada mais sou em mim, nada mais sou que um espectador, escravizado, e aterrorizado de todas as coisas que eu faço. Eu desejo sair. Não posso. Ele não quer; e eu fico, desvairado, trêmulo, na poltrona, onde ele me mantém sentado. Eu desejo apenas levantar-me, soerguer-me, a fim de acreditar que ainda sou senhor de mim. Não posso! Estou cravado na minha cadeira; e a minha cadeira adere ao solo, de tal maneira que nenhuma força nos poderia erguer.

Depois de súbito, é preciso, é preciso, é preciso que eu " vá ao fundo de meu jardim colher morangos e comê-los. E eu vou. Eu colho morangos e os como! Oh! meu Deus! Meu Deus! Meu Deus! Existe um Deus? Se um Deus existe, livraime, meu Deus! Salvai-me. Acudi-me! Perdão! Piedade! Misericórdia! Salvai-me. Oh! que sofrimento! que tortura! que horror!

15 de agosto.—Eis, sem dúvida, como estava possuída e dominada a minha pobre prima, quando veio pedir-me cinco mil francos. Ela sofria um querer estranho, que nela penetrara, como uma outra alma, parasita e dominadora. Será que o mundo vai acabar?

Mas esse que me governa, quem é ele, esse invisível? esse irreconhecível? esse malfeitor de uma raça sobrenatural? Os invisíveis existem, pois! Então, como é que desde a origem do mundo, eles ainda não haviam se manifestado de um modo preciso, como o fazem comigo? Nunca vi coisa alguma que se assemelhe ao que se passou na minha casa. Oh! se eu pudesse deixá-la, se eu pudesse ir-me, fugir, e nunca mais voltar! Eu estaria salvo, mas não posso.

16 de agosto.—Pude escapar hoje durante duas horas, como um prisioneiro que encontra aberta, por acaso, a porta do seu calabouço. Senti que estava livre de repente e que ele se achava longe. Mandei atrelar às pressas e dirigi-me a Ruão. Oh! que alegria poder dizer a um homem que obedece:

"Para Ruão!"

Mandei parar na biblioteca e tomei emprestado o grande tratado do Dr. Hermann Herestauss sobre os habitantes desconhecidos do mundo antigo e moderno.

Depois, no momento de subir ao meu cupê, eu quis dizer: "À estação!" e gritei—eu não disse, eu gritei—com uma voz tão forte que os transeuntes se voltaram: "Para casa!", e caí, aniquilado de

angústia, na almofada de meu carro. Ele me havia encontrado e me apanhara de novo.

17 de agosto.— Ah! Que noite! que noite! E no entanto me parece que eu deveria alegrar-me. Até a uma hora da manhã, eu li! Hermann Herestauss, doutor em filosofia e em teogonia, escreveu a história e as manifestações de todos os seres invisíveis que rondam em torno do homem ou são por ele sonhados. Descreve suas origens, seu domínio, seu poder. Mas nem um deles se assemelha a este que me domina. Dir-se-ia que o homem, desde que pensa, tem pressentido e temido um ser novo, mais forte que ele, seu sucessor neste mundo, e que, sentindo-o próximo, e não podendo prever a natureza desse senhor, criou no seu terror todo o povo fantástico dos seres ocultos, fantasmas vagos nascidos do medo.

Tendo, pois, lido até uma hora da noite, fui sentar-me em seguida junto à janela aberta para refrescar a fronte e o pensamento ao vento calmo da escuridão.

O ar era agradável e morno. Como eu teria amado aquela noite outrora!

Não havia lua. As estrelas tinham no fundo do céu negro um cintilar fremente. Quem habita esses mundos? Que formas, que viventes, que animais, que plantas existem lá? Os que pensam, naqueles universos longínquos, que saberão eles mais do que nós? Que verão eles, que nós não conheçamos? Um deles, um dia ou outro, atravessando o espaço, não aparecerá acaso em nossa Terra para a conquistar, como os normandos outrora atravessaram o mar para dominar povos mais fracos?

Somos tão franzinos, tão desarmados, tão ignorantes, tão pequenos, sobre esta pouca lama diluída numa gota d'água...

Adormeci, cismando assim, ao vento fresco da noite.

Ora, tendo dormido cerca de quarenta minutos, abri os olhos sem fazer um movimento, despertado por não sei que confusa e bizarra emoção. Nada vi a princípio, depois, de repente, pareceu-me que uma página do livro que ficara aberta sobre a minha mesa, acabava de virar-se sozinha. Nenhuma corrente de ar entrara pela

janela. Fiquei surpreso e esperei. Uns quatro minutos depois, eu vi, sim, eu vi com meus próprios olhos, uma outra página erguer-se e pousar sobre a precedente, como se um dedo a tivesse folheado. A minha cadeira estava vazia, parecia vazia; mas eu compreendi que ele estava ali, sentado no meu lugar, e que lia. Num salto furioso, num salto de fera revoltada, que vai desventrar seu domador, eu atravessei a peça para agarrá-lo, apertá-lo, matá-lo!... Mas a minha cadeira, antes que eu a alcançasse, virou, como se tivesse fugido de mim... a minha mesa oscilou, a minha lâmpada tombou e apagou-se, e a minha janela fechou-se, como se um malfeitor, surpreendido, tivesse escapado e agarrado com ambas as mãos os batentes.

Oh! então ele fugira; ele tivera medo, medo de mim!

Então... então... amanhã... ou depois... um dia qualquer... eu poderei agarrá-lo, esmagá-lo contra o chão! Pois os cães, algumas vezes, não mordem e estrangulam os seus donos?

18 de agosto.—Estive a pensar o dia todo. Oh! sim, eu vou obedecer-lhe, seguir seus impulsos, cumprir todas suas vontades, fazer-me humilde, submisso, covarde. Ele é mais forte. Mas há de chegar o dia...

19 de agosto.—Já sei... já sei... já sei tudo! Acabo de ler isto na *Revue du Monde Scientifique*:

"Chega-nos do Rio de Janeiro uma notícia bastante curiosa. Uma loucura, uma epidemia de loucura, comparável às demências contagiosas que atacaram os povos da Europa na Idade-Média, alastra-se neste momento na província de São Paulo. Os habitantes desvairados deixam suas casas, desertam suas aldeias, abandonam suas plantações, dizendo-se perseguidos, possuídos, governados, como um gado humano, por seres invisíveis, embora tangíveis, espécie de vampiros que se alimentam de suas vidas, durante o sono, e que bebem, além disso, água e leite, sem parecer tocar em nenhum outro alimento.

"O Sr. professor Pedro Henrique, acompanhado de vários cientistas-médicos, partiu para a província de São Paulo, a fim de

estudar no local as origens e as manifestações dessa surpreendente loucura e propor ao Imperador as medidas que lhe parecerem mais próprias para fazer voltar à razão essas populações em delírio".

Ah! Ah! agora me lembro, agora me lembro: o belo três-mastros brasileiro que passou pelas minhas janelas, remontando o Sena, a 8 de maio último! Eu o achei tão lindo, tão branco, tão alegre! O Ser estava ali, vindo de lá, de onde sua raça nascera! E ele me viu! Ele viu a minha casa branca também; e saltou do navio para a margem. Oh! meu Deus!

Agora, eu sei, eu pressinto. O reinado do homem está findo.

Ele veio, Aquele que despertava os primeiros terrores dos povos primitivos, Aquele a quem exorcismavam os sacerdotes inquietos, a quem os feiticeiros evocavam nas noites escuras, a quem os pressentimentos dos senhores efêmeros do mundo emprestaram todas as formas monstruosas ou graciosas dos gnomos, dos espíritos, dos gênios, das fadas, dos duendes. Após as grosseiras concepções do medo primitivo, homens mais perspicazes o pressentiram com mais clareza. Mesmer o adivinhara, e os médicos, há uns dez anos, descobriram de modo preciso a natureza de seu poder, antes que ele próprio o exercesse. Eles brincaram com essa arma do novo Senhor, o domínio de uma misteriosa vontade sobre a alma humana escravizada. Chamaram a isso magnetismo, hipnotismo, sugestão... que sei eu? Eu os vi divertirem-se, como crianças imprudentes, com esse horrível poder! Ai de nós! Ai do homem! Ele veio, o... o... como se chama ele?... parece-me que ele me grita o seu nome, e eu não o entendo... o... sim... ele grita... Eu escuto... eu não posso... repete, repete... o... Horla... Eu ouvi... o Horla... é ele... o Horla... ele veio!...

Ah! o abutre devorou o pombo; o lobo devorou o cordeiro; o leão devorou o búfalo de cornos agudos; o homem matou o leão com a flecha, com a espada, com a pólvora; mas o Horla vai fazer do homem o que nós fizemos do cavalo e do boi: a sua coisa, o seu servo e o seu alimento, tão-somente pelo poder da sua vontade. Ai de nós!

No entanto, o animal, algumas vezes, se revolta e mata aquele que o domou... eu também quero... eu poderei... mas é preciso

conhecê-lo, tocar-lhe, vê-lo! Dizem os sábios que a vista do animal, diferente da nossa, não distingue como o nosso órgão visual... e a minha vista não pode distinguir esse recém-chegado, que me oprime.

Por quê? Oh! lembro-me agora das palavras do monge do monte de Saint-Michel: "Será que nós vemos a centésimamilésima parte do que existe? Olhe, eis aqui o vento, que é a maior força da natureza, que derruba os homens, abate os edifícios, desenraíza as árvores, soergue o mar em montanhas d'agua, destrói os contrafortes e arremessa aos rochedos os grandes navios, o vento que mata, que assovia, que geme, que rugem—o senhor o viu? pode vê-lo? E no entanto ele existe!"

E eu pensava ainda mais: a minha vista é tão fraca, tão imperfeita, que não distingue nem mesmo os corpos sólidos quando estes são transparentes como o vidro!... Basta que um espelho sem aço barre o nosso caminho, e a nossa vista nos lança contra ele, como o pássaro que entrou numa sala fere a cabeça contra as vidraças. Mil coisas, aliás, a enganam e desnorteiam. Não é de espantar, pois, que ela não saiba perceber um novo corpo que a luz atravessa.

Um novo ser! por que não? Ele deveria vir certamente! Por que seríamos nós os derradeiros? Nós não os distinguimos, como não o puderam distinguir todos os outros seres criados antes de nós. É que sua natureza é mais perfeita, seu corpo mais fino e mais acabado que o nosso, tão fraco, tão inabilmente concebido, atulhado de órgãos sempre fatigados, sempre forçados como aparelhos muito complexos, corpo que vive como uma planta e como um animal, nutrindo-se penosamente de ar, de verdura e de carne, máquina animal sujeita às doenças, às deformações, às putrefações, ofegante, mal regulada, elementar e bizarra, engenhosamente malfeita, obra grosseira e delicada, esboço de ser que poderia tornar-se inteligente e soberbo.

Não passamos de alguns, tão poucos sobre este mundo, desde a ostra até o homem. Por que não mais um, uma vez cumprido o período que separa o sucessivo aparecimento das diversas espécies?

Por que não mais um? Por que não também outras árvores de flores imensas, fulgurantes e perfumando regiões inteiras? Por que não outros elementos além do fogo, do ar, da terra e da água? — São quatro, nada mais que quatro, essas nutrizes dos seres! Que miséria! Por que não são quarenta, quatrocentas, quatro mil?! Como tudo é pobre, mesquinho, miserável! avaramente dado, secamente inventado, pesadamente feito! Ah! o elefante, o hipopótamo, que graça! O camelo, que elegância!

Mas, direis, e a borboleta então? uma flor que voa! Eu sonho uma que seria grande como cem universos, com asas de que não posso nem mesmo experimentar a forma, a beleza, a cor e o movimento. Mas eu a vejo... ela vai de estrela a estrela, refrescando-as e balsamizando-as ao frêmito harmonioso e leve de seu vôo!... E os povos das Alturas a olham passar, extáticos e encantados!

Mas que tenho? É ele, o Horla, que me habita, que me faz pensar estas loucuras! Ele está em mim, ele se torna a minha alma; eu o matarei!

19 de agosto. — Eu o matarei. Eu o vi! Ontem à noite sentei-me à minha mesa e fingi estar escrevendo com grande atenção. Bem sabia que ele viria rondar em torno de mim, bem perto, tão perto que eu poderia talvez tocar-lhe, agarrá-lo... E então!... então, eu teria a força dos desesperados; eu teria minhas mãos, meus joelhos, meu peito, minha frente, meus dentes, para estrangulá-lo, mordê-lo, estraçalhá-lo.

E eu o espiava com todos os meus órgãos super excitados.

Tinha acendido as minhas duas lâmpadas e as oito velas da minha lareira, como se pudesse, naquela claridade, descobri-lo.

Defronte a mim, o meu leito, um velho leito de carvalho com colunas; à direita, a lareira; à esquerda, a porta cuidadosamente fechada, depois de a ter deixado por muito tempo aberta, a fim de o atrair; atrás de mim, um alto armário de espelho, que me servia todos os dias para barbear-me, vestirme, e onde eu tinha o hábito de olhar-me, da cabeça aos pés, de cada vez que passava pela sua frente.

Eu fingia, pois, estar escrevendo, para enganá-lo, pois ele também me espiava; e, de súbito, senti, tive a certeza de que ele lia por cima de meu ombro, de que ele estava ali, roçando a minha orelha.

Ergui-me, com as mãos estendidas, virando-me tão depressa que quase caí. Mas quê?!... Enxergava-se como em pleno dia, e eu não me vi no espelho. Ele estava vazio, claro, profundo, cheio de luz! A minha imagem não estava lá dentro... e eu me achava ali defronte! Eu via de alto a baixo o grande vidro límpido. E olhava para aquilo com uns olhos desvairados; e não ousava mais avançar, não ousava mais fazer um movimento, ciente no entanto de que ele ali estava, mas que me escaparia ainda, ele cujo corpo imperceptível havia devorado o meu reflexo.

Como tive medo! Depois, eis que de repente comecei a avistar-me em um nevoeiro, no fundo do espelho, em um nevoeiro como através de uma toalha d'água; e me parecia que aquela água deslizava da esquerda para a direita, lentamente, tornando mais precisa a minha imagem, de segundo em segundo.

Pude enfim distinguir-me completamente, assim como faço cada dia, ao olhar-me no espelho.

Eu o tinha visto! E conservo o terror daquela visão, que me faz ainda estremecer.

20 de agosto.—Matá-lo, como, se não posso atingi-lo? Veneno? Mas ele me veria misturá-lo na água; e os nossos venenos, aliás, produziram algum efeito no seu corpo imperceptível? Não... não.. sem dúvida alguma... E então?.. e então?...

21 de agosto.—Mandei chamar um serralheiro de Ruão, e encomendei-lhe para o meu quarto persianas de ferro, como têm em Paris certas casas particulares, no rés-do-chão, devido aos gatunos. Ele me fará, além disso, uma porta idêntica. Estou passando por um verdadeiro covarde, mas pouco se me dá!...

10 de setembro.—Ruão, Hotel Continental. Tudo acabado... Enfim... Mas terá ele morrido? Tenho a alma transtornada com o que vi.

Ontem, pois, tendo o serralheiro colocado as persianas, e a porta de ferro, deixei tudo aberto até a meia-noite, embora começasse a fazer frio.

De repente, senti que ele ali estava, e uma alegria, uma louca alegria se apoderou de mim. Ergui-me lentamente e andei de um lado para outro, por muito tempo, para que ele nada adivinhasse; depois tirei as botinas e calcei os chinelos com negligência; depois fechei as persianas de ferro e, voltando com um andar tranqüilo para a porta, cerreia-a também, com duas voltas. Dirigindo-me então à janela, fechei-a com um cadeado, cuja chave guardei no bolso.

De repente, senti que ele se agitava em torno de mim, que ele tinha medo por sua vez e me ordenava que lhe abrisse a porta. Estive prestes a ceder; não cedi, mas, encostando-me à porta, entreabri-a o suficiente para que eu pudesse passar de costas; e, como eu sou bastante alto, a minha cabeça tocava no portal. Estava certo de que ele não pudera escapar, e fechei-o, só, inteiramente só.

Que alegria! Eu o apanhara! Então, desci, correndo; tomei no salão, que fica por baixo do meu quarto, as minhas lâmpadas e derramei todo o óleo sobre o soalho, os móveis, por toda parte; depois pus-lhe fogo e escapei, após haver bem fechado, com duas voltas, a grande porta de entrada.

Fui esconder-me no fundo do meu quintal, atrás de uns loureiros. Como demorou! como demorou! Tudo era negro, mudo, imóvel; nem um sopro de vento, nem uma estrela, montanhas de nuvens que não se divisavam, mas que me passavam n'alma, terrivelmente.

Eu olhava para minha casa, e esperava. Como demorou! Supunha já que o fogo se extinguiu por si só, ou que ele o apagara, quando uma das janelas de baixo rebentou sob o ímpeto do incêndio, e uma chama, uma grande chama vermelha e amarela, longa, mole, acariciante, subiu ao longo do muro branco e o beijou até o telhado. Um clarão perpassou nas árvores, nos ramos, nas

folhas, e um frêmito, um frêmito de medo também! Os pássaros despertaram; um cachorro começou a ganir; pareceu-me que estava amanhecendo! Duas outras janelas rebentaram em seguida, e eu vi que todo o andar térreo da minha casa não era mais que um tremendo braseiro. Mas um grito, um grito horrível, agudíssimo, lancinante, um grito de mulher atravessou a noite, e duas mansardas se abriram! Eu tinha esquecido os meus criados! Vi suas faces desvairadas, e seus braços que se agitavam!..

Então, desnorteado de horror, pus-me a correr para a aldeia gritando: "Socorro! socorro! fogo!" Encontrei gente que já vinha vindo e voltei na sua companhia, para ver.

A casa, agora, não era mais que uma fogueira horrível e magnífica, uma fogueira monstruosa, que iluminava a terra, uma fogueira onde homens ardiam, e onde ele também ardia, Ele, Ele, o meu prisioneiro, o novo Ser, o novo senhor—o Horla!

Súbito o telhado inteiro se abateu entre os muros, e um vulcão de chamas jorrou até o céu.

Por todas as janelas abertas para a fornalha, eu vi a cuba de fogo, e considerava que ele estava ali, naquele forno, morto...

— Morto? Talvez... O seu corpo... o seu corpo que a luz atravessava não seria acaso indestrutível pelos meios que matam os nossos?

E se ele não estivesse morto?... Só o tempo, talvez, tem poder sobre o Ser Invisível e Terrífico. Por que então teria ele aquele corpo transparente, aquele corpo imperceptível a nós, aquele corpo de Espírito, se devia temer, também, os males, os ferimentos, as estropiações, a destruição prematura?

Destruição prematura? Todo o terror humano provém disto! Depois do homem, o Horla.—Após aquele que pode morrer em qualquer dia, a qualquer hora, a qualquer minuto, por quaisquer acidentes, vem aquele que só deve morrer no seu dia, na sua hora, no seu minuto, por haver atingido o limite da sua existência!

Não... não... sem dúvida nenhuma, sem dúvida nenhuma... ele não está morto... Então... então... vai ser preciso agora que eu me mate!...

O SINAL

A marquesinha de Rennedon dormia ainda, em seu quarto fechado e perfumoso, no grande leito macio e baixo, nos seus lençóis de cambraia leve, finos como uma renda, caridosos como um beijo; dormia sozinha, tranqüila, o feliz e profundo sono das divorciadas.

Acordaram-na vozes que falavam com vivacidade, no pequeno salão azul. Ela reconheceu sua cara amiga, a baronesa de Grangerie, discutindo, para entrar, com a camareira, que defendia a porta de sua senhora.

Então a marquesinha ergueu-se, puxou os ferrolhos, torceu a chave, soergueu o reposteiro e mostrou sua cabeça, nada mais do que sua cabeça loira, escondida sob uma nuvem de cabelos.

— Que tem você para vir tão cedo?—disse ela.—Ainda não são nove horas.

A baronesinha, muito pálida, nervosa, febril, respondeu:

— É preciso que eu fale com você. Aconteceu-me uma coisa horrível.

— Entra, minha querida.

Entrou, beijaram-se; e a marquesinha tornou a deitar-se, enquanto a camareira abria as janelas, dando ar e claridade. Depois, logo que a criada se retirou, *Mme.* de Rennedon tornou: "Conta, conta".

Mme. de Grangerie pôs-se a chorar, derramando essas lindas lágrimas claras que tornam mais encantadoras as mulheres, e balbuciava, sem enxugar os olhos, para não avermelhá-los:

— Oh! minha querida, é abominável, abominável o que me aconteceu. Eu não dormi toda a noite, nem um minuto. Compreende? Nem um minuto. Olha! apalpe meu coração, veja como ele bate.

E, tomando a mão de sua amiga, ela pousou-a sobre o próprio seio, sobre esse redondo e firme invólucro do coração das mulheres, que basta, muitas vezes, aos homens e os impede de procurar qualquer coisa por baixo. O seu coração batia forte, com efeito.

Ela continuou:

— Aconteceu-me ontem de tarde... pelas quatro horas... ou quatro e meia. Não sei ao certo. Conhece bem meu apartamento; sabe que meu salão, onde sempre estou, dá para a rua Saint-Lazare, no primeiro andar; e que eu tenho a mania de pôr-me à janela para olhar o movimento. É tão alegre aquele quarteirão da estação, tão movimentado, tão vivo... Em suma, gosto daquilo! Ontem, pois, estava eu sentada na cadeira baixa que fiz instalar no vão da janela; estava aberta, a janela, e eu não pensava em nada: eu respirava o ar azul. Deve se lembrar que dia lindo fez ontem!

— De repente noto que, do outro lado da rua, há também uma mulher à janela, uma mulher de vermelho; eu estava de malva, você sabe, com meu lindo vestido malva. Eu não conhecia aquela mulher, uma nova locatária, instalada há um mês; e, como faz um mês que chove, ainda não a tinha visto. Mas logo percebi que era uma mulher da vida. A princípio fiquei bastante aborrecida e chocada de que ela estivesse à janela, como eu; e depois, pouco a pouco, achei divertido examiná-la. Estava debruçada e espiava os homens, e os homens também a olhavam, todos ou quase todos. Dir-se-ia que eles eram prevenidos por alguma coisa ao aproximarem-se da casa, que eles a farejavam como os cães farejam a caça, pois erguiam de súbito a cabeça e trocavam depressa um olhar com ela, um olhar maçônico. O dela dizia: "Não quer?"

O deles respondia: "Não há tempo", ou: "Para outra vez", ou "Não há dinheiro", ou "Suma, miserável!" Eram os olhos dos pais de família que diziam esta última frase.

Não imaginas como era engraçado vê-la no seu manejo, ou antes, no seu ofício.

Às vezes ela fechava subitamente a janela e eu via um senhor entrar na sua porta. Ela o pescava, como um pescador fiska um peixe. Então eu me punha a olhar meu relógio. Demoravam de doze

a vinte minutos, nunca mais. Na verdade, ela me apaixonava, afinal, aquela aranha. E depois, não era feia a rapariga!

Eu perguntava comigo: "Como faz ela para fazer-se compreender tão bem, tão depressa, completamente? Acrescentará ao seu olhar um sinal de cabeça ou um movimento de mão?"

E tomei o meu binóculo de teatro para inteirar-me do seu processo. Oh! era bem simples: uma olhadela a princípio, depois um sorriso, depois um pequenino gesto de cabeça, que significava: "Não vai subir?" Mas tão leve, tão vago, tão discreto, que era preciso mesmo muita habilidade para o fazer como ela.

E eu me perguntava: "Será que eu poderia fazê-lo assim tão bem, esse pequeno gesto debaixo para cima, ousado e gentil"; pois era muito gentil o seu gesto.

E fui ensaiá-lo diante do espelho. Minha cara, eu o fazia melhor do que ela, muito melhor! Estava encantada; e voltei para a janela.

Ela não pegava mais ninguém agora, a pobre rapariga, mais ninguém. Na verdade, estava sem sorte. Como deve ser terrível ganhar o pão daquela maneira, terrível e divertido às vezes, pois enfim há alguns que não são nada maus, entre esses homens que a gente encontra na rua.

Agora eles passavam todos pela minha calçada, e mais nenhum pela sua. O sol tinha virado. Vinham vindo uns após outros, jovens, velhos, morenos, loiros, grisalhos, brancos.

Via-os muito gentis, mas muito gentis mesmo, minha cara, muito mais que o meu marido e o teu, o teu antigo marido, pois estás divorciada. Agora você pode escolher.

Eu pensava: "Se lhes fizesse sinal, será que eles me compreenderiam, a mim, que sou uma mulher honesta?" E eis que sou tomada de um desejo louco de lhes fazer aquele sinal, mas de um desejo de mulher grávida... um desejo espantoso, você sabe, um desses desejos... a que a gente não pode resistir! Eu às vezes tenho dessas coisas!

Coisa tola isto, não? Creio que temos alma de macaco, nós, as mulheres. Afirmaram-me de resto (foi um médico que me disse) que o cérebro do macaco se assemelhava muito ao nosso. É preciso sempre que imitemos alguém. Imitamos nossos maridos, quando

os amamos, nos primeiros meses de casamento, e nossos amantes depois, nossas amigas, nossos confessores, quando estes o merecem. Adquirimos suas maneiras de pensar, suas maneiras de dizer, suas frases, seus gestos, tudo. É estúpido.

Enfim, eu quando sou tentada a fazer alguma coisa, nunca deixo de fazê-la.

Disse, pois, com os meus botões: "Vejam, vou experimentar com alguém, com um só, para ver. Que é que me pode acontecer? Nada? Trocaremos um sorriso, e eis tudo, nunca mais o verei; e se o tornar a ver, ele não me reconhecerá; e, se me reconhecer, eu negarei, está feito!"

Começo, pois, a escolher. Queria um que fosse bonito. De repente avisto um loiro, grande, um lindo rapaz. Eu gosto dos loiros, bem o sabe.

Olho-o. Ele me olha. Sorrio, ele sorri; faço o gesto, oh! quase imperceptível; ele responde "sim" com a cabeça e ei-lo que entra, minha querida! Ele entra pela porta principal da casa.

Não imagina o que se passou em mim naquele momento! Supus que ia enlouquecer. Oh! que medo! Imagine, ele ia falar aos criados! A Joseph, que é tão devotado a meu marido! Joseph acreditaria certamente que eu conhecia aquele homem há muito tempo.

Que fazer? Diga. Que fazer? E ele ia tocar a campainha, imediatamente, dali a um segundo. Que fazer, diga? Pensei que o melhor era correr a seu encontro, dizer que se enganava, suplicar-lhe que fosse embora. Ele teria piedade de uma mulher, de uma pobre mulher! Precipitei-me, pois, para a porta, e abro-a exatamente no instante em que ele pousava a mão na campainha.

Baluciei, completamente louca: "Vá embora, senhor, vá embora, o senhor está enganado, eu sou uma mulher honesta, uma mulher casada. É um equívoco, um terrível equívoco; eu o tomei por um de meus amigos, com quem o senhor se parece muito. Tenha piedade de mim, senhor".

E ei-lo que se põe a rir, minha querida, e responde: "Pois sim, minha gatinha! Eu já conheço essa sua manobra: Você é casada, são dois luíses em vez de um. Você os terá. Vamos, mostre-me o caminho".

E ele me empurra; ele fecha a porta. E como eu permanecesse aterrorizada, na sua frente, ele me beija, me enlaça pela cintura e me faz entrar no salão, que ficara aberto.

E depois, pôs-se a observar tudo, como um comissário de polícia: "Hum! hum! Está bem instaladinha, hein? Muito chique tudo isso. É preciso que esteja desempregada agora, para ir pescar à janela!"

Então eu recomeço a suplicar-lhe: "Oh senhor! vá embora! vá embora! O meu marido vai chegar! Ele vai chegar daqui a um instante, está na sua hora! Juro-lhe que o senhor está enganado!"

E ele me responde tranqüilamente: "Ora, tetéia, pare com essas manobras. Se o seu marido chega, eu lhe darei cem sows para ir tomar alguma coisa defronte".

Avistando sobre a lareira a fotografia de Raul, ele me perguntou:

— É este seu... seu marido?

— Sim, é ele.

— Parece uma boa bisca, hein? E esta, quem é? Uma das tuas amigas?

Era sua fotografia, minha cara, você sabe, aquela em toailete de baile. Eu não sabia mais o que dizia, e balbuciei:

— Sim, é uma das minhas amigas.

— É muito bonita, sabe? Você me apresentará a ela. "E eis que o relógio se põe a bater cinco horas; e Raul

regressa todos os dias às cinco e meia! Oh! imagina se ele voltasse antes de o outro partir! Então... então... eu perdi a cabeça... eu pensei... eu pensei... que o melhor era... era... desembaraçar-me daquele homem... o mais depressa possível... Mais cedo estaria livre... você compreende... e então... já que era preciso.. e era preciso, minha cara... sem isso ele não iria embora... eu então... eu então aferrolhei a porta do salão... Aí está!"

A marquesinha de Renedon pusera-se a rir, mas a rir loucamente, com a cabeça no travesseiro, sacudindo toda a cama.

Quando se acalmou um pouco, perguntou:

— E ele era... um belo rapaz?

— Pois como não?

— E ainda se queixa?

— Mas, minha cara... é que ele disse que voltaria amanhã à mesma hora... e eu tenho um medo atroz... Não faz idéia como ele é tenaz... e voluntarioso... Que fazer... diga... que fazer?

A marquesa sentou no leito para refletir; depois declarou bruscamente:

— Mande prendê-lo.

— Como? Que diz? Em que pensa? Mandar prendê-lo? Com que pretexto?

— Oh! é muito simples. Vá procurar o comissário; e lhe dirá que um homem vem te seguindo há três meses; que ele teve a insolência de subir a sua casa, ontem; que te ameaçou com uma nova visita para amanhã, e que você pede proteção à lei. E te darão dois agentes, que o prenderão.

— Mas, minha querida, e se ele contar...

— Não lhe darão crédito, tolinha, desde que tenha impingido bem sua história ao comissário. E em você acreditarão, pois é uma irrepreensível dama da alta sociedade.

— Oh! eu nunca ousarei!

— É preciso ousar, minha cara, senão está perdida.

— Considera que... que ele vá me insultar... quando o prenderem.

— Pois bem, terá testemunhas e o condenará.

— Condenar a quê?

— A uma indenização. Neste caso, é preciso não ter piedade!

— Ah! a propósito de indenizações... há uma coisa aborrece muito... mas muito mesmo... Ele me.. dois luíses... sobre a lareira. Dois luíses? Sim.

Nada mais? Não.

É pouco. A mim, isso teria me humilhado. E daí? Pois o que é que se deve fazer desse dinheiro que me deixou?

A marquesinha hesitou alguns segundos, depois respondeu com toda a seriedade:

— Minha querida... É preciso... é preciso fazer... um presentinho a seu marido... Nada mais justo.

CRONOLOGIA

1850—A 5 de agosto, nasce Henri René Albert Guy de Maupassant, no castelo de Miromesnil, Normandia, filho de um pai violento e dissoluto, descendente de aristocratas falidos, e de uma mãe neurótica, descendente de plebeus.

1851-62—Após a separação dos pais, passa a infância sob os cuidados da mãe, que conhecia Gustave Flaubert e cedo transmitiu ao filho seu gosto apaixonado pela literatura. Neste período, crescendo entre o campo, o mar e a leitura de clássicos, Maupassant viveu seus anos mais felizes, pois desfrutava de grande liberdade.

1863—Sua mãe manda-o para o seminário de Yvetot. Sentindo-se isolado, rejeita a companhia dos colegas. Alimenta uma antipatia pelos costumes religiosos que perduraria pelo resto de sua vida. Após cometer algumas faltas graves, é expulso e transferido para o Liceu de Rouen, onde se prepara para a profissão de advogado.

1870—Durante a guerra, engaja-se na seção de abastecimento do exército francês. O episódio da invasão prussiana da Normandia estaria presente em boa parte de sua vasta obra. Nesse período, lê Shopenhauer, escreve poemas de amor e sonha em se vingar dos alemães.

1871-79—Após o armistício, ruma para Paris. Aceita um emprego no Ministério da Educação Pública, onde se coloca mais como um espectador que conhece a vida burocrática do que como um funcionário exemplar. Gustave Flaubert estimula no jovem

escritor o amor à arte, os princípios estéticos do realismo, e lhe indica as melhores leituras. Pelas mãos de seu protetor, torna-se íntimo dos valores e ideais da época. Toma contato com o mundo literário francês: conhece Zola, Daudet, Huysmans. Por meio de suas novas amizades, passa a colaborar com diversos jornais.

1880—Publica seu primeiro livro, *Dês Vers*, reunião de poesias escritas durante os últimos oito anos, e *Bola de Sebo*, incluído no livro de contos *Lês Soirees de Medau*, com vários autores. O sucesso o leva a abandonar emprego e projetos poéticos. Morre Flaubert. Festejado por autores da época, passa a dedicar-se com afinco à literatura, rejeitando convites para se iniciar na vida dos salões e teatros da moda. Constrói uma residência na Normandia com os rendimentos proporcionados por seus livros. Lá, entrega-se à criação literária e a passeios marítimos no iate que adquirira.

1881—*La Maison Tellier*. Viagem à Argélia.

1882—*Mademoiselle Fifi*. Viagem à Inglaterra.

1883—*Contes de la Bécasse*, *Une vie*.

1884—*Au soleil*, *Clair de lune*, *Lê loup*, *Miss Harriet*, *Man onde Jules*, *Lês soeurs Rondoli*.

1885—Surgem as primeiras manifestações de suas doenças nervosas, semelhantes às que levariam seu irmão Hervé à loucura e à morte, aos 33 anos. Para acalmá-las, entrega-se ao consumo de morfina e haxixe. *Bel-Ami*, *Contes de jour et de la nuit*, *Tonie*. Conhece a Itália.

1886—*Monsieur Parent*, *La petite roque*.

1887—Lê Horla, Mont-Oriel.

1888—Pierre et Jean, Le rosier de Madame Husson.

1889—Agravam-se suas crises. Tomado por alucinações, expressa-se com incoerência. Fort comme la mort, La main gauche, Sur L'eau.

1890—L'inutile beauté, Notre coeur, La vie errante. É enviado aos Alpes e a Cote d'Azur para tratamento.

1891-92—Cede completamente à loucura. Durante uma das crises, tenta cortar a garganta com uma navalha.

1893—Após dezoito meses de quase total inconsciência, é internado por amigos no manicômio La Maison Blanche, em Passy. A 6 de julho, morre vitimado pela paralisia geral.